

Sábado

Ian McEwan



COMPANHIA DAS LETRAS



IAN McEWAN

Sábado

Tradução

Rubens Figueiredo



Para Will e Greg McEwan

Por exemplo? Bem, por exemplo, o que significa ser um homem? Numa cidade. Num século. Em transição. Em uma massa. Transformado pela ciência. Sob o poder organizado. Sujeito a mecanismos de controle tremendos. Num estado decorrente da mecanização. Após o último fracasso das esperanças radicais. Numa sociedade que não era comunidade nenhuma e depreciava a pessoa. Em virtude do multiplicado poder dos números, que tornavam a pessoa desdenhável. Que consumia bilhões em despesas militares contra inimigos externos, mas não gastava para ter ordem dentro de casa. O que abriu caminho para a selvageria e a barbárie em suas próprias cidades grandes. Ao mesmo tempo, a pressão de milhões de pessoas que descobriram o que esforços e pensamentos unidos em comum acordo podem conquistar. Enquanto megatoneladas de água formam organismos no fundo dos oceanos. Enquanto as marés dão polimento às pedras. Enquanto os ventos escavam os rochedos. A beleza da supermaquinaria descortina uma vida nova para a humanidade inumerável. Você lhes negaria o direito de existir? Pediria a eles que trabalhassem e passassem fome, enquanto você desfruta Valores antiquados? Você — você mesmo é filho dessa massa e irmão de todo o resto. Ou então é um ingrato, um diletante, um idiota. Pronto, Herzog, pensou Herzog, já que você está pedindo um exemplo, aí está como são as coisas.

Saul Bellow, *Herzog*, 1964

1.

Algumas horas antes do raiar do dia, Henry Perowne, um neurocirurgião, acorda e já se vê em movimento, empurrando as cobertas para trás, sentado, e logo se põe de pé. Não está claro, para ele, quando exatamente voltou à consciência, nem isso parece relevante. Nunca agiu assim antes, mas não está apreensivo, nem sequer ligeiramente surpreso, pois o movimento é fácil e agradável para as suas articulações, e sente uma força incomum nas costas e nas pernas. Fica parado onde está, de pé, nu, junto à cama — sempre dorme nu —, sente todo o seu porte ereto, ciente da respiração serena da esposa e do ar de inverno do seu quarto em contato com a pele. Também isso dá uma sensação agradável. Seu despertador de cabeceira marca três e quarenta. Ele não tem idéia do que está fazendo fora da cama: não tem nenhuma necessidade de se aliviar, nem se sente perturbado por algum sonho ou por alguma coisa do dia anterior, nem sequer pela situação geral do mundo. É como se, ali parado no escuro, ele houvesse se materializado do nada, tivesse se formado por inteiro, sem qualquer embaraço. Não se sente cansado, apesar da hora ou de seus trabalhos recentes, nem tem a consciência abalada por algum caso recente. De fato, está alerta e de mente vazia e inexplicavelmente animado. Sem tomar decisão alguma, sem nenhuma motivação, começa a mover-se rumo à janela mais próxima, das três que há no seu quarto, e experimenta em seus passos tamanha naturalidade e leveza que, de imediato, suspeita que está adormecido ou sonâmbulo. Se for isso, ficará decepcionado. Sonhos não lhe interessam; a possibilidade de que isso seja real é mais rica. E ele está inteiramente senhor de si, tem certeza disso, e sabe que o sono ficou para trás: conhecer a diferença entre isso e andar, conhecer a fronteira, é a essência da sanidade.

O quarto é grande e bem arrumado. Enquanto desliza pelo quarto, com uma facilidade quase cômica, a perspectiva de a experiência chegar ao fim lhe dá

uma tristeza súbita, em seguida a idéia desaparece. Ele está junto à janela do centro, puxa para trás, com cuidado, as venezianas altas, de madeira, de modo a não acordar Rosalind. Nisso, ele é tanto egoísta quanto solícito. Não deseja que lhe perguntem o que está acontecendo — que resposta poderia dar, e por que abrir mão deste momento para tentar uma resposta? Abre a segunda veneziana, deixando que ela toque sua concertina na dobradiça, e levanta silenciosamente a janela de guilhotina. É muito mais alta do que ele, mas corre com facilidade para cima, içada por seu oculto contrapeso de chumbo. A pele se enrijece quando o ar de fevereiro se derrama à sua volta, mas ele não se sente incomodado pelo frio. Do segundo andar, encara a noite, a cidade, em sua gélida luz branca, as árvores esqueléticas na praça e, nove metros abaixo, a cerca negra, com pontas de flecha, semelhante a uma fileira de lanças. A temperatura é de um ou dois graus negativos e o ar está claro. O brilho da iluminação da rua não encobriu inteiramente todas as estrelas; acima da fachada do Regency, do outro lado da praça, pendem restos de constelações no céu do sul. Essa fachada, em especial, é uma reconstrução, um pastiche — o Fitzrovia dos tempos da guerra levou umas bombas da Luftwaffe — e, bem na frente, fica a Torre dos Correios, oficial e deprimente durante o dia, mas à noite semi-oculta e iluminada com decência, um destemido monumento em honra a dias mais otimistas.

E agora, que dias são estes? Desconcertantes e assustadores, é como ele os avalia, em geral, quando tira um tempo da sua jornada semanal para pensar. Mas não sente isso, agora. Inclina-se para a frente, apóia seu peso na palma das mãos sobre o peitoril, exultante com o vazio e a nitidez do cenário. Sua visão — sempre boa — parece ter se aguçado. Vê as pedras de malacacheta do calçamento cintilarem na praça só de pedestres, os excrementos de pombo endurecidos pelo frio e pela distância, de modo a ganharem um aspecto quase belo, como borrifos de neve. Ele gosta da simetria dos postes negros de ferro fundido e de suas sombras, cada vez mais escuras, e da treliça das sarjetas de paralelepípedo. As latas de lixo abarrotadas sugerem antes fartura do que escassez; os bancos vazios dispostos ao redor dos jardins circulares parecem aguardar com benevolência o seu trânsito diário — multidões de alegres funcionários em intervalo de almoço, os rapazes solenes e estudiosos da pensão

indiana, amantes em discretos arroubos ou crises, os traficantes de drogas no crepúsculo, a velha senhora arruinada, com seus clamores desvairados e lancinantes. Vá embora daqui! — ela vai gritar, horas a fio, e guinchar de modo estridente, semelhante a um pássaro do pântano ou uma criatura do zoológico.

Ali parado, tão imune ao frio como uma estátua de mármore, olhando na direção da rua Charlotte, na direção de uma inacabada mixórdia de fachadas, andaimes e telhados inclinados, Henry acha que a cidade é um sucesso, uma invenção genial, uma obra-prima biológica — milhões de pessoas que formigam em torno das conquistas de séculos, acumuladas e dispostas em camadas, como em redor de um recife de coral, e dormem, trabalham, divertem-se, em harmonia, na maior parte das vezes, e quase todas com o desejo de que dê certo. E a própria esquina de Perowne, um triunfo da proporção congruente; a praça perfeita, traçada por Robert Adam, que abarca um perfeito círculo de jardim — um sonho do século XVIII, banhado e cingido pela modernidade, pela iluminação da rua, por cima, e, por baixo, por cabos de fibra óptica e por água doce e fria, que corre em canos subterrâneos, e pelo esgoto, levado para longe, num instante de esquecimento.

Observador habitual de seus próprios estados de ânimo, ele se interroga sobre essa euforia contínua e deformante. Talvez, no nível molecular, tenha ocorrido um acidente químico enquanto ele dormia — algo como uma bandeja de drinques derramada, o que forçou receptores da família da dopamina a iniciar uma agradável cascata de fenômenos intracelulares; ou é a perspectiva de um sábado, ou a conseqüência paradoxal de uma fadiga extrema. É verdade, ele terminou a semana num estado de esgotamento incomum. Voltou para casa e a encontrou vazia, deitou-se na banheira com um livro, satisfeito por não ter de falar com ninguém. Fora sua filha Daisy, intelectual até demais, que lhe enviara uma biografia de Darwin que, por sua vez, tinha algo a ver com um romance de Conrad que ela queria que ele lesse, e que ele ainda não havia começado — os afazeres de um marujo, por mais moralmente fecundos que fossem, não tinham grande interesse para ele. De alguns anos para cá, Daisy tem se dedicado ao que acredita ser a assombrosa ignorância do pai, orienta a sua educação literária e o repreende pelo gosto rasteiro e pela insensibilidade. Daisy tem certa razão — direto do ensino médio para a faculdade de medicina e, daí, para as horas de

trabalho estafante do médico em início de carreira, e logo em seguida a concentração total no aprendizado da neurocirurgia, e ao mesmo tempo as obrigações de pai participante —, durante quinze anos, ele mal tocou num livro que não fosse de medicina. De outro lado, acha que viu o bastante de morte, de coragem, de medo e de sofrimento para abastecer meia dúzia de literaturas. Mesmo assim, ele se sujeita às listas de leitura da filha — é o seu meio de manter-se em contato enquanto ela se afasta da família rumo a uma insondável vida de mulher adulta, em um subúrbio de Paris; hoje à noite ela estará em casa pela primeira vez em seis meses — outro motivo para a euforia.

Ele estava atrasado nas tarefas de Daisy. Enquanto controlava com o dedo do pé a ocasional entrada de água quente na banheira, lia de maneira turva um relato sobre o fervor de Darwin para concluir a redação de *A origem das espécies* e um resumo das páginas de conclusão, acrescentadas nas edições posteriores. Ao mesmo tempo, ouvia as notícias no rádio. O imperturbável sr. Blix fizera mais um discurso na ONU — havia a impressão geral de que ele demolira os argumentos a favor da guerra. Em seguida, certo de que não havia assimilado absolutamente nada, Perowne desligou o rádio, voltou às páginas anteriores e releu. Às vezes, essa biografia lhe inspirava uma agradável nostalgia de uma Inglaterra verdejante, amável, com veículos puxados a cavalo; de outras vezes, sentia-se ligeiramente desolado ao ver como uma vida inteira podia ser contida em poucas centenas de páginas — engarrafada, como *chutney* feito em casa. E ao ver como uma existência podia facilmente desaparecer completamente, com suas ambições, sua rede de familiares e de amigos, tudo aquilo que ela tratava com mais carinho e que lhe pertencia da maneira mais sólida. Mais tarde, estirou-se na cama para pensar no seu jantar e não se lembrou de mais nada. Rosalind deve ter puxado as cobertas sobre ele, quando chegou do serviço. Deve ter beijado o marido. Aos quarenta e oito anos de idade, dormia profundamente às nove e meia de uma noite de sexta-feira — isto é a vida profissional moderna. Ele trabalha muito, todos à sua volta trabalham muito e, nessa semana, ele foi exigido mais ainda, por causa de uma onda de gripe na equipe do hospital — sua lista de cirurgias foi duas vezes maior do que o costume.

Graças a um bem dosado desdobramento em várias funções, ele conseguia fazer uma cirurgia importante numa sala de operações, supervisionar um

médico estagiário em outra e ainda cumprir tarefas menores em uma terceira. Ele instruía dois neurocirurgiões estagiários, naquele momento — Sally Madden, que já estava quase habilitada e era plenamente confiável, e um estagiário de dois anos, Rodney Browne, da Guiana, talentoso, trabalhador, mas ainda inseguro. O consultor anestesista de Perowne, Jay Strauss, tinha a sua própria estagiária, Gita Syal. Por três dias, com Rodney sempre a seu lado, Perowne deslocou-se entre os três conjuntos de salas — o ruído dos seus saltos no piso lustroso do corredor e os diversos guinchos e grunhidos das portas de vaivém do centro cirúrgico soavam como um acompanhamento orquestral. A lista da sexta-feira era típica. Enquanto Sally fechava um paciente, Perowne seguiu para a sala vizinha, a fim de aliviar uma velha senhora da sua neuralgia trigeminal, o seu tique *douloureux*. Essas operações menores ainda conseguiam lhe dar prazer — ele gosta de ser rápido e preciso. Introduziu o dedo indicador enluvado no fundo da boca da velha senhora a fim de procurar o caminho, em seguida, com um olhar muito rápido para o intensificador de imagem, introduziu uma agulha comprida pelo lado de fora da bochecha da paciente, até alcançar o gânglio trigeminal. Jay veio da sala ao lado para ver como Gita trazia a velha senhora a um ligeiro estado de consciência. O estímulo elétrico da ponta da agulha causou um formigamento no rosto dela e, depois que ela confirmou, de modo sonolento, que a posição estava certa — Perowne havia acertado na primeira tentativa —, ela foi posta para dormir de novo, enquanto o nervo era “cozido” por meio de termocoagulação por ondas de rádio. O truque sutil consistia em eliminar a sua dor enquanto permitiam que a paciente tivesse a consciência de um leve toque — tudo feito em quinze minutos; três anos de sofrimento, de dor aguda e lancinante, estavam terminados.

Ele bloqueou o gargalo de um aneurisma na artéria cerebral média — era um verdadeiro mestre nessa arte — e fez a biópsia de um tumor no tálamo, região onde não é possível operar. O paciente, agora, era um tenista profissional de vinte e oito anos de idade, que já sofria aguda perda de memória. Quando Perowne retirou a agulha das profundezas do cérebro, pôde ver, num relance, que o tecido era anormal. Tinha pouca esperança na radioterapia e na quimioterapia. A confirmação veio num comunicado verbal do laboratório e, nessa mesma tarde, ele deu a notícia aos pais idosos do jovem paciente.

O caso seguinte era uma craniotomia para um meningioma numa paciente de cinquenta e três anos de idade, diretora de uma escola primária. O tumor se alojava acima da camada motora, estava definido com nitidez e foi-se embora completamente, ante a sondagem do seu dissector Rhoton — um processo curativo total. Sally fechou essa paciente enquanto Perowne se dirigiu para a sala vizinha, a fim de cuidar de uma laminectomia lombar em vários níveis, num paciente obeso de quarenta e quatro anos, um jardineiro que trabalhava no Hyde Park. Ele abriu dez centímetros de gordura subcutânea, antes de conseguir expor as vértebras, e o homem, para dificultar ainda mais, oscilava sobre a mesa de operações toda vez que Perowne fazia uma pressão de cima para baixo, a fim de aparar o osso.

Para um velho amigo, um especialista em nariz, ouvido e garganta, Perowne abriu a cavidade auricular de um menino de sete anos — é engraçado como esses otorrinos têm medo de abrir seus próprios acessos difíceis. Perowne fez uma grande dobra retangular no osso, por trás do ouvido, o que lhe tomou não menos de uma hora, irritando Jay Strauss, que queria acelerar a lista de cirurgias da sua própria equipe. Por fim, o tumor ficou exposto ao microscópio cirúrgico — um pequeno neuroma acústico, alojado a apenas três milímetros da cóclea. Deixando que o seu amigo especialista fizesse ele mesmo a excisão, Perowne seguiu célere para mais um procedimento cirúrgico menor, que por sua vez lhe trouxe certa irritação — uma jovem espalhafatosa, com maneiras habitualmente exaltadas, queria que o seu estimulador raquidiano fosse virado para a frente. Ainda no mês anterior, ele o havia virado para trás, depois que ela reclamara que daquele jeito era desconfortável sentar. Agora, ela dizia que o estimulador não deixava que ela deitasse na cama. Ele fez uma longa incisão no abdômen da paciente e perdeu um tempo precioso, com os antebraços metidos até o cotovelo dentro dela, procurando o fio da bateria. Tinha certeza de que a paciente voltaria a ele, em pouco tempo.

No almoço, comeu atum industrializado e um sanduíche de pepino com uma garrafa de água mineral. Na cafeteria lotada, onde a torrada e a massa feita em forno de microondas sempre lhe traziam à memória os odores das principais salas de cirurgia, sentou-se ao lado de Heather, a querida sra. Cockney que ajuda a limpar as salas de cirurgia entre as operações. Ela lhe fez um relato da

prisão do seu genro, por roubo com porte de arma, depois de ter sido erradamente apontado numa fila de reconhecimento na delegacia. Mas o álibi dele era perfeito — na hora do crime, estava no dentista, para extrair um dente de siso. Em outro local do salão de refeições, conversavam sobre a epidemia de gripe — uma enfermeira assistente de cirurgias e um médico estagiário no Departamento de Operações que trabalhava para Jay Strauss foram mandados de volta para casa, naquela manhã. Após quinze minutos, Perowne voltou ao trabalho. Enquanto Sally estava na sala vizinha abrindo, com uma broca, um furo no crânio de um velho, um supervisor de trânsito aposentado, para aliviar a pressão de um sangramento interno — um hematoma subdural crônico —, Perowne usava o equipamento mais recente do centro cirúrgico, um sistema computadorizado de direcionamento por imagem, a fim de ajudá-lo numa craniotomia para a ressecção de um glioma frontal posterior direito. Depois, deixou por conta de Rodney a abertura de mais um furo com a broca num subdural crônico.

O ápice da lista desse dia foi a retirada de um astrocitoma pilocítico de uma garota nigeriana de catorze anos, que morava em Brixton, com a tia e o tio, um vigário da Igreja Anglicana. O tumor era mais fácil de alcançar pela parte de trás da cabeça, por acesso infratentorial supracerebelar, com a paciente anestesiada em posição sentada. Isso, por sua vez, criava problemas especiais para Jay Strauss, pois havia a possibilidade de entrar ar numa veia, o que causaria embolia. Andrea Chapman era uma paciente problema, uma sobrinha problema. Chegara à Inglaterra aos doze anos — o consternado vigário e sua esposa mostraram a foto para Perowne —, uma garota baixinha, de vestido e de fitas no cabelo, com um sorriso tímido. Algo que a vida no campo, na zona rural do Norte da Nigéria, mantinha trancado dentro dela foi libertado, assim que ingressou na escola pública, em Brixton. Assimilou a música, as roupas, a fala, os valores — a rua. A moça tinha personalidade agressiva, admitiu o vigário, enquanto sua esposa tentava instalar a jovem na enfermaria. Sua sobrinha tomava drogas, bebia, roubava nas lojas, matava aula, detestava autoridade e “praguejava como um marujo da marinha mercante”. Não seria o tumor que estava pressionando alguma parte do seu cérebro?

Perowne não podia proporcionar esse consolo. O tumor estava distante dos

lobos frontais. Estava no fundo do vérmis cerebelar superior. Ela já sofrera dores de cabeça matinais, pontos cegos e ataxia — desequilíbrio. Tais sintomas não conseguiam dissipar a suspeita da garota de que seu estado era parte de um complô — o hospital, em conluio com os seus guardiões, a escola, a polícia — para reprimir suas noitadas nas boates. Poucas horas depois de internar-se, ela já estava em conflito com as enfermeiras, com a irmã de caridade e com uma paciente idosa que disse que não ia tolerar linguagem obscena. Perowne teve suas próprias dificuldades para explicar à jovem as agruras que a aguardavam. Mesmo quando Andrea não estava agitada, fingia falar como um cantor de *rap* na MTV, balançando a parte de cima do corpo, sentada na cama, fazendo movimentos circulares com a palma das mãos voltadas para baixo, acariciando o ar à sua frente, preparando-se para uma de suas explosões. Mas ele admirava o espírito da garota, os olhos escuros e ferozes, os dentes perfeitos e a desenvolta língua rosada, que açoitava a si mesma ao redor das palavras que formava. Ela sorria com júbilo, mesmo enquanto berrava numa fúria aparente, como se sentisse uma comichão ao ver de quanta coisa conseguia se safar sem ser punida. Coube a Jay Strauss, um americano com a cordialidade e a franqueza que ninguém mais podia reunir nesse hospital inglês, pôr a garota na linha.

A operação de Andrea durou cinco horas e correu bem. Ela foi posta em posição sentada, com o fixador de cabeça preso a um quadro à sua frente. Abrir a parte posterior da cabeça demandava um sério cuidado em razão dos vasos que passavam logo abaixo do osso. Rodney se debruçava ao lado de Perowne para irrigar a broca e cauterizar o sangramento com o bipolar. Por fim, ficou exposto, o tentório — a tenda —, uma delicada, pálida estrutura de beleza, como o pequeno rodopio de uma dançarina coberta por um véu, onde a dura-máter se une e se separa de novo. Abaixo, fica o cerebelo. Ao cortar com cuidado, Perowne deixou que a gravidade sozinha puxasse o cerebelo para baixo — não houve necessidade de retrator — e foi possível ver até o fundo da região onde fica a glândula pineal, com o tumor que se estendia numa vasta massa vermelha, bem à frente. O astrocitoma estava bem definido e só havia infiltrado parcialmente o tecido em torno. Perowne conseguiu cortar quase todo ele sem danificar nenhuma região importante.

Deixou Rodney manobrar o microscópio e o sugador por vários minutos e

deixou-o fechar a paciente. Perowne fez, ele mesmo, o curativo da cabeça e, quando enfim saiu da sala de cirurgia, não estava nem um pouco cansado. Operar nunca o fatiga — atarefado no mundo enclausurado da sua equipe cirúrgica, do centro cirúrgico e de seus procedimentos ordenados, e absorto pelos contornos vívidos das imagens do microscópio cirúrgico, enquanto caminha pelo corredor rumo a um local determinado, ele experimenta uma capacidade sobre-humana, mais semelhante a uma vontade ardente, de trabalhar.

Quanto ao resto da semana, as duas manhãs de clínica não exigiram mais do que o costumeiro. Ele é experiente demais para ficar abalado com a diversidade de sofrimentos que encontra — seu dever é ser útil. As rondas pela enfermaria e as várias reuniões semanais tampouco o fatigam. Era o serviço burocrático da tarde de sexta-feira que o derrubava, o estoque de requerimentos e de respostas a requerimentos, a sinopse de duas palestras, cartas para colegas e para editores, uma avaliação inacabada do trabalho de um colega, contribuições para iniciativas da administração, a mudança que o governo promovera na estrutura da lei de Custódia, e ainda outros preparativos para aulas. É preciso dar uma nova fisionomia — sempre há uma nova fisionomia — ao Plano de Emergência do hospital. Simples desastres de trem não são mais tudo o que se deve esperar, e palavras como “catástrofe” e “morte violenta em massa”, “guerra química e biológica” e “ataque em grande escala” se tornaram amenas, ultimamente, por conta da repetição. No ano anterior, ele se deu conta da multiplicação de comissões e subcomissões, e de cadeias de comando que se estendiam por todo o hospital e para além dele, para além das hierarquias médicas, ascendendo até remotos patamares do Serviço Público Civil e, daí, até o Ministério do Interior.

Perowne ditou de maneira monótona e, muito tempo depois de sua secretária ter ido para casa, ficou digitando ele mesmo em seu escritório superaquecido, e do tamanho de uma caixa, no terceiro andar do hospital. O que o atrasou foi uma estranha falta de fluência. Ele se orgulha da rapidez e do estilo polido e retorcido. Nunca precisa parar para pensar — digitar e conceber são uma coisa só. Agora, está titubeando. E, embora o jargão profissional não o tivesse abandonado — é a sua segunda natureza —, sua prosa se acumulava de modo canhestro. Palavras isoladas pareciam objetos difíceis de manejar — bicicletas,

espreguiçadeiras dobráveis, ganchos de pendurar casaco —, espalhados em seu caminho. Compunha uma frase na cabeça e depois a perdia na página, ou digitava na direção de um beco gramatical sem saída e, para sair dali, tinha de suar. Nem parou para pensar se tal fraqueza era a causa ou a consequência do cansaço. Era teimoso e obrigou-se a ir até o fim. Às oito da noite, concluiu o último de uma série de e-mails e levantou-se de sua escrivaninha, onde ficara curvado desde as quatro horas. A caminho da saída, visitou seus pacientes no CTI. Não havia nenhum problema, e Andrea estava indo bem — dormia, e todos os seus sinais vitais eram bons. Menos de meia hora depois, ele tinha voltado para casa, estava na banheira e, logo depois, dormiu.

Dois vultos, de sobretudos escuros, atravessam a praça na diagonal, caminham para longe de onde ele está, rumo à rua Cleveland, enquanto os seus saltos altos estalam, num contratempo confuso — enfermeiras, na certa, a caminho de casa, embora seja uma hora estranha para trocar de turno. Elas não estão conversando e, embora seus passos não sigam alinhados, caminham próximas, os ombros quase se tocam de um modo íntimo, fraternal. Passam bem embaixo de onde ele está e fazem uma curva de um quarto de círculo em torno dos jardins, antes de irem embora. Há algo de comovente no modo como a respiração se ergue atrás delas, em nítidas nuvens de vapor, à medida que avançam, como se estivessem fazendo uma brincadeira de criança, imitando o vapor de uma locomotiva. Elas atravessam na direção do fim da praça e, com seu porte elevado e seu espírito curioso, Perowne não só observa as duas figuras como também observa além delas, vigiando seu avanço, com o distante espírito possessivo de um deus. Em meio ao frio sem vida, elas cruzam a noite, pequenas máquinas biológicas quentes, dotadas de habilidade bípede, adaptáveis a qualquer terreno, providas de redes neurais de inumeráveis ramificações, alojadas no fundo de uma protuberância revestida de osso, com fibras ocultas, filamentos quentes, com seu invisível brilho de consciência — essas máquinas criam seus próprios caminhos.

Está na janela há vários minutos, a euforia está passando, e ele começa a ter arrepios. Nos jardins, que ficam fechados num círculo de grades altas, uma

ligeira névoa paira sobre os espaços ajardinados e se ergue do gramado, além da linha de árvores niveladas. Ele observa uma ambulância, com a sirene desligada e as luzes azuis acesas, dobrar na rua Charlotte e acelerar com força rumo ao sul, talvez a caminho do Soho. Vira-se da janela para apanhar, às suas costas, um grosso roupão de lã, que está dobrado sobre uma cadeira. No instante em que se vira, se dá conta de um novo elemento, lá fora, na praça ou nas árvores, brilhante mas sem cor, borrado na sua visão periférica, em razão do movimento da cabeça. Mas ele não olha para trás imediatamente. Está com frio e quer o roupão de lã. Apanha-o, enfia um braço na manga e só volta para a janela quando encontra a segunda manga e dá o laço no cinto.

Não compreende de imediato aquilo que vê, embora pense que compreende. Nesse primeiro momento, em sua sofreguidão e curiosidade, supõe que as dimensões tenham uma escala planetária: é um meteoro que arde no céu de Londres, cruzando da esquerda para a direita, baixo no horizonte, ainda que bem claro, acima dos prédios mais altos. Mas, sem dúvida, meteoros têm um aspecto de flecha, de agulha. Nós os vemos num clarão, antes que o seu próprio calor os consuma. Esse se move lentamente, e até de um jeito majestoso. Num instante, ele ajusta a sua perspectiva do espaço exterior à escala do sistema solar: esse objeto não se encontra a centenas, mas sim a milhares de quilômetros de distância, afastado no espaço, suspenso numa órbita eterna, ao redor do sol. É um cometa, com um matiz amarelo, com o seu núcleo brilhante e familiar arrastando o seu invólucro de fogo. Ele observou o Hale-Bopp, em companhia de Rosalind e dos filhos, no alto de uma colina gramada, em Lake District, e sente de novo, agora, o mesmo arroubo de gratidão por ter esse relance de algo genuinamente impessoal, para além da esfera terrena. E este, agora, é melhor, mais brilhante, mais rápido, e ainda mais impressionante por ser inesperado. Eles devem ter perdido o noticiário. Está trabalhando muito. Já estava prestes a acordar Rosalind — sabe que vai ficar empolgada com aquela imagem —, mas acha que talvez ela não chegue à janela a tempo, antes de o cometa desaparecer. E aí ele também vai perdê-lo. Mas é algo extraordinário demais para não compartilhar.

Está a caminho da cama quando ouve um som abafado de explosão, um trovão suave, que vai ganhando volume, e ele se detém a fim de ouvir. Aquilo

lhe revela tudo. Olha para trás, sobre o ombro, na direção da janela, para confirmar. Claro, um cometa é algo tão distante que só pode parecer estacionário. Horrorizado, ele volta à sua posição, na janela. O som se mantém num volume constante, enquanto ele ajusta de novo a escala, dessa vez num movimento de aproximação, da poeira e do gelo solar para coisas próximas. Só três ou quatro segundos se passaram desde que ele avistou aquele fogo no céu e por duas vezes mudou de opinião a seu respeito. Está numa rota que ele mesmo percorreu, muitas vezes na vida, e na qual cumpriu os movimentos de rotina, pôs o assento do banco na posição vertical, acertou o relógio, guardou seus papéis, sempre curioso de verificar se não conseguia localizar sua casa no meio da imensa e quase bela vastidão cinzenta e alaranjada lá embaixo; do leste para o oeste, paralelo à margem sul do Tâmis, a seiscentos metros de altura, na manobra final para aterrissar no aeroporto Heathrow.

Agora, está bem ao sul de onde ele se encontra, a menos de mil e seiscentos metros, prestes a passar pela treliça formada pelo cume das árvores niveladas e, depois, por trás da Torre dos Correios, à altura das antenas de ondas curtas, mais baixas, em forma de prato. Apesar das luzes da cidade, os contornos do avião não estão visíveis na escuridão do início da manhã. O incêndio deve ser na asa, no ponto em que ela toca na fuselagem, ou talvez numa das turbinas penduradas sob a asa. A face predominante do incêndio é uma esfera branca e achatada, que se dissipa num cone amarelo e vermelho, menos semelhante a um meteoro do que à imagem de um meteoro feita por artista sensacionalista. Como se numa simulação de normalidade, as luzes de aterrissagem estão piscando. Mas o tom das turbinas denuncia tudo. Acima do grave e etéreo fragor de costume, há um som tenso, sufocante, fantasmagórico, num volume crescente — um grito e também um clamor duradouro, um ruído impuro, sujo, que sugere um esforço mecânico insustentável, além da capacidade do aço reforçado, que espirala para cima, sobe e sobe, até um ponto final, de maneira irresponsável, como os espectadores de uma corrida sinistra. Algo está prestes a se romper.

Ele já não pensa em acordar Rosalind. Por que acordá-la para esse pesadelo? De fato, o espetáculo tem a familiaridade de um sonho recorrente. À semelhança da maioria dos passageiros, exteriormente rendidos à monotonia da

viagem aérea, ele muitas vezes deixa que seus pensamentos perscrutem as possibilidades, enquanto fica ali sentado, preso ao assento e dócil, diante de uma refeição empacotada. Lá fora, do outro lado de uma parede de aço fino e de um plástico que estala com alegria, faz cinquenta graus negativos, a doze mil metros do solo. Arremessado para o outro lado do oceano Atlântico a cento e cinquenta metros por segundo, você se entrega ao desatino, porque todos fazem o mesmo. Seus colegas de vôo estão tranquilos, porque você e os outros à sua volta parecem calmos. Vistas de um certo ângulo — a morte de passageiros por milha de vôo —, as estatísticas são consoladoras. E de que outro modo seria possível comparecer a uma conferência no sul da Califórnia? A viagem aérea é uma bolsa de valores, um truque de imagens espelhadas, uma frágil aliança de crenças unidas numa aposta; contanto que os nervos agüentem firmes e não haja a bordo nem bombas nem seqüestradores, todos prosperam. Quando há um fracasso, não existe meio-termo. Vistos de outro ângulo — mortes por viagem —, os índices não são tão positivos. A bolsa de valores podia afundar.

Com o garfo de plástico na mão, ele muitas vezes imagina como seria — a gritaria na cabine, em parte abafada por aquela acústica ensurdecadora, a apressada busca de telefones dentro das bolsas e as últimas palavras, a tripulação do avião, em seu terror, aferrada à lembrança de fragmentos dos procedimentos de segurança, o generalizado cheiro de merda. Mas a cena construída de fora, de longe, como agora, é também familiar. Já faz quase oito meses desde que metade do planeta assistiu, e assistiu mais uma vez, aos seqüestrados invisíveis sendo carregados pelo céu rumo à carnificina, momento em que se agregou uma inédita associação à inocente silhueta de qualquer avião a jato. Todos concordam, os aviões de passageiros, no céu, hoje em dia, têm um aspecto diferente, predatório ou funesto.

Henry sabe que é uma artimanha da visão que o faz pensar que pode ver, agora, um contorno, uma forma negra mais marcada contra a escuridão. O uivo da turbina em chamas continua a aumentar de tom. Ele não ficaria surpreso se visse luzes vindo do outro lado da cidade, ou a praça cheia de moradores, de roupão. Às suas costas, Rosalind, experiente em banir do seu sono os problemas noturnos da cidade, vira-se de lado. O ruído, provavelmente, não traz mais incômodo do que uma sirene que passa na Euston Road. O núcleo branco em

chamas e a sua cauda colorida aumentaram — nenhum passageiro naquela área central do avião conseguirá sobreviver. Esse é o outro elemento familiar — o horror do que ele não consegue ver. A catástrofe observada de uma distância segura. Assistir à morte em larga escala, mas não ver ninguém morrer. Nenhum sangue, nenhum grito, nenhuma figura humana e, nesse vazio, a imaginação solícita se solta. A luta até a morte na cabine do piloto, um grupo de passageiros corajosos se une num ataque desesperado contra os fanáticos. A fim de escapar do calor desse fogo, para que parte do avião você deveria correr? A extremidade onde fica o piloto parece, de certa maneira, menos solitária. Será um desatino patético apanhar a sua mala no compartimento de bagagens, sobre a sua cabeça, ou se trata de um otimismo necessário? Será que a senhora muito maquiada, que lhe serviu tão educadamente um croissant com geléia, virá para tentar impedi-lo?

O avião está passando por trás da copa das árvores. Por um momento, o fogo cintila de modo festivo, entre as ramagens e os galhos. Ocorre a Perowne que há algo que ele deveria estar fazendo. Nessa altura, os serviços de emergência já perceberam e transmitiram seu chamado, o que quer que fosse acontecer já estaria no passado. Se estiver vivo, o piloto já terá transmitido a mensagem pelo rádio. Talvez já estejam cobrindo a pista com espuma. Inútil, nessa altura, descer e oferecer seus serviços aos hospital. Heathrow não fica nessa área, segundo o Plano de Emergência. Em outra parte, mais a oeste, em quartos escuros, médicos estarão pegando suas roupas, sem a menor idéia do que os aguarda. Mais vinte e cinco quilômetros para aterrissar. Se os tanques de combustível explodirem, não haverá nada que eles possam fazer.

O avião emerge das árvores, atravessa um ponto vazio e desaparece atrás da Torre dos Correios. Se Perowne fosse inclinado a sentimentos religiosos, a explicações sobrenaturais, poderia experimentar a idéia de que está recebendo um chamado; de que, no fato de ter acordado num estado de ânimo incomum e ter ido à janela sem nenhum motivo, ele devia reconhecer uma ordem oculta, uma inteligência exterior, que desejava lhe mostrar ou lhe dizer alguma coisa importante. Mas uma cidade dessa natureza cultiva insones; ela mesma é uma entidade que não dorme e cujos fios nunca param de zumbir; entre tantos milhões de pessoas, tem de haver gente que olha pela janela numa hora em que

normalmente estariam dormindo. E não são as mesmas pessoas, todas as noites. Ser ele e não um outro é uma questão arbitrária. Envolve um simples princípio antrópico. O pensamento primitivo das pessoas com pendores sobrenaturais resume-se naquilo que seus colegas psiquiatras chamam de um problema, ou uma idéia, de referência. Um excesso do subjetivo, a ordenação do mundo em conformidade com as necessidades da própria pessoa, uma incapacidade de contemplar sua própria carência de importância. Na visão de Henry, tal raciocínio pertence a um espectro em cujo ponto extremo, erguendo-se como um templo, está a psicose.

E esse raciocínio pode ter provocado o incêndio no avião. Um homem de fé inabalável, com uma bomba no salto do sapato. Entre os passageiros aterrorizados, muitos talvez estejam rezando — outro problema de referência — para o seu próprio deus e pedindo a sua intervenção. E, se houver mortes, o mesmo deus que determinou essas mortes logo será objeto de súplicas fúnebres, em busca de conforto. Perowne encara isso como um material para admiração, uma complicação humana situada além do alcance da moral. Daí emanam, de par com o irracional e o morticínio, pessoas dignas e ações louváveis, lindas catedrais, mesquitas, cantatas, poesia. Mesmo a negação de Deus — ele ouviu certa vez, com espanto e indignação, este argumento de um padre — é um exercício espiritual, uma forma de prece: não é fácil escapar das garras dos crentes. A melhor esperança para o avião é que tenha sofrido uma pane secular, mecânica.

O avião passa para o outro lado da Torre e começa a se afastar através de uma faixa aberta de céu, a oeste, virando um pouco para o norte. O fogo parece diminuir com a ligeira mudança de perspectiva. Sua visão, agora, é sobretudo da cauda e da sua luz flamejante. O barulho da agonia da turbina está esmorecendo. Será que o trem de aterrissagem baixou? Enquanto pensa nisso, ele o deseja, ou faz votos para tanto. Uma espécie de prece? Não está pedindo favores a ninguém. Mesmo quando as luzes de aterrissagem se encolheram até sumirem, ele continua a olhar para o céu, a oeste, com receio de ver uma explosão, incapaz de desviar os olhos. Ainda com frio, apesar do roupão, esfrega o vidro para apagar a marca de embaçado da sua respiração e pensa como parece distante, agora, aquele estado de ânimo desprendido, enlevado, que o

tirou da cama. Por fim, silenciosamente, desdobra as persianas e as repõe no lugar, para encobrir o céu.

Quando se afasta, recorda a célebre experiência de pensamento de que ouviu falar tanto tempo antes, numa aula de física. Um gato, o Gato de Schrödinger, oculto dentro de uma caixa fechada, ou ainda está vivo ou acabou de ser morto por um golpe aleatório de um martelo contra um frasco de veneno. Enquanto o observador não levanta a tampa da caixa, ambas as possibilidades, gato vivo e gato morto, existem lado a lado, em universos paralelos, igualmente reais. No momento em que a tampa é erguida e o gato é examinado, uma repentina onda de probabilidade desaba. Nada disso jamais fez o menor sentido para ele. Nenhum sentido humano. Sem dúvida, mais um exemplo de um problema de referência. Ouviu dizer que até os físicos estão abandonando isso. Para Henry, parece algo situado além das exigências de comprovação: um resultado, uma consequência, existe separadamente no mundo, independente dele próprio, conhecido dos outros, à espera de sua descoberta. Então, o que desaba será sua própria ignorância. Seja qual for o placar, já está riscado a giz. E seja qual for o destino dos passageiros, quer estejam salvos e assustados, quer estejam mortos, a essa altura já o terão alcançado.

A maioria das pessoas, em sua primeira consulta, dá uma espiada furtiva nas mãos do cirurgião, na esperança de se tranquilizar. Possíveis pacientes procuram delicadeza, sensibilidade, firmeza, talvez uma palidez imaculada. Por tal razão, Henry Perowne perde certo número de casos todos os anos. Em geral, ele já sabe que isso vai acontecer, antes até do paciente: o repetido olhar para baixo, as perguntas preparadas que começam a vacilar, os agradecimentos demasiado enfáticos durante a saída, rumo à porta. Outros pacientes não gostam do que vêem, mas ignoram seu direito de ir a outro lugar; alguns reparam nas mãos, mas são aplacados pela reputação, ou então não ligam a mínima; e ainda há outros que não reparam em nada, ou nada sentem, ou são incapazes de se comunicar, por causa do dano cognitivo que os levou ali, antes de tudo.

O próprio Perowne não se importa. Deixe que os desertores vão embora pelo corredor ou pela cidade afora. Outros virão em seu lugar. O oceano de

infortúnios neurais é largo e profundo. Essas mãos são bastante firmes, mas são grandes. Se ele fosse um pianista decente — chegou a dedilhar o teclado de brincadeira —, seu alcance digital de dez notas teria sido bastante útil. São mãos nodosas, com ossos salientes e tendões proeminentes nos nós dos dedos, colmadas de pêlos cor de cobre na base de cada um dos dedos — cujas pontas são chatas e largas, como as ventosas de uma salamandra. Os polegares ostentam um comprimento acintoso, curvados para trás, à semelhança de uma banana, e mesmo em repouso dão a impressão de serem dotados de articulações exageradamente flexíveis, mais adequados ao picadeiro de um circo, em meio a palhaços e trapezistas. E as mãos, como boa parte do restante de Perowne, são alegremente sardentas, num matiz de melanina laranja e castanho, até os primeiros nós dos dedos. Para certo tipo de paciente, isso parece esdrúxulo, e até insalubre: a pessoa pode não querer que mãos assim, mesmo enluvadas, remendem o seu cérebro.

São as mãos de um homem alto, de corpo rijo e esguio, em quem os anos recentes adicionaram um pouco de peso e porte. Aos vinte e poucos anos, o paletó de tweed pendia em seu tronco como que suspenso em varas estreitas. Quando ele se esforça para aprumar as costas, alcança um metro e oitenta e sete de altura. Sua ligeira curvatura lhe dá o aspecto de quem se desculpa, o que muitos pacientes tomam como parte do seu charme. Eles também ficam aliviados com as maneiras hesitantes e com os mansos olhos verdes, com fundas rugas sorridentes nos cantos. Até os seus quarenta e poucos anos, as sardas juvenis em seu rosto e em sua testa tinham o mesmo efeito de desarmar o temor, mas recentemente elas começaram a se apagar, como se a condição de veterano o tivesse, por fim, obrigado a renunciar àquela exibição frívola. Os pacientes ficariam menos contentes em saber que ele nem sempre os escuta. Às vezes, está sonhador. Como um alerta de trânsito no rádio de um carro, uma sombria narrativa mental pode se desencadear, premente e sem aviso, mesmo durante uma consulta. Ele é hábil em apagar suas pegadas, continuando a fazer que sim com a cabeça, ou a franzir a testa ou a manter a boca fechada com firmeza em torno de um meio-sorriso. Quando volta a si, minutos depois, nunca parece ter perdido grande coisa.

Até certo ponto, a curvatura é ilusória. Perowne sempre teve ambições físicas

e reluta em se desfazer delas. Em suas rondas, pisa no corredor com passos impacientes que a sua comitiva se esforça em acompanhar. É saudável, mais ou menos. Se, depois do chuveiro, se examina detidamente no espelho de corpo inteiro do banheiro, nota, ao redor da cintura, um início de ampliação, um inchaço quase sensual abaixo das costelas. Isso desaparece quando ele se mantém ereto ou quando levanta os braços. De outro modo, os músculos — os peitorais, os abdominais —, conquanto modestos, conservam uma razoável definição, sobretudo quando a luz do teto está desligada e ele recebe a luz de lado. Ele ainda não está derrotado. O cabelo da cabeça, embora esteja rareando, ainda tem uma coloração castanho-avermelhada. Só no púbis existem os primeiros fios prateados dispersos.

Ainda corre no Regent Park, na maior parte das semanas, atravessa os jardins restaurados de William Nesfield, passa pela Lion Tazza até Primrose e depois volta. E ainda vence alguns médicos mais jovens no squash, concentrando suas bolas de longo alcance no T no centro da quadra, de onde ele dispara com alarde os lobes, que são o seu maior orgulho.* Em quase metade das vezes, ele vence o anestesista nas partidas de sábado. Mas se o oponente é bom o bastante para saber como deslocá-lo do centro da quadra e obrigá-lo a correr, então Henry é vencido em vinte minutos. Encostado na parede do fundo, ele tem de tomar discretamente o próprio pulso e se perguntar se a sua constituição física de quarenta e oito anos de idade consegue, de fato, suportar uma frequência de pulsação de cento e noventa. Num raro dia de folga, havia travado duas partidas contra Jay Strauss, quando foram chamados — foi o acidente de trem em Paddington, todos foram chamados — e trabalharam doze horas seguidas, de calções e tênis, por baixo de seus trajes verdes de cirurgia. Perowne corre uma meia maratona de caridade todos os anos e dizem, erradamente, que todos os que estão sob as suas ordens e desejam subir de função também têm de correr. Seu tempo no ano passado — uma hora e quarenta — foi onze minutos mais demorado do que o seu melhor tempo.

O seu ar hesitante é enganador, mais o estilo do que o caráter — não é possível ser um cirurgião de cérebro hesitante. Naturalmente, estudantes e membros novatos da equipe têm menos ocasião de ver o seu charme do que os pacientes. O estudante que, em presença de Perowne, ao referir-se a uma

tomografia computadorizada do cérebro empregou as palavras “bem embaixo no lado esquerdo” provocou uma raiva momentânea e foi retirado da equipe, com vergonha, a fim de reaprender os termos direcionais. No centro cirúrgico, sua equipe diz que Perowne se situa na extremidade inexpressiva do espectro: nenhum fluxo de obscenidades vem à tona quando as dificuldades e os riscos aumentam, nenhuma ameaça, proferida entre dentes, de expulsar da sala alguém incompetente, nenhum daqueles apartes viris — *Opa, lá se vão as aulas de violino* — que supostamente servem para aliviar a tensão. Ao contrário, na opinião de Perowne, quando as coisas ficam difíceis, é melhor manter a tensão. Sua preferência, nessas ocasiões, é de sussurros concisos ou silêncio. Se um médico assistente se atrapalha com o posicionamento de um retrator, ou se a enfermeira de cirurgia coloca um fórceps de pituitária na sua mão em um ângulo inconveniente, Perowne, se estiver num mau dia, pode emitir um “merda” num único *staccato*, mais constrangedor por causa da sua raridade e da sua falta de ênfase, e o silêncio na sala vai ficar mais tenso. De resto, gosta de música no centro cirúrgico, quando está trabalhando, sobretudo obras de Bach para piano — as Variações Goldberg, o *Cravo bem temperado*, as Partitas. Prefere Angela Hewitt, Martha Argerich, às vezes Gustav Leonhardt. Quando se encontra num estado de ânimo excelente, até admite ouvir as interpretações mais descontraídas de Glenn Gould. Nas reuniões, gosta de precisão, todos os itens tratados e resolvidos dentro do tempo previsto e, com essa finalidade, é um chefe eficiente. Considerações exploratórias e anedotas contadas por colegas veteranos, toleradas pela maioria como uma contingência profissional, deixam-no impaciente; a fantasia devia ser uma ocupação solitária. As decisões são tudo.

Portanto, apesar da atitude apologética, das maneiras brandas e da inclinação a devaneios ocasionais, não combina com Perowne tremer como faz agora — está parado ao pé da cama —, incapaz de resolver se acorda Rosalind ou não. Não faz nenhum sentido. Não há nada para ver. É um impulso inteiramente egoísta. O despertador dela vai tocar às seis e meia e, depois que ele lhe contar a história, ela não terá a menor esperança de voltar a dormir. De todo modo, ela vai acabar sabendo. Tem um dia difícil pela frente. Agora que as persianas estão fechadas e ele se vê de novo no escuro, compreende a extensão da sua agitação. Seus pensamentos têm um aspecto frágil, fugidio — ele não consegue reter

uma idéia por tempo bastante para obrigá-la a fazer sentido. De certo modo, sente-se culpado, mas também impotente. Esses são termos contraditórios, mas não muito, e é o grau da sua superposição, a sua maneira de expressar a mesma coisa de ângulos distintos, que ele precisa compreender. Culpado em sua impotência. Impotentemente culpado. Perde o fio da meada e pensa de novo no telefone. À luz do dia, parecerá negligência não ter telefonado para o serviço de emergência? Ficaré óbvio que nada havia a ser feito e que não havia tempo? Seu crime foi estar a salvo, em seu quarto, envolto em um roupão de lã, sem se mexer e sem fazer ruído, meio que sonhando, enquanto assistia à morte das pessoas. Sim, devia ter telefonado, nem que fosse só para falar, para contrapor sua voz e seus sentimentos aos de um estranho.

E é por isso que deseja acordar Rosalind, não apenas para lhe dar a notícia, mas porque está de algum modo perturbado, a todo instante se afasta do trilho de seus pensamentos. Quer prender-se aos detalhes precisos daquilo que viu, ordená-los à luz do espírito legal e prático da esposa e da sua visão sóbria. Gostaria de sentir o toque das mãos dela — são pequenas e macias, sempre mais frias do que as dele. Faz cinco dias que fizeram amor, segunda-feira de manhã, antes do noticiário das seis horas, durante uma tempestade, só com a meia-luz que vinha do banheiro, vinte minutos roubados das garras do trabalho — era assim que eles diziam, de brincadeira, muitas vezes. Bem, na ambiciosa fase da meia-idade, às vezes parece que tudo o que existe é o trabalho. Ele pode ficar no hospital até as dez horas, depois podem arrancá-lo da cama às três da madrugada e ele pode voltar para lá às oito. O trabalho de Rosalind transcorre numa série de crescendos vagarosos e de conclusões abruptas, enquanto ela tenta conduzir seu jornal para longe da barra dos tribunais. Durante alguns dias, ou até semanas sem fim, o trabalho pode moldar todas as horas; é a maré, o ciclo lunar, que determina suas vidas e, sem ele, pode parecer que nada existe, que Henry e Rosalind Perowne não são nada.

Henry não consegue resistir à urgência dos seus casos, ou rejeitar a alegria egoísta que sente com sua própria perícia, ou o prazer que ainda experimenta com o alívio dos pais quando desce da sala de cirurgia, como um deus, um anjo que traz as boas-novas — vida, não morte. Os melhores momentos de Rosalind se passam fora do tribunal, quando um litigante poderoso recua em face de uma

argumentação superior; ou, mais raro, quando um julgamento caminha a favor dela e termina por estabelecer uma questão de princípio no direito. Uma vez por semana, em geral na noite de domingo, eles dispõem lado a lado suas agendas eletrônicas, como se acasalassem pequenas criaturas, de modo que os compromissos de um possam ser transferidos para o diário do outro, por meio de um raio infravermelho. Quando roubam tempo para o amor, sempre deixam o telefone ligado. Por algum sincronismo impertinente, o telefone muitas vezes toca quando eles ainda estão começando. Tanto pode ser para Rosalind como para ele, com a mesma probabilidade. Se for ele quem tiver de vestir-se e sair correndo do quarto — e talvez voltar praguejando em busca das chaves e de dinheiro trocado —, ele o faz com um olhar desejoso, para trás, e sai de casa rumo ao hospital — dez minutos de marcha, em passo acelerado — com o seu fardo, os seus pensamentos de amor que aos poucos se apagam. Mas, assim que atravessa as portas duplas de vaivém e cruza os gastos ladrilhos axadrezados de linóleo da seção de Acidentes e Emergência, assim que embarca no elevador para o centro cirúrgico no terceiro andar e se encontra na sala de desinfecção, com o sabão nas mãos, ouvindo as dificuldades do seu assistente, os últimos vestígios de desejo o abandonam, e ele nem repara. Não há mágoas. Ele é famoso pela velocidade, pelo seu índice de sucesso e pela sua lista — atende mais de trezentos pacientes por ano. Alguns não conseguem, outros tantos agüentam com suas luzes um pouco toldadas, mas a maioria viceja, e muitos voltam a trabalhar, em condições razoáveis; trabalho — o emblema supremo da saúde.

E é por causa do trabalho que não pode acordá-la. Rosalind tem de estar no tribunal às dez, para uma audiência de emergência. O jornal que é seu cliente foi impedido de noticiar detalhes de uma ordem de silêncio recebida por um outro jornal. A parte poderosa que conseguiu essa ordem alegou, com sucesso, perante um juiz de plantão, que nem o próprio fato da ordem de silêncio pode ser divulgado. Uma questão de liberdade de imprensa está em jogo, e o intuito de Rosalind é derrubar a segunda ordem de silêncio até o fim do dia. Antes da audiência das testemunhas, as instruções na sala de audiências, depois — assim ela espera — uma conversa exploratória nos corredores, com o outro lado da questão. Mais tarde, ela apresentará as opções ao editor e à gerência. Ela voltou

das reuniões para casa já tarde, na noite anterior, muito depois de Henry ter cochilado sem jantar. Na certa, bebeu chá na mesa da cozinha e leu seus documentos. Talvez tenha tido dificuldade em adormecer.

Sentindo-se confuso e incongruente, e ainda com necessidade de falar com a esposa, ele continua parado ao pé da cama, mirando a forma do corpo da mulher embaixo do edredom. Está dormindo como uma criança, com os joelhos dobrados. Na escuridão quase total, como ela parece pequena na amplidão da cama. Ele escuta a respiração da mulher, quase inaudível na inspiração, serenamente enfática na expiração. Ela faz um ruído com a língua, um estalido molhado contra o céu da boca. Muitos anos antes, se apaixonara por Rosalind, na enfermaria de um hospital, numa época de terror. Ela mal tinha consciência dele. Um jaleco branco que vinha para perto da sua cama para retirar os pontos de seu lábio superior. Passaram-se mais três meses até que beijasse esses lábios. Mas ele conhecia mais a ela, ou pelo menos tinha visto mais coisas dela, do que qualquer possível amante poderia esperar.

Agora, ele se aproxima, inclina-se sobre ela e beija a nuca morna. Em seguida, se afasta, fecha a porta do quarto em silêncio e desce para a cozinha, a fim de ligar o rádio.

É um lugar-comum da hereditariedade e da genética moderna afirmar que os pais têm pouca ou nenhuma influência no caráter dos filhos. Nunca se sabe o que vai acontecer. Oportunidades, saúde, perspectivas, sotaque, maneiras à mesa — tais coisas podem estar ao alcance do seu poder de interferência. Mas é o espermatozóide e o óvulo que se encontram o que de fato determina o tipo de pessoa que vai viver com você, o modo como são distribuídas as cartas em dois baralhos e, depois, como elas são embaralhadas, cortadas e divididas no momento da recombinação. Alegre ou neurótico, gentil ou ganancioso, curioso ou enfadonho, expansivo ou tímido, e qualquer coisa intermediária; pode ser quase uma afronta à auto-estima paterna compreender até que ponto o trabalho já está feito de antemão. De outro lado, você pode se ver livre de um problema. A questão se apresenta tão logo você tenha mais de um filho; duas pessoas inteiramente distintas emergem de suas possibilidades aproximadamente

análogas na vida. Aqui, na cavernosa cozinha de porão, às três e cinquenta e cinco da madrugada, sob um único foco de luz, como num palco, está Theo Perowne, aos dezoito anos de idade, com seus anos de instrução formal já deixados para trás há muito tempo, recostado numa cadeira de cozinha, com o espaldar inclinado para trás, suas pernas vestidas por um jeans preto e justo, seus pés com botas de couro macio preto (compradas com seu próprio dinheiro), cruzados sobre a beirada da mesa. Tão diferente da sua irmã Daisy quanto o acaso pode permitir. Está bebendo água num grande copo de vidro. Na outra mão, segura dobrada a revista de música que está lendo. Um casaco de couro tacheado jaz embolado no chão. Escorada num armário de cozinha, está a sua guitarra, dentro da caixa. Já ganhou rótulos de alguns compartimentos de bagagem — Trieste, Oakland, Hamburgo, Val d'Isère. Há espaço para mais. De um som estéreo compacto, numa prateleira acima de uma coleção de livros de culinária, vem o som, como um chuveiro suave, de uma estação de música pop que toca a noite inteira.

Perowne às vezes se pergunta se, em sua juventude, ele poderia sequer imaginar que um dia seria pai de um músico de blues. Ele mesmo foi simplesmente produzido, sem questionamento nem queixa, numa sequência sem obstáculos, da escola para a faculdade de medicina e daí para a obstinada aquisição de experiência clínica, em Londres, em Southend-on-Sea, em Newcastle, no Setor de Emergência de Belevue em Nova York e depois em Londres, de novo. Como ele e Rosalind, espécimes tão convencionais e cumpridores de suas obrigações, trouxeram ao mundo um espírito tão livre? Alguém que se veste, com certa ironia, ao estilo da boemia da década de 1950, que não lê livros nem se deixa convencer a permanecer numa escola, que raramente sai da cama antes da hora do almoço, cuja paixão é pela mestria em todas as nuances da tradição, Delta, Chicago, Mississippi, por certas frases melódicas que, para ele, contêm a chave de todos os mistérios, e pelo sucesso do seu conjunto, o New Blue Rider. Tem uma versão ampliada do rosto da mãe e dos seus olhos meigos, mas não verdes e sim castanho-escuros — o proverbial olho amendoado, com uma leve obliquidade exótica. Tem as feições simpáticas e francas da mãe — e uma variante mais forte e mais compacta do porte esguio do pai. Com bom proveito na sua área profissional, tem também as mãos

grandes. No compacto mundo do blues britânico, repleto de mexericos, Theo é citado como uma promessa, já maduro no seu domínio do estilo, e que um dia pode até chegar a caminhar ao lado dos deuses, os deuses ingleses, bem entendido — Alexis Korner, John Mayall, Eric Clapton. Alguém escreveu em algum lugar que Theo Perowne toca como um anjo.

Naturalmente, seu pai concorda, apesar de suas dúvidas quanto às limitações da forma. Gosta bastante de blues — na verdade, foi ele que mostrou a Theo, que tinha então nove anos de idade, como a coisa funcionava. Depois disso, o avô tomou a frente. Contudo, em doze compassos de três acordes óbvios pode haver uma satisfação capaz de preencher uma vida? Talvez seja um desses casos de um microcosmo que contém o mundo inteiro. Como um prato de porcelana inglesa Spode. Ou como uma cela solitária. Ou, como diz Daisy, como um romance de Jane Austen. Quando jogador e ouvinte juntos conhecem perfeitamente o caminho, o prazer está no desvio, na curva inesperada contra o veio. Ver o mundo num grão de areia. Assim é, Perowne tenta se convencer, quando se estanca um aneurisma: absorver a variação num tema imutável.

E há algo na incisiva excelência da execução musical de Theo que faz reviver, para Henry, o inexplicável fascínio daquela progressão simples. Theo é o tipo de guitarrista que toca num transe de olhos abertos, sem mexer o corpo e nem sequer olhar para as mãos. Limita-se a conceder um ocasional e pensativo meneio de cabeça. No meio de uma música, ele pode inclinar a cabeça para trás, a fim de indicar aos outros músicos que ele vai, de novo, recomeçar o tema. No palco, porta-se como nas conversas, tranqüilo, formal, protege sua privacidade dentro de uma concha de cordialidade amistosa. Se calha de avistar os pais no fundo da platéia, levanta a mão esquerda do braço da guitarra, num cumprimento tímido e particular. Henry e Rosalind recordam, então, a manjedoura de papelão no ginásio da escola, o solene José de cinco anos de idade, com um pano de pratos preso à cabeça por uma coroa de elásticos, segurando a mão de uma Maria aflita, fazendo o mesmo gesto furtivo e afetuosos quando, por fim, localiza os pais na segunda fileira da platéia.

Esse recato, essa frieza, condiz com o blues, ou com a versão de Theo do blues. Quando ataca um tema tradicional, de andamento médio, como “Sweet Home Chicago”, com seu ritmo relaxante e cadenciado — ele disse que está

começando a ficar cansado desses blues eternos —, começa pelo registro grave, com movimentos brandos e elásticos, como uma criatura predatória e esquiva, desvencilhando-se do cansaço, percorrendo quilômetros na savana desimpedida. Depois, avança pelo braço da guitarra e o acanhamento começa a transmitir sinais de perigo. Um ataque um pouco sincopado na repetição do tema, a estocada repentina de um acorde aumentado, uma nota sustida contra a maré da harmonia, uma certa quinta menor, uma sétima torcida em microtons sensuais. Então, uma veemente dissonância momentânea. Ele tem o dom rítmico de manter a expectativa, um jeito de executar tercinas contra acordes de três ou quatro notas. Suas frases têm o torneio e a cadência do bebop. É uma forma de hipnose, de sedução sem esforço. Henry não contou a ninguém, nem a Rosalind, que há momentos em que, ouvindo do fundo de um bar em West End, a música o emociona e, num estado de exultação, sente orgulho do seu filho — inseparável do seu prazer com a música —, como uma sensação constritora em seu peito, próxima da dor. Fica difícil respirar. No coração do blues, não está a melancolia, mas uma alegria estranha e profana.

A guitarra de Theo o fere porque também comporta uma repreensão, a lembrança de uma insatisfação reprimida em sua própria vida, do elemento ausente. Essa sensação pode crescer quando termina uma parte do concerto e o neurocirurgião despede-se carinhosamente de Theo e de seus amigos e, ao sair para a calçada, resolve ir a pé para casa e refletir. Não existe nada em sua vida que contenha aquela inventividade, aquele estilo de ser livre. A música fala a uma aspiração ou uma frustração que não se manifestou, a sensação de que recusou a si mesmo um caminho livre, a vida do coração celebrada nas canções. Tem de haver mais na vida do que simplesmente salvar vidas. A disciplina e a responsabilidade de uma carreira médica, somadas à constituição de uma família aos vinte e poucos anos — e, por cima de boa parte disso, uma cortina de fadiga; ele ainda é jovem o bastante para ansiar pelo imprevisível e pelo irrefreado, e velho o bastante para saber que as chances estão se reduzindo. Estará ele à beira de tornar-se aquele homem, aquele bobo moderno de certa idade, que se apanha parando a toda hora diante das vitrines para olhar saxofones ou motocicletas, ou se sente impelido a arranjar uma amante da idade da sua filha? Ele já comprou um carro caro. A música de Theo traz esse fardo

de arrependimento para o coração do seu pai. No fim, isso é o blues.

A título de cumprimento, Theo deixa sua cadeira tombar para a frente, sobre os quatro pés, e levanta a mão. Não é do seu estilo demonstrar surpresa.

— Vai começar cedo?

— Acabei de ver um avião em chamas, na direção de Heathrow.

— Está brincando.

Henry se dirige para o aparelho de som com a intenção de sintonizar outra estação, mas Theo pega o controle remoto na mesa da cozinha e liga o pequeno televisor que fica perto do fogão, para momentos como este, notícias urgentes. Esperam que termine o preâmbulo espalhafatoso do noticiário das quatro horas — música pulsante de sintetizador, desenhos de computador espiralados e radiantes, combinados num *son et lumière* de escala wagneriana a fim de sugerir a presteza, a tecnologia, a cobertura global. Em seguida, o habitual locutor de queixo quadrado, aproximadamente da idade de Perowne, começa a apresentar a lista das principais matérias do horário. De cara, fica evidente que o avião em chamas ainda não entrou na matriz planetária. Permanece como um fato subjetivo e indigno de confiabilidade. Mesmo assim, acompanham parte da lista.

— Hans Blix, uma justificativa para a guerra? — entoa o locutor, sobre o som de tambores, e imagens do ministro do Exterior francês, M. de Villepin, aplaudido na câmara de debates das Nações Unidas. — Sim, dizem os Estados Unidos e a Inglaterra. Não, diz a maioria. — Em seguida, preparativos para manifestações contrárias à guerra que serão promovidas mais tarde, nesse mesmo dia, em Londres e em inúmeras cidades em todo o mundo; um campeonato de tênis na Flórida foi interrompido por uma mulher com uma faca de cortar pão...

Ele desliga o aparelho e diz:

— Que tal tomar um pouco de café? — e, enquanto Theo se levanta para agradecer, Henry lhe conta a história, a sua notícia principal, naquele horário. Não deveria surpreendê-lo ver como é pouco o que tem para contar — o avião e o seu ponto de luz atravessando o seu campo de visão, da esquerda para a direita, por trás das árvores, por trás da Torre dos Correios, e depois virando para oeste. Mas sente que ele passou por muito mais do que isso.

- Mas, hum, então o que você estava fazendo na janela?
- Eu lhe contei. Não conseguia dormir.
- Uma coincidência.
- Exatamente.

Seus olhos se encontram — um momento de potencial confronto —, em seguida Theo desvia os olhos e dá de ombros. Sua irmã, por outro lado, gosta de uma discussão com antagonismo — Daisy e Henry compartilham um amor ardente —, um vício patético, dizem Rosalind e Theo — por um bate-boca furioso. Na mixórdia do fim da adolescência que reinava em seu quarto, no meio de revistas de guitarra, camisas e meias usadas e garrafinhas de iogurte com frutas, há livros em que Theo mal tocou os dedos, sobre OVNI, palavra nessa ocasião já permutável com nave espacial de propriedade de alienígenas e pilotada por eles. Da forma como Henry o entende, a visão de mundo de Theo abriga o pressentimento de que, de algum jeito, tudo está interligado, interligado de um modo interessante, e que certas autoridades, em especial o governo dos Estados Unidos, com acesso privilegiado à inteligência extraterrestre, estão vedando ao resto do mundo um conhecimento tão assombroso que a ciência contemporânea, enfadonha e tacanha, não pode nem sequer começar a compreender. Esse conhecimento é divulgado em outros livros de bolso, nos quais Theo mal põe as mãos. Sua curiosidade, ainda que ligeira, foi capturada por mascates de embustes. Mas será que isso importa, quando ele pode tocar guitarra como um anjo toca um sino, quando ele pelo menos está mantendo a fé em formas assombrosas de conhecimento, quando ainda há tanto tempo pela frente para ele mudar de opinião, se é que formou uma opinião?

Theo é um rapaz gentil — as pestanas compridas, os olhos escuros aveludados, com seu ligeiro toque oriental; ele não é do tipo que entra fácil em discussões. Os olhares dos dois se encontram, e Theo desvia os olhos, com seus pensamentos intactos. O universo talvez estivesse mostrando ao seu pai um nexos, um sinal que ele prefere não ler. O que se pode fazer a respeito?

Está supondo que se trata de um episódio de devaneio semelhante aos seus próprios e Henry diz, para trazê-lo de volta à terra firme:

- Então ele caiu minutos depois que eu o vi desaparecer. Quanto tempo

você acha que vai levar até que chegue aos noticiários?

Theo, que está na pia filtrando o café, olha para trás sobre o ombro e toca o dedo no lábio inferior, um lábio vermelho-escuro, supostamente não muito beijado nos últimos tempos. Dispensou a última namorada daquele jeito que faz com as garotas, sem dizer mais nada e deixando que elas desapareçam, sem drama. Falar pouco, minimalismo no que toca a cumprimentos, apresentações, despedidas, até agradecimentos, é a etiqueta moderna. No telefone, porém, o jovem desabrocha. Theo, não raro, fica pendurado no telefone por três horas seguidas.

Fala de maneira tranqüilizadora, como que com uma criança agitada, com a segurança de um cidadão e até de uma alta autoridade, da era da eletrônica:

— Vai aparecer no próximo noticiário, pai. Meia hora.

É satisfatório. Nu debaixo do roupão — uniforme dos velhos e dos doentes —, com o cabelo ralo e desgrenhado pelo sono interrompido, sua voz, o monótono tom de barítono do médico especialista, agora atenuado pela perturbação em que se encontra — Henry é candidato a ser apaziguado. Começa assim o longo processo pelo qual você acaba sendo filho dos seus filhos. Até que um dia, quem sabe, você os ouvirá dizer: Pai, se você começar a chorar de novo, vamos levá-lo para casa.

Theo senta-se e empurra a xícara de café para o outro lado da mesa, ao alcance da mão do pai. Não fez café para si. Em vez disso, faz saltar a tampa de mais uma garrafa de meio litro de água mineral. A pureza dos jovens. Ou está tentando driblar uma ressaca? Já vai longe o tempo em que Henry achava que podia perguntar ou exprimir uma opinião.

Theo diz:

— Acha que são terroristas?

— É uma possibilidade.

Os atentados de setembro foram a introdução de Theo às questões internacionais, o momento em que admitiu que fatos ocorridos para além dos amigos, da sua casa e do cenário musical tinham relação com a sua existência. Aos dezesseis anos, idade que ele tinha na época, isso pareceu vir muito tarde. Perowne, nascido no ano anterior à crise do canal de Suez, jovem demais para os mísseis de Cuba, ou para a construção do muro de Berlim, ou para o

assassinato de Kennedy, lembra-se de sentir-se choroso por Aberfan, em 1966 — cento e dezesseis estudantes, como ele, que haviam acabado de sair das orações na capela da escola, um dia antes das férias de meio de ano, soterrados debaixo de um rio de lama. Foi então que, pela primeira vez, ele desconfiou que o Deus bondoso e amante das crianças, enaltecido pela diretora da sua escola, talvez não existisse. Como veio a se revelar, a maioria dos fatos mundiais importantes sugeria o mesmo. Mas, para a geração de Theo, sinceramente sem Deus, a questão não se manifestou. Ninguém na sua escola luminosa, envidraçada, de aparência moderna, jamais lhe pediu para rezar ou cantar um hino alegre e impenetrável. Não existe nenhuma entidade de quem ele possa duvidar. Sua iniciação, na frente do televisor, diante das torres gêmeas que desmoronavam, foi contundente, mas ele se adaptou depressa. Agora, passa os olhos pelos jornais em busca de fatos recentes, como quem percorre a programação de shows e filmes da semana. Contanto que não haja nada de novo, sua mente fica livre. O terror internacional, o cordão de segurança, os preparativos para a guerra — isso representa o estado inabalável, o tempo. Ao emergir para a consciência adulta, é esse o mundo que ele encontra.

Não pode perturbá-lo da mesma forma como perturba o seu pai, que lê os mesmos jornais com uma atenção mórbida. Apesar de as tropas se reunirem no Golfo, apesar dos tanques no aeroporto Heathrow na quinta-feira, do tumulto na mesquita do Finsbury Park, das notícias sobre células terroristas em todo o país e da promessa de Bin Laden, numa fita de vídeo, de promover “ataques de mártires” contra Londres, Perowne se aferrava, por ora, à idéia de que tudo era uma aberração, que o mundo sem dúvida havia de se acalmar e logo as coisas mudariam, soluções seriam possíveis, a razão, por ser uma ferramenta poderosa, era irresistível, a única saída; ou que, a exemplo de qualquer outra crise, essa também logo desapareceria, abriria caminho para uma outra, seguindo o mesmo caminho da Bósnia, das ilhas Falkland, de Biafra, de Tchernobil. Porém, ultimamente, isso está parecendo otimismo. Contra sua própria tendência, ele está se adaptando, como fazem os pacientes, mais cedo ou mais tarde, em relação à sua súbita perda da visão ou do uso de pernas e braços. Não há retorno. Os anos 90 ganharam o aspecto de uma década inocente, e quem pensaria tal coisa, naquela época? Agora, respiramos um ar diferente. Ele

comprou o livro de Fred Halliday e leu, nas páginas iniciais, o que parecia uma conclusão e uma maldição: os atentados em Nova York precipitaram uma crise global que, se tivermos sorte, só vai ter solução em cem anos. *Se tivermos sorte*. O tempo de vida de Henry, e toda a vida de Theo e de Daisy. E a vida dos filhos deles, também. Uma Guerra dos Cem Anos.

Sem habilidade, Theo fez três vezes mais café do que devia. Mas, paternal até o fim, Henry bebe tudo. Agora, sem dúvida, está pronto para enfrentar o dia.

Theo diz:

— Você não viu qual era a empresa aérea?

— Não. Estava longe demais, muito escuro.

— É que o Chas está para chegar de Nova York nesta manhã.

É o saxofonista do New Blue Rider, um rapaz esfuziante, de porte colossal, de St. Kitts, que tinha ido a Nova York para um curso avançado de uma semana, nominalmente supervisionado por Brandford Marsalis. Esses garotos têm o instinto, o sentido de um direito, próprio a uma elite. Ry Cooder ouviu Theo tocar *slide guitar*, em Oakland. Pregado com fita adesiva num espelho no quarto de Theo, está uma bolacha de chope com o cumprimento simpático de um mestre. Se a pessoa chegar a cara bem perto, consegue enxergar um rabisco, em caneta esferográfica, debaixo de uma mancha de chope, uma assinatura, e: Vá em frente, Garoto!

— Eu não ficaria preocupado. Os vôos noturnos só começam a chegar depois das cinco.

— É, acho que sim. — Toma um gole da garrafa de água mineral. — Acha que são os jihadistas...?

Perowne está se sentindo tonto, mas de uma forma agradável. Tudo o que olha, inclusive o rosto do filho, está se afastando dele, sem ficar pequeno. Nunca ouviu Theo usar essa palavra. É a palavra correta? Parece inofensiva, até curiosa, emitida na sua voz leve de tenor. Esse aprofundamento do tom de soprano juvenil é um progresso que Henry ainda não pode tomar como algo garantido, embora já exista há cinco anos. Nos lábios de Theo — ele se dá ao trabalho de fazer algo engraçado com o “J” —, a palavra árabe soa tão inócua quanto o nome de algum instrumento de cordas marroquino que o seu conjunto fosse adotar e eletrificar. No Estado islâmico ideal, sob a estrita lei da

Charia, haverá um lugar para os cirurgiões. Guitarristas de blues serão encaminhados para outras profissões. Mas talvez ninguém esteja pleiteando tal Estado. Não se pleiteia nada. Só o ódio se registra, a pureza do niilismo. Na condição de morador de Londres, a pessoa pode até sentir saudades do IRA. Inclusive no momento mesmo em que suas pernas se desprendiam de seu corpo, talvez gostasse de lembrar-se que a causa era uma Irlanda unida. Agora isso vai acontecer de todo jeito, segundo o reverendo Ian Paisley, graças ao poder do carrinho de bebê. Mais uma crise que desaparece nas pastas de recortes, após breves trinta anos. Mas isso não é bem verdade. Os islamitas radicais não são niilistas, de fato — querem ter, na terra, uma sociedade perfeita, que é o Islã. Pertencem a uma tradição condenada, sobre a qual Perowne adota a opinião tradicional — a busca da utopia termina por autorizar toda forma de excesso, todos os meios cruéis, em vista da sua realização. Se todos estão certos de que, no fim, vão ser felizes para sempre, que crime pode haver em massacrar um milhão ou dois, hoje?

— Não sei o que pensar — diz Henry. — É tarde demais para pensar. Vamos esperar as notícias.

Theo parece aliviado. À sua maneira condescendente, está pronto a discutir os assuntos com o pai, se isso for necessário. Mas, às quatro e vinte da manhã, ele se sente mais feliz falando pouco. Assim, eles aguardam, num silêncio sem tensão, durante vários minutos. Nos últimos meses, os dois têm sentado a essa mesa, um de frente para o outro, e tratado de todos os assuntos. Jamais conversaram tanto, antes. Onde está a fúria dos adolescentes, o bater de portas com força, a raiva contida que deveria ser o rito de passagem de Theo? Será que todas essas emoções ficaram reprimidas pelo blues? Discutiram sobre o Iraque, é claro, sobre os Estados Unidos e o poder, a desconfiança européia, o Islã — seus sofrimentos e sua autopiedade, Israel e Palestina, ditadores, democracia — e depois os temas da juventude: armas de destruição em massa, barras de combustível nuclear, fotografia de satélite, laser, nanotecnologia. Na mesa da cozinha, esse é o cardápio do início do século XXI, o especial do dia. Numa recente noite de domingo, Theo soltou um aforismo: quanto mais abrangente é o nosso modo de pensar, mais tudo parece escroto. O pai pediu-lhe que explicasse melhor, e ele disse:

— Quando a gente olha para as coisas grandes, a situação política, o aquecimento global, a pobreza do mundo, tudo parece mesmo horrível, nada está melhorando, não há nada de bom para esperar. Mas então eu penso nas coisas pequenas, próximas... sabe como é, uma garota que acabei de conhecer, ou essa música que a gente vai tocar com o Chas, ou brincar na prancha de esqui na neve, no mês que vem, e aí parece ótimo. Então, o meu lema será este: pense nas coisas pequenas.

Ao recordar isso, agora, quando ainda faltavam alguns minutos para o noticiário, Henry diz:

— Que tal foi o show?

— A gente tocou aquela série mais elementar, música pesada, quase todas músicas de Jimmy Reed. Sabe como é, assim... — E ele canta, com uma ênfase de paródia, uma frase dançante de contrabaixo, enquanto a mão esquerda fecha e abre, inconscientemente na posição das cordas. — Eles se amarraram nisso. Não queriam deixar a gente tocar outra coisa. Na verdade, é um pouco deprimente, porque não é nem um pouco a nossa onda. — Mas dá um sorriso radiante, ao lembrar.

Está na hora do noticiário. De novo, o rádio pulsa, o sintetizador apita, o locutor insone e a sua mandíbula que transmite confiança. E lá está, transformado em realidade, enfim, o avião, tombado na pista, aparentemente intacto, rodeado por bombeiros que ainda esguicham espuma, soldados, polícia, luzes fortes e ambulâncias a postos. Antes da notícia, um elogio irrelevante à presteza da reação da equipe de emergência. Só então se explica. É um avião de carga, um Tupolev russo, numa viagem de Riga para Birmingham. Quando passava a leste de Londres, um incêndio se deflagrou numa das turbinas. A tripulação mandou uma mensagem pelo rádio e pediu autorização para aterrisar, e tentou cortar a alimentação de combustível para a turbina em chamas. Viraram para oeste, num trajeto paralelo ao Tâmisa, foram orientados na direção do aeroporto Heathrow e fizeram uma aterrissagem razoável. Nenhum dos tripulantes se machucou. A carga não foi especificada, mas parte dela, supostamente correio, sobretudo, foi destruída. Depois, ainda em segundo plano, os protestos contra a guerra, que começariam dali a algumas horas. Hans Blix, o homem de ontem, é o terceiro assunto.

O gato de Schrödinger está vivo, afinal.

Theo pega o casaco no chão e se levanta. Tem um ar meio irônico.

— Então, no final das contas, não foi um ataque contra todo o nosso modo de vida.

— Melhor assim — concorda Henry.

Gostaria de abraçar o filho, não só por estar aliviado, mas porque lhe ocorre que Theo se transformou num adulto muito agradável. No final, sair da escola foi a solução correta — entrar sem medo num território que seus pais não ousaram pisar, externo à educação formal, e tomar as rédeas da própria vida. Mas, no momento, ele e Theo têm de passar pelo menos uma semana longe um do outro para permitir-se trocar um abraço. Ele sempre fora um garoto que gostava do contato físico — mesmo aos treze anos, às vezes segurava a mão do pai, na rua. Isso não acontece mais. Só Daisy ainda tem a chance de dar-lhe um beijo de boa-noite, quando ela está em casa.

Quando Theo atravessa a cozinha, o pai lhe diz:

— Então, você vai à passeata, hoje?

— Mais ou menos. Vou em espírito. Tenho de preparar essa música.

— Então, durma bem — diz Henry.

— É. Você também.

A caminho da porta, Theo diz:

— Boa noite. — E, segundos depois, quando já subiu alguns degraus, diz: — A gente se vê de manhã. — E, do alto da escada, fala, hesitante, num tom ascendente de interrogação: — Boa noite?

A cada chamado, Henry responde, e espera o próximo. Assim são as típicas saídas de cena de Theo, as quatro ou mesmo cinco despedidas, a superstição de que ele devia ter a última palavra. A mão segura lentamente se desprende.

* * *

Perowne tem uma teoria de que o café pode produzir um efeito paradoxal e parece que é assim, agora, quando ele se desloca pesadamente pela cozinha e apaga as luzes; não era só a sua noite interrompida, mas a semana inteira, e as semanas anteriores que o atropelaram. Sente uma fraqueza nos joelhos, nos quadríceps, à medida que sobe a escada, valendo-se do corrimão. Assim será aos

setenta anos. Atravessa o corredor, tranqüilizado pelo toque frio das lajes de pedra sob os pés descalços. A caminho da escada principal, se detém diante da porta da frente. Ela dá direto para a calçada, para a rua, que vai para a praça e, em seu esgotamento, a porta assoma, de súbito, diante dele, estranhamente com seus acessórios — três sólidas fechaduras da marca Banham, dois ferrolhos de ferro preto, tão velhos quanto a casa, duas correntes de aço temperado, um olho mágico com cintura de metal, a caixa de circuitos eletrônicos que opera o sistema do interfone, o botão vermelho de pânico, o dispositivo de alarme com seus dígitos que brilham suavemente. Tantas proteções, tantas fortificações cotidianas: cuidado com os pobres da cidade, os viciados, os francamente maus.

De novo, no escuro, de pé do seu lado da cama, ele deixa o roupão tombar aos seus pés e tateia seu caminho, às cegas, entre as cobertas frias, na direção da esposa. Ela está deitada sobre o lado esquerdo do corpo, de costas para ele, com os joelhos ainda dobrados. Ele se instala em torno da forma familiar da esposa, põe o braço na sua cintura e chega mais perto. Quando beija a sua nuca, ela fala, do âmago do seu sono — o tom é acolhedor, agradecido, mas sua única e indistinta palavra, como um peso grande demais para agüentar, não sai da língua. Ele sente, através da seda do seu pijama, o calor do corpo da esposa espalhar-se pelo peito, até a virilha. Ter subido três andares de escada o reanimou, seus olhos estão bem abertos, no escuro; o esforço físico e o ínfimo aumento da sua pressão arterial estão provocando um estímulo localizado na sua retina, de modo que enxames fantasmagóricos, de cor púrpura e verde iridescente, migram diante da visão que ele tem de uma estepe infinita, depois se enrolam em torno de si mesmos, até se tornarem bobinas de tecido, faixas de veludo oscilantes, puxadas para trás, como cortinas no palco do teatro, para apresentar novos cenários, novos pensamentos. Ele não quer pensamento nenhum, mas agora está alerta. O seu dia de folga se encontra à sua frente, uma trilha que corta a estepe; depois da partida de squash, na qual a insônia já vai lhe garantir a derrota, terá de visitar a mãe. O rosto dela, como está hoje, lhe escapa. Em vez disso, ele vê a campeã de natação do condado, de quarenta anos antes — ele recorda pelas fotografias —, aquela touca de borracha com flores estampadas, que lhe dava o aspecto de uma foca ansiosa. Sentia orgulho da mãe, mesmo quando ela atormentava a sua infância, arrastando-o nas tardes de

inverno para barulhentas piscinas municipais, onde o piso de concreto dos vestiários soltava cortantes lascas de cimento, em meio a poças mornas, com manchas rosadas e roxas. Ela o levava para sinistros lagos verdes e para o cinzento mar do Norte, antes da estação. Era um outro elemento, ela costumava dizer, como se fosse uma explicação, ou uma sedução. Um outro elemento era exatamente aquilo onde ele não queria mergulhar o seu corpo, sardento e magrelo. Era a divisão entre os elementos que mais o magoava, a superfície hostil, que se erguia numa aresta cortante e dolorosa até a sua barriga encovada, arrepiada, enquanto ele avançava na ponta dos pés, só para agradar à mãe, para dentro das águas do litoral de Essex, no início de junho. Ele jamais conseguia se jogar de uma vez, como ela fazia, como ela queria que ele fizesse. Submersão em outro elemento, todo dia, tornando todo dia um dia especial, era o que ela queria e pensava que ele devia fazer. Bem, agora ele não se importava com isso, contanto que o outro elemento não fosse água fria.

O ar do quarto está fresco em suas narinas, ele está semi-estimulado sexualmente, quando se aproxima de Rosalind. Pode ouvir o primeiro rumor de trânsito contínuo na Euston Road, como uma brisa que se move por uma floresta de abetos. As pessoas que precisam estar no trabalho às seis horas, num sábado. Pensar nelas não o deixa sonolento, como acontece muitas vezes. Ele pensa em sexo. Se o mundo fosse feito exatamente conforme as suas necessidades, ele agora estaria fazendo amor com Rosalind, sem preliminares, com uma Rosalind muito receptiva, e depois desfaleceria numa prostração, com a mente desanuviada, rumo ao sono. Mas mesmo os reis despóticos, mesmo os deuses antigos, nem sempre podiam sonhar o mundo conforme as suas conveniências. Só crianças, na verdade, só bebês sentem o desejo e a sua satisfação como uma coisa só; talvez seja isso que dê aos tiranos o seu ar infantil. Estendem a mão para pegar o que não podem ter. Quando encontram a frustração, a fúria que massacra os homens não vai tardar. Saddam, por exemplo, não parece meramente um brutamontes de queixo duro. Dá a impressão de um menino crescido em excesso, frustrado, com cara de um garoto emburrado e gordinho, e com olhos pretos um pouco desconcertados diante de tudo aquilo que ele ainda não pode ordenar. O poder absoluto e os seus prazeres estão logo além do seu raio de alcance e afastam-se ainda mais.

Ele sabe que mais um general bajulador despachado para as salas de tortura, mais uma bala na cabeça de um parente não vão proporcionar a mesma satisfação de antes.

Perowne muda de posição e encosta o nariz na nuca de Rosalind, inala o ligeiro aroma de sabonete misturado com o cheiro de pele quente e de cabelo lavado com xampu. Que golpe de sorte, ter como esposa a mulher que se ama. Mas como ele passou depressa do erotismo para Saddam — que pertence a uma mixórdia, a uma sopa de muitos ingredientes, de maus presságios e preocupações. Sem sono, nas primeiras horas da manhã, a pessoa faz um ninho fora dos seus temores — deve ter havido algum proveito para a sobrevivência em sonhar desenlaces ruins e fazer planos para evitá-los. Esse truque da imaginação sombria é uma herança da seleção natural, num mundo perigoso. Naquele intervalo de uma hora, ele esteve num estado de desvario desenfreado, numa loucura de interpretação excessiva. Não o consola saber que alguém, nesta época, parado diante da janela em sua casa, possa ter saltado para as mesmas conclusões que ele. Entender mal é algo generalizado, em todo o mundo. Como podemos confiar em nós mesmos? Ele vê, agora, os detalhes que quase ignorou a fim de alimentar seus temores: o avião não estava sendo guiado na direção de um edifício público, estava fazendo uma aterrissagem normal e controlada; seguia uma rota bem conhecida — nada disso condizia com essa intranquilidade generalizada. Ele disse a si mesmo que havia dois desfechos possíveis: o gato vivo ou o gato morto. Mas já se decidira pelo morto, quando deveria ter percebido, no mesmo instante — um simples acidente estava em curso. Não um ataque, portanto, contra todo o nosso modo de vida.

Semiconsciente da presença dele, Rosalind muda de posição e faz um movimento contínuo com os ombros, de modo que as costas se esfreguem no peito dele. Ela desliza o pé ao longo da tíbia do marido e pousa o arco do pé sobre os dedos do pé dele. Mais excitado ainda, ele sente sua ereção aprisionada contra a região lombar da esposa e estende as mãos para baixo, a fim de se desembaraçar. Sua respiração retoma o ritmo firme. Henry ainda está deitado, à espera do sono. Pelos padrões contemporâneos, segundo quaisquer padrões, é perverso ele nunca ter se cansado de fazer amor com Rosalind, nunca ter sido tentado seriamente pelas oportunidades que cruzaram seu caminho em função

da lógica geral da hierarquia médica. Quando pensa em sexo, pensa nela. Aqueles olhos, aqueles peitos, aquela língua, aquele acolhimento. Quem mais poderia amá-lo de forma tão hábil, com tanto calor e tanto bom humor, ou acumular um passado tão rico, junto com ele? No tempo de uma vida, não seria possível encontrar outra mulher com quem ele pudesse aprender a ser tão livre, a quem ele pudesse agradar com tamanho desprendimento e tanta perícia. Por algum acidente de caráter, é a familiaridade que o excita, mais do que a novidade sexual. Suspeita que exista algo entorpecido, ou tímido, em si mesmo. Uma porção de amigos homens se desvia em aventuras com mulheres mais jovens; aqui e ali, um casamento sólido explode num tiroteio de recriminações. Perowne fica atento, constrangido, receoso de que lhe falem um elemento da força vital masculina e um atrevido e saudável apetite de experiência. Onde está a sua curiosidade? O que há de errado com ele? Mas não há nada que ele possa fazer consigo mesmo. Ao eventual olhar indagador de uma mulher bonita, ele responde com um sorriso afável e comum. Tal fidelidade podia parecer uma virtude ou uma teimosia, mas não é nada disso, porque ele não exercita nenhuma escolha efetiva. O que ele tem de ter é isto: posse, pertencimento, repetição.

Foi uma calamidade — seguramente, um ataque contra todo o modo de vida *dela* — que trouxe Rosalind para a vida dele. Sua primeira visão de Rosalind foi por trás, enquanto ela caminhava pela enfermaria feminina de neurologia, no fim de uma tarde de agosto. Foi impressionante, aquela fartura de cabelo castanho-avermelhado — quase até a cintura — em um arcabouço tão pequeno. Por um momento, pensou que ela era uma criança grande. Estava sentada na beira da cama, ainda inteiramente vestida, falando com o médico auxiliar numa voz tensa, devido ao esforço de conter seu pavor. Perowne ouviu uma parte da história, quando parou, por um momento, e soube o resto mais tarde, por meio das anotações dela. A saúde de Rosalind era boa, no geral, mas sofrera de dores de cabeça intermitentes, no ano anterior. Ela tocou a cabeça para mostrar onde doía. Suas mãos, ele notou, eram muito pequenas. O rosto era um oval perfeito, com olhos grandes, de um verde pálido. Sua menstruação falhara algumas vezes e, em certas ocasiões, seus peitos segregavam uma substância. No início daquela tarde, enquanto trabalhava numa pesquisa na

biblioteca da faculdade de direito, lendo sobre delitos civis — ela foi específica quanto a isso —, sua visão começou a vacilar, como ela disse. Em questão de minutos, não conseguia mais ver os números do seu relógio de pulso. Largou os livros, apanhou a bolsa e desceu até o térreo, segurando-se com força no corrimão. Estava a caminho do pronto atendimento, andando com passos inseguros, quando o dia começou a escurecer. Pensou que era um eclipse e ficou surpresa com o fato de ninguém estar olhando para o céu. O setor de pronto atendimento a encaminhara diretamente para ali e, agora, ela mal conseguia enxergar as riscas na camisa do médico auxiliar. Quando ele mostrou os dedos para Rosalind, ela não conseguiu contá-los.

— Não quero ficar cega — disse, numa voz miúda, chocada. — Por favor, não me deixem ficar cega.

Como olhos tão grandes e claros poderiam perder a visão? Quando Henry foi incumbido de localizar o especialista, que não pôde ser encontrado no seu bip, sentiu uma mágoa antiprofissional de exclusão, a sensação de que não podia se dar ao luxo de deixar o médico auxiliar — um tipo lisonjeiro e predatório — sozinho com uma criatura tão rara. Ele mesmo, Perowne, queria fazer tudo para salvá-la, embora tivesse apenas uma noção rudimentar de qual poderia ser o seu problema.

O especialista, o sr. Whaley, estava numa reunião importante. Era uma figura imponente, de andar desajeitado, de terno e colete de riscas finas, com um relógio de guardar no bolsinho e um lenço de seda roxa que despontava no bolso da frente do paletó. Perowne vira, muitas vezes, de longe, o característico topo da cabeça que rebrilhava nos corredores sombrios. A voz retumbante e teatral de Whaley era alvo de muitas paródias feitas pelos médicos-residentes. Perowne pediu à secretária para entrar e interromper a reunião. Enquanto esperava, ensaiava mentalmente, sequioso para impressionar o grande homem com uma apresentação sucinta do caso. Whaley veio e ouviu de cara feia enquanto Perowne começava a lhe contar sobre a dor de cabeça de uma mulher de dezenove anos, o seu repentino acesso de perda aguda de campo visual e um histórico de amenorréia e galactorréia.

— Pelo amor de Deus, meu velho. Menstruação irregular, distúrbio mamilar! — proclamou Whaley, com a sua voz entrecortada, de quem anuncia

notícias urgentes em tempo de guerra, ao mesmo tempo que se deslocava rapidamente pelo corredor, com o paletó debaixo do braço.

Uma cadeira foi trazida para que ele pudesse sentar de frente para a paciente. Enquanto examinava seus olhos, sua respiração pareceu ficar mais lenta. Perowne observou o lindo e pálido rosto inteligente voltado para cima, na direção do especialista. Ele daria qualquer coisa para que ela o estivesse olhando daquele modo. Na falta de indicações visuais, ela só podia se basear nas menores alterações de tom na voz de Whaley. O diagnóstico veio rápido.

— Bem, bem, minha jovem senhora. Parece que a senhora tem um tumor na glândula pituitária, um órgão do tamanho de uma ervilha, no centro do cérebro. Há uma hemorragia em volta do tumor, que pressiona os seus nervos ópticos.

Havia uma janela alta atrás da cabeça do especialista, e Rosalind devia ser capaz de distinguir esse contorno, pois seus olhos pareciam sondar o rosto dele. Ficou calada por vários segundos. Então, disse, em tom interrogativo:

— Eu posso mesmo ficar cega?

— Não, se começarmos a trabalhar na senhora imediatamente.

Ela fez que sim com a cabeça, em sinal de aprovação. Whaley disse ao médico auxiliar que solicitasse uma tomografia computadorizada de Rosalind, para confirmar o diagnóstico, antes de ir para o centro cirúrgico. Em seguida, inclinando-se para a frente e falando com ela em tom brando, quase carinhoso, explicou como o tumor criava a prolactina, um hormônio associado à gravidez, que causava a interrupção da menstruação e a secreção de leite pelos seios. Tranqüilizou-a, garantindo que o tumor havia de ser benigno e que esperava uma recuperação completa para ela. Tudo dependia da rapidez. Após um exame superficial dos seus seios, para confirmar o diagnóstico — a visão de Henry foi obstruída —, o sr. Whaley pôs-se de pé e adotou uma voz elevada e pública, enquanto dava as suas instruções. Em seguida, afastou-se a passos largos, a fim de reorganizar seus compromissos daquela tarde.

Henry acompanhou-a do setor de radiologia até a sala de cirurgia. Ela ficou deitada na maca, aflita. Ele era um médico residente com apenas quatro meses de experiência, que não podia sequer fingir que sabia grande coisa sobre os procedimentos que a aguardavam. Esperou ao lado dela, no corredor, pela

chegada do anestesista. Mediante uma rápida conversa, descobriu que ela era estudante de direito e não tinha nenhum parente que residisse em local próximo. Seu pai estava na França, e a mãe tinha morrido. Uma tia querida morava na Escócia, nas ilhas Ocidentais. Rosalind estava chorosa, lutava contra emoções muito fortes. Conseguiu controlar a voz e, com gestos na direção do extintor de incêndio, lhe contou que, como aquela podia ser a sua última experiência da cor vermelha, queria guardá-la na memória. Será que ele poderia movê-la para mais perto? Mesmo dali, ela mal conseguia enxergar. Ele disse que não havia a menor dúvida, a operação seria um sucesso. Mas, é claro, não sabia nada, sua boca estava seca, seus joelhos estavam fracos e empurrou a maca sobre rodas para perto da parede. Ainda tinha de aprender a exercitar o distanciamento clínico. Deve ter sido então que começou a se apaixonar, e não mais tarde, já na enfermaria. As portas de vaivém se abriram, e eles entraram juntos na sala de cirurgia, ele caminhando ao lado da maca sobre rodas, enquanto o maqueiro empurrava, por trás, e ela retorcia um pano em sua mão, de olhos fixos no teto, como que ávida para receber as últimas informações.

A deterioração da sua visão viera de repente, na biblioteca, e agora Rosalind estava sozinha, enfrentando uma mudança decisiva. Refazia-se com a ajuda de respirações profundas e lentas. Prestou atenção no rosto do anestesista, enquanto ele introduzia a cânula nas costas da sua mão e administrava a tiofentona. Em seguida, ela apagou, e Perowne foi depressa para a sala de desinfecção. Recebera ordens de observar com toda a atenção aquela operação delicada. Hipofissectomia transfenoidal. Um dia, ele ia fazer aquilo sozinho. Sim, mesmo agora, tantos anos mais tarde, tranquilizava-o pensar como ela fora corajosa. E como suas vidas foram determinadas de forma benigna por aquela catástrofe.

O que mais fez o jovem Henry Perowne para ajudar aquela linda mulher, que sofria de apoplexia da pituitária, a recuperar sua visão? Ajudou a deslizar seu corpo anestesiado, da maca com rodinhas para a mesa de operações. Em obediência às instruções do médico auxiliar, colocou os protetores esterilizados nas hastes de controle das luzes de cirurgia. Observou com atenção enquanto as três pontas de aço do prendedor de cabeça eram presas com firmeza sobre a cabeça de Rosalind. De novo, orientado pelo médico auxiliar, enquanto

Whaley ficou alguns momentos fora da sala, Henry esfregou a boca de Rosalind com sabão antisséptico e percebeu a perfeição de seus dentes. Mais tarde, depois que o sr. Whaley fez uma incisão na gengiva superior da paciente, rolou seu rosto para trás, a partir da abertura das vias nasais, removendo a mucosa nasal do septo, Henry ajudou a colocar em posição o pesado microscópio cirúrgico. Não havia tela alguma para olhar — a tecnologia de vídeo era novidade, naquela época, e ainda teria de ser instalada na sala de cirurgia. Mas, ao longo da operação, Henry teve autorização para espiar várias vezes através do ocular do médico auxiliar. Henry observou enquanto Whaley avançava pelo sínus da esfenóide e atravessava-o, depois de ter removido sua parede frontal. Em seguida, ele habilmente lascou e perfurou na base óssea da fossa da pituitária e revelou, em menos de quarenta e cinco minutos, a glândula comprimida, inchada e arroxeadada, lá dentro.

Perowne observou bem de perto o toque decisivo da lâmina cirúrgica e viu o afluxo do coágulo escuro e do tumor ocre, da consistência de um mingau, que desaparecia pela ponta do sugador de Whaley. Diante da repentina aparição de um líquido claro — fluido espinal cerebral —, o cirurgião resolveu retirar gordura abdominal para um enxerto, a fim de estancar o vazamento. Fez uma pequena incisão transversal no baixo abdômen de Rosalind e, com um par de tesouras cirúrgicas, retirou um pedaço de gordura subcutânea, que depositou numa bacia oval. Com enorme delicadeza, o enxerto foi introduzido pelo nariz e colocado dentro do resto do sínus da esfenóide e mantido no lugar por meio de chumaços nasais.

A simplicidade de toda a operação parecia corporificar uma esplêndida contradição: o remédio era tão simples quanto o remendo de um bombeiro hidráulico, tão elementar quanto bloquear um vazamento — os nervos ópticos foram descomprimidos, e a ameaça à visão de Rosalind desapareceu. Contudo, a abertura de um acesso seguro rumo àquele local remoto e profundo, no interior da cabeça, era uma proeza da maestria técnica e da concentração. Penetrar direto pelo rosto, remover o tumor através do nariz, trazer o paciente de volta à vida, sem dor nem infecção, com a visão restaurada, era um milagre do engenho humano. Quase um século de fracassos e de sucessos parciais se achava por trás dessa técnica de operação, outros acessos experimentados e

rejeitados, e décadas de novas invenções foram necessárias, inclusive aquele microscópio e a iluminação por fibra óptica. O procedimento era delicado e arriscado — o espírito de benevolência, intensificado pela coragem de um número de circo na corda bamba. Até então, a intenção de Perowne de tornar-se um neurocirurgião tinha sido sempre teórica. Havia escolhido os cérebros porque eram mais interessantes do que bexigas ou do que as articulações do joelho. Agora, sua ambição tornou-se um desejo profundo. Quando teve início o fechamento da paciente e o rosto, aquele rosto lindo, em particular, foi recomposto sem o menor vestígio de desfiguração, ele sentiu-se empolgado quanto ao futuro e ávido de adquirir tal habilidade. Estava se apaixonando por uma vida. Estava também, é claro, se apaixonando. As duas coisas eram inseparáveis. Em sua exaltação, ainda reservou algum amor para o próprio mestre, o sr. Whaley, enquanto ele curvava o corpo pesado sobre suas tarefas minuciosas e rigorosas, respirando ruidosamente pelas narinas, por trás da máscara. Quando se certificou de que havia removido todo o tumor e o coágulo, retirou-se a largas passadas para ver outro paciente. Coube ao predatório médico auxiliar repor no lugar as lindas feições de Rosalind.

Será que foi inconveniente, da parte de Henry, tentar e conseguir instalar-se na sala de recuperação para que fosse a primeira pessoa a vê-la despertar? Será que ele pensava de fato que, com as suas sensações e a sua vontade envoltas em uma suave onda de morfina, ela notaria a presença dele e ficaria enlevada? Aconteceu que o atarefado anestesiista e a sua equipe puseram Perowne de lado. Mandaram que saísse e tratasse de ser útil em outra parte. Mas ele permaneceu ali, e estava parado alguns metros atrás da cabeça de Rosalind, quando ela começou a mexer-se. Pelo menos, viu os olhos dela se abrirem e seu rosto continuar imóvel, enquanto ela se esforçava para recordar seu lugar na história da própria existência, e viu o sorriso cauteloso e dolorido de Rosalind, quando começou a compreender que a sua visão estava voltando. Ainda não perfeita, mas ficaria, dali a algumas horas.

Dias depois, ele foi de fato útil, ao remover os pontos da face interna do seu lábio superior e ao ajudar a retirar os tampões nasais. Perowne se demorava, depois do fim do seu turno, para conversar com ela. Parecia isolada, pálida com a sua provação, soerguida em seus travesseiros, rodeada por manuais de direito,

o cabelo dividido em duas tranças pesadas de estudante. Seus únicos visitantes eram as duas garotas estudiosas com quem dividia um apartamento. Como falar era doloroso, ela bebia água entre uma frase e outra. Contou a ele que, três anos antes, quando tinha dezesseis anos, sua mãe havia morrido num acidente de carro e seu pai era o famoso poeta John Grammaticus, que vivia recluso num castelo perto dos Pireneus. Para estimular a memória de Henry, Rosalind mencionou, solícita, o poema “Monte Fuji”, que figura em todas as antologias escolares. Mas ela não pareceu se importar muito com o fato de ele jamais ter ouvido falar do poema nem do autor. Também não se importou de a formação de Henry ser menos exótica — uma pacata rua de subúrbio em Perivale, filho único, um pai de quem ele não se lembrava.

Depois que o seu caso amoroso, enfim, começou, meses mais tarde, após a meia-noite, na cabine de uma barçaça de passageiros, numa travessia para Bilbao, no inverno, Rosalind gracejava com ele a respeito da sua “longa e engenhosa campanha de sedução”. Uma obra-prima de aproximação furtiva, assim ela chamava, também. Mas o ritmo e o estilo foram determinados por ela. Desde o início, ele percebeu como seria fácil assustá-la. O isolamento de Rosalind não se limitava à enfermaria de neurologia. Estava sempre presente, uma espontaneidade freada pela cautela, o que baixava o nível de arrebatamento. Ela controlava suas palavras. Podia ficar abalada com um simples convite para um piquenique, no campo, com a chegada de surpresa de algum velho amigo, com ingressos grátis para o teatro, nessa mesma noite. Ela podia terminar aceitando as três propostas, mas a primeira resposta era sempre virar a cara, franzir as sobrancelhas, discretamente. Naquela época, sentia-se mais segura com seus livros de direito, no conhecido processo, já encerrado, de Donoghue contra Stevenson. Tamanha desconfiança da vida não podia deixar de estender-se até Perowne, se ele fizesse um gesto fora do habitual. Havia duas mulheres a considerar e, para ganhar a confiança da filha, teria de conhecer e apreciar tudo a respeito da mãe. Esse fantasma também teria de ser cortejado.

Marianne Grammaticus era menos lamentada do que continuamente citada. Era uma presença constante e repressora, a cuidar da filha e a vigiar junto com a filha. Era esse o segredo da introspecção e da cautela de Rosalind. A morte era absurda demais para merecer crédito — um bêbado, tarde da noite, avançou o

sinal, perto da Victoria Station — e três anos mais tarde, num certo plano, Rosalind ainda não aceitava isso. Continuou em contato silencioso com uma pessoa íntima e imaginária. Ela contava tudo à mãe, a quem sempre havia chamado pelo primeiro nome, mesmo quando era muito pequena. Também falava livremente sobre ela, com Henry, citava-a muitas vezes, de passagem, e imaginava suas possíveis reações. Marianne teria adorado, podia dizer Rosalind a respeito de um filme a que tinham acabado de assistir. Ou: Marianne me ensinou a fazer esta sopa de cebola, mas não consigo nunca um sabor tão bom quanto o da que ela fazia. Ou, a respeito da invasão das ilhas Falkland: o engraçado é que ela não teria sido contrária a essa guerra. Ela detestava o Galtieri. Após muitas semanas de amizade — afetuosa, fisicamente reprimida, não era na verdade nada mais que amizade —, Henry atreveu-se a perguntar a Rosalind o que sua mãe teria achado dele. Rosalind respondeu sem hesitar: “Ela teria adorado você”. Henry considerou isso importante e, mais tarde, nessa noite, beijou-a com uma liberdade fora do costume. Ela foi bastante receptiva, ainda que não totalmente arrebatada, e durante quase uma semana ficou muito atarefada, à noite, e não pôde encontrá-lo. A solidão e o estudo eram menos ameaçadores do que os beijos para o seu mundo interior. Ele começou a compreender que estava numa competição. Era da natureza das coisas que ele vencesse, mas só se avançasse no ritmo antiquado de um lêmure.

Dentro da oscilante cabine da embarcação, num beliche estreito, a questão foi, por fim, resolvida. Não foi nada fácil para Rosalind. Para amá-lo, ela teria de começar a abrir mão de sua amiga constante, a mãe. De manhã, quando acordou e lembrou a fronteira que havia atravessado, ela chorou — de alegria e também de dor, como tentou explicar para ele, o tempo todo, sem convencê-lo. A felicidade parecia a traição de um princípio, mas a felicidade era inevitável.

Saíram para o tombadilho, para contemplar o nascer do dia, acima do porto. Era um mundo agreste e estranho. Rajadas de chuva caíam voando sobre os baixos prédios de concreto da alfândega e eram atiradas contra os guindastes cinzentos por um vento severo, que gemia entre os cabos de aço. No cais, onde haviam se formado poças imensas, estava a figura solitária de um homem idoso, que manipulava uma corda pesada num poste de amarração. Vestia um casaco de couro, por cima de uma camisa de colarinho aberto. Na boca, tinha um

cigarro apagado. Quando terminou, caminhou lentamente, rumo ao armazém da alfândega, imune ao tempo chuvoso. Os dois deixaram o frio e desceram, de volta, os muitos andares de escada, até os úmidos porões da embarcação, e fizeram amor de novo, no seu espaço apertado, e depois ficaram deitados, quietos, ouvindo o sistema de som da barca anunciar que os passageiros a pé deviam desembarcar imediatamente. Mais uma vez, ela ficou chorosa e lhe disse que ultimamente não conseguia mais ouvir o timbre especial da voz da mãe. Seria uma despedida demorada. Muitos momentos bons como esse teriam a sua sombra. Mesmo então, quando os dois jaziam entrelaçados, ouvindo as batidas dos pés dos passageiros e as vozes abafadas que tomavam os corredores, ele entendeu a seriedade do que estava começando. Ao se interpor entre Rosalind e o seu fantasma, Perowne devia assumir responsabilidades. Havia assinado um contrato tácito. Em poucas palavras, fazer amor com Rosalind era casar com ela. No lugar dele, um homem sensato poderia entrar em pânico, com dignidade, mas a simplicidade do acordo não trouxe a Henry Perowne nada senão prazer.

Aqui está ela, quase um quarto de século depois, começando a se mexer em seus braços, adormecida e, de algum modo, consciente de que o seu despertador está prestes a tocar. O raiar do dia — em geral, um acontecimento rural, uma mera abstração nas cidades — ainda está a uma hora e meia de distância. O apetite da cidade para o trabalho num sábado é forte. Às seis horas, a Euston Road está a todo vapor. Agora, motocicletas ocasionais rugem acima do rumor geral, gemendo como serras elétricas. Também nessa altura do dia, vem o primeiro coro de sirenes da polícia, subindo e descendo em ondas de Doppler: já não é cedo demais para ações criminosas. Por fim, ela gira o corpo para ficar de frente para ele. Esse lado da forma humana exala um calor comunicativo. Enquanto se beijam, ele imagina os olhos verdes à procura dos seus. Esse ciclo, tão lugar-comum, de adormecer e despertar, no escuro, sob um abrigo privado, junto com outra criatura, um mamífero pálido, macio e meigo, unir os rostos num ritual de afeto, sucintamente determinado pelas eternas necessidades de calor, conforto, segurança, e entrelaçar os braços para

chegarem mais perto um do outro — um simples consolo cotidiano, quase óbvio demais, fácil de esquecer, à luz do dia. Algum poeta já escreveu sobre isso? Não sobre uma ocasião específica, mas sobre a repetição em si, ao longo dos anos. Ele tem de perguntar para a sua filha.

Rosalind diz:

— Tenho a impressão de que você ficou acordado a noite inteira.

Levantando da cama a toda hora.

— Fui lá embaixo, às quatro horas, e fiquei um pouco com o Theo.

— Ele está bem?

— Hã-hã.

Não é hora de lhe contar sobre o avião, ainda mais agora, quando a importância do fato se apagou. Quanto ao seu episódio de euforia, ele não tem, nesse momento, a inventividade de retratá-lo. Mais tarde. Fará isso mais tarde. Ela está acordando ao mesmo tempo que ele afunda. E, mesmo assim, a sua ereção continua, como que por meio de uma série de inalações, se inflando ao infinito. Nenhuma expiração. Talvez seja a exaustão que o deixa tão sensível. Ou cinco dias de abstinência. De todo modo, há algo familiarmente tenso na maneira como Rosalind se encolhe e chega mais perto, brindando-o com um excedente de calor corporal. Ele mesmo não se acha em condições de tomar iniciativas, prefere contar com a sorte, com as necessidades dela. Se nada acontecer, não importa. Nada o impedirá de pegar no sono.

Ela beija o seu nariz.

— Vou tentar pegar o meu pai direto do trabalho. Daisy vai chegar de Paris às sete. Você vai estar em casa?

— Hã-hã.

A sensual, a intelectual Daisy, de pequena estatura, pálida e correta. Que outra poeta aspirante pós-graduanda veste terninhos de saia curta e blusas brancas e frescas, raramente bebe e faz a parte principal do seu trabalho antes das nove da manhã? A sua menina, que escapuliu de suas mãos rumo ao eficiente mundo feminino de Paris, está à espera da publicação do seu primeiro livro de poemas, em maio. E não por alguma editora de fundo de quintal, mas por uma instituição veneranda, situada em Queen Square, bem em frente ao hospital onde ele estancou o seu primeiro aneurisma. Até o seu avô ranzinza,

bastante intolerante com respeito à literatura contemporânea, enviou do seu chalé uma carta quase ilegível que, após decifrada, revelou-se entusiástica. Perowne, que não era juiz dessas coisas, e estava contente por ela, é claro, ficara comovido com os versos líricos, com o fato de ela conhecer tanta coisa, ou sonhar de forma tão vivaz, sobre corpos de homens que ele jamais viu. Quem é aquele descarado cuja intumescência se assemelha a um “excitado regador de plantas” que se aproxima de uma “rosa peculiar”? Ou aquele outro que canta no chuveiro “como Caruso”, enquanto “passa xampu nas duas barbas”? Ele precisa refrear a sua indignação — não é propriamente uma reação literária. Vem tentando desvencilhar-se do sentimento possessivo paternal e encarar os poemas nos termos dos próprios poemas. Já gosta do verso menos carregado, mas ainda assim aterrador, num outro poema, que diz: “como todas/ as rosas cresceram num caule infestado de tubarões”. A menina pálida, com as rosas, não aparece em casa há bastante tempo. Sua chegada é um oásis no distante fim do dia.

— Amo você.

Não é só um sinal de afeição, pois Rosalind estende a mão para baixo, o segura com firmeza e, sem soltá-lo, vira-se e desarma o despertador, num esforço desajeitado que dispara estremecimentos musculares pelo colchão.

— Isso me deixa contente.

Beijam-se e ela diz:

— Fiquei meio acordada por um tempo, sentindo que você ficava com uma ereção, nas minhas costas.

— E que tal?

Ela sussurra.

— Me deu vontade de ter você. Mas não tenho muito tempo. Não posso me atrasar.

Que sedução sem o menor esforço! O desejo de Perowne se torna realidade, sem que ele precise levantar um dedo, motivo da inveja dos deuses e dos déspotas, Henry desperta do seu estupor para tomá-la em seus braços e beijá-la com ardor. Sim, ela está pronta. E assim termina a noite de Henry, e é aí que começa o seu dia, às seis da manhã, se perguntando se toda a essência do compromisso conjugal foi despejada, sem cuidado, em um momento: no

escuro, na posição papai-e-mamãe, às pressas, sem preâmbulo. Mas esses são aspectos exteriores. Agora, ele está livre de pensamentos, de lembranças, dos segundos que passam e do estado geral do mundo. Sexo é um meio diferente, refrata o tempo e os sentidos, um hiperespaço biológico tão remoto da vida consciente quanto os sonhos, ou quanto a água é do ar. Como sua mãe dizia, um outro elemento; o dia se modifica, Henry, quando a gente nada. E esse dia está destinado a se destacar dos demais.

*Jogada que consiste em lançar a bola em arco por cima do adversário. (N. T.)

2.

Existe grandeza nessa visão da vida. Ele desperta, ou pensa que desperta, ao som do secador de cabelo de Rosalind e de uma voz murmurante que repete uma frase e, mais tarde, depois de ter adormecido de novo, ouve o baque firme da porta do guarda-roupa dela ao abrir, o amplo guarda-roupa embutido, um dos dois, com luzes automáticas e um interior cheio de subdivisões, com folhas de compensado laqueadas e recantos profundos e aromáticos; mais tarde ainda, quando ela atravessa o quarto de um lado para outro, de pés descalços, ele ouve o sussurrar da seda da sua anágua, sem dúvida a preta, com figuras de tulipas em relevo, que ele trouxe de Milão; depois o sapatear atarefado dos saltos de suas botinhas, sobre o mármore do piso do banheiro, enquanto ela trata de seus preparativos finais, diante do espelho, pondo perfume, escovando o cabelo; e, durante todo esse tempo, o rádio de plástico, em formato de um golfinho azul que salta, preso por ventosas à parede em mosaico do chuveiro, toca a mesma frase, até que ele começa a sentir um contentamento religioso, enquanto o seu significado cresce — *Existe grandeza nessa visão da vida*, diz a frase, repetidas vezes.

Existe grandeza nessa visão da vida. Quando ele desperta, propriamente, duas horas depois de ela sair, o quarto está em silêncio. Há uma estreita faixa de luz onde a persiana deixa uma brecha. O dia parece ferozmente branco. Ele empurra as cobertas para o lado e deita-se sobre as costas, na parte da cama que cabe à esposa, nu no calor do aquecimento central, à espera de uma chance para empregar a frase. Darwin, é claro, da sua leitura na noite anterior, na banheira, no parágrafo final da sua grande obra, que Perowne jamais leu, de fato. Indulgente, pressionado, enfermo, Charles, em toda a sua humildade, chamando todas as minhocas e os ciclos planetários para ajudá-lo em um cumprimento de despedida. A fim de atenuar a mensagem, ele também

convocou o Criador, mas não o fez de coração e livrou-se Dele nas edições posteriores. Aquelas quinhentas páginas mereciam só uma conclusão: infinitas e lindas formas de vida, como vemos numa sebe comum, inclusive seres enaltecidos como nós, emergem a partir de leis físicas, da guerra da natureza, da fome e da morte. Essa é a grandeza. E um tipo de consolo revigorante, no breve privilégio da consciência.

Certa vez, numa caminhada perto de um rio — Eskdale, à baixa luz avermelhada do sol, com borrifos de neve —, sua filha citou-lhe um verso de abertura do seu poeta predileto. Ao que parece, não muitas mulheres gostavam de Philip Larkin, como ela gosta. “Se eu fosse chamado/ Para edificar uma religião/ Faria uso da água.” Ela disse que gostava desse lacônico “chamado” — como se ele pudesse ser chamado, como se alguém fosse. Detiveram-se para beber café de um cantil, e Perowne, fazendo um risco no líquen com o dedo, disse que, se um dia ele fosse chamado, usaria a evolução. Que mito da criação melhor do que esse pode existir? Uma extensão de tempo inimaginável, gerações inumeráveis, que geram, numa escala de graus infinitesimais, complexas belezas vivas a partir de matéria inerte, impelidas pelas fúrias cegas da mutação aleatória, da seleção natural e da mudança de ambiente, com a tragédia das formas que morrem continuamente e, por fim, a maravilha das mentes que emergem e, com elas, a moralidade, o amor, a arte, as cidades — e o prêmio sem precedentes de essa história vir a ser uma verdade demonstrável.

No fim dessa récita não de todo jocosa — estavam parados sobre uma ponte de pedras no entroncamento de dois córregos —, Daisy riu, baixou sua caneca e aplaudiu.

— Puxa, isso é que é uma autêntica religião, no velho estilo, quando você diz que é uma verdade demonstrável.

Sentiu falta dela nos últimos meses, e logo ela estará aqui. Coisa fora do comum num sábado, Theo prometeu ficar em casa esta noite, pelo menos até as onze. O plano de Perowne é fazer um peixe ensopado. Uma visita ao peixeiro é uma das tarefas mais simples que tem pela frente: peixe, mexilhões, mariscos, camarões sem pele. É essa lista prática e clara, são esses ingredientes picantes que o fazem sair da cama, enfim, e ir para o banheiro. Existe a opinião de que é vergonhoso, para um homem, sentar-se para urinar, porque é o que as mulheres

fazem. Relaxe! Ele senta, sentindo os últimos vestígios do sono dissolver-se, enquanto o seu fluxo rebate na privada. Tenta localizar uma fonte de vergonha completamente distinta, ou de culpa, ou de algo muito mais brando, como a lembrança de algum constrangimento ou tolice. Passou-lhe pelos pensamentos só alguns minutos antes e, agora, o que permanece é o sentimento sem a sua base racional. A sensação de ter se comportado ou falado de forma ridícula. Ou de ter feito papel de bobo. Sem a lembrança disso, ele não é capaz de desvencilhar-se da sensação. Mas quem se importa? As películas diáfanas do sono ainda retardam seus movimentos — ele as imagina semelhantes à aracnóide, aquela cobertura diáfana que envolve o cérebro, a qual ele corta rotineiramente. A grandeza. Deve ter ouvido a frase numa alucinação criada pelo ronco do secador de cabelo, e a confundiu com o noticiário do rádio. O luxo de estar semi-adormecido, explorando as margens da psicose, em segurança. Mas, quando caminhou através do ar até a janela, na noite anterior, estava perfeitamente acordado. Agora, tem ainda mais certeza disso.

Levanta-se e dá descarga. Pelo menos uma molécula de suas dejeções cairá sobre ele, um dia, em forma de chuva, segundo a matéria ridícula de uma revista que está na salinha de café do centro cirúrgico. Os números dizem isso, mas as probabilidades estatísticas não são a mesma coisa que a verdade. *Encontrar-nos-emos de novo, não sei onde, não sei quando.* Enquanto cantarola essa canção do tempo da guerra, percorre o vasto piso de mármore verde e branco, rumo à pia, para barbear-se. Sente-se incompleto sem esse rito matinal, mesmo num dia de folga. Preciso aprender com o Theo a relaxar. Mas Henry gosta da tigela de madeira, do pincel de pêlos de texugo, do extravagante e descartável barbeador de três lâminas, de cabo arqueado e com sulcos, de cor verde-selva — correr essa jóia da indústria sobre a carne familiar aguça seus pensamentos. Ele devia prestar atenção ao que William James escreveu sobre esquecer uma palavra ou um nome; uma forma sedutora e vazia permanece, à beira de definir a idéia que ela antes continha, mas não a define, de maneira nenhuma. Mesmo quando lutamos contra o torpor da memória ruim, sabemos com precisão o que não é a coisa esquecida. James tinha a habilidade de concentrar-se no lugar-comum surpreendente — e, na modesta opinião de Perowne, escrevia uma prosa mais afiada que a do irmão meticoloso, que

preferia andar em volta de uma coisa, de uma porção de maneiras diferentes, a chamá-la pelo nome. Daisy, o árbitro da sua educação literária, jamais concordaria. Ela redigiu um longo trabalho, na graduação, sobre os últimos romances de Henry James, e pode citar de memória um trecho de *O vaso de ouro*. Ela também sabe de cor uma porção de poemas que aprendeu quando adolescente, um meio de ganhar uns trocados do avô. Sua formação foi muito diferente da de seu pai. Não admira que os dois gostem de discutir. O que Daisy sabe! Incitado pela filha, ele tentou o romance sobre a menina que padece por causa do torpe divórcio dos pais. Um tema promissor, mas a pobre Maisie logo desapareceu, atrás de uma nuvem de palavras e, na página quarenta e oito, Perowne, que consegue ficar seis horas de pé numa cirurgia difícil, que tem o nome registrado na Maratona de Londres, desistiu, esgotado. Mesmo o conto sobre a xará de sua filha o decepcionou. O que pode um adulto concluir ou sentir a respeito do previsível declínio de Daisy Miller? Que o mundo pode ser brutal? Não basta. Ele se detém diante da torneira, a fim de enxaguar o rosto. Talvez, pelo menos nesse aspecto, ele esteja ficando como Darwin, em seus últimos anos, que achava Shakespeare chato, a ponto de ter enjoô. Perowne conta com Daisy para refinar a sua sensibilidade.

Totalmente desperto, afinal, ele volta para o quarto, de súbito impaciente para se vestir e livrar-se de vários embaraços do quarto, do sono e da insônia e do pensamento superaquecido, e até do sexo. A cama desfeita, com seu aspecto pornográfico de ruína, corporifica todos esses elementos. É esclarecedor ficar sem desejo. Ainda despido, ajeita rapidamente a roupa de cama, pega uns travesseiros do chão, joga na cabeceira e vai para o quarto de vestir, para o canto onde guarda seu material esportivo. São esses os pequenos prazeres no começo de uma manhã de sábado — a promessa do café e a sua surrada roupa de jogar squash. Daisy, que se veste muito bem, o denomina carinhosamente de sua fantasia de espantalho. O calção azul está desbotado por manchas de suor que não saem. Por cima de uma camiseta cinzenta, ele veste um blusão de caxemira, com buracos de traça no peito. Por cima do calção, uma calça folgada de fazer exercícios, presa por um cadarço na cintura. As meias brancas

de um tecido atoalhado e espinhento, com faixas amarelas e cor-de-rosa em cima, têm um toque de roupa de criança. Tirá-las da caixa exala um aroma acolhedor de lavanderia. Os sapatos de jogar squash têm um cheiro pronunciado, que mistura o sintético e o animal, e que lhe traz à memória a quadra, as paredes brancas e limpas, as regras inquestionáveis do combate de gladiadores e o placar.

É inútil fingir que não se importa com o placar. Ele perdeu, na semana passada, a partida contra Jay Strauss, mas, quando atravessa o quarto com seus passos largos, acolchoados e saltitantes, Henry sente que hoje vai ganhar. Recorda como deslizou sobre esse mesmo trecho do quarto durante a noite e, quando abre as mesmas persianas, a bobagem semilembada quase retorna para ele. Mas é instantaneamente dispersada pelo jato da luz do sol baixo, de inverno, e pelo repentino interesse pelo que se passa na praça.

À primeira vista, parecem duas meninas no fim da adolescência, frágeis e com rostos delicados e pálidos, e com roupas leves demais para fevereiro. Podiam ser irmãs, paradas junto às grades dos jardins centrais, despercebidas pelos passantes, isoladas num drama familiar próprio. Em seguida, Perowne conclui que a figura voltada para ele é um rapaz. É difícil saber, porque usa um capacete de ciclista, sob o qual desce encaracolado um cabelo castanho e espesso. Perowne se convence pela postura, pelo modo como os pés estão plantados, separados um do outro, pela grossura do pulso, quando ele põe a mão no ombro da garota. Ela rechaça sua mão. Está nervosa e chora, tem os movimentos indecisos — ela ergue as mãos para cobrir o rosto, mas, quando o rapaz chega mais perto para puxá-la para si, ela desfere socos inúteis contra o seu peito, como uma antiquada heroína de filmes de Hollywood. Afasta-se dele, mas não vai embora. Perowne pensa ver no rosto da moça algo que recorda o delicado rosto oval da sua filha, o queixo pequeno e gracioso. Depois de fazer essa associação, ele observa com mais cuidado. Ela quer o rapaz, ela o odeia. O aspecto dele é feroz, aguçado pela avidez. Será por ela? Ele não a deixa ir embora e não pára de falar, insistir, persuadir, no intuito de convencê-la ou apaziguá-la. Repetidas vezes, a mão esquerda da moça corre para as costas, a fim de entrar por baixo da camiseta e coçar com força. Faz isso de maneira compulsiva, mesmo quando grita e, sem ânimo, empurra o rapaz para longe.

Formigamento induzido por anfetamina — as formigas fantasmas que escalam pelas artérias e veias, o prurido que nunca pode ser alcançado. Ou uma reação exógena da histamina, induzida pelo ópio, comum entre novos usuários. A palidez e a excesso emocional o revelam. São viciados, sem dúvida. Uma remessa de droga que não foi entregue, e não algum problema familiar, está por trás do aborrecimento da moça e do inútil consolo do rapaz.

As pessoas muitas vezes perambulam pela praça a fim de encenar os seus dramas. Obviamente, uma rua não serve. As paixões precisam de espaço, o espaço de atenção de um teatro. Numa outra escala, pensa Perowne, levado agora, pela luz do sol e por um dia fresco, para a sua preocupação de costume, podia ser esse o atrativo do deserto do Iraque — a paisagem plana e supostamente vazia, que se assemelha ao mapa de um estrategista, onde uma fúria de proporções industriais pode se desencadear. Um deserto, dizem, é o sonho de um estrategista militar. Uma praça na cidade é o equivalente privado. No domingo anterior, havia um rapaz que caminhou de uma ponta à outra da praça, a passos largos, durante duas horas, gritando no seu telefone, sua voz diminuía toda vez que se afastava para o sul e aumentava, na sombra da tarde, quando voltava. Na manhã seguinte, a caminho do trabalho, Perowne viu uma mulher tomar o telefone da mão do marido e espatifá-lo contra a calçada. No mesmo mês, havia um sujeito de terno escuro, de joelhos, com o guarda-chuva do lado, aparentemente com a cabeça enfiada na grade do jardim. Na verdade, estava agarrado às barras de ferro e chorava. A velha com a garrafa de uísque jamais soltaria seus gritos e grasnidos na estreiteza de uma rua, não por três horas seguidas. O aspecto público da praça assegura privacidade para tais dramas íntimos. Casais vêm conversar ou chorar em silêncio, nos bancos. Ao emergir de quartos pequenos, em apartamentos alugados do governo, ou de casas com varanda, e de ruas transversais apinhadas de gente, para o cenário mais amplo de um céu generoso, de altas árvores niveladas e de grama, de espaço e de vegetação, as pessoas se lembram de suas necessidades essenciais e de como não as estão satisfazendo.

Mas não existe, também, uma escassez de felicidade. Perowne pode ver isso agora mesmo, na extremidade oposta, na hospedaria indiana, quando abre as outras persianas e o quarto se enche de luz. Existe um entusiasmo genuíno

nessa parte da praça. Dois rapazes asiáticos em roupas de praticar esporte — ele os reconhece da banca de jornais da rua Warren — estão descarregando uma caminhonete e pondo a carga num carrinho de mão, na calçada. Os cartazes já formam uma pilha alta, e os estandartes dobrados, os broches de lapela, os apitos, os chocalhos e as cornetas de torcida de futebol, os chapéus engraçados e as máscaras de borracha com o rosto de políticos — Bush e Blair, em pilhas oscilantes, as caras de cima olham estupefatas para o céu, sinistramente brancas, sob a luz do sol. A rua Gower, alguns quarteirões adiante, para o leste, é um dos pontos de partida da passeata, e uma parte do excedente de manifestantes chegou até ali. Uma pequena multidão ao redor do carrinho de mão quer comprar alguma coisa, ainda antes de os vendedores estarem prontos. Perowne acha desnorteante a alegria geral. Há famílias inteiras, uma com quatro filhos de vários tamanhos, com casacos vermelhos e brilhantes, nitidamente instruídos a ficarem de mãos dadas; e estudantes, e um bando de senhoras grisalhas, com anoraques acolchoados e sapatos sólidos. O Instituto das Mulheres, talvez. Um dos homens com trajes de correr levanta as mãos, no gesto jocoso de quem se rende, e o seu amigo, de pé, na traseira da caminhonete, faz a primeira venda. Enxotados pela agitação, os pombos da praça voam, giram e mergulham no ar, em formação. À espera deles, embaixo, num banco, ao lado de uma lixeira, está um homem de rosto vermelho, envolto num cobertor cinzento, com um pão partido a postos em seu colo. Entre os filhos de Perowne, “alimentador de pombos” é um sinônimo de deficiente mental. Por trás da multidão que cerca o carrinho de mão, está um bando de crianças, de casacos de couro e com o cabelo cortado curto, que observam com sorrisos tolerantes. Elas já desenrolaram suas flâmulas, que declaram, simplesmente: Paz e não Palavras de Ordem!

O cenário tem um ar de inocência e de extravagância inglesa. Perowne, vestido para o combate na quadra, imagina-se como Saddam, inspecionando a multidão com satisfação, de alguma sacada ministerial em Bagdá: os eleitores de bom coração das democracias ocidentais jamais permitirão que os governos deles ataquem o seu país. Mas está enganado. A única coisa que Perowne pensa que sabe sobre essa guerra é que ela vai acontecer. Com ou sem a ONU. As tropas estão em posição de combate, terão de lutar. Desde quando tratou o

aneurisma de um professor iraquiano de história antiga, viu as suas cicatrizes de tortura e ouviu as suas histórias, Perowne teve idéias ambivalentes, ou confusas e oscilantes, acerca da invasão iminente. Miri Taleb tem quase setenta anos, um homem de constituição frágil, quase feminina, com um riso nervoso, uma risada relinchante, que pode ter algo a ver com o tempo que passou na prisão. Fez o Ph.D. na universidade de Londres e fala muito bem o inglês. Sua especialidade é a civilização sumeriana e, durante mais de vinte anos, lecionou na universidade de Bagdá e participou de várias pesquisas arqueológicas na área do rio Eufrates. Sua prisão ocorreu numa tarde de inverno, em 1994, a caminho da sala onde estava prestes a dar uma aula. Seus alunos estavam à sua espera, lá dentro, e não viram o que aconteceu. Três homens mostraram suas carteiras do serviço de segurança e lhe pediram que fosse com eles até o carro. Lá, o algemaram, e foi nesse momento que começaram as suas torturas. As algemas eram tão apertadas que, durante dezesseis horas, até serem retiradas, ele não conseguiu pensar em nada, senão na dor. Teve lesões permanentes nos dois ombros. Durante os dez meses seguintes, foi levado para várias cadeias, através do Iraque central. Não tinha idéia do que significava esse deslocamento e não tinha meios de informar sua esposa de que ainda estava vivo. Nem no dia da sua libertação conseguiu saber quais eram as acusações contra ele.

Perowne ouviu o professor em seu gabinete e, mais tarde, conversou com ele na enfermaria, depois da cirurgia — felizmente, um sucesso completo. Para um homem à beira do septuagésimo aniversário, Taleb tem uma aparência fora do comum — uma pele lisa de criança e cílios grandes, um bigode negro, cuidadosamente penteado, sem dúvida, tingido. No Iraque, não tinha nenhum interesse ou envolvimento em política e recusou-se a ingressar no partido Baath. Pode ter sido essa a causa de seus problemas. Também pode ter sido o fato de um dos primos de sua esposa, falecido havia muito tempo, ter sido membro do partido comunista, ou porque outro primo recebeu uma carta do Irã, mandada por um amigo, exilado por causa da suposta ascendência iraniana; ou porque o marido de uma sobrinha se recusou a regressar do Canadá, onde trabalhava como professor. Outro motivo possível era que o próprio professor tinha viajado para a Turquia, para orientar escavações arqueológicas. Ele não ficou especialmente surpreso com a sua prisão, nem sua esposa ficaria. Ambos

sabiam, todos sabiam, qualquer um podia ser levado preso por um tempo, ser torturado, talvez, e depois ser solto. As pessoas, de repente, reapareciam no trabalho e não falavam de suas experiências, e ninguém se atrevia a perguntar — havia informantes demais, em volta, e qualquer curiosidade inconveniente poderia levar a pessoa para a prisão. Alguns voltavam em caixões lacrados — era estritamente proibido abrir o caixão. Era comum ouvir falar que amigos e conhecidos faziam ronda pelos hospitais, delegacias de polícia e órgãos do governo, na esperança de obter notícias de seus parentes.

Miri passou seu tempo de prisão em cadeias fétidas e abafadas — dois metros por três, com vinte e cinco homens espremidos lá dentro. E quem eram eles? O professor ria, sem a menor alegria. Não era a esperada mistura de criminosos comuns com intelectuais. Em geral, eram pessoas perfeitamente comuns, presas por não mostrarem a licença de um carro, ou por terem discutido com um homem que vinha a ser uma autoridade do partido, ou porque seus filhos foram coagidos, na escola, a dizer que os pais, à mesa de jantar, faziam comentários desabonadores sobre Saddam. Ou porque se recusaram a ingressar no partido durante uma das numerosas campanhas de recrutamento. Outro crime comum era ter um membro da família acusado de desertar do exército.

Nas celas, havia também funcionários do serviço de segurança e policiais. Os vários departamentos de segurança viviam num estado de competição nervosa, entre si, e os agentes tinham de trabalhar, cada vez mais, para mostrar como eram diligentes. Ramificações inteiras da segurança podiam ficar sob suspeita. A tortura era rotineira — Miri e seus companheiros ouviam os gritos, de suas celas, e esperavam ser chamados. Pancadas, choques elétricos, estupro anal, afogamento, espancamento da sola dos pés. Todos, desde altas autoridades até varredores de rua, viviam num estado de angústia, de medo constante. Henry viu as cicatrizes nas nádegas e nas coxas de Taleb, onde foi surrado com o que supôs ser o ramo de algum arbusto espinhoso. Os homens que o espancaram o fizeram sem raiva, só com uma energia de rotina — tinham pavor do seu supervisor. E esse homem, por sua vez, estava apavorado por causa da posição que ocupava, ou por sua liberdade no futuro, em virtude de uma fuga ocorrida no ano anterior.

— Todos odeiam isso — contou Taleb para Perowne. — Veja, é só o terror

que mantém a nação unida, o sistema todo funciona com base no medo, e ninguém sabe como detê-lo. Agora, os americanos estão chegando, talvez por razões ruins. Mas Saddam e os baathistas irão embora. E depois, meu amigo médico, vou pagar um jantar para o senhor, num bom restaurante iraquiano, em Londres.

O casal adolescente seguiu para o outro lado da praça. Resignada àquilo que estava indo pegar, ou ansiosa para obtê-lo, ela deixa o rapaz pôr o braço em volta dos seus ombros e a sua cabeça recosta-se nele. Ela ainda está se coçando com a mão livre, na cintura e na parte de baixo das costas, por baixo da camisa. Essa garota devia estar com um casaco. Até daqui ele pode ver, na pele, as riscas cor-de-rosa causadas pelas suas unhas. Um traço tirânico da moda a obriga a desnudar o umbigo, o seu diafragma, diante da friagem de fevereiro. O prurido sugere que a sua tolerância à heroína ainda não está bem desenvolvida. Ela é nova no ramo. Precisa é de um antagonista opióide, como a naloxona, para reverter o efeito. Henry saiu do quarto e deteve-se na beira da escada, de frente para o candelabro francês, do século XIX, suspenso no teto alto, e pensa em ir atrás dela, com uma receita; afinal, ele está com trajes de correr. Mas ela também precisa de um namorado que não seja traficante. E de uma vida nova. Começa a descer a escada enquanto, acima dele, os pingentes de vidro do candelabro tilintam e badalam com as vibrações do metrô da linha de Victoria, bem distante, por baixo da casa, que reduz a velocidade ao se aproximar da estação da rua Warren. Perturba-o pensar nas correntes poderosas e na sintonia fina que modificam os destinos, as influências próximas e remotas, os acidentes de caráter e de circunstância que levam uma jovem, em Paris, a guardar na sua mala de fim de semana as provas encadernadas do seu primeiro livro de poemas, antes de pegar o trem rumo a uma casa em Londres, onde será acolhida com alegria, enquanto uma outra jovem da mesma idade é levada por um rapaz persuasivo rumo a um momentâneo êxtase químico, que irá cegá-la para os seus tormentos, como um opiáceo bloqueia os seus receptores *mu*.

O timbre do silêncio, na casa, Perowne não pode deixar de pensar, de modo anticientífico, se torna mais espesso com o fato de Theo estar profundamente

adormecido, no terceiro andar, de cara para baixo, debaixo do edredom, em sua cama de casal. Algumas horas de alheamento ainda estão à sua frente. Quando acordar, Theo vai ouvir a música gerada pelo seu equipamento de som, por via da internet, vai tomar banho de chuveiro e conversar ao telefone. A fome não o levará para fora do quarto senão no início da tarde, quando vai descer para a cozinha e tomar conta dela, dando outros telefonemas, pondo CDs para tocar, bebendo meio litro ou um litro inteiro de suco e preparando uma salada, em meio a uma grande bagunça, ou tomar um jarro de iogurte, tâmaras, mel, frutas e nozes picadas. Essa nutrição, para Henry, parece incompatível com o blues.

Ao chegar ao primeiro andar, pára na porta da biblioteca, o aposento mais imponente de toda a casa, momentaneamente atraído pelo modo como a luz do sol, que se infiltra pelas cortinas altas, de gaze, cor de mingau de aveia, inunda o cômodo com uma luminosidade grave, castanha e livresca. A coleção foi reunida por Marianne. Henry jamais pensou que, um dia, iria morar no tipo de casa que tem uma biblioteca. Uma de suas ambições é passar os fins de semana inteiros ali dentro, estirado em um dos sofás Knole, com uma caneca de café a seu lado, lendo alguma obra-prima mundial, talvez em tradução. Não tem em mente um livro em especial. Acha que seria uma boa coisa entender o que quer dizer, o que Daisy quer dizer quando fala nisso, gênio literário. Não tem certeza de haver, algum dia, experimentado o negócio em primeira mão, apesar das várias tentativas. Chega a duvidar, em parte, da existência de tal coisa. Mas seu tempo livre é sempre fragmentado, não só por pequenos afazeres, por obrigações familiares e por atividades esportivas, mas também pela agitação que vem junto com essas ilhas semanais de liberdade. Não quer gastar seus dias de folga deitado, ou sequer sentado. Nem quer, de fato, ser um espectador de outras vidas, de vidas imaginárias — a despeito de, nas últimas horas, ter consumido um número incomum de minutos espiando pela janela do quarto. E a Perowne interessa ainda menos ter o mundo reinventado; ele o quer explicado. A época já é estranha demais. Para que inventar coisas? Ele não parece ter dedicação para ler muitos livros até o fim. Só no trabalho ele tem um propósito firme; no lazer, é impaciente demais. Fica surpreso com aquilo que as pessoas dizem realizar em seu tempo livre, passar quatro ou cinco horas por dia na frente da tevê, para manter a média nacional. Durante uma calmaria nas

operações, na semana anterior — o microdoppler quebrou, e a peça substituta tinha de vir de outro centro cirúrgico —, Jay Strauss afastou-se dos monitores e dos controles da sua máquina de anestesia e, esticando os braços e bocejando, disse que tinha ficado acordado até tarde da noite, para terminar a leitura de um romance de oitocentas páginas, de algum novo prodígio americano. Perowne ficou impressionado, e incomodado — será que simplesmente lhe faltava seriedade?

De fato, sob as orientações de Daisy, Henry leu *Anna Kariênina* e *Madame Bovary* inteiros, duas obras-primas consagradas. Ao preço de retardar os seus processos mentais e perder muitas horas do seu tempo precioso, ele se envolveu nas tortuosas complicações desses sofisticados contos de fadas. O que assimilou, no final? Que o adultério é compreensível, mas errado, que as mulheres no século XIX penavam muito por causa disso, que Moscou e a região rural russa e a França provinciana eram daquele jeito, no passado. Se, como disse Daisy, o gênio estava no detalhe, então ele era indiferente. Os detalhes eram bastante perspicazes e convincentes, mas, seguramente, não muito difíceis de dominar se a pessoa fosse um observador equidistante e tivesse a paciência de anotá-los no papel. Esses livros eram produtos da acumulação tenaz e laboriosa.

Tinham a virtude, pelo menos, de representar uma realidade física reconhecível, o que não se podia dizer dos chamados realistas mágicos, que ela escolheu para estudar no seu último ano. O que esses autores de reputação — homens e mulheres adultos, do século XX — estavam fazendo, ao atribuir poderes sobrenaturais a seus personagens? Ele jamais conseguiu ler até o fim um único desses maçantes bolos confeitados. E escritos para adultos, não para crianças. Em mais de um deles, os heróis e as heroínas nasciam com asas, ou as viam crescer, depois — um símbolo, nas palavras de Daisy, da sua liminaridade; naturalmente, aprender a voar tornou-se uma metáfora para a aspiração audaciosa. Outros eram aquinhoados com um sentido mágico de olfato, ou caíam de aviões em pleno vôo e saíam ilesos. Um visionário via, através da janela de um bar, os seus pais, como eram algumas semanas após a sua concepção, conversando sobre a possibilidade de fazer um aborto.

Um homem que tenta atenuar as desgraças de mentes lesionadas restaurando cérebros está fadado a respeitar o mundo material, os seus limites, e aquilo que

ele pode sustentar — a consciência, nada menos do que isso. Não se trata de uma questão de fé, para ele, Perowne conhece isso como um fato cotidiano, a mente é aquilo que o cérebro, pura matéria, executa. Se é algo que causa espanto, também merece a curiosidade; a realidade, não a magia, devia ser o desafio. Essa lista de leituras convenceu Perowne de que o sobrenatural era o expediente de uma imaginação insuficiente, era a negligência de um dever, uma infantil evasão das dificuldades e das maravilhas do real, da rigorosa reconstituição do plausível.

“Chega de anões sonhadores e mágicos”, protestou com a filha, pelo correio, depois de lançar a sua invectiva. “Por favor, chega de fantasmas, de anjos, de satãs e de metamorfoses. Quando qualquer coisa pode acontecer, nada tem grande importância. Tudo isso é *kitsch*, para mim.”

“Seu bobo”, censurou-o a filha num cartão-postal, “seu cabeça-dura. Isso é literatura, não é física!”

Nunca, até então, haviam travado uma de suas freqüentes discussões pelo correio. Ele respondeu: “Vá dizer isso para o seu Flaubert e o seu Tolstói. Não há, neles, ninguém com asas”.

Ela retrucou, na volta do correio: “Veja de novo a sua Madame Bovary”, e seguia uma série de indicações de páginas. “Ele estava prevenindo o mundo contra pessoas *exatamente como você*” — as últimas três palavras vinham sublinhadas com força.

Até então, as listas de leitura de Daisy o haviam persuadido de que a ficção é excessivamente marcada pela imperfeição humana, muito dispersiva e incerta para inspirar uma admiração simples pela grandeza do engenho humano, pelo impossível alcançado de forma deslumbrante. Talvez só a música tivesse tal pureza. Acima de todos, ele admirava Bach, sobretudo a música para cravo; ontem, ouviu as duas partitas na sala de cirurgia, enquanto operava o astrocitoma de Andrea. E, então, há os suspeitos habituais — Mozart, Beethoven, Schubert. Os seus ídolos do jazz, Evans, Davis, Coltrane. Cézanne, entre vários pintores, certas catedrais que Henry visitara nas férias. Além da arte, a sua lista de realizações sublimes incluía a Teoria Geral, de Einstein, cuja matemática ele apreendeu, de forma resumida, quando tinha vinte e poucos anos. Devia fazer essa lista, resolveu, enquanto descia os largos degraus de pedra

até o térreo, embora saiba que nunca o fará. Um trabalho que a pessoa mesma não consegue se imaginar realizando, que torna patente um elemento impiedoso, quase desumano, de perfeição encerrada em si mesma — aí está a sua idéia de gênio. Aquela idéia de Daisy, de que as pessoas não podem viver sem histórias, é simplesmente falsa. Ele é uma prova viva disso.

Na porta da frente, pega a correspondência e os jornais. Enquanto caminha até a cozinha, lê as manchetes. Blix diz à ONU que os iraquianos estão começando a cooperar. Em resposta, espera-se que o primeiro-ministro enfatize, num discurso em Glasgow, hoje, as razões humanitárias da guerra. Na opinião de Perowne, o único ponto digno de menção. Mas a explicação do primeiro-ministro, mais tarde, soa cínica. Henry espera que a sua notícia pessoal, ocorrida às quatro e meia, tenha chegado às edições tardias dos jornais, em Londres. Mas não há nada.

Ninguém esteve na cozinha, desde que ele saíra dali. Na mesa, está a sua xícara, a garrafa de água mineral vazia, de Theo, e, ao lado, o controle remoto. Ainda é ligeiramente surpreendente, essa rígida fidelidade dos objetos, às vezes tranquilizadora, outras vezes sinistra. Pega o controle remoto, liga o televisor, aperta o botão que retira o som — ainda faltam muitos minutos para o noticiário das nove horas — e enche a chaleira. Que aperfeiçoamentos simples alçaram a humilde chaleira a esse cume de refinamento: o formato de cântaro para aumentar a eficiência, feita de plástico para aumentar a segurança, bico largo para entornar mais facilmente e uma pequena base grossa para receber a energia elétrica. Ele nunca reclamou do estilo antigo — a tampa de estanho que emperrava, a grossa tomada fêmea preta, à espera para eletrocutar mãos molhadas, pareciam fazer parte da natureza das coisas. Mas alguém refletiu sobre tudo isso com cuidado e, agora, não há como voltar atrás. O mundo deve anotar isto: nem tudo está piorando.

As notícias chegam enquanto ele está moendo os grãos de café. A nova locutora é uma mulher bonita, de pele escura, cujas sobrancelhas depiladas e muito arqueadas exprimem surpresa diante do desafio de mais uma manhã. Primeiro, imagens de uma ponte, em uma auto-estrada, por onde passa uma infinidade de ônibus com manifestantes, que acorrem à cidade para o que se espera que seja a maior manifestação de protesto jamais vista. Em seguida, um

repórter no meio de um ajuntamento inicial de manifestantes, no Aterro. Toda essa felicidade em exibição é suspeita. Todos se emocionam quando ficam juntos, nas ruas — as pessoas tanto abraçam a si mesmas, ao que parece, quanto se abraçam mutuamente. Se elas pensam — e podem ter razão — que a continuação da tortura, das execuções sumárias, da limpeza étnica e dos genocídios eventuais é preferível a uma invasão, deviam ter um aspecto mais sótano. O avião, o avião de Henry, é o segundo assunto. As mesmas imagens e só alguns detalhes a mais: uma falha elétrica é a causa possível do incêndio. Parados junto a alguns policiais, os dois russos — o piloto, um sujeito mirrado, de cabelo oleoso, e o co-piloto, gorducho e estranhamente alegre. Parecem bronzeados de sol, ou talvez sejam de uma das repúblicas do sul. As declinantes chances de vida de uma notícia frustrante — nenhum vilão, nenhuma morte, nenhum desfecho em suspenso — são reanimadas por uma dose de controvérsia fabricada: localizou-se um especialista em aviação que está disposto a dizer que foi imprudência trazer um avião em chamas por cima de uma área densamente povoada, quando havia outras opções. Um representante das autoridades do aeroporto diz que não houve ameaça nenhuma para os londrinos. O governo nada comentou, ainda.

Ele desliga a tevê, puxa um banco e se instala diante do seu café e do telefone. Antes que seu sábado possa começar, tem de dar um telefonema de trabalho para o hospital. Liga para o setor de tratamento intensivo e pede para falar com o enfermeiro de serviço. Enquanto alguém vai buscá-lo, ele ouve o familiar murmúrio ao fundo, a voz de um porteiro, que ele reconhece, um caderno ou uma pasta batida contra a mesa.

Em seguida, ouve o tom inexpressivo de uma mulher ocupada dizer:

- UTI.
- Deirdre? Pensei que fosse o fim de semana do Charles.
- Ele está fora de serviço, por causa da gripe, doutor Perowne.
- Como vai a Andrea?
- Escala de coma de Glasgow, 15. Boa oxigenação, não está confusa.
- E a drenagem ventricular externa?
- Continua drenando por volta de cinco centímetros. Estou pensando em levá-la de volta para a enfermaria.

— Então está bem — disse Perowne. — Você pode dizer ao anestesista que estou satisfeito por ela ir para a enfermaria. — Está prestes a desligar, quando acrescenta: — Ela está dando algum trabalho a vocês?

— Está abatida demais com tudo o que passou, doutor Perowne. Nós a adoramos desse jeito.

Ele pega as chaves, o telefone e o controle remoto da garagem, num prato de prata, ao lado dos blocos de receita. Sua carteira está num sobretudo, pendurado num quarto, atrás da cozinha, na porta da adega de vinhos. Sua raquete de squash está lá em cima, no térreo, num armário da lavanderia. Veste um velho casaco de pele, de montanhista, e está prestes a examinar o alarme contra roubo quando lembra que Theo está lá dentro. Ao sair e virar-se para fechar a porta, ouve o guincho das gaivotas que vêm do interior para a boa colheita da cidade. O sol está baixo e só metade da praça — a sua metade — recebe a luz do sol. Ele se afasta da praça, caminhando pela calçada úmida e ofuscante, espantado com o frescor do dia. O ar tem um gosto quase limpo. Tem a impressão de caminhar sobre uma superfície natural, por alguma praia selvagem, sobre um liso píer de basalto, que ele recorda vagamente, de umas férias na infância. Deve ser o pio das gaivotas que o trazem à memória. Chega a lembrar-se do gosto do borrifo de um mar turbulento e verde-azulado e, quando chega à rua Warren, lembra-se de que não pode esquecer de ir ao peixeiro. Animado pelo café, e pelo movimento, afinal, bem como pela perspectiva da partida e do toque confortável do estojo da raquete em sua mão, ele acelera o passo.

As ruas ao redor, por aqui ficam em geral vazias no fim de semana, porém mais adiante, na Euston Road, uma enorme multidão abre caminho para leste, rumo à rua Gower, e na própria Euston Road, arrastando-se nas travessas voltadas para o leste, estão os mesmos ônibus, colados uns atrás dos outros, que ele viu no noticiário. Os passageiros estão amontoados nas janelas, ansiosos para sair e juntar-se aos demais. Puseram para fora os seus cartazes, junto com as bandeiras de futebol e os nomes das cidades do interior da Inglaterra — Stratford, Gloucester, Evesham. A multidão impaciente nas calçadas já ensaia

algum ruído — um trombone, uma buzina de carro, um tambor de couro. Há furiosas palavras de ordem ensaiadas, que, a princípio, ele não consegue entender. Pam-pam-pam. Não ataquem o Iraque. Cartazes ainda fora de ação estão inclinados, num ângulo descontraído, apoiados sobre os ombros. Não em Meu Nome passa uma porção de vezes. A enjoativa auto-estima sugere um novo mundo maravilhoso do protesto, com os atarantados consumidores de xampus e de bebidas leves reivindicando sentir-se bem, ou bonitos. Henry prefere os indolentes Abaixo com Tudo Isso. Passa o cartaz de um dos grupos organizadores — Associação Britânica de Muçulmanos. Henry se lembra bem dessa organização. Há pouco, explicaram em seu jornal que a apostasia, segundo o Islã, era um crime punido com a morte. Atrás, vem uma faixa que anuncia o Coro Feminino de Swaffham, e depois, Judeus Contra a Guerra.

Na rua Warren, ele vira à direita. Agora, tem vista para o leste, na direção da Tottenham Court Road. Lá, existe uma multidão ainda maior, inflada por centenas de pessoas, vomitadas da estação de metrô. Iluminadas por trás pelo sol baixo, silhuetas irrompem e fundem-se numa massa mais escura, mas ainda é possível ver uma banca de livros improvisada e uma barraca de cachorro-quente, instalada, na cara-de-pau, bem na frente de um McDonald's, na esquina. É uma surpresa o número de crianças presentes, e até bebês, em seus carrinhos. Apesar do seu ceticismo, Perowne, de tênis com sola branca, segurando com firmeza a sua raquete, sente a sedução e o entusiasmo típico de tais eventos; uma multidão toma conta das ruas, dezenas de milhares de estranhos convergem com o mesmo propósito e transmitem uma sugestão de júbilo revolucionário.

Ele poderia estar junto com eles, pelo menos em espírito, pois agora nada o impedirá de jogar a sua partida, se o professor Taleb não tivesse precisado estancar um aneurisma na sua artéria cerebral média. Nos meses que se seguiram àquelas conversas, Perowne lançou-se a uma leitura compulsiva sobre o regime. Leu sobre o exemplo inspirador de Stálin e sobre a rede de lealdade familiar e tribal que sustentava Saddam no poder, e sobre os palácios entregues como recompensas. Henry familiarizou-se com os detalhes mórbidos dos genocídios no norte e no sul do país, a limpeza étnica, o vasto sistema de informantes, as torturas bizarras, e o gosto de Saddam em se envolver

pessoalmente, e os estranhos castigos incorporados à lei — marcas a ferro quente e amputações. Naturalmente, Henry leu com atenção os relatos sobre as medidas tomadas contra médicos que se recusaram a executar essas mutilações. Concluiu que a crueldade raramente fora mais inventiva, sistemática e disseminada. Miri tinha razão, era de fato uma república do medo. Henry leu também o famoso livro de Makiya. Parecia claro, o princípio organizador de Saddam era o terror.

Perowne sabe que, quando um império poderoso — assírio, romano, americano — entra em guerra e alega uma causa justa, a história não fica impressionada. Ele também receia que a invasão e a ocupação sejam uma trapalhada. Os manifestantes podem ter razão. E ele admite a natureza accidental das opiniões; se não tivesse conhecido e admirado o professor, talvez pensasse de outra forma, de modo menos ambivalente, acerca da guerra iminente. As opiniões são um lance de dados; por definição, nenhuma das pessoas que estão agora andando lentamente na estação de metrô da rua Warren foi torturada pelo regime, ou conhece ou ama alguém que tenha sido, e nem sequer conhece grande coisa a respeito do país, no geral. É provável que a maioria deles tenha tido notícia dos massacres no Iraque curdo, ou no sul xiita, e agora acham que se importam fervorosamente com a vida dos iraquianos. Eles têm boas razões para apoiar suas opiniões, entre as quais contam os receios com a sua própria segurança. A Al-Qaeda, é o que dizem, que abomina tanto o incrêu Saddam como a oposição xiita, vai sentir-se provocada, com um ataque ao Iraque, a vingar-se contra as cidades frágeis do Ocidente. O interesse próprio é uma causa muito digna, mas Perowne não consegue sentir, como os manifestantes provavelmente sentem, que eles dispõem do controle exclusivo do discernimento moral.

Os bares de sanduíche à margem da rua estão fechados, no fim de semana. Só a loja de flautas e a banca de jornais estão abertas. Diante do *traiteur* Rive Gauche, o dono está usando um vaso de zinco para isolar a sua calçada, ao estilo parisiense. Vindo na direção de Perowne, com as costas voltadas para a multidão, há um homem de cara rosada, mais ou menos da sua idade, de boné de beisebol e casaco amarelo reluzente, com um carrinho de mão, varrendo a sarjeta para a prefeitura. Ele parece estranhamente preocupado em fazer um

bom trabalho, esfrega o lado da vassoura, com força, nos cantos do meio-fio, catando os restos de lixo. Seu vigor e seu empenho são incômodos de se olhar, uma silenciosa acusação, numa manhã de sábado. O que poderia ser mais vão do que esse trabalho doméstico urbano mal remunerado quando, atrás dele, na extremidade da rua, caixas de papelão e copos de papel se espalham, em grossas camadas, sob os pés dos manifestantes, reunidos diante do McDonald's, na esquina. E, para além deles, sobre a metrópole, uma nevasca diária de dejetos. Quando os dois homens passam um pelo outro, seus olhos se encontram por um instante, com ar neutro. O branco dos olhos do varredor está margeado de uma cor amarelo-ovo que, ao longo das pálpebras, tende ao vermelho. Por um instante vertiginoso, Henry sente-se ligado ao outro homem, como se estivessem numa gangorra, presos a um eixo que poderia inclinar cada deles na direção da vida do outro.

Perowne desvia os olhos e reduz a velocidade, antes de virar numa entrada lateral, onde o seu carro fica estacionado. Como deve ter sido repousante, em outra época, ser um homem próspero e acreditar que todas as forças sobrenaturais oniscientes haviam atribuído a todas as pessoas a sua posição na vida. E não ver como a crença servia à sua própria prosperidade — uma forma de anosognosia, um termo psiquiátrico útil para designar a falta de consciência de uma pessoa a respeito da sua própria condição. Agora, pensamos ver, de fato, como são as coisas? Após os experimentos desastrosos do último século extinto, depois de tantas condutas abjetas, tantas mortes, um agnosticismo nauseante se estabeleceu em torno dessas questões de justiça e de riqueza redistribuída. Não há mais grandes idéias. O mundo tem de melhorar, ainda que a passos muito pequenos. As pessoas, no geral, adotam uma visão existencial — ter de varrer a rua para ganhar a vida parece simples má sorte. Não é uma época visionária. As ruas precisam ser limpas. Deixemos que os azarados se candidatem ao trabalho.

Ele caminha por um ligeiro declive de paralelepípedos oleosos, rumo ao local onde os proprietários de casas como a sua, antigamente, guardavam seus cavalos. Agora, os que podem pagar por isso abrigam seus carros ali, num estacionamento afastado da rua. Preso ao seu chaveiro, há um botão infravermelho, que ele pressiona para fazer erguer uma fragorosa porta de aço dobrável. Revelaram-se, com os solavancos mecânicos, o nariz comprido e os

olhos brilhantes, na porta da cocheira, ansiosos para se ver livres. Um Mercedes cor prata S500, com estofamento de cor creme — e ele não se encabula mais com isso. Não que goste disso — é apenas um componente sensual daquilo que ele considera como o seu quinhão supergeneroso dos bens do mundo. Se ele não o possuísse, diz a si mesmo, outra pessoa o possuiria. Está há uma semana sem dirigir o carro, mas, na penumbra da garagem seca e sem poeira, a máquina exala um calor animal peculiar. Ele abre a porta e senta-se lá dentro. Gosta de dirigir o carro vestindo suas surradas roupas de praticar esporte. No banco do carona, há um exemplar antigo da *Revista de Neurocirurgia*, que traz uma comunicação feita por ele em uma convenção, em Roma. Joga sua raquete de squash em cima da revista. É Theo que mais o desaprova, dizendo que é um carro de médico, como se essa fosse a palavra definitiva para uma condenação. Daisy, de outro lado, disse achar que Harold Pinter tinha algo do tipo, o que tornava tudo aceitável, para ela. Rosalind o incentivara a comprar o carro. Achava que a vida do marido era culpadamente austera em excesso, e jamais comprar roupas, bons vinhos ou um quadro sequer é um traço pretensioso. Viver ainda como um estudante de pós-graduação. Já era hora de ele se soltar.

Durante meses, dirigiu seu carro como quem pede desculpas, raramente usava a quarta marcha, relutava em ultrapassar, limitava-se a seguir a fila da direita, escrupulosamente, deixava caminho livre para carros mais baratos. Foi curado, afinal, por uma viagem de pescaria para o Noroeste da Escócia, com Jay Strauss. Seduzido pela estrada livre e pelo elogio entusiástico de Strauss ao “gênio luterano”, Henry por fim aceitou-se como dono, mestre, do seu veículo. De fato, em silêncio, ele sempre se considerou um bom motorista: como na sala de cirurgias, firme, preciso, defensivo, no grau correto. Ele e Jay pescaram nos regatos e arroios, nos arredores de Torridon, à cata da truta marrom. Numa tarde úmida, ao olhar sobre o ombro, enquanto lançava a linha, Henry viu seu carro a cem metros de distância. Estacionado em linha oblíqua, numa rampa da trilha, colhido por uma luz suave, contra o fundo formado por uma bétula, uma urze florida e o céu negro trovejante — a concretização de uma visão de publicitário — e sentiu, pela primeira vez, uma doce e inebriante alegria de posse. Está claro que é possível, permissível, amar um objeto inanimado. Mas esse momento foi o auge do caso de amor; a partir daí, seus sentimentos se

acomodaram a um prazer brando e eventual. O carro lhe dá uma satisfação vaga, quando o dirige; no resto do tempo, raramente lhe vem ao pensamento. Como os fabricantes pretendiam e prometiam, o carro tornou-se uma parte dele.

Mas certas coisas pequenas ainda o agitam, de uma forma especial, por exemplo, o modo como o carro fica parado sem vibrar; só o conta-giros confirma que o motor está ligado. Ele liga o rádio, que toca aplausos contínuos, respeitosos, enquanto ele manobra para fora da garagem, deixa o portão de aço baixar, às suas costas, sobe lentamente pela antiga cavalaria e vira para a esquerda, de volta à rua Warren. O seu clube de squash fica na rua Huntley, numa antiga residência de enfermeiras — bem perto, mas dirige o carro porque tem pequenas tarefas a cumprir mais tarde. Desavergonhadamente, sempre desfruta a cidade de dentro do seu carro, onde o ar é filtrado e o som de alta-fidelidade confere um *páthos* aos detalhes mais modestos — um trio de cordas de Schubert engrandece a rua estreita por onde ele agora desliza. Segue alguns quarteirões para o sul, onde pretende dobrar para leste depois da Tottenham Court Road. A rua Cleveland era famosa, antigamente, pelas roupas esportivas e pelas prostitutas. Agora tem restaurantes gregos, turcos e italianos — do tipo local, que nunca é mencionado nos guias —, com varandas onde as pessoas comem no verão. Há um homem que conserta computadores velhos, uma loja de tecidos, um sapateiro e, mais abaixo, uma grande loja de perucas, muito visitada por travestis. É a perfeita encarnação da rua secundária numa zona central — variada, segura, não muito conhecida. E é nessa altura que ele se lembra da fonte da sua vaga sensação de culpa, ou de encabulamento: sua presteza em persuadir-se de que o mundo mudou mais do que é possível lembrar, ruas inofensivas como essa e a vida tolerante que elas encarnam podem ser destruídas por um inimigo novo — bem organizado, tentacular, cheio de ódio e com um zelo concentrado. Como tais noções parecem estupidamente apocalípticas, vistas à luz do dia, quando o fato, evidente em si mesmo, das ruas e das pessoas que há nelas é a sua própria justificação, a sua própria garantia. O mundo não mudou de forma fundamental. Falar de uma crise de cem anos é fraquejar. Sempre existem crises, e o terrorismo islâmico será posto em seu lugar, juntamente com as guerras recentes, a alteração

climática, a política de comércio internacional, a escassez de água doce e de terras, a fome, a pobreza e o resto.

Ouve a música de Schubert crescer e diminuir mansamente. A rua é bonita e a cidade, portentosa proeza dos vivos e de todos os mortos que nela moraram, também é bonita, e vigorosa. Ela não permitirá facilmente que a destruam. É boa demais para ser deixada para trás. A vida, nela, melhorou sem parar, ao longo dos séculos, para a maioria das pessoas, apesar dos drogados e dos mendigos, agora. O ar está melhor, e os salmões saltam nas águas do Tâmis, e as lontras estão voltando. Em todos os planos, material, médico, intelectual, sensual, para a maioria das pessoas, ela melhorou. Os professores que deram aula para Daisy, na universidade, achavam antiquada e ridícula a idéia de progresso. Com indignação, Perowne segura o volante com mais força, na mão direita. Lembra algumas linhas escritas por Medawar, um homem que ele admira: “Zombar da esperança no progresso é a suprema presunção, a última palavra em pobreza de espírito e em mesquinhez mental”. Sim, ele é um tolo por se iludir com essa pretensão centenária. No último período letivo de Daisy, Perowne compareceu ao primeiro dia de aula na faculdade. Os jovens palestrantes se compraziam em dramatizar a vida moderna como uma sucessão de calamidades. É o estilo deles, o seu jeito de serem inteligentes. Não seria chique nem profissional considerar a erradicação da varíola como parte da condição moderna. Ou a recente disseminação de democracias. À noitinha, um deles deu uma palestra sobre as perspectivas da nossa civilização consumista ou tecnológica: não são boas. Mas, se a presente disposição das coisas for eliminada agora, o futuro vai lembrar-se de nós como deuses, sem dúvida nesta cidade, deuses afortunados, abençoados com cornucópias de supermercados, enxurradas de informações acessíveis, roupas quentes que não pesam nada, expectativa de vida ampliada, máquinas maravilhosas. Esta é uma época de máquinas maravilhosas. Telefones portáteis, pouco maiores do que a nossa orelha. Vastas bibliotecas de música guardadas num objeto do tamanho da mão de uma criança. Câmeras que podem emitir seus instantâneos por todo o mundo. Sem esforço, ele encomendou pela internet, através de um aparelho em sua mesa, o artefato que está dirigindo neste momento. O aparato estereotático, controlado por computador, que ontem ele usou, transformou a

maneira como se faz uma biópsia. O entretenimento digital une aquele casal chinês que caminha de mãos dadas, ouvindo em fones duplos o seu walkman. E ela chega quase a saltar, aquela moça esguia, de roupa de ginástica, atrás de um carrinho de bebê preparado para enfrentar qualquer terreno. De fato, todos por quem ele passa, agora, nessa aprazível rua maltratada pelo uso, parecem bastante felizes, pelo menos tão satisfeitos quanto ele. Mas, para os professores universitários, para as ciências humanas, em geral, a desgraça é mais receptiva à análise: a felicidade é uma casca mais dura e difícil de romper.

Num espírito de agressiva celebração do seu tempo, Perowne vira o Mercedes para o leste, na rua Maple. Seu bem-estar parece carecer de entidades espectrais para se contrapor, figuras inventadas por ele mesmo, a quem ele possa derrotar. Às vezes, fica assim, antes de uma partida. Não gosta especialmente de si mesmo nesse estado de ânimo, mas a maré dos seus pensamentos, que muda de segundo a segundo, só em parte está sob seu controle — a corrente, a zoeira do pensamento solitário é guiada por seu estado emocional. Talvez ele não seja de fato feliz, de maneira alguma, está só se revigorando psicologicamente. Passa pelo prédio que fica aos pés da Torre dos Correios — menos feia, agora, com sua entrada de alumínio revestida de azul, e as massas geométricas de janelas e de grades de ventilação, semelhantes a um quadro de Mondrian. Porém, mais à frente, onde a Fitzroy se torna a rua Charlotte, a vizinhança está repleta de edifícios de escritórios e de alojamentos de estudantes — janelas que não fecham direito, falta de ambição, degradação. Na chuva, e num estado de ânimo adequado, seria possível uma pessoa imaginar que está de volta à Varsóvia do tempo do comunismo. Só quando um bom número desses prédios tiver sido demolido, será possível começar a ter amor por eles.

Henry, agora, segue paralelo à rua Warren, dois quarteirões ao sul. Ainda se sente incomodado por seu estado mental singular, essa felicidade cruzada com uma agressividade. Quando se aproxima da Tottenham Court Road, dá início a um procedimento familiar, lista os acontecimentos recentes que podem ter determinado seu estado de ânimo. Ele e Rosalind fizeram amor, é manhã de sábado, este é o seu carro, ninguém morreu no avião, há uma partida para jogar, a jovem Chapman e os seus outros pacientes de ontem estão bem, Daisy vai chegar — tudo isso é bom. E de outro lado? De outro lado, ele está apertando o

freio. Há um policial de motocicleta, de casaco amarelo, no meio da Tottenham Court Road, com o seu veículo apoiado no suporte, com o braço erguido para que ele pare. É claro, a via está fechada para a passeata. Ele devia imaginar. Mesmo assim, Perowne avança, reduz a velocidade, como se, por fingir que não sabe, ele pudesse ser desculpado — afinal, só quer atravessar essa rua, e não seguir por ela; ou, pelo menos, ele vai receber o que merece: um pequeno drama de explicações entre um policial firme, mas compreensivo, e um cidadão sobriamente tolerante.

Ele pára no cruzamento das duas ruas. E, de fato, o guarda vem em sua direção, com um olhar de relance para a rua, na direção dos manifestantes, e um sorriso franzido e tolerante, que sugere que ele mesmo já teria bombardeado o Iraque muito tempo antes, além de muitos outros países. Perowne, relaxado ao volante, teria respondido com um juvenil sorriso de lábios unidos, peculiar a ele, mas acontecem duas coisas, quase ao mesmo tempo. Atrás do guarda, no lado oposto da rua, três homens, dois altos, um baixo e parrudo, e de roupa preta, saem correndo de uma boate onde mulheres dançam no colo dos fregueses, o Spearmint Rhino, saem quase aos tropeções, em seu esforço para não correr. Quando dobram a esquina, para a rua onde Perowne quer entrar, não podem mais ser detidos. Com o homem mais baixo por último, correm todos na direção de um carro estacionado na beira da calçada.

A segunda coisa que acontece é que o guarda, enquanto isso, sem saber dos três homens, pára de repente a caminho de Perowne e levanta a mão para a orelha esquerda. Balança a cabeça e fala num microfone fixado diante de sua boca, depois se vira para sua moto. Em seguida, lembrando-se do que ia fazer, olha para trás. Perowne encontra o seu olhar e, com uma expressão interrogativa e de quem desaprova a si mesmo, aponta para o outro lado da rua, na direção da rua University. O guarda dá de ombros e depois acena que sim, e faz um gesto com a mão para dizer: Então vá depressa. Que diabo. Os manifestantes ainda estão, em sua maioria, do outro lado, e ele acaba de receber novas instruções.

Perowne não está atrasado para a sua partida de squash, nem está aflito para cruzar a rua. Gosta do seu carro, mas nunca se interessou em detalhes do seu desempenho, a rapidez da sua aceleração. Supõe que seja impressionante, mas ele nunca o pôs à prova. Está velho demais para cantar pneu nos sinais de

trânsito. Quando engrena a primeira, olha com cuidado para os dois lados, apesar de ser uma rua de mão única, no sentido norte; sabe que pedestres podem vir de ambas as direções. Se avançar bruscamente através da avenida de quatro pistas, não será notado pelo policial, que já está ligando a sua moto. Perowne não quer deixar o homem em má situação com os seus superiores. E algo no gesto da mão indicou a necessidade de ser ligeiro. Na altura em que o Mercedes já havia percorrido os dezoito ou vinte metros até a entrada da rua University, que é onde ele engrena a segunda, deve estar andando a trinta quilômetros por hora. Trinta e cinco, talvez. Quarenta, no máximo. E, mesmo quando aumenta a marcha, reduz o ritmo, em busca da entrada correta, antes da rua Gower, que também está fechada.

E o impulso para a frente é um lembrete, prontamente o traz de volta para a sua lista, as causas próximas e remotas do seu estado emocional. Um segundo pode ser um tempo longo, na introspecção. Longo o bastante para Henry recapitular os pontos negativos, sem dúvida tempo suficiente para ele pensar, ou sentir, sem desdobrar o pensamento em sintaxe e em palavras, que é, na verdade, a situação do mundo que mais o perturba, e os manifestantes estão ali para lembrá-lo disso. O mundo, na certa, mudou fundamentalmente, e a questão está sendo tratada de forma canhestra pelos americanos, em especial. Há pessoas espalhadas pelo planeta, bem coesas e organizadas, que gostariam de matar a ele, sua família e seus amigos, para mostrar o que pensam. A escala de morte que se tem em vista não está mais em questão; haverá mais mortes numa escala semelhante, talvez nesta cidade. Será que ele está tão assustado que não consegue encarar o fato? As certezas e as perguntas não são formuladas abertamente. Ele as experimenta antes como um dar de ombros mental, seguido por um ânimo interrogador. Essa é a língua pré-verbal que os lingüistas chamam de mentalese. Nem chega a ser uma língua, é antes uma matriz de padrões mutáveis, que consolidam e comprimem o sentido, em frações de segundo, e o misturam de forma inseparável ao seu matiz emocional distintivo, que é, ele mesmo, muito semelhante a uma cor. Um amarelo doentio. Mesmo com o talento de um poeta para a síntese, seriam necessárias centenas de palavras e muitos minutos para descrever. Portanto, quando um clarão vermelho lança riscas através do lado direito da sua visão periférica, como uma

forma em sua retina num acesso de insônia, já tem os atributos de uma idéia, uma idéia nova, inesperada e perigosa, mas completamente sua, e não do mundo à sua volta.

Ele dirige, com uma perícia inconsciente, pela estreita faixa de espaço margeada, à direita, por uma ciclovía ladeada por uma mureta e, à esquerda, por uma fileira de carros estacionados. É dessa fileira que o pensamento jorra e, com ele, a faísca de um espelho retrovisor lateral cortado pela raiz e o gemido de superfícies de folhas de aço, que deslizam sob pressão, quando dois carros entram num espaço onde só cabe um. A decisão imediata de Perowne, no momento do choque, é acelerar, enquanto dá uma guinada para a direita. Há outros ruídos — o estrépito em *staccato* do carro vermelho, à sua esquerda, raspando em meia dúzia de carros estacionados, e a pancada do concreto contra a borracha, como o som amplificado de uma única palma isolada, quando o Mercedes sobe na mureta da ciclovía. A roda de trás também bate na mureta. Em seguida, ele está à frente do intruso e freia. Os carros, que rodaram, param a trinta metros de distância um do outro, os motores desligados, por um momento há o silêncio, e ninguém sai.

Pelos padrões dos acidentes de trânsito contemporâneos — Henry trabalhou, ao todo, cinco anos no setor de Emergência e Acidentes —, trata-se de uma questão banal. Ninguém pode ter ficado ferido, e ele não terá de representar o papel de médico. Fez isso duas vezes, nos últimos cinco anos, em ambos os casos foram ataques cardíacos, uma vez num avião que ia para Nova York e, na outra, num cinema sem ar-refrigerado, em Londres, numa onda de calor, em junho, e sua intervenção foi complicada e insatisfatória em ambas as situações. Ele não está em choque, não está estranhamente calmo, agitado ou entorpecido, sua visão não está extraordinariamente aguçada, ele não está tremendo. Ouve o estalido de metal quente se contraindo. O que sente é uma irritação crescente, em luta contra a prudência costumeira. Ele não precisa olhar — um dos lados do carro está destruído. Já antevê as semanas à frente, os meses às voltas com burocracia, solicitações e contra-solicitações do seguro, telefonemas, atrasos na oficina. Algo original e puro foi roubado de seu carro e

não poderá jamais ser recuperado, por melhor que seja o conserto. Há também o impacto no eixo da frente, no mancão, nessas partes misteriosas que evocam a essência de uma tortura demorada — *a cremalheira e o pínhão*. Seu carro nunca mais será o mesmo. Foi desastrosamente afetado, assim como o seu sábado. Ele nunca jogará a sua partida de squash.

Acima de tudo, cresce dentro dele uma emoção tipicamente moderna — a retidão do motorista, soldando um fervor de justiça à comoção do ódio, a serviço do qual várias expressões gastas se atropelam em seu pensamento, revitalizadas, purificadas de qualquer clichê: me fechou, não fez sinal, *seu sacana*. A única pessoa no mundo a quem ele odeia está sentada dentro do carro, ali atrás, e Henry vai ter de falar com ela — tudo isso quando podia estar jogando o seu squash. Sente que foi deixado para trás. E parece ver isto: seguindo distraidamente por uma rua lateral, está o outro, a versão mais provável dele mesmo, como um tio rico que vai embora, introspectivo e feliz, viajando em seu automóvel, livre de preocupações, no seu sábado, deixando-o para trás sozinho e destroçado, em sua sina improvável, nova e inescapável. Isto é real. O fato de dizer a si mesmo que é assim denuncia como ainda acredita pouco nisso. Pega sua raquete no chão do carro e põe de novo em cima da *Revista*. Sua mão direita está na maçaneta. Mas ele não se mexe, ainda. Está olhando para o espelho. Há motivos para ter cuidado.

Há, como esperava, três cabeças no carro, ali atrás. Ele sabe que tem a tendência de fazer suposições sem fundamento e tenta examiná-las agora. Pelo que sabe, boates onde mulheres dançam no colo dos fregueses são estabelecimentos lícitos. Mas, se ele visse os três sujeitos saindo às pressas, e até de maneira furtiva, de uma fundação beneficente ou da Biblioteca Britânica, já teria saído do carro. O fato de estarem andando em alta velocidade torna possível que fiquem ainda mais irritados do que ele com o atraso. O carro é um BMW da série cinco, um veículo que ele associa à criminalidade, tráfico de drogas, sem ter nenhuma boa razão para isso. E há três homens, não um só. O mais baixo está no banco do carona, e a porta do lado está abrindo quando ele observa, seguida imediatamente pela porta do motorista e, depois, pela porta de trás, do lado direito. Perowne, que não tem intenção de ter de travar uma discussão sentado, sai do carro. A pausa de meio minuto deu à situação um

ingrediente de jogo, em que as estimativas já tinham sido feitas. Os três homens tinham suas próprias razões para conter-se e discutir seu próximo lance. É importante, pensa Perowne, enquanto dá a volta pela frente do seu carro, lembrar que ele está com a razão, e que está indignado. Também tem de tomar cuidado. Mas essas idéias contraditórias não o ajudam, e ele resolve que é melhor um confronto cauteloso do que se dar ao trabalho de apelar para os regulamentos. Seu impulso, então, é ignorar os homens, caminha no sentido contrário a eles, dá a volta pela frente do Mercedes, para ter uma visão do lado abalroado. Mas mesmo quando está parado, com as mãos nos quadris, numa pose de ofensa de proprietário, mantém os homens, que agora avançam em grupo, no seu ângulo de visão.

Numa visão rápida, parece não ter havido nenhum dano. O espelho lateral está intacto, não há amassados na lataria; surpreendentemente, a pintura metálica de cor prata está perfeita. Ele se inclina para a frente, a fim de olhar com a luz num ângulo diferente. Com os dedos abertos, desliza a mão suavemente pelo capô, como se soubesse de fato o que ia fazer. Não há nada. Nem um defeito. Em termos imediatos, táticos, isso parece deixá-lo em desvantagem. Nada tem a mostrar que justifique a sua raiva. Se há algum dano, está fora de vista, entre as rodas da frente.

Os homens pararam, a fim de olhar algo na rua. O sujeito baixo, de roupa preta, toca com a ponta do pé o espelho lateral do BMW, que foi arrancado, virando-o de lado, como se faz com um bicho morto. Um dos outros, um jovem alto, com as feições alongadas de um cavalo, pega-o no chão e o aninha nas duas mãos. Olham juntos para o espelho e então, após um comentário do homem baixo, viram seus rostos para Perowne, ao mesmo tempo, com uma curiosidade repentina, como cervos que foram perturbados numa floresta. Pela primeira vez, ocorre a ele que pode estar numa espécie de perigo. Oficialmente fechada em ambas as extremidades, a rua está inteiramente deserta. Atrás dos homens, na Tottenham Court Road, um grupo desgarrado de manifestantes segue para o sul, para unir-se ao grupo principal. Perowne olha depressa sobre o ombro. Lá, atrás dele, na rua Gower, a passeata propriamente dita já começou. Milhares de pessoas aglomeradas numa densa coluna seguem para Piccadilly, seus cartazes inclinados para a frente, de forma heróica, como num pôster

revolucionário. De seus rostos, suas mãos e suas roupas, emanam as cores fortes, quase um ardor, peculiar à humanidade compacta. Para dar um efeito dramático, caminham em silêncio, ao som fúnebre de tambores de marcha.

Os três homens retomam sua aproximação. Como antes, o homem baixo — um metro e sessenta ou, talvez, um e setenta — vem na frente. Seu passo é peculiar, com um ligeiro meneio dançado do tronco, como se andasse dentro de um bote, sobre a água mansa de um rio. O passo da boate Spearmint Rhino. Talvez ele estivesse ouvindo seu walkman. Tem gente que não vai a parte alguma, nem a uma discussão, sem ouvir uma trilha musical. Os outros dois têm as atitudes de subordinados, auxiliares. Vestem roupas de ginástica e agasalhos com capuz — o usual, na rua, tão generalizado que não representam mais estilo nenhum. Theo, às vezes, veste-se assim, a fim, segundo diz, de não ter de decidir qual vai ser a sua aparência. O sujeito com cara de cavalo ainda segura o espelho nas duas mãos, supostamente para reforçar sua posição. A implacável pulsação dos tambores não ajuda muito, naquela situação, e o fato de haver tanta gente ali perto, sem saber dele, faz Henry sentir-se ainda mais isolado. É melhor continuar a dar a impressão de que está ocupado. Abaixa-se perto do carro, ao notar uma garrafa de coca-cola espatifada embaixo do pneu dianteiro. Lá está, ele vê agora, com alívio e também irritação, uma marca irregular na porta traseira, onde o brilho está menor, como se tivesse sido esfregada com um esmeril fino. Sem dúvida, o ponto de contato, restrito a uma área de sessenta centímetros. Agiu muito bem ao desviar o carro, antes de pisar no freio. Sente-se mais firme, agora, quando se levanta para encarar os homens, que param diante dele.

Ao contrário de alguns colegas seus — os psicopatas cirúrgicos —, Henry não aprecia, de fato, o confronto pessoal. Não é do tipo que empunha machadinhas. Mas a experiência clínica, entre tantas coisas, é um processo abrasivo e enrijecedor, fadado a consumir suas suscetibilidades. Os pacientes, os estagiários, as estratégias de ação — em duas décadas, inevitavelmente, ocorreram momentos em que ele se viu em apuros para se defender, ou para se explicar, ou se apaziguar, diante de uma feroz crise emocional. Em geral, há muita coisa em jogo — para os colegas, questões de hierarquia e de orgulho profissional, ou de desperdício de recursos do hospital; para os pacientes, a

perda de uma função do corpo; para seus parentes, a morte repentina da esposa ou de um filho —, assuntos mais graves do que um carro arranhado. Sobretudo quando envolvem pacientes, esses momentos têm uma pureza, uma inocência, toda sua; tudo é despido, até ficar o essencial do ser — memória, visão, capacidade de reconhecer rostos, dor crônica, função motora, até o sentido do eu. O que há por trás, e reluz ligeiramente, são as questões da ciência médica e, contra isso, a vasta ignorância, que tem diminuído, a respeito do cérebro e da mente, e a relação entre os dois. Invadir o crânio com uma modesta taxa regular de sucesso é uma façanha relativamente recente. Não há como evitar frustrações, às vezes, e quando acontece o acerto de contas com os familiares, em seu gabinete, ninguém precisa calcular como se comportar ou o que dizer, ninguém se sente vigiado. Tudo flui.

Entre os conhecidos de Perowne, estão aqueles médicos que não lidam com o cérebro, mas só com a mente, com as doenças da consciência; esses colegas adotam uma tradição, um conjunto de preconceitos, hoje em dia raras vezes enunciados, segundo os quais os neurocirurgiões são uns tolos absurdamente arrogantes, com instrumentos toscos, uns coladores de ossos que metem os pés pelas mãos ao lidar com o objeto mais complexo no universo conhecido. Quando uma operação dá errado, o paciente ou os parentes tendem a adotar essa opinião. Mas é tarde demais. O que se diz, então, é trágico e sincero. Por mais estarrecedoras que sejam essas conversas profundamente sofridas, por mais que ele saiba ser caluniado pela memória deficiente, ou que só funciona em interesse próprio, de um paciente que acha que ele subestimou os riscos, por mais que ele tenha certeza de ter agido, na sala de cirurgia, da melhor forma possível, segundo o conhecimento e as técnicas atuais, Perowne sai dali sentindo-se não só castigado — é óbvio que não conseguiu atender às expectativas mais elementares —, mas também obscuramente purificado: passou por uma relação humana fundamental, tão essencial, a seu modo, quanto o amor.

Mas aqui, na rua University, é impossível não sentir que a encenação está prestes a começar. Vestido como um espantalho, num casaco de pêlo sarnento, seu suéter com uma fileira de buracos, sua calça com manchas de tinta, presa na cintura por um cadarço, amarrado com um nó, e sem saída. Isto, como as

peessoas gostam de dizer, é um drama urbano. Um século de cinema e meio século de tevê tornaram o tema insincero. É puro artifício. Aqui estão os carros, e ali estão os donos. Aqui estão os caras, os estranhos, cujo auto-respeito está em questão. Alguém terá de impor sua vontade e vencer, e o outro terá de ceder. A cultura popular esgotou esse assunto, mediante a repetição, esse antigo patrimônio genético, que também lubrifica as maquinações de sapos, galos e cervos. E, apesar da variada e informal linguagem das roupas, existem regras tão requintadas, como a *politesse* da corte de Versalhes, que nenhum conjunto de genes pode exprimir. De saída, enquanto eles ficam ali parados, Perowne não se permite admitir o constrangimento da situação, ou a sua ironia opressiva: mais acima, na rua, podem ouvir o burburinho e os tambores tribais dos agitadores da paz. Além disso, nada mais se pode prever, mas tudo, assim que acontecer, vai parecer adequado.

— Quer um cigarro?

Exatamente. É assim mesmo que devia começar.

Com um gesto antiquado, o outro motorista oferece o maço, sem a tampa, com um meneio do pulso, que distribui os cigarros à maneira dos tubos de um órgão. A mão contida que se estende na direção de Perowne é grande, em vista da estatura do homem, e de uma palidez de papel, com pêlos negros espiralados na parte de cima, que se estendem até as articulações interfalangianas distais. O tremor persistente também atrai a atenção profissional de Perowne. Talvez haja um fator tranqüilizador na instabilidade da contenção.

— Não, obrigado.

Ele acende um cigarro para si e sopra a fumaça ao lado de Henry, que já perdeu um ponto — não é homem o bastante para fumar, ou, mais essencialmente, para oferecer um presente. É importante não ficar passivo. O lance, agora, tem de ser seu. Estende a própria mão.

— Henry Perowne.

— Baxter.

— Senhor Baxter?

— Baxter.

A mão de Baxter é grande, a de Henry é ligeiramente maior, mas nenhum deles tenta demonstrar força. Seu aperto de mão é leve e ligeiro. Baxter é um

desses fumantes cujos poros exalam o perfume, a essência oleosa do seu hábito. O alho afeta certas pessoas desse mesmo jeito. Talvez tenha alguma coisa a ver com os rins. É um jovem nervoso, de rosto pequeno, com sobrancelhas grossas e cabelo castanho-escuro, cortado bem rente ao couro cabeludo. A boca se apresenta em forma de bulbo, com a sombra de uma barba cerrada, raspada por igual, que aumenta a impressão de um focinho. O ar geral de símio é criado pelos ombros inclinados, e os trapézios saltados sugerem um tempo gasto na academia de ginástica, talvez para compensar sua estatura. O terno no estilo dos anos 60 — corte justo, lapelas altas, calça sem pregas na frente, na altura do quadril — está meio apertado, no botão único do paletó abotoado. Também há certa pressão no tecido, na altura dos bíceps. Ele faz uma meia curva e se desvia um pouco de Perowne, depois volta, com um meneio do corpo. Dá uma impressão de impaciência irritável, de uma energia destrutiva à espera da hora de ser liberada. Talvez ele esteja prestes a dar um soco. Perowne está familiarizado com uma parte da literatura corrente sobre a violência. Nem sempre é uma patologia; organismos sociais egoístas acham racional ser violento, às vezes. Entre os adeptos da teoria dos jogos e os criminologistas radicais, a linhagem de Thomas Hobbes continua a crescer. O que põe em xeque os desregrados, os bandidos, é o famoso “poder comum”, que mantém todos os homens intimidados — um corpo do governo, um braço do Estado, a quem é livremente assegurado o monopólio da violência legítima. Mas os traficantes de drogas e os cafetões, entre outros que vivem fora da lei, não se sentem inclinados a discar o telefone de emergência do Leviatã; acertam suas diferenças à sua própria maneira.

Perowne, quase trinta centímetros mais alto do que Baxter, pondera que, se a situação degenerar numa briga, vai proteger os seus testículos. Mas é ridículo pensar isso; não briga desde os oito anos de idade. Três contra um. Ele não quer deixar que isso aconteça, e pronto.

Depois que se apertam as mãos, Baxter diz:

— Espero que você esteja pronto a me dizer que lamenta sinceramente o que aconteceu. — Olha para trás, além do Mercedes, para o seu carro, parado na diagonal no meio da rua. Atrás dele, há uma linha irregular, a um metro do chão, marcada ao longo de meia dúzia de carros estacionados, pela maçaneta

externa do BMW. Basta, agora, aparecer na rua um único dono de carro, indignado, para desencadear uma cascata de pedidos de indenização às companhias de seguro. Henry, que conhece bastante os caminhos da burocracia, já pode até sentir o trauma prolongado que isso vai causar. É muito melhor ser uma das muitas vítimas do que ser o causador do pecado original. Diz:

— Lamento, de fato, que você tenha virado sem olhar.

Ele se surpreende. Aquele exagerado e ligeiramente arcaico “de fato” não faz parte do seu léxico de uso geral. Empregá-lo acarreta decisões; ele não vai fingir que usa o linguajar das ruas. Vai fincar pé na dignidade profissional.

Baxter pouisa a mão esquerda na direita, como que para acalmá-la. Diz, em tom paciente:

— Eu não preciso olhar, não é? A Tottenham Court Road está fechada. Não era para você estar ali.

— As regras do trânsito não estão suspensas — retruca Perowne. — De todo modo, um guarda fez sinal para eu passar.

— Um guarda? — A maneira como Baxter separa as sílabas e entoia as palavras lhes dá um tom infantil. Vira-se para seus amigos. — Vocês viram um guarda? — E vira-se de novo para Perowne, com uma civilidade irônica. — Este é o Nark, e o outro é o Nigel.

Até então, os dois se mantinham à parte, atrás de Baxter, ouvindo, sem a menor expressão no rosto. Nigel é o da cara de cavalo. Seu parceiro pode ser um informante da polícia, um viciado em drogas ou, pelo seu aspecto comatoso, sofre de narcolepsia.

— Não tem guarda nenhum por aqui — explica Nigel. — Estão todos ocupados com a turma da passeata.

Perowne finge ignorar os dois homens. Seu assunto é com Baxter.

— Esta é a hora de trocarmos informações sobre os nossos seguros. — Os três soltam uma risadinha, mas ele continua. — Se não podemos entrar num acordo sobre o que aconteceu, vamos telefonar para a polícia. — Olha para o relógio. Jay Strauss já deve estar na quadra, batendo bola para esquentar. Ainda não é tarde demais para resolver a questão e se pôr a caminho. Baxter não reagiu à menção de telefonar para a polícia. Em vez disso, toma o espelho das mãos de

Nigel e mostra para Perowne. A teia de aranha de rachaduras no espelho mostra o céu num mosaico de branco e de azul esfarrapado, que bruxuleia com a agitação da mão de Baxter. Seu tom de voz é cordial.

— Felizmente para você, tenho um amigo que faz lanternagem e cobra barato. Mas faz um trabalho legal. Por setenta e cinco, eu calculo, ele vai dar um jeito para mim.

Nark se anima.

— Tem um caixa eletrônico, na esquina.

E Nigel, como se tivesse ficado agradavelmente surpreso com essa idéia, diz:

— É mesmo. A gente podia ir até lá com você.

Os dois mudaram de posição, de modo que estão quase, mas não de todo, cercando Henry, pelos flancos. Baxter, enquanto isso, recua. As manobras são desajeitadas e vagarosas, como um balé infantil mal ensaiado. A atenção de Perowne, sua visão profissional, se detém de novo na mão direita de Baxter. Não é só um tremor, é uma agitação inquieta, que afeta quase todos os músculos. Especular sobre isso o acalma, mesmo quando sente os ombros dos dois homens apertando, de leve, no seu casaco de pêlo. Obstinadamente, não acredita que esteja em algum perigo mais sério. É difícil levar a sério aquele trio; a idéia do caixa eletrônico tem um traço infantil, de faz-de-conta. Tudo o que dizem parece citação de algo que todos eles viram, uma porção de vezes antes, e quase esqueceram.

Ao som de um trompete tocado com esmero, os quatro homens se viram para olhar a passeata. É uma série de frases em *staccato*, que termina numa nota aguda e longa. Podia ser um trecho de uma cantata de Bach, porque Henry imediatamente imagina um soprano e uma ária doce e melancólica e, ao fundo, um violoncelo de apoio, marcando o ritmo em golpes de arco regulares. Na rua Gower, a imagem de um desfile fúnebre e desaprovador já não se sustenta. Era difícil de manter, com milhares de pessoas numa coluna que se estende por centenas de metros. Agora, o volume das palavras de ordem e das palmas aumenta e diminui conforme partes diversas da multidão passam pela esquina da rua University. O olhar fixo de Baxter está na multidão enquanto ela passa, suas feições se alteram ligeiramente, tensionadas pela piedade. Uma palavra de manual de medicina vem à mente de Henry, assim como viera a melodia da

cantata — uma discreta elevação no nível da sua adrenalina deixou-o extraordinariamente associativo. Ou as pressões da semana que passou não o desprenderam do hábito, o jogo intelectual do diagnóstico. A expressão é: *uma falsa sensação de superioridade*. Sim, pode se resumir a uma ligeira alteração de caráter, que precede os primeiros tremores, com menos conseqüências, e um pouco menos incapacitante, do que essas outras condições neurológicas — sentimento de supremacia, de grandeza. Mas talvez ele esteja confundindo as lembranças. A neurologia não é o seu terreno. Enquanto Baxter observa os manifestantes na passeata, faz pequenos movimentos com a cabeça, para os lados e para a frente. Ao observá-lo, sem que ele olhe, durante alguns segundos, Perowne de repente compreende — Baxter é incapaz de fazer aqueles pequenos movimentos com olhos que permitem acomodar o foco da visão a um objeto novo, e depois voltar ao objeto anterior. Para observar a multidão, ele precisa mexer a cabeça.

Como que para confirmar isso, vira-se, com todo o corpo, para Perowne e diz, com cordialidade:

— Ralé horrorosa. Chupando o dinheiro do país que odeiam.

Perowne acha que compreende Baxter o suficiente para saber que devia cair fora. Desvencilhando-se de Nigel e Nark, em seus flancos, vira-se para o seu carro.

— Não vou lhe dar dinheiro — diz, em tom de pouco-caso. — Vou dar os dados do meu seguro. Se você não quer me informar os seus, tanto faz. A placa do seu carro já basta. Agora eu tenho de ir. — E acrescenta, quase sem acreditar no que está fazendo: — Estou atrasado para uma reunião importante.

Mas a maior parte da sua frase é encoberta por um único som, um grito de raiva.

Mesmo na hora em que ele se vira de novo para Baxter, surpreso, e mesmo quando vê, ou sente, o que vem na sua direção em tamanha velocidade, persiste em atividade, numa parcela de seus pensamentos, um monótono e prosaico diagnosticador, que registra a fraqueza de autocontrole, a instabilidade emocional, o temperamento explosivo, níveis sugestivos ou reduzidos de neurotransmissores GABA entre os pontos de junção adequados nos neurônios estriatais. Isso, em troca, só pode significar a presença reduzida de duas enzimas

no estriato e no pálido lateral — decarboxilase do ácido glutâmico e colina acetiltransferase. Muita coisa, nas questões humanas, pode ser atribuída ao que se passa no nível das moléculas complexas. Quem poderia calcular o estrago provocado ao amor e à amizade, e a todas as esperanças de felicidade, por um excesso ou por uma carência deste ou daquele neurotransmissor? E, de qualquer modo, quem encontrará uma moral, uma ética, entre as enzimas e os aminoácidos, quando é do gosto geral procurar em outra direção? No seu segundo ano em Oxford, deslumbrada com algum professor bonitão e idiota, Daisy tentou convencer o pai de que a loucura era uma construção social, uma balela com que os ricos — talvez ele tenha entendido mal — oprimiam os pobres. Pai e filha se lançaram em uma de suas veementes discussões, que terminou com Henry, num lance retórico, propondo a ela uma turnê pela ala fechada de um hospital psiquiátrico. Resoluta, ela aceitou, mas depois o assunto ficou por isso mesmo.

Apesar da fixação ocular deficiente de Baxter, e da sua coréia, aqueles movimentos rápidos e espasmódicos, o murro que mirava o coração de Perowne, e de que ele se esquivava apenas em parte, atinge o seu esterno com uma força colossal, tanto assim que lhe parece, e talvez seja mesmo o caso, que uma serra afiada vai e vem por dentro de todo o seu corpo, uma onda de choque, de alta pressão sangüínea, um frêmito concussivo que traz consigo, não tanto a dor, mas sim uma descarga elétrica de estupefação e um breve calafrio mortal, que contém um componente visual de uma cegante brancura de neve.

— Tudo bem — ele ouviu Baxter dizer, o que é uma instrução aos seus comparsas.

Seguram Henry pelos cotovelos e pelos antebraços e, à medida que a sua visão clareia, ele vê que está sendo empurrado pelo intervalo entre dois carros estacionados. Juntos, cruzam a calçada em velocidade. Viram seu corpo e batem suas costas com força de encontro a uma porta dupla, fechada com uma corrente, num recuo escondido. Vê, na parede à sua esquerda, uma placa de metal lustrosa que diz Saída de Incêndio, Spearmint Rhino. Logo adiante, na rua, fica um bar, o Jeremy Bentham. Mas, se estiver aberto tão cedo, os fregueses estarão lá dentro, abrigados do frio. Perowne tem duas prioridades imediatas, cuja importância cresce, à medida que a sua plena consciência

retorna. A primeira é manter a promessa, feita a si mesmo, de não revidar. O murro já lhe disse como ele está despreparado. A segunda é ficar de pé. Já viu um bom número de danos cerebrais entre pessoas que tiveram o azar de cair no chão diante de seus agressores. Os pés, como um vilarejo rústico e sem lei, é uma distante província do cérebro, desonerado de toda responsabilidade por conta da distância. Um chute é menos íntimo, menos envolvente do que um soco, e um chute só nunca parece ser o bastante. Nos tempos épicos da violência organizada no futebol, quando ele era médico-residente, aprendeu muito sobre hematomas subdurais com os torcedores que usavam sapatos com biqueira de aço.

Fica de pé, de frente para eles, numa pequena caverna caiada, de tijolos, num recuo da calçada, fora de vista para as pessoas que estão na passeata. A arquitetura amplifica o resfolegar da respiração deles. Nigel agarra, no punho fechado, a beira do seu casaco de pêlo e, com a outra mão, procura o volume da sua carteira, que está dentro do bolso, fechado por um zíper.

— Ah — exclama Baxter. — A gente não quer o seu dinheiro.

Com isso, Perowne entende que a honra deve ser satisfeita mediante uma surra. E, junto com os pedidos de seguro, ele antevê um futuro bem triste. Semanas de uma convalescença dolorosa. Talvez isso seja otimista. O olhar de Baxter está cravado nele, um olhar que não pode acomodar o foco, a não ser que desloque a sua cabeça inteira, pesada e barbeada. Seu rosto se movimenta, com pequenos tremores que nunca chegam a tomar a forma de uma expressão. É uma agitação muscular que, um dia — essa é a opinião abalizada de Perowne —, vai se tornar atetóide, importunada por movimentos involuntários e incontroláveis.

Há, no trio, a sensação de que é hora de fazer uma pausa para respirar, firmar o pé antes de partir para o que interessa. Nark já está fechando o punho direito. Perowne percebe três anéis, no dedo indicador, no médio e no anelar, faixas de ouro tão largas quanto pedaços serrados de um cano. Restam-lhe, ele estima, poucos segundos. Baxter tem vinte e poucos anos. Não é hora de perguntar pela história da sua família. Se um dos pais tem isso, há uma chance de cinquenta por cento de ele ter também. Cromossomo quatro. A desgraça se encontra no interior de um só gene, na repetição excessiva de uma única seqüência — CAG.

Aqui está o determinismo biológico em sua forma mais pura. Mais de quarenta repetições desse pequeno códon, e estamos condenados. Nosso futuro está determinado e é fácil de prever. Quanto mais longa for a repetição, mais prematuro e mais severo será o ataque. Entre dez e vinte anos, para concluir o seu percurso, desde as primeiras pequenas alterações de personalidade, tremores nas mãos e no rosto, perturbação emocional, inclusive — o mais visível — repentinas e incontroláveis mudanças de estado de ânimo, até os incontroláveis movimentos espasmódicos, semelhantes a uma dança, degradação intelectual, perda de memória, agnosia, apraxia, demência, perda total do controle muscular, às vezes rigidez, alucinações semelhantes a pesadelos e um fim sem nenhum sentido. É assim que a primorosa máquina da criatura é desmontada pela falta do mais ínfimo dente da engrenagem, o sussurro traiçoeiro da ruína, uma única idéia ruim alojada em todas as células, em todos os cromossomos quatro.

Nark recua o braço direito para golpear. Nigel parece contente por deixá-lo ser o primeiro. Henry ouviu dizer que o ataque prematuro da doença tende a ser culpa do gene paterno. Mas isso pode não estar certo. Não há nada a perder em arriscar um palpite. Ele fala, sob a chama do olhar fixo de Baxter.

— O seu pai teve isso. Agora, você também tem.

Vem a impressão de ser um médico curandeiro, que dá uma consulta. A expressão de Baxter é difícil de interpretar. Faz um movimento vago, febril, com a mão esquerda, para deter os seus comparsas. Há silêncio, enquanto ele engole em seco e se estica para a frente, com as sobancelhas franzidas, como que prestes a livrar-se de uma obstrução em sua garganta. Perowne exprimiu-se de forma ambígua. O seu “teve” poderia facilmente ser entendido como “tem”. E o pai de Baxter, vivo ou morto, talvez nem fosse conhecido pelo filho. Mas Perowne aposta em que Baxter saiba da sua condição. Se sabe, não terá contado a Nigel, ou a Nark, ou a nenhum de seus amigos. Isso é uma vergonha secreta. Pode viver em estado de denegação, saber sem saber; saber e preferir não pensar no assunto.

Quando Baxter fala, enfim, sua voz está diferente, cautelosa, talvez:

— Você conheceu o meu pai?

— Sou médico.

— Médico é o caralho, vestido desse jeito?

— Sou médico. Alguém já explicou a você o que vai acontecer? Quer que eu lhe diga qual deve ser o seu problema?

Funciona, a chantagem descarada funciona. Baxter se empolga, de repente.

— Que problema?

E, antes que Perowne possa responder, ele acrescenta, ferozmente:

— Fica caladinho, porra.

E então, com a mesma velocidade, ele se aquieta e vira de costas. Estão juntos, ele e Perowne, não num mundo de medicina, mas de magia. Quando a pessoa está doente, não é sensato maltratar o xamã.

Nigel diz:

— O que está acontecendo? O que o seu pai tem?

— Cala essa boca.

O momento da surra está passando, e Perowne sente que o poder está se transferindo para ele. Aquela saída de incêndio é o seu consultório. O seu tamanho acanhado reflete, para ele, uma voz que recupera o timbre pleno da sua autoridade. Ele diz:

— Você está indo a algum médico para cuidar disso?

— Do que ele está falando, Baxter?

Baxter enfia o espelho quebrado na mão de Nark.

— Vão embora e me esperem no carro.

— Está brincando.

— Falo sério. Os dois. Vão logo e me esperem na porra do carro.

É tristemente óbvio o desespero de Baxter para manter seus amigos longe da revelação do seu segredo. Os dois jovens trocam um olhar e dão de ombros. Depois, sem olhar para o lado de Perowne, voltam para a rua. É difícil imaginar que eles não tenham pensado que haja algo errado com Baxter. Mas a doença ainda se acha no estágio inicial, e o seu avanço é lento. Talvez não o conheçam há muito. E um jeito dançante de caminhar, uns tremores gozados, a eventual e impetuosa mudança de humor e de estado de ânimo podem representar, em seu meio, as marcas de um homem de caráter. Quando chegam ao BMW, Nark abre a porta de trás e joga o espelho dentro do carro. Lado a lado, sentam-se no capô do automóvel, olhando para Baxter e Perowne, de braços cruzados, como

bandidos de cinema.

Perowne insiste, em tom ameno:

— Quando o seu pai morreu?

— Não interessa.

Baxter não está olhando para ele. Fica parado, mexendo as mãos, com o ombro virado, feito uma criança emburrada, à espera de que alguém lhe faça um agrado, incapaz de dar o primeiro lance. Ali está a marca de tantas doenças neurodegenerativas — a rápida transição de um estado de ânimo para outro, sem consciência, nem memória, nem compreensão de como aquilo é visto pelos outros.

— Sua mãe está viva?

— Não me interessa.

— Você é casado?

— Não.

— Seu nome verdadeiro é Baxter?

— Não é da sua conta.

— Está bem. De onde você é?

— Fui criado em Folkestone.

— E agora mora onde?

— No velho apartamento do meu pai. Kentish Town.

— Tem alguma ocupação, estudo, faculdade?

— Não me dei bem na escola. O que isso interessa a você?

— E o que o seu médico disse a respeito do seu estado?

Baxter deu de ombros. Mas aceitou o direito de Perowne de fazer perguntas. Os dois se encaixaram em seus papéis e Perowne continua:

— Alguém já falou com você sobre a doença de Huntington?

O som débil e seco de chocalhos, como pedras sacudidas dentro de uma lata, chega a eles, vindo da passeata. Baxter está olhando para o chão. Perowne entende o seu silêncio como uma resposta afirmativa.

— Quer me contar quem é o seu médico?

— Por que eu faria isso?

— Nós poderíamos encaminhar você para um colega meu. Ele é bom. Pode tornar as coisas mais fáceis para você.

Nisso, Baxter se vira e põe a cabeça num ângulo, na tentativa de ajustar o foco da imagem do homem, mais alto do que ele, à sua fóvea, aquela diminuta depressão na retina onde a visão é mais apurada. Não há nada que se possa fazer num sistema afetado por esse distúrbio ocular. E, em geral, não há nada a oferecer para quem sofre desse mal, a não ser administrar o declínio. Mas Henry vê, agora, nas feições agitadas de Baxter, uma repentina avidez de informação, ou de esperança. Ou apenas uma necessidade de conversar.

— Que tipo de coisa?

— Exercícios. Alguns medicamentos.

— Exercícios... — Fala a palavra num grunhido. Ele tem razão, ao captar a estupidez, a debilidade da idéia. Perowne insiste:

— O que o seu médico lhe disse?

— Disse que não há nada, está errado?

Baxter diz isso como um desafio, ou como quem cobra uma dívida; Perowne foi perdoado e, em troca, tem de apresentar razões para o otimismo, ou até para uma cura. Baxter quer que o seu médico seja desmentido.

Mas Perowne diz:

— Acho que ele está certo. Há uma experiência com a implantação de células-tronco, no fim da década de 1990, mas...

— Era papo-furado.

— Sim, foi frustrante. A melhor esperança, agora, parece estar na interferência do RNA.

— Sei. Calar a boca dos genes. Um dia, talvez. Depois que eu morrer.

— Você está bem informado sobre o assunto.

— Ah, obrigado, doutor. Mas que história é essa de alguns medicamentos?

Perowne conhece bem esse impulso dos pacientes, essa perseguição dos menores avanços. Se existir um medicamento, Baxter ou o seu médico saberão a respeito. Mas Baxter precisa verificar. E verificar mais uma vez. Talvez alguém conheça alguma coisa que ele ignore. Passa uma semana, e pode haver um novo progresso. E, nesse campo, quando as informações se esgotam, os charlatões estão a postos para os medrosos e oferecem a dieta do caroço de abricó, a massagem da aura, a força da prece. Por cima do ombro de Baxter, Perowne pode ver Nigel e Nark. Não estão mais recostados no capô do carro,

caminham para um lado e para o outro, na frente dele, conversam animados, fazem gestos na direção da rua.

Perowne diz:

— Eu me refiro à diminuição da dor, à ajuda para a perda do equilíbrio, para os tremores, a depressão.

Baxter mexe a cabeça de um lado para o outro. Os músculos em suas faces se movem de forma independente. Henry pressente uma iminente mudança de estado de ânimo.

— Ah, foda-se — Baxter fica resmungando consigo mesmo. — Ah, foda-se. — Nessa fase de transição da perplexidade para o sofrimento, os traços vagamente simiescos são atenuados, ficam até atraentes. É um homem inteligente e dá a impressão de que, doença à parte, perdeu suas oportunidades, cometeu alguns grandes erros e terminou em más companhias. Talvez tenha abandonado a escola muito tempo atrás e agora se arrepende. Sem pais. E agora, que situação pior do que essa poderia sobrevir a ele? Não há como escapar. Ninguém pode ajudá-lo. Mas Perowne se conhece e sabe que é incapaz de sentir piedade. A experiência clínica extirpou isso dele, faz muito tempo. E uma parte de Perowne nunca pára de calcular quanto tempo ainda tem para poder sair a salvo dessa situação. Além do mais, a questão se situa fora do alcance da piedade. São inúmeras as maneiras como um cérebro pode desiludir a gente. A exemplo de um automóvel caro, ele é complicado, mas mesmo assim é produzido em massa, há mais de seis bilhões em circulação.

Com razão, Baxter acha que foi trapaceado e privado de um pouco de violência e do exercício de um pouco de poder e, quanto mais pensa no assunto, mais irritado ele fica. Outra rápida mudança na meteorologia mental, uma nova frente de estado de ânimo se aproxima, e é turbulenta. Pára de resmungar e chega perto o bastante de Perowne para exalar um cheiro metálico no seu bafo.

— Seu pedaço de merda — diz Baxter, depressa, enquanto dá um empurrão contra o seu peito. — Está tentando ferrar comigo. Na frente daqueles dois. Acha que eu me importo? Ora, foda-se. Vou chamar os dois de volta.

Da posição em que está, de costas para a saída de incêndio, pode ver que Baxter terá maus momentos pela frente. Ele dá as costas para Perowne e se

afasta para o meio da calçada, a tempo de ver Nigel e Nark caminhando para longe do BMW, de volta para a Tottenham Court Road.

Baxter dá uma rápida corrida na direção deles e grita:

— Ei!

Os dois olham para trás e Nark, com um vigor que não lhe é peculiar, faz um gesto obsceno com o dedo. Quando retomam o seu rumo, Nigel faz, com o pulso mole, um movimento de desdém. O general mostrou-se indeciso, os soldados desertam, a humilhação é completa. Perowne também percebe que a sua oportunidade vai desaparecer. Cruza a calçada, vai para a rua e para o outro lado do seu carro. As chaves estão na ignição. Quando liga o motor, vê Baxter no espelho retrovisor, desnortado entre as facções que se deslocam em direções opostas, berrando para os dois lados. Perowne manobra para a frente — por orgulho, não quer parecer apressado. O seguro é uma irrelevância e, agora, se surpreende de ter pensado que isso era importante. Vê sua raquete no banco da frente, a seu lado. Sem dúvida, é hora de ir embora, enquanto ainda há uma chance de poder salvar a sua partida de squash.

Depois de estacionar, e antes de sair do carro, telefona para Rosalind, no trabalho — os dedos compridos ainda tremem, se atrapalham com as teclas em miniatura. Nesse dia importante para ela, Perowne não quer perturbá-la com a história da surra que, por pouco, não levou. E não precisa de solidariedade. O que quer é mais essencial — o som da voz dela, numa conversa cotidiana, a retomada da vida normal. O que pode ser mais tranquilizadamente simples do que o marido e a esposa conversarem sobre os detalhes do jantar que servirão à noite? Fala com a atendente, que trabalha em regime de contrato temporário, no escritório de Rosalind, e recebe a informação de que a reunião entre ela e o editor começou atrasada e está em curso, agora. Ele não deixa recado e diz que vai tentar de novo, mais tarde.

É incomum, num sábado, ver vazias as quadras de squash envidraçadas. Ele caminha pelo corredor, sobre o tapete azul manchado, passa pela enorme máquina de vender coca-cola e barrinhas energéticas e vai encontrar o anestesista na extremidade oposta, na quadra número cinco, batendo a bola

com golpes rápidos e repetidos, de voleio, na parede do fundo, dando a impressão de um homem que se alivia do mau humor. Mas, logo fica claro, ele está esperando há apenas dez minutos. Mora do outro lado do rio, em Wadsworth; a passeata obrigou-o a deixar o carro no Festival Hall. Irritado consigo mesmo por estar atrasado, veio correndo pela ponte Waterloo e viu, embaixo, dezenas de milhares de pessoas passando pelo Aterro, rumo à praça do Parlamento. Jovem demais para ter tomado parte dos protestos contra a guerra do Vietnã, nunca em toda a vida tinha visto tanta gente num só lugar. Apesar de suas opiniões pessoais, ficou um pouco tocado. Isso, disse a si mesmo, é o processo democrático, por mais inconveniente que seja. Observou durante cinco minutos, depois seguiu correndo pela Kingsway, contra o fluxo dos corpos. Descreve tudo isso, enquanto Perowne senta-se no banco, retira o suéter e a calça de ginástica, faz um montinho com a sua carteira, suas chaves e seu celular, para guardar num dos cantos da parede frontal — ele e Strauss nunca se mostram sérios o bastante para insistirem em conservar o piso da quadra totalmente desocupado.

— Eles não gostam muito do seu primeiro-ministro, mas, cacete, abominam o meu presidente.

Jay é o único médico americano que Perowne conhece que aceitou uma grande redução no salário e nos prazeres para trabalhar na Inglaterra. Diz que adora o sistema de saúde. Adorava também uma inglesa, teve três filhos com ela, divorciou-se, casou-se de novo, com outra rosa inglesa, de aspecto semelhante e doze anos mais nova, e teve mais dois filhos — ainda muito pequenos, e um terceiro está a caminho. Mas o seu respeito pela medicina socializada ou o seu amor pelos filhos não fazem dele um aliado da causa da paz. A guerra proposta, Perowne descobre, em geral não divide as pessoas de forma previsível; um conhecido conjunto de opiniões não é um guia confiável. Segundo Jay, a questão é clara: a forma como as sociedades abertas tratarem a situação do mundo novo vai determinar até que ponto continuarão abertas. É um homem de certezas imperturbáveis, sem paciência para falar sobre diplomacia, armas de destruição em massa, equipes de inspeção, provas de vínculos com a Al-Qaeda e assim por diante. O Iraque é um Estado podre, um aliado natural dos terroristas, destinado a provocar o mal, mais cedo ou mais

tarde, e pode perfeitamente ser ocupado agora, enquanto as forças armadas dos Estados Unidos se sentem confiantes, depois do Afeganistão. E insiste em que, por ocupar, ele entende que se trata de libertar e democratizar. Os Estados Unidos têm de expiar sua culpa, por sua política desastrosa, no passado — no mínimo, devem isso ao povo iraquiano. Toda vez que conversa com Jay, Henry se sente pender para o partido dos que são contrários à guerra.

Strauss é um homem forte, atarracado, de pés no chão, fisicamente vaidoso, enérgico, de atitudes diretas — para alguns de seus colegas ingleses, um pouco cansativo. Ficou totalmente careca a partir dos trinta anos. Faz ginástica mais de uma hora por dia e tem o aspecto de um lutador de luta livre. Quando cuida de seus pacientes na sala de anestesia, preparando-os para o estupor, eles se sentem tranqüilizados com a imagem dos músculos esculpidos dos seus antebraços, a sólida massa do seu pescoço e dos seus ombros, e pela maneira como fala com eles — direta, alegre, sem paternalismo. Pacientes ansiosos podem acreditar que esse americano atarracado é capaz de sacrificar a sua vida para poupá-los da dor.

Trabalhavam juntos havia seis anos. Na opinião de Henry, Jay é a chave do sucesso da sua equipe. Quando as coisas andam mal, Strauss se mantém calmo. Se, por exemplo, Perowne é forçado a interceptar um vaso sanguíneo importante a fim de fazer um reparo, Jay marca o tempo de um jeito calmo e termina com um murmúrio: “Você tem mais um minuto, chefe, depois, já era”. Em raras ocasiões, quando as coisas vão mal para valer, quando não há como voltar atrás, Strauss vai encontrá-lo, mais tarde, lá fora, sozinho, num trecho tranqüilo do corredor, põe as mãos nos seus ombros, aperta com força e diz: “Tudo bem, Henry. Vamos desabafar logo de uma vez, antes que você comece a se crucificar”. Não é assim que um anestesista, mesmo dos mais experientes, costuma falar com um cirurgião. Em consequência, Strauss tem uma quantidade de inimigos acima da média. Em certas comissões, Perowne protegeu as costas largas do seu amigo das punhaladas de vários colegas. De quando em quando, se vê dizendo a Jay algo do tipo: “Não me importa o que você pense. Seja gentil com ele. Lembre-se do nosso financiamento para o ano que vem”.

Enquanto Henry faz os seus alongamentos, Jay volta para quadra a fim de manter a bola aquecida, jogando-a contra a parede da direita. Parece haver um

ímpeto extra, hoje, nas suas bolas baixas, e a seqüência de voleios rápidos tem a nítida intenção de intimidar o oponente. Funciona. Perowne sente como uma opressão a batida ecoante da bola, semelhante ao tiro de um rifle; há uma rigidez incomum no pescoço, enquanto ele faz os seus movimentos de costume, empurrando a mão esquerda contra o cotovelo direito. Através da porta de vidro aberta, ele levanta a voz para explicar por que chegou atrasado, mas é um relato truncado, centrado na batida dos carros, na maneira como o carro vermelho o fechou, e como ele se desviou, como o dano na pintura foi espantosamente leve. Deixa de lado todo o resto, diz apenas que levou tempo para conseguir acertar tudo. Não quer ouvir a si mesmo descrevendo Baxter e seus amigos. Strauss vai se interessar demais por isso e fará perguntas que ele ainda não se sente disposto a responder. Já está sentindo uma agitação crescente a respeito do ocorrido, uma inquietação que não consegue definir, embora, sem dúvida, a culpa seja um dos componentes.

Sente o joelho esquerdo estalar quando alonga os tendões. Quando chegará a hora de abrir mão desse jogo? No seu quinquagésimo aniversário? Ou antes. Cair fora, antes de romper um ligamento cruzado anterior, ou tombar estatelado no piso, com o seu primeiro infarto coronariano. Exercita os tendões da outra perna, Strauss ainda pratica os seus voleios, rápidos como tiros. De repente, Perowne sente que sua vida é frágil e preciosa. Seus braços e pernas lhe parecem velhos amigos, tratados com negligência, absurdamente compridos e quebradiços. Será que ele está num ligeiro estado de choque? Seu coração vai ficar ainda mais vulnerável depois do soco que levou. O peito ainda dói. Ele tem, para os outros, a obrigação de sobreviver, e não deve pôr a vida em risco por causa de uma mera partida de squash, jogando uma bola contra uma parede. E não existe partida de squash que seja disputada de leve, ainda mais com Jay. Ainda mais com ele próprio. Os dois detestam perder. Depois que começam, lutam feito loucos por qualquer ponto. Ele devia pedir desculpas e ficar de fora, dessa vez, mesmo com o risco de irritar o amigo. Um preço irrisório. Quando se levanta, ocorre a Perowne que aquilo que ele deseja, de fato, é ir para casa, deitar-se no seu quarto e refletir sobre o caso, a briga na rua University, e resolver como deveria ter agido e que ponto ele não entendeu.

Mas, na mesma hora em que pensa isso, põe os óculos protetores, pisa na

quadra e fecha a porta às suas costas. Ajoelha-se para colocar seus pertences num canto da parede da frente. Há um impulso para a rotina, para a partida de squash com um amigo no sábado de manhã, que ele não tem força de vontade para interromper. Posiciona-se no lado direito da quadra, Strauss lança uma bola amigável, vigorosa, para o centro, Perowne a devolve automaticamente, pelo mesmo caminho. E assim eles dão início aos exercícios rotineiros de aquecimento. A terceira bola, ele bate de mau jeito, arremessa-a com estrondo, na proteção de lata. Algumas raquetadas depois, pára a fim de amarrar o tênis. Não consegue se acalmar. Sente-se lento e tolhido, e sua empunhadura parece desalinhada, aberta demais, ou fechada demais, ele não sabe dizer. Revolve a raquete nas mãos, entre uma raquetada e outra. Passam-se quatro minutos e ainda não conseguiram trocar bolas de forma decente. Não há nenhum sinal daquele ritmo desenvolto que, em geral, os leva a engrenar na partida. Percebe que Jay está reduzindo o seu ritmo, oferecendo ângulos mais fáceis para manter a bola em jogo. Enfim, Perowne sente-se obrigado a dizer que está pronto. Como perdeu a partida da semana anterior — esse é o trato entre os dois —, cabe a ele o saque.

Toma posição de saque no lado direito. Atrás dele, no lado oposto da quadra, ouve Jay falar: “Pronto”. O silêncio é completo, daquele tipo sibilante, que raramente se ouve na cidade; não há outros jogadores, não há ruídos na rua, nem mesmo o barulho da passeata. Durante dois ou três segundos, Perowne fita a densa bola negra na sua mão esquerda, querendo concentrar o foco dos seus pensamentos. Dá um saque alto, em lobe, bem direcionado, pois a bola descreve um arco alto demais para um voleio, e passa rente à parede lateral, rumo à parede do fundo. Mas, na mesma hora em que a bola parte, ele já sabe que bateu com força demais. A bola rebate na parede do fundo com uma velocidade residual, deixando Jay bastante à vontade para fazer uma rebatida bem direta, a uma boa distância da parede lateral. A bola vai morrer no canto, quicando no chão sem tocar na parede do fundo quando Perowne a alcança.

Sem fazer uma pausa sequer, Jay pega a bola para sacar do lado direito. Perowne, a julgar pelo estado de ânimo do seu oponente, já espera um saque violento, com o braço bem levantado, e se põe agachado, voltado para a frente, preparado para dar um voleio, antes que a bola resvale na parede lateral. Mas

Strauss fez os seus cálculos pessoais no que diz respeito ao estado de ânimo. Dá um saque de leve, num ângulo reto, na direção do ombro direito de Perowne. É a bola perfeita para derrubar um adversário hesitante. Ele recua, mas é tarde demais, e não recua o bastante e, a certa altura, em sua confusão, perde a bola de vista. Sua rebatida vai cair na frente da quadra, e Strauss atira a bola com força no canto direito. Estão jogando há menos de um minuto, Perowne perdeu o saque, está com um ponto a menos e já sabe que perdeu o controle. E assim prossegue, de maneira implacável, durante os cinco pontos seguintes, com Jay de posse do centro da quadra e Perowne, aturdido e na defensiva, sem conseguir tomar nenhuma iniciativa.

Quando está seis a zero, Strauss, enfim, comete um erro. Perowne saca com o mesmo lobe, mas dessa vez a bola vai cair de mansinho, perto da parede do fundo. Strauss consegue rebatê-la de curva, mas a bola sai muito curta e Perowne se surpreende ao arrematar a jogada com um toquezinho de leve e perfeito. Com esse pequeno arroubo de euforia, vem a capacidade de concentrar-se. Faz os três pontos seguintes, sem dificuldade, e no último desses pontos, concluído com uma bola de voleio, ele ouve Jay praguejar consigo mesmo, enquanto caminha para o fundo da quadra. Agora, a autoridade mágica e todas as iniciativas são de Henry. Ele está de posse do centro da quadra e faz o oponente correr da frente para o fundo. Logo, ele está na frente no score, com sete a seis no placar, e não há dúvida de que vai ganhar os próximos dois pontos. No instante em que pensa isso, lança uma bola cruzada, sem cuidado, que atravessa a quadra toda, Strauss rebate e, com uma linda cortada, joga a bola no canto. Perowne consegue resistir à sedução do ódio de si mesmo, enquanto caminha para o lado esquerdo da quadra, a fim de receber o saque. Mas, quando a bola voa, da parede da frente, na sua direção, pensamentos indesejáveis abalam a sua concentração. Vê a patética figura de Baxter no espelho retrovisor. É exatamente a hora em que devia ter dado um passo à frente, para um voleio de revés — poderia alcançar a bola, se esticasse o braço —, mas ele hesita. A bola bate no canto — o ponto onde a parede toca o chão — e rola, como um insulto, por cima do seu pé. É um lance de sorte e, em sua irritação, ele quer dizer isso. Sete a sete. Mas não há como resistir até o fim. Perowne sente-se em meio a uma neblina mental, e Jay fecha os dois pontos

finais numa rápida seqüência.

Nenhum dos dois tem a menor ilusão quanto a sua capacidade de jogar. São jogadores medianos, só vão ao clube nos fins de semana, ambos beiram os cinquenta anos. Seu pacto é que, entre os games — disputam uma melhor de cinco —, façam pausas para que sua pulsação se normalize. Às vezes, chegam a sentar-se no chão. Hoje, o primeiro game não foi cansativo, portanto caminham, devagar, para um lado e para o outro da quadra. O anestesista quer saber notícias da jovem Chapman. Ele se desviou da sua rotina a fim de conhecer melhor a paciente. As maneiras rudes da garota não resistiram ao papo de rua que Perowne, ao passar pelo corredor, entreouveu Strauss dirigir a ela. O anestesista tinha ido à enfermaria para se apresentar. Encontrou uma enfermeira filipina em prantos por causa de algum insulto que tinha ouvido. Strauss sentou-se na cama e pôs a cara bem perto do rosto da garota.

— Escute aqui, gatinha. Você quer que a gente dê um jeito nessa sua cabecinha estragada, não quer? Está ouvindo? Se não quiser, então vá ter os seus ataques em casa. Temos uma porção de pacientes na fila para ocupar a sua cama. Olhe aqui, seus bagulhos estão ali no armário. Quer que eu comece a fazer a sua mala agora? Tudo bem. Vamos nessa. Escova de dente. *Discman*. Escova de cabelo... Não quer? Então, como vai ser? Muito bem. Tudo bem. Olhe, estou tirando tudo da mala de novo. Não, pode ver, olhe só, estou tirando mesmo. Você nos ajuda, nós ajudamos você. Sacou? Vamos apertar as mãos.

Perowne dá notícia da boa evolução do quadro da paciente nessa manhã.

— Eu gosto dessa garota — diz Jay. — Ela me lembra eu mesmo nessa idade. Uma grande encrenca, em todos os sentidos. Ela pode atear fogo ao corpo, pode fazer qualquer loucura.

— Bem, dessa, ela vai escapar — diz Perowne, quando toma posição para receber o saque. — Pelo menos, a decisão de se arrebentar será somente dela. Vamos lá.

Ele falou cedo demais. O saque de Jay vem na sua direção, mas a palavra “arrebentar”, que traz lembranças da noite e também daquela manhã, se fragmenta em uma porção de associações mentais. Tudo o que lhe aconteceu recentemente lhe acontece de uma só vez. Ele não está mais no presente. A praça deserta e gélida, o avião e seu início de incêndio, seu filho na cozinha,

sua esposa na cama, sua filha a caminho, vindo de Paris, os três homens na rua — ele segue as coordenadas de tempo erradas, ou está em todas elas, de uma só vez. A bola o apanha de surpresa — é como se ele tivesse saído da quadra por um momento. Alcança a bola tarde demais, pegando-a por baixo, rente ao chão. Na mesma hora, Strauss salta do T para dar a cortada final. E assim o segundo tempo começa como o primeiro. Mas, dessa vez, Henry tem de correr muito até para perder. Jay está preparado para deixar os ralis se prolongarem, enquanto ele toma posse do centro da quadra e dá lobes para o fundo, joga bolas pingadas para a frente, e ainda consegue lançar umas bolas de viés. Perowne saltita ao redor do oponente, como um cavaleiro no picadeiro do circo. Ele se torce para trás, para apanhar bolas nos cantos do fundo da quadra, depois corre para a frente e se estica, a fim de alcançar as bolas pingadas. A constante mudança de direção o deixa cansado, tanto quanto o seu crescente ódio de si mesmo. Por que ele se ofereceu de mãos atadas a essa humilhação, a essa tortura, e até a previu com prazer? Em momentos assim, num jogo, os elementos essenciais do seu caráter ficam expostos: estreito, ineficaz, burro — e moralmente também. O jogo se torna uma metáfora ampliada da deficiência da personalidade. Todo erro que comete é tão profundamente, e tão irritantemente, típico dele mesmo, tão instantaneamente familiar, como uma assinatura, como uma cicatriz num tecido do corpo, ou uma deformação num ponto mais privado. Tão íntimo e tão evidente por si mesmo quanto a sensação da própria língua dentro da boca. Só ele pode errar tanto, desse jeito específico, e só ele merece perder dessa exata maneira. Quando perde os pontos, reúne a força que lhe resta num escuro poço de fúria.

Não diz nada, para si nem para o adversário. Não vai deixar que Jay o ouça praguejar. Mas o silêncio é outro tipo de tormento. O jogo está oito a três. Jay lança uma bola cruzada — na certa, um erro, porque a bola sai frouxa, pronta para ser interceptada. Perowne vê a sua chance. Se conseguir pegá-la, Jay será apanhado fora de posição. Ciente disso, Jay desloca-se para fora da sua linha, rumo ao centro da quadra, bloqueando o caminho de Perowne. Imediatamente, Perowne pede para anular o ponto. Eles param, e Strauss se vira para expressar sua surpresa.

— Está brincando?

— Porra nenhuma — retruca Perowne, no seu resfolegar furioso, e aponta a raquete na direção aonde estava indo. — Você se meteu bem na minha frente.

O linguajar espantou a ambos. Strauss logo cede:

— Está certo, está certo. Vamos anular o ponto.

Enquanto vai para a posição de saque e tenta se acalmar, Perowne não pode deixar de pensar que, com o placar em oito a três, e já no segundo tempo, é falta de generosidade, da parte de Jay, pôr em dúvida uma impugnação de ponto tão óbvia. Falta de generosidade é até uma generosidade. Esse juízo não o ajuda a acertar o saque de que tanto precisa, pois é a sua última chance para retomar o comando do jogo. A bola sai tão aberta da parede que Jay consegue dar um passo para a esquerda e, com facilidade, acertar uma cortada de frente. Retoma o saque e o jogo termina em menos de meio minuto.

A perspectiva de ficar alguns minutos de conversa na quadra tornou-se insuportável. Henry baixa a raquete, retira os óculos de proteção e resmunga que precisa tomar água. Sai da quadra, vai para o vestiário e bebe no bebedouro. O lugar está vazio, salvo por uma figura no chuveiro, até então despercebida. Um televisor, no alto da parede, está sintonizado na estação de notícias. Ele espirra água no rosto, sobre uma pia, e descansa a cabeça nos antebraços. Escuta o pulso bater, junto aos ouvidos, o suor está escorrendo pelas costas, o rosto e os pés estão em brasa. Só há uma coisa que ele quer na vida. Tudo o mais desapareceu. Tem de vencer Strauss. Tem de vencer três games seguidos para ganhar a série. Incrivelmente difícil, mas, por ora, não deseja outra coisa, nem consegue pensar em mais nada. Durante aquele minuto, ou aqueles dois minutos, no máximo, ele tem de refletir com cuidado sobre o seu jeito de jogar, descer aos fundamentos, perceber o que está fazendo de errado e corrigi-lo. Já ganhou de Strauss muitas vezes antes. Tem de parar de ficar com raiva de si mesmo e pensar na sua estratégia de jogo.

Quando levanta a cabeça, vê, no espelho do lavatório, para além do seu rosto vermelho, um reflexo do televisor emudecido, atrás dele, que mostra as mesmas cenas do avião de carga na pista de pouso. Mas então, por um momento, de forma instigante, dois homens, com seus casacos por cima da cabeça — na certa, os dois pilotos —, algemados, são conduzidos para um furgão da polícia. Foram presos. Algo aconteceu. Um repórter, na frente da delegacia de polícia,

fala para a câmera. Em seguida, o locutor principal se dirige ao repórter. Perowne muda de posição, assim a tela sai da sua vista. Será que não é possível desfrutar uma hora de recreação sem essa invasão, sem essa infecção que parte do domínio público? Ele começa a ver a questão se resolver em termos bem simples: vencer o jogo vai ser uma afirmação da sua privacidade. Ele, de vez em quando, tem o direito — todos têm — de não ser perturbado pelos acontecimentos do mundo, e até pelos acontecimentos da rua. Enquanto esfria a cabeça no vestiário, Perowne tem a impressão de que esquecer, apagar todo um universo de fenômenos públicos, a fim de se concentrar, é um direito fundamental. Liberdade de pensamento. Vai emancipar-se ao vencer Strauss. Agitado, fica andando para um lado e para o outro, entre os bancos do vestiário, desviando os olhos de um adolescente ondulantemente obeso, antes uma foca do que um ser humano, que saiu do chuveiro sem toalha nenhuma. Não tem muito tempo. Tem de organizar sua estratégia em torno de uma tática bem simples, tirar partido da fraqueza do adversário. Strauss tem só um metro e setenta e dois, não tem grande envergadura e sua capacidade de voleio não é lá essas coisas. Perowne decide jogar lobes altos para os cantos de trás. Muito simples, só isso. Ficar dando lobes para o fundo.

Quando volta à quadra, o anestesista vem direto falar com ele:

— Você está bem, Henry? Está emputecido com alguma coisa?

— É, sim. Comigo mesmo. Mas ter de explicar por que pedi a anulação daquele ponto também incomodou.

— Você tinha razão. Eu estava errado. Desculpe. Está pronto?

Perowne se pôs na posição de recepção, atento ao ritmo da sua respiração, preparado para executar um movimento simples, quase um procedimento-padrão: vai rebater de voleio o saque, antes que a bola toque na parede lateral e, logo depois de bater na bola, vai correr para o T, no centro da quadra, e dar um lobe. Simples. Está na hora de desalojar Strauss.

— Pronto.

Strauss dá um saque rápido e, mais uma vez, a bola vem na altura do corpo, mirada em cheio no seu ombro. Perowne consegue empurrar a raquete na frente da bola, e o voleio sai mais ou menos como ele pretendia, e agora ele está na posição certa, e no T. Strauss dá um toquinho na bola para longe do canto e

ela volta, paralela à mesma parede lateral. Perowne se adianta e voleia, de novo. Por seis vezes, a bola vai e volta na parede da esquerda, até que Perowne acha o espaço para um golpe de revés e levanta a bola bem alto, no canto direito. Eles jogam nessa parede, em rebatidas retas, dançando os dois, no caminho um do outro, depois perseguem rebatidas na quadra inteira, enquanto a vantagem passa de um para o outro.

Já tiveram um rali desse tipo antes — desesperado, louco, mas também hilariante, como se a disputa real fosse ver quem ia cair na gargalhada primeiro. Mas dessa vez é diferente. Não tem humor, e é mais demorado, mais conflituoso, pois corações dessa idade não podem bater acima de cento e oitenta pulsações por minuto durante muito tempo e em breve alguém vai cansar e vacilar. E, nessa partida meramente social, sem testemunhas e um tanto inábil, os dois homens se impregnaram com a sensação premente da importância do ponto disputado. Apesar do pedido de desculpas, o ponto anulado ainda está atravessado entre os dois. Strauss já adivinhou que Perowne deu um bom puxão de orelha em si mesmo no vestiário. Se ele resistir ao seu contra-ataque, agora, Perowne ficará desmoralizado e Strauss dará cabo da partida, em três games seguidos. Quanto a Perowne, é uma questão de seguir as regras do jogo; até que conquiste o saque, ele não pode começar a marcar pontos.

Num longo rali, é possível tornar-se uma criatura quase inconsciente, que habita uma fatia ínfima do presente, apenas reagindo, dando um golpe na bola de cada vez, existindo apenas para tocar o jogo adiante. Perowne já se acha quase nesse estado, e vai cada vez mais fundo, quando se lembra de que era para ele ter um plano de jogo. No exato instante em que isso acontece, a bola vem mais curta e ele tem a chance de bater por baixo dela para dar um lobe alto, no canto esquerdo de trás. Strauss ergue a raquete para volear, depois muda de idéia e corre para trás. Manda a bola de volta, e Perowne dá um lobe para o outro lado. Correr de um canto para o outro, a fim de rebater a bola, é uma dureza tremenda quando se está cansado. Cada vez que golpeia a bola, Strauss bufa um pouco mais alto, e Perowne se sente estimulado. Ele resiste a dar uma cortada definitiva, porque acha que vai errar. Em vez disso, continua a lobar, cinco vezes seguidas, para esgotar as forças do adversário. O ponto se

encerra no quinto golpe, quando a bola sem força de Strauss cai debilmente de encontro à lata.

Zero a zero. Baixam as raquetes e ficam parados, curvados, sem fôlego, com as mãos nos joelhos, fitando o chão, às cegas, ou apóiam as palmas das mãos e o rosto na parede fria e branca, ou vagam sem rumo pela quadra, resmungando e esfregando a testa com as camisetas. De outras vezes, eles teriam trocado idéias sobre um ponto como aquele, mas dessa vez nenhum dos dois fala nada. Sôfrego para manter o ritmo acelerado, Perowne fica pronto primeiro e espera, na posição de saque, quicando a bola contra o chão. Dá o saque bem acima da cabeça de Strauss e a bola, mais fria e mais mansa, agora vai morrer no canto. Um a zero, e nenhum esforço desperdiçado. Este, e não o anterior, pode ser o ponto, de fato, importante. Perowne, agora, é totalmente senhor de si. O ponto seguinte é seu, e o outro também. Strauss está ficando exasperado, por causa de uma série de saques idênticos, e porque os ralis são breves, ou não existem, porque a bola permanece fria e inerte, feito massa de vidraceiro, difícil de fisgar, num cantinho apertado. E, à medida que fica mais aborrecido, Jay fica ainda menos competente. Não consegue alcançar a bola no ar, não consegue pegá-la por baixo, depois que ela bate no chão. Em alguns saques, ele simplesmente se desvia e vai direto para a posição de recepção, a fim de esperar o próximo saque. É a repetição, é o mesmo ângulo, a mesma altura impossível, sempre a mesmíssima bola, o que está acabando com ele. Num instante, ele perdeu seis pontos.

Perowne quer rir feito louco — um impulso que ele disfarça com uma tosse. Não olha com satisfação maldosa, nem com ar de triunfo — é ainda muito cedo para isso. Trata-se da delícia do reconhecimento, do riso de contentamento. Acha graça porque sabe exatamente como Strauss se sente: Henry conhece bem demais a espiral descendente da irritação e da inépcia, os pequenos êxtases de ódio de si mesmo. É hilariante reconhecer como outra pessoa se assemelha de forma perfeita à sua personalidade imperfeita. E ele sabe como seu saque é irritante. Ele mesmo não conseguiria rebater um saque daqueles. Mas Strauss foi implacável, quando estava por cima, e Perowne precisa dos pontos. Assim, continua a jogar do mesmo jeito, fazendo a bola voar acima da cabeça do adversário e marchando, ligeiro e tranqüilo, para enfim vencer o game, sem o

menor esforço, por nove a zero.

— Tenho de dar uma mijada — diz Jay, num tom seco, e sai da quadra, ainda com os óculos de proteção e com a raquete na mão.

Perowne não acredita nele. Embora veja que é um lance sensato, o único jeito de interromper a hemorragia de pontos, e embora ele também tivesse feito o mesmo, menos de dez minutos antes, ainda assim se sente tapeado. Poderia ter ganhado também o game seguinte, com o seu saque enfurecedor. Agora, Strauss vai encharcar a cabeça debaixo da torneira e repensar a sua estratégia.

Henry resiste à tentação de sentar. Em vez disso, dá uma volta para assistir às outras partidas — tem sempre a esperança de aprender algo com os jogadores mais gabaritados. Mas o clube ainda está deserto. Os sócios ou estão na passeata contra a guerra, ou não conseguiram atravessar o centro de Londres. Quando volta pelas quadras, levanta a camiseta e examina o seu peito. Há uma densa mancha escura à esquerda do seu esterno. Dói, quando estica o braço esquerdo. Fitar a pele manchada ajuda-o a concentrar-se nos seus sentimentos confusos a respeito de Baxter. Será que ele, Henry Perowne, age de forma antiprofissional quando utiliza seu conhecimento médico para minar os planos de um homem que padece de um distúrbio neurológico? Sim. A ameaça de uma surra serve como desculpa? Sim, não, não de todo. Mas esse hematoma, cor de berinjela, com o diâmetro de uma ameixa — só uma pequena amostra do que poderia ter acontecido com ele — diz que sim, ele está absolvido. Só um tolo ficaria lá, parado, e levaria pontapés, quando havia um modo de fugir. Portanto, o que o perturba? Por estranho que pareça, apesar de toda a violência, ele quase gostou de Baxter. Isso é forçar um pouco as palavras. Ficou intrigado com ele, com a sua situação sem esperança e com a sua recusa a se entregar. Havia ali uma inteligência genuína, e era triste ver como levava uma vida errada. E ele, Henry, foi obrigado, ou forçado, a abusar do próprio poder — mas se permitiu ficar nessa posição. Sua atitude estava errada, desde o início, insuficientemente defensiva; seu jeito deve ter parecido pedante, ou desdenhoso. Talvez provocador. Poderia ter se mostrado mais amistoso, poderia até aceitar o cigarro; deveria ter relaxado, numa posição de força, em vez de se mostrar revoltado e beligerante. De outro lado, eles eram três, queriam o seu dinheiro, estavam loucos para praticar uma violência, tinham planejado isso ainda antes de saírem

do carro. A perda de um espelho lateral era o disfarce para um assalto.

Ele volta para a entrada da quadra, sua inquietação intacta, quando Strauss reaparece. Os ombros volumosos estão encharcados, por causa da sessão na torneira da pia, e o bom humor foi recuperado.

— Tudo bem — diz ele, enquanto Perowne vai para a posição de saque. — Chega de fazer o papel de bonzinho.

Perowne acha enfraquecedor ter ficado sozinho com seus pensamentos; um segundo antes de sacar, recorda o seu plano de jogo. Mas a quarta partida não segue um padrão óbvio. Ele ganha dois pontos, depois Strauss toma conta da partida e passa à frente, três a dois. Há ralis demorados e confusos, com uma série de erros gratuitos, de ambos os lados, que levam o placar a sete a sete, com saque de Perowne. Faz os dois últimos pontos, sem dificuldade. Dois games a dois.

Fazem uma rápida pausa para se recuperarem para a batalha final. Perowne não está cansado — vencer é, fisicamente, menos cansativo do que perder. Mas ele se sente esvaziado daquele desejo feroz de vencer Jay e ficaria feliz de propor um empate e ir tratar do resto do seu dia. Tinha passado a manhã inteira em alguma forma de combate. Mas não há a menor chance de desistir. Strauss está se deliciando com a situação, toma aquilo a sério e fala, a caminho da sua posição:

— Lutar até a morte. — E: — *No pasarán!*

Portanto, com um suspiro sufocado, Perowne dá o saque e, por suas idéias terem se esgotado, recai no mesmo lobe de antes. De fato, no instante em que golpeia a bola, reconhece que ela sai quase perfeita, faz uma curva para o alto, pronta para cair em cheio no cantinho. Mas Strauss se acha num estado de ânimo peculiar, exultante, e faz uma coisa extraordinária. Com uma corrida curta e um salto, pula uns sessenta ou até noventa centímetros de altura e, com a raquete toda esticada, suas costas musculosas arqueadas com elegância, os dentes à mostra, a cabeça atirada para trás e o braço esquerdo levantado para dar equilíbrio, ele apanha a bola pouco antes de ela chegar ao cume da sua trajetória, com uma cortada de revés, semelhante a uma chicotada, que atira a bola para baixo, para bater na parede da frente, a uns dois centímetros apenas acima da lata — um lance maravilhoso, inspirado, impossível de rebater.

Perowne, que mal se mexeu de onde estava, diz isso no mesmo instante. Uma jogada formidável. E de repente, com o saque agora nas mãos do seu adversário, tudo recomeça outra vez, e ele quer vencer.

Os dois aprimoram seu jeito de jogar. Cada ponto, agora, é um drama, um esquete de reviravoltas repentinas, e toda a seriedade e a fúria do longo rali do terceiro jogo são retomadas. Esquecidos dos protestos de seus corações, eles se atiram para todos os cantos da quadra. Não há erros gratuitos, cada ponto é disputado, arrancado à força do adversário. Quem dá o saque bufa o placar, mas, afora isso, nada dizem. E, à medida que o placar sobe, nenhum dos oponentes ultrapassa o outro em mais de um ponto. Não há nada em jogo — não estão num torneio classificatório de um clube de squash. Só existe a irreprimível ânsia de vencer, tão biológica quanto a sede. E é pura, porque ninguém está olhando, ninguém mais se importa, nem os amigos, nem as esposas, nem os filhos. Não é nem algo prazeroso. Pode vir a tornar-se, depois, em retrospecto — e só para o vencedor. Se um passante fizesse uma pausa, junto ao vidro, para espiar, ia pensar, sem dúvida, que aqueles jogadores de idade avançada tinham sido jogadores de elite, em outros tempos, e mesmo agora ainda tinham certo nível. Poderia também imaginar que era uma partida de desforra, tamanho era o desespero e o esforço com que jogavam.

O que dá a sensação de ser meia hora são, na verdade, doze minutos. Quando está sete a sete, Perowne dá o saque da caixa da esquerda e vence o ponto. Atravessa a quadra para dar o saque. Sua concentração é boa, sua confiança é elevada, e assim ele dá um saque forçado de revés, num ângulo fechado, perto da parede. Strauss o intercepta com um golpe de revés, quase um lance de tênis, de modo que a bola vai cair na frente da quadra. Um bom lance, mas Perowne está a postos e salta para o golpe de misericórdia. Apanha a bola na subida e dá uma cortada com a mão virada para a frente, na direção do canto esquerdo de trás. Fim de game, e vitória. No instante em que dá a cortada, recua — e esbarra em Strauss. É um choque brutal, os dois giram e, por um momento, nenhum deles consegue falar.

Então Strauss, falando com calma, em meio à respiração ofegante, diz:

— Ponto meu, Henry.

E Perowne diz:

— Jay, terminou. Três games a dois.

Fazem outra pausa, para avaliar sua desastrosa discordância.

Perowne diz:

— O que você estava fazendo na parede da frente?

Jay se afasta, rumo à caixa onde, se voltarem a disputar o ponto, ele vai receber o saque. Quer tocar a partida adiante — à sua maneira. Diz:

— Pensei que você ia mandar a bola de leve para a sua direita.

Henry tenta sorrir. Sua boca está seca, os lábios não se desgrudam dos dentes com facilidade.

— Quer dizer que eu enganei você. Você estava fora de posição. Não poderia rebater a bola.

O anestesista balança a cabeça, com a calma singela que seus pacientes acham tão tranquilizadora. Mas o seu peito está arfante.

— A bola veio da parede de trás. Quicou muito. Henry, você estava bem no meu caminho.

Esse emprego do prenome de um e do outro é salpicado de veneno. Henry não consegue se conter de novo. Fala como se recordasse Strauss de um fato esquecido há muito tempo.

— Mas, Jay, você não conseguiria rebater a bola.

Strauss encara o olhar de Perowne e diz, com calma:

— Henry, eu poderia, sim.

A injustiça da anulação do ponto é tão flagrante que Perowne só consegue repetir consigo:

— Você estava totalmente fora de posição.

Strauss responde:

— Isso não é contra as regras. — Depois, acrescenta: — Vamos lá, Henry. Da última vez, deixei as dúvidas de lado e aceitei a sua reclamação.

Então ele acha que está cobrando uma dívida. Fica ainda mais difícil de manter o tom de ponderação de Perowne. Respondeu, depressa:

— Não havia nenhuma dívida.

— Havia, sim, claro.

— Escute, Jay. Não estamos num tipo de fórum de oportunidades iguais. Temos de julgar o caso pelos seus méritos.

— De acordo. Não é preciso fazer uma palestra.

O pulso descendente de Perowne se eleva, por um momento, ante aquela reprovação — um repentino momento de raiva é como uma batida de coração a mais, uma pernicioso punhalada de arritmia. Ele tem coisas a resolver. Precisa ir até o peixeiro, ir para casa, tomar banho e sair de novo, voltar, preparar uma refeição, abrir o vinho, cumprimentar a filha, o seu sogro, fazer as pazes entre os dois. Porém, mais que isso, precisa do que já é seu; reagiu, depois de estar perdendo dois jogos, e acredita que provou a si mesmo algo fundamental quanto à sua própria natureza, algo familiar, de que ele andava esquecido nos últimos tempos. Agora, seu adversário quer tomar isso dele, ou negá-lo. Ele encosta sua raquete no canto, junto de seus pertences, para mostrar que o jogo terminou. Da mesma forma, Strauss se mantém resoluto, de pé, na posição de receber o saque. Nunca houve, entre eles, nada desse tipo. Será possível que se trata de alguma outra coisa? Jay olha para ele, com um meio-sorriso bem-disposto entre os lábios franzidos — uma expressão inteiramente fabricada, com o propósito de fazer cumprir a sua reclamação. Henry pode ver a si mesmo — seu pulso dispara, outra vez, ao pensar isso — atravessando o soalho em quatro passos para acertar, naquela fisionomia cheia de si, um brusco tapa com as costas da mão. Ou podia dar de ombros e sair da quadra. Mas a sua vitória é insignificante, sem o reconhecimento. À parte as fantasias, como poderão resolver a questão, sem um árbitro, sem uma autoridade comum?

Nenhum dos dois fala, durante meio minuto. Perowne estende a mão e diz, num tom tão artificial quanto o sorriso de Strauss:

— Não sei o que fazer, Jay. Só sei que venci um campeão.

Mas Strauss sabe exatamente o que fazer. Aumenta a sua aposta.

— Henry, você estava voltado para a frente. Não viu a bola vir da parede de trás. Eu vi, porque estava indo na direção dela. Portanto, a questão é esta. Está me chamando de mentiroso?

É assim que termina.

— Que sacanagem, Strauss — responde Perowne, pega a sua raquete e vai para a caixa de saque.

E então voltam a jogar o ponto anulado, e Perowne dá de novo o saque e, como ele já desconfiava que podia acontecer, perde, depois perde os três pontos

seguintes e, antes de dar por isso, já terminou, ele perdeu, e volta para o canto e recolhe os seus pertences, a carteira, o celular, o relógio. Fora da quadra, veste a calça e amarra com o cadarço, afivela o relógio de pulso, veste o seu suéter e o casaco de pêlo. Está chateado, mas menos do que dois minutos antes. Vira-se para Strauss, que está saindo da quadra.

— Você jogou muito bem. Desculpe pela discussão.

— Deixa para lá. Podia acontecer com qualquer um. Foi uma de nossas melhores partidas.

Feçam o zíper do estojo de suas raquetes e as jogam sobre os ombros, a tiracolo. Livres das linhas vermelhas, do brilho das paredes brancas e das regras do jogo, caminham juntos pelas quadras, rumo à máquina de Coca-Cola. Strauss compra uma latinha. Perowne não quer. Só um americano, para querer tomar uma coisa tão adocicada, sendo adulto.

Quando saem do prédio, Strauss se detém para tomar um gole e diz:

— Estão todos tirando licença por causa da onda de gripe e eu, esta noite, fui chamado para o plantão.

Perowne responde:

— Já viu a lista da semana que vem? Mais uma semana pesada.

— É isso aí. Aquela velha senhora com o seu astrocitoma. Ela não vai se safar, não é mesmo?

Estão parados, na escada que dá na calçada da rua Huntley. Agora, o céu tem mais nuvens e o ar está frio e úmido. Talvez fosse chover em cima da passeata. O nome da velha senhora é Viola, seu tumor está alojado na região pineal. Tem setenta e oito anos e acontece que, quando trabalhava, era astrônoma, uma figura importante, em Jodrell Bank, na década de 1960. Na enfermaria, enquanto os outros pacientes vêm tevê, ela lê livros sobre matemática e sobre a teoria das cordas. Ciente da luz que decresce, uma penumbra de manhã de inverno, e sem querer tomar parte no tom negativo — um mau agouro —, Perowne diz:

— Acho que posso ajudá-la.

Compreendendo, Strauss torce a cara, ergue a mão num gesto de despedida, e os dois seguem rumos distintos.

De volta à privacidade acolchoada de seu carro acidentado, com o motor girando inaudível, em marcha lenta, pela deserta rua Hunter, ele volta a ligar para Rosalind. A reunião terminou, ela saiu direto para encontrar-se com o editor e ainda está com ele, já faz quarenta e cinco minutos. A secretária temporária pede para ele esperar na linha, enquanto ela vai buscar mais informações. Enquanto espera, Perowne recosta no descanso de cabeça e fecha os olhos. Sente a comichão do suor seco no rosto, na parte barbeada. Seus dedos do pé, que ele remexe para experimentar, parecem estar imersos num líquido e esfriam rapidamente. A importância da partida dissipou-se, até virar nada e, em seu lugar, há uma forte vontade de dormir. Só dez minutos. Foi uma semana árdua, uma noite conturbada, uma partida difícil. Sem olhar, encontra o botão de segurança do carro. As trancas das portas são acionadas em rápida seqüência, pequenos estalos ressoantes, quatro semicolcheias que o acalmam ainda mais. Um ancestral dilema evolutivo: a necessidade de dormir, o medo de ser devorado. Resolvido, afinal, por um dispositivo central de trancas de segurança.

Pelo pequeno receptor, que tem preso no ouvido esquerdo, ele ouve o murmúrio do escritório sem divisórias, o suave rumor de teclas de computador e, perto, a voz queixosa de um homem que fala com alguém, fora do seu raio de audição: “Ele não está negando... mas ele não nega... Sim, eu sei. Sim, esse é o nosso problema. Ele não vai negar nada”.

De olhos fechados, Perowne vê o escritório do jornal, o piso coberto por um carpete que tem orelhas nos cantos e manchas de café, o furioso sistema de aquecimento interno, que sangra uma água fervente, cor de ferrugem, as falanges de luzes fluorescentes, a perder de vista, que iluminam os recantos caóticos, os montes de papel em que ninguém toca, pois ninguém se dá ao trabalho de saber o que contêm, de verificar para que servem, e as escrivaninhas

superpovoadas, empurradas para muito perto umas das outras. É o mesmo espírito da sala de arte da escola. Todos sob uma pressão excessiva, para começar a fazer uma seleção no meio das velhas pilhas empoeiradas. O hospital é a mesma coisa. Cômodos repletos de entulho, armários e fichários que ninguém se atreve a abrir. Máquinas velhas em engradados de folha-de-flandres de cor creme, pesados demais, misteriosos demais, para serem removidos. Prédios doentes, em uso há tempo demais, que só a demolição pode curar. Cidades e estados inteiros sem condições de serem consertados. O mundo inteiro semelhante ao quarto de Theo. É preciso uma raça de adultos extraterrenos para pôr ordem na desordem generalizada, e depois pôr todo mundo para dormir cedo, à noite. No passado, acreditavam que Deus fosse esse adulto, mas, nos conflitos, Ele infantilmente toma partido. Depois ainda manda pra nós uma criança de verdade, um filho Seu — a última coisa de que precisamos. Uma pedra giratória já repleta de órfãos...

— Senhor Perowne?

— O quê? Sim?

— Sua esposa vai ligar para o senhor assim que estiver livre, daqui a meia hora, mais ou menos.

Reanimado, ele põe o cinto de segurança, faz uma manobra para pegar a pista em sentido contrário e ruma para Marylebone. Os manifestantes ainda estão aglomerados em fileiras cerradas na rua Gower, mas a Tottenham Court Road está livre, agora, com ondas de ataque de tráfego que rolam para o norte. Ele se une a uma delas, por um breve momento, depois vira para oeste e depois para norte, outra vez, e logo se vê no ponto em que as ruas Goodge e Charlotte se unem — um local de que ele sempre gostou, onde os negócios de lazer e de utilidades se concentram para tornar o espaço mais colorido e mais radiante: espelhos, flores, sabões, jornais, tomadas de eletricidade, tinta de parede, chaveiros, civilizadamente entremeados com restaurantes caros, vinhos e bares de *tapas*, hotéis. Qual foi o romancista americano que disse que um homem podia ser feliz se morasse na rua Charlotte? Daisy vai ter de refrescar a minha memória outra vez. Tanto comércio num espaço estreito cria montinhos regulares de lixo ensacado sobre as calçadas. Um cachorro sem dono está fuçando os sacos — roer a sujeira branqueia os dentes. Antes de virar de novo

para oeste, ele dá uma olhada mais à frente na rua, o seu quarteirão, e do outro lado, a sua casa, margeada por árvores nuas. As persianas do terceiro andar estão puxadas — Theo ainda está dormindo. Henry ainda consegue lembrar-se do incomparável sono matinal, até tarde, na época da adolescência, e nunca faz objeção aos pedidos do filho para dormir assim, até mais tarde. Isso não vai durar muito.

Atravessa a rua Great Portland — são as fachadas de pedra que lhe dão sempre um aspecto de penumbra — e, na praça Portland, ele passa por um casal da seita Falun Gong que faz vigília na rua, em frente à embaixada da China. Acreditar num universo miniaturizado que gira interminavelmente nove vezes para a frente, nove vezes para trás, no baixo-ventre do adepto é algo que ameaça a ordem totalitária. Sem dúvida, é uma visão não material das coisas. A reação do Estado são surras, torturas, desaparecimentos e assassinato, mas os seguidores, agora, já são mais numerosos que os do Partido Comunista. A China é simplesmente populosa demais para se manter num estado de paranóia por muito mais tempo, pensa Perowne, muitas vezes, quando passa por ali e vê o protesto. Sua economia está crescendo depressa demais, o mundo moderno é interligado demais para que o Partido consiga manter o controle. Hoje, vemos chineses continentais na loja Harrods, se entupindo de bens supérfluos. Logo serão as idéias e algo terá de ceder. E, enquanto isso, aqui está o Estado chinês dando má fama ao materialismo filosófico.

Em seguida, a embaixada fica para trás, com o seu sinistro esquadrão de antenas no telhado, e ele passa pelas grades ordeiras das ruas de instituições médicas, a oeste da praça Portland — clínicas particulares e salas de espera de mau gosto, com móveis de pernas arqueadas, em imitação de um estilo antigo e das fotos de revistas do tipo *Vida Campestre*. É a fé, tão poderosa quanto qualquer religião, que traz as pessoas à rua Harley. Ao longo dos anos, o hospital de Perowne recebeu e tratou — de graça, é claro — infinidades de casos mal remendados por alguns dos idosos e caríssimos incompetentes que atendem por ali. À espera no sinal vermelho, ele observa três figuras, de burcas pretas, que saem de um táxi na praça Devonshire. Elas se acotovelam, muito próximas, na calçada, e comparam o número na placa de uma casa ao que está escrito em um cartão que uma delas segura na mão. A que está no meio, provavelmente a

enferma, cujo aspecto é um pouco recurvado, cambaleia enquanto se pendura ao antebraço de suas companheiras. As três colunas negras, bem marcadas contra o cânion de tijolos e de estuque de cor creme, com as cabeças balançando, enquanto obviamente discutem acerca do endereço, têm um aspecto de farsa, como crianças que andam fantasiadas no dia das bruxas. Ou como a montagem de *Macbeth* na escola do Theo, quando os troncos ocos das árvores da floresta de Birnam esperavam nos bastidores para entrar no palco, batendo com força os pés no chão, rumo a Dunsinane. Talvez sejam irmãs, e trazem a mãe para a sua última tentativa. O sinal continua obstinadamente vermelho. Perowne acelera o motor — mas de leve —, depois deixa a aceleração baixar, em ponto morto. O que está fazendo, ao pisar a embreagem e dilatar os seus delicados quádriceps? Ele não consegue evitar o seu desgosto, é visceral. Que horrível que todos sejam obrigados a andar por aí tão completamente obliterados. Pelo menos essas senhoras não têm aqueles bicos de couro. Isso vira o estômago de Perowne. E o que dirão os relativistas, os joviais pessimistas da faculdade de Daisy? Que isso é sagrado, tradicional, uma resistência contra as frivolidades do consumismo ocidental? Mas os homens, os maridos — Perowne teve contato com diversos sauditas, em seu escritório —, vestem ternos, ou roupas de praticar esporte, ou calções folgados, e usam relógios Rolex, e são totalmente simpáticos, modernos, perfeitamente educados, em ambas as tradições. Acaso eles gostariam de carregar a tocha folclórica e andar aos tropeções, no escuro, ao meio-dia?

O sinal abriu, afinal, a mudança de cena — novos portões, outras salas de espera — e as amenas exigências do trânsito dirigidas à sua concentração o desviam desses pensamentos embaraçosos. Ele se apanhou à beira de um discurso bombástico. Que se danem as regras islâmicas de vestuário! Por que ele teria de se importar com as burcas? Os véus lhe trazem irritação. Não, irritação é uma palavra muito estreita. Eles e a República Chinesa contribuem para o ligeiro pendor negativo do seu estado de ânimo. Nos sábados, está habituado a sentir-se irrefletidamente feliz, e ali está ele, pela segunda vez nessa manhã, tendo de filtrar os elementos de um estado de ânimo mais lúgubre. O que está causando nele esses calafrios? Não é a partida que perdeu, nem a encenca com Baxter, nem mesmo a noite conturbada, embora todos esses fatores possam estar

produzindo algum efeito. Talvez seja apenas a perspectiva da tarde, quando terá de seguir para a vastidão dos subúrbios, em torno de Perivale. Enquanto havia uma partida de squash entre ele e a visita que ia receber, Perowne sentia-se protegido. Agora, há somente a compra de um peixe. Sua mãe não possui mais a capacidade de prever a sua chegada, de reconhecê-lo, quando está com ela, ou de lembrar-se dele, depois que vai embora. Uma visita vazia. Ela não o espera e não vai ficar decepcionada se ele não aparecer. É como levar flores para uma sepultura — o que importa de verdade está no passado. Mas ela consegue erguer uma xícara de chá até a boca e, embora não possa dar um nome ao rosto dele, nem evocar nenhuma associação, sente-se contente quando ele está ali sentado, ouvindo as suas divagações. Sente-se contente com qualquer pessoa. Ele detesta ir visitá-la, sente desprezo por si mesmo quando fica muito tempo sem ir lá.

É só quando está estacionando em Marylebone High Street que lembra de ligar o rádio para o noticiário do meio-dia. A polícia diz que duzentas e cinqüenta mil pessoas se reuniram no centro de Londres. Organizadores da manifestação insistem em que haverá dois milhões de pessoas no meio da tarde. Ambas as fontes concordam em que ainda está chegando mais gente. Uma manifestante entusiasmada, que é também uma atriz importante, ergue a voz acima do alarido de palavras de ordem e de saudações para dizer que nunca, na história da Ilhas Britânicas, se viu uma manifestação tão grande. Os que ficarem na cama nessa manhã de sábado vão rogar pragas contra si mesmos, por não estarem ali. O repórter, sério, recorda os ouvintes de que isso é uma referência ao discurso do dia de São Crispim, feito por Henrique V, antes da batalha de Agincourt, na peça de Shakespeare. A alusão fica perdida para Perowne, enquanto ele manobra para estacionar numa vaga entre dois jipes de tração nas quatro rodas. Duvida que Theo vá rogar pragas contra si mesmo. E por que um manifestante em favor da paz ia querer citar um rei guerreiro? O noticiário prossegue, enquanto Perowne fica ali sentado, com o motor parado, fitando um ponto de luz verde-azulada entre os botões do rádio. Em toda a Europa, e no mundo inteiro, as pessoas estão reunidas para exprimir sua preferência pela paz e pela tortura. É isso o que o professor diria — Henry pode ouvir sua voz insistente, de tenor. A notícia que Henry encara como se fosse a sua própria

vem a seguir. Piloto e co-piloto estão detidos para interrogatórios em locais diferentes, na parte oeste de Londres. A polícia não diz mais nada. O que é isso? No pára-brisa, a próspera rua de tijolos vermelhos e a geometria em perspectiva dos riscos da calçada e de pequenas árvores nuas parecem provisórias, como uma imagem projetada numa lâmina de gelo fino. Agora, um funcionário do aeroporto admite que um dos homens é de origem tchetchena, mas nega o boato de que foi encontrado um Corão na cabine do piloto. E mesmo se fosse verdade, acrescenta ele, nada significaria. Afinal, não há nenhum crime nisso.

Exatamente. Henry abre a porta com um estalo. A autoridade secular, indiferente à babel de diversas divindades, garantirá as liberdades de religião. Elas devem florescer. É hora de ir às compras. Apesar da dor muscular em suas coxas, ele se afasta bruscamente do carro, a largas passadas, tranca-o com o controle remoto, sem olhar para trás. A brusca luz do sol de inverno ilumina seu trajeto pela High Street. A maior reunião de pessoas na história das Ilhas Britânicas, a menos de três quilômetros dali, não perturba o contentamento de Marylebone e o próprio Perowne se sente tranqüilizado, enquanto se esquia da multidão, que se aproxima, e de todos os carrinhos de bebê, com suas crianças serenamente enroladas em panos. Tamanha prosperidade, essa perfeita euforia dedicada a queijos, a fitas, a móveis Shaker, é uma espécie de proteção. Esse bem-estar comercial é vigoroso e vai defender-se até o fim. Não é o racionalismo que vai derrotar os fanáticos religiosos, mas o comércio trivial e tudo o que ele acarreta — empregos, para começar, e paz, e certa dedicação a prazeres realizáveis, a promessa de apetites saciados, neste mundo, e não no outro. Comprar, em vez de rezar.

Vira na esquina da rua Paddington e curva-se diante de uma bancada de peixes, ao ar livre, numa pedra branca de mármore, inclinada para a frente. Vê, num relance, que tudo de que ele precisa está ali. Tamanha fartura dos mares que se esvaziam. Sobre o piso ladrilhado, na entrada aberta para a rua, empilhados em dois caixotes de madeira, semelhantes a enferrujados rejeitos industriais, há caranguejos e lagostas e, no emaranhado de belicosas partes do corpo, é discernível um movimento. Em suas tenazes, vestem fitas negras fúnebres. É uma felicidade, para o peixeiro e para seus clientes, que as criaturas marinhas não sejam aptas a utilizar ondas de som e não tenham voz nenhuma.

De outro modo, sairiam uivos desses caixotes. Mesmo o silêncio na mansa multidão que se revolve já é perturbador. Ele volta os olhos para o outro lado, na direção da carne branca e exangue, para as formas prateadas desvisceradas, com seu olhar sem nenhuma acusação, e para os peixes do mar profundo, arrumados emostas imbricadas, fáceis de manusear, de uma cor rosada e inocente, como as folhas de cartolina de um primeiro livro de bebê.

Naturalmente, Perowne, o pescador de fim de semana, conhece a literatura recente: uma infinidade de redutos de nociceptores polimodais exatamente iguais aos nossos, na cabeça e no pescoço da truta. No passado, era conveniente pensar em termos bíblicos, acreditar que vivemos cercados de autômatos comestíveis, habitantes da terra e do mar, para nos servir. Agora se sabe que mesmo os peixes sentem dor. Tal é a complicação crescente da condição moderna, o círculo crescente da solidariedade moral. Não só os povos remotos são nossos irmãos e irmãs, as raposas também, e os macacos de laboratório, e agora os peixes. Perowne continua a pescá-los e comê-los e, embora nunca jogue uma lagosta viva dentro da água fervente, está disposto a pedir que lhe sirvam uma lagosta num restaurante. O truque, como sempre, a chave para o sucesso e para o domínio humano, consiste em ser seletivo nas compaixões. A despeito de todo o palavrório sensato, é o que está perto da mão, é o visível que exerce a força suprema. E aquilo que não se vê... É por isso que, na doce Marylebone, o mundo parece estar totalmente em paz.

Caranguejos e lagostas não estão no cardápio desta noite. Se os mexilhões e mariscos que ele compra estiverem vivos, são inertes e estão pudicamente fechados. Compra camarões grandes já cozidos, dentro da casca, e três rabos de tamboril, que custam um pouco mais que o primeiro carro que teve na vida. De fato, um verdadeiro ferro-velho. Pede os ossos e as cabeças de duas arraias para ferver e fazer o caldo. O peixeiro é um homem educado, culto, que trata seus clientes como membros de um ramo exclusivo da nobreza fundiária. Embrulha cada espécie de peixe em várias folhas de jornal. Esse é o tipo de pergunta que Henry gostava de fazer a si mesmo, quando era estudante: quais as chances de este peixe específico, esse cardume, essa parte do mar, acabar nas folhas, ou melhor, nesta folha deste exemplar do jornal *Daily Mirror*? Algo como uma chance no infinito. Da mesma forma, os grãos de areia numa praia, dispostos

naquela exata posição. A arrumação aleatória do mundo, pensar nas chances inimagináveis de uma situação específica, isso ainda lhe dá prazer. Mesmo quando criança, e sobretudo depois da escola Aberfan, ele nunca acreditou no destino e na Providência, ou em que o futuro fosse feito por alguém que estava no céu. Em vez disso, em todo instante, um trilhão de trilhões de futuros possíveis; os caprichos do puro acaso e as leis físicas pareciam a libertação das maquinações de um deus funesto.

O saco plástico branco que contém o jantar da família é pesado, denso de carne e de papel encharcado, e as alças comprimem a palma da sua mão, enquanto ele caminha de volta para o carro. Por causa da dor no peito, não consegue passar o peso para a mão esquerda. Ao afastar-se do cheiro úmido de algas da peixaria, ele pensa que pode sentir a doçura no ar, como o feno morno quando seca nos campos em agosto. O cheiro — sem dúvida, uma ilusão, gerada pelo contraste — persiste, mesmo com o tráfego e com a friagem de fevereiro. Todas aquelas famílias de veranistas na região em que mora seu sogro, em Ariège, no extremo Sudeste da França, onde a terra começa a ondular e inflar, antes dos Pireneus. O Castelo St. Felix, de pedras quentes e ligeiramente róseas, com duas torres circulares e o vestígio de um fosso, era o lugar para onde John Grammaticus se retirou, quando sua esposa morreu, e onde cumpriu seu luto por ela, com as famosas canções de amor, tristes e doces, coligidas no volume intitulado *Sem exéquias*. Famoso, mas não para Perowne, que não lia poesia, na sua vida de adulto, mesmo depois de adquirir um sogro poeta. É claro, começou a ler tão logo descobriu que ele mesmo era pai de uma poeta. Mas isso lhe custou um esforço de um tipo a que não estava habituado. Mesmo um primeiro verso pode provocar um enrijecimento por trás dos olhos. Romances e filmes, por serem agitadamente modernos, impelem a gente para a frente ou para trás no tempo, ao longo dos dias, dos anos ou até de gerações. Mas, para apresentar suas observações e seus juízos, a poesia se equilibra na ponta de alfinete de um instante. Retardar o ritmo, parar completamente, para ler e compreender um poema é o mesmo que tentar adquirir uma habilidade arcaica, como erguer uma muralha de pedras ou hipnotizar trutas para pescá-

las.

Quando Grammaticus saiu do luto, mais de vinte anos atrás, deu início a uma série de casos amorosos, que ainda continua. O padrão é bem definido. Uma mulher mais jovem, em geral inglesa, às vezes francesa, é admitida como secretária e governanta, e aos poucos se torna uma espécie de esposa. Após dois ou três anos, ela vai embora, incapaz de suportar nem mais um dia, e será a sua substituta quem vai saudar a família de Perowne no fim de julho. Rosalind se mostra sarcástica a cada troca, sempre prefere a anterior e, depois, com o correr do tempo, cria uma afeição. Afinal, a culpa não pode ser da recém-chegada. Os filhos, sem qualquer julgamento, mesmo quando adolescentes, são inteiramente gentis com ela. Perowne, intrinsecamente destinado a amar uma só mulher toda a sua vida, fica impressionado, sem nada dizer, sobretudo depois que o velho ultrapassou os setenta anos de idade. Talvez agora esteja diminuindo o ritmo, afinal, pois Teresa, uma jovial bibliotecária de quarenta anos, de Brighton, já está com ele há quase quatro anos.

Os jantares ao ar livre, no crepúsculo interminável, os aromáticos montes de feno nos pequenos campos em aclave acentuado que rodeiam os jardins, o cheiro mais fraco do cloro da piscina na pele das crianças e o morno vinho tinto de Cahors ou de Cabrières — isso devia ser o paraíso. Quase é, razão pela qual continuam a visitá-lo. Mas John pode ser um homem infantil, dominador, o tipo de artista que se concede a licença de radicais mudanças de estado de humor. No intervalo de uma garrafa de vinho tinto, pode migrar de histórias fulgurantes para repentinas explosões, e depois uma amuada fuga para seu escritório — aquelas costas altas e curvadas, em retirada pelo gramado, sob a luz crepuscular, rumo à casa iluminada, com Betty, ou Jane, ou Francine, e agora Teresa, logo atrás dele, a fim de acalmar os ânimos. Ele nunca aprendeu de todo o truque da conversação, tende a ouvir, nas opiniões discordantes, por mais brandas que sejam, uma espécie de afronta, um convite ao combate mortal. Os anos e a bebida não o tornam mais manso. E, como é natural, à medida que envelhece, e escreve menos, fica mais infeliz. Seu exílio na França foi um longo tédio, tornado ainda mais sombrio, no decorrer de mais de duas décadas, por várias desfeitas, provenientes do seu país natal. Houve um período de quatro anos especialmente ruim, quando seu livro *Poemas reunidos* ficou esgotado, saiu

do catálogo e foi preciso encontrar outra editora. John ficou contrariado quando Spender, e não ele, foi nomeado Cavaleiro do Rei, quando Reine, e não Grammaticus, foi publicado pela editora Faber, quando perdeu para Fenton o cargo de professor de poesia em Oxford, quando Hughes e depois Motion foram escolhidos como Poetas Laureados, em vez dele, e sobretudo quando foi Heaney quem ganhou o prêmio Nobel. Os nomes nada significam para Perowne. Mas ele compreende que os poetas eminentes, como os médicos de ponta, vivem num mundo alerta, invejoso, em que as reputações são vigiadas com furor, e um homem pode ficar abatido por causa da ansiedade quanto ao seu status. Poetas, ou pelo menos aquele poeta, são tão apegados às coisas terrenas quanto qualquer pessoa.

Durante dois verões, quando as crianças eram bebês, os Perowne viajaram para outro lugar, mas nada encontraram na Europa meridional tão bonito quanto St. Felix. Era lá que Rosalind passava as suas férias na infância. O castelo era enorme, e era fácil manter-se longe de John — ele gostava de passar várias horas sozinho, todos os dias. Raramente havia mais do que um ou dois momentos ruins por semana e, com o tempo, esses momentos incomodavam menos. E, à medida que o padrão da vida amorosa dele se tornava mais definido, Rosalind passou a ter razões próprias e embaraçosas para manter-se em contato estreito com o pai. O castelo pertencia aos avós maternos de Rosalind e era o amor da vida de sua mãe. Foi ela quem modernizou e restaurou a propriedade. A preocupação é que, caso a doença e a velhice levem John, por fim, a casar-se com uma de suas secretárias, o castelo possa escapar do poder da família e passar para as mãos de uma recém-chegada. As leis de herança francesas poderiam impedir isso, mas há um documento, uma antiga tontina, que mostra que St. Felix foi desobrigada e que as leis inglesas prevalecem. Ao seu modo irritadiço, John garantiu à filha que nunca mais ia casar e que o castelo será dela, mas ele se recusava a pôr o que quer que fosse por escrito.

Essa ansiedade de fundo será, provavelmente, resolvida. Outra razão mais premente para terem mantido suas visitas de verão ao castelo é que Daisy e Theo o pediam com insistência — eram os velhos tempos, antes de John e Daisy se desentenderem. Eles amavam o avô e julgavam o seu jeito gozado uma prova da sua diferença, da sua grandeza — uma opinião que ele mesmo

partilhava. John era louco pelos netos, nunca levantava a voz para eles e escondia deles seus piores arroubos. Desde o início, considerava-se — com razão, como depois se comprovou — uma figura importante no seu desenvolvimento intelectual. Depois que ficou claro que Theo nunca teria mais do que um interesse respeitoso por livros, John o incentivou a tentar o piano e ensinou-lhe um boogie simples em dó. Depois, comprou para ele um violão e desencavou do porão caixas de gravações de blues, em pesados discos de 78 rotações, além de LPs, e fez fitas que chegaram a Londres em remessas regulares. No décimo quarto aniversário de Theo, seu avô levou-o para Toulouse, a fim de ouvir John Lee Hooker em uma de suas últimas apresentações. Numa noite de verão, após o jantar, Grammaticus e Theo executaram “St. James Infirmary”, sob um radioso céu estrelado, ocasião em que o velho balançava a cabeça para trás e soltava gorjeios com um rouco sotaque americano, que levaram Rosalind às lágrimas. Theo, ainda aos catorze anos, improvisou um solo doce e melancólico. Perowne, sentado mais distante, com o seu vinho, ao lado da piscina, com os pés descalços metidos na água, também se sentiu comovido e culpou-se por não levar o talento do filho bastante a sério.

Naquele outono, Theo começou a ir para a zona leste de Londres, a fim de ter aulas com diversas figuras mais velhas do blues inglês, contatadas por intermédio de um amigo de Rosalind, no jornal. Segundo Theo, Jack Bruce era o mais impressionante, porque tinha feito estudos formais de música, tocava diversos instrumentos, revolucionara a forma de tocar contrabaixo, sabia tudo de teoria e havia gravado com todo mundo na fase heróica do blues inglês, no início da década de 1960, os velhos tempos do Blues Incorporated. Jack Bruce era também, dizia Theo, mais paciente com ele do que os outros, e muito gentil. Perowne ficou surpreso de ver como uma figura eminente como Bruce podia se incomodar de gastar seu tempo para instruir um mero garoto. Theo, de maneira a desarmá-lo completamente, não via nisso nada de mais.

Por intermédio de Bruce, Theo conheceu algumas figuras célebres. Teve permissão para assistir a uma aula pública de Clapton. Long John Baldry veio do Canadá para uma reunião. Theo gostava de ouvir histórias sobre Cyril Davies e Alexis Korner, e sobre a Graham Bond Organisation, e sobre o

primeiro concerto do Cream. Por algum acidente, Theo tocou de improviso, durante vários minutos, com Ronnie Wood, e conheceu o seu irmão mais velho, Art. Um ano depois, Art pediu a Theo que viesse tocar de improviso com eles no Eel Pie Club, no pub Cabbage Patch, em Twickenham. Em menos de cinco anos, ele parece ter abarcado a tradição em seu todo. Agora, sempre que está no castelo, toca para o avô e lhe mostra os últimos truques. Parece precisar da aprovação de John, e o velho o atende. Perowne tem de dar o braço a torcer, John abriu em Theo algo que ele, Perowne, jamais teria sabido encontrar. É verdade que numas férias na praia, para pegar ondas com prancha de peito, em Pembrokeshire, quando Theo tinha nove anos, Henry lhe ensinou três acordes simples, no violão de alguém, e como se tocava um blues em mi. Foi só uma coisa a mais, junto com o disco de plástico que jogavam um para o outro, na praia, patinar na grama, andar de carrinho a motor, fazer as pedras saltarem na superfície da água e andar de skate. Ele se empenhava com dedicação para divertir seus filhos, na época. Chegou a quebrar o braço ao andar de patins. Mas nunca poderia adivinhar que aqueles três acordes se tornariam a base da vida profissional do seu filho.

John Grammaticus também representou uma força na vida de Daisy, pelo menos até que algo deu errado entre os dois. Quando ela fez treze anos, na mesma época em que o avô ensinava ao irmão dela o boogie em dó, pediu a Daisy que lhe falasse a respeito dos livros de que ela gostava. John ouviu-a e declarou que a neta estava relaxando — ele desdenhava a ficção de “adultos jovens” que Daisy estava lendo. Persuadiu-a a tentar *Jane Eyre*, leu os primeiros capítulos em voz alta e traçou as linhas gerais dos prazeres que viriam dali para a frente. Daisy persistiu, mas só para agradar o avô. A linguagem não era familiar, as frases eram compridas, as imagens não se tornavam claras em sua cabeça, dizia ela, sempre. Perowne tentou ler o livro e teve exatamente a mesma sensação. Mas John fez a neta persistir e, por fim, cem páginas adiante, Daisy se encantou com Jane e mal conseguia parar de ler para vir comer. Quando a família saiu para passear pelos campos, numa tarde, deixaram-na com as últimas quarenta e uma páginas do livro. Quando voltaram, a encontraram chorando, debaixo de uma árvore, perto do pombal, não por causa da história, mas porque tinha terminado, e ela saía de um sonho, para se dar conta de que

era tudo criação de uma mulher que ela jamais conheceria. Chorava, explicou Daisy, de admiração, de alegria, por coisas assim poderem ser inventadas. Que tipo de coisa, perguntou Grammaticus. Ah, vovô, quando as crianças do orfanato morrem e ainda assim o dia continua muito bonito, e aquele pedaço em que Rochester finge ser um cigano, e quando Jane encontra Bertha pela primeira vez e ela é feito um bicho selvagem...

John lhe deu *Metamorfose*, de Kafka, que disse ser ideal para uma menina de treze anos. Daisy leu depressa esse conto de fadas doméstico e pediu aos pais que lessem também. Entrou no quarto deles cedo demais, certa manhã, no castelo, sentou-se na cama para lamentar-se: coitado do Gregor Samsa, a família é tão *malvada* com ele. Que sorte que tinha uma irmã para limpar o seu quarto e achar os alimentos de que ele gostava. Rosalind ouviu, engolindo em seco, como se fosse a súplica de um juiz. Perowne, por natureza adverso à história de uma transformação impossível, admitiu que, no fim, ele ficou intrigado — não conseguia dizer nada além disso. Gostou da crueldade irrefletida daquela irmã, na página final, ao ir de bonde com seus pais até a última parada, espreguiçar seus braços jovens, pronta para dar início a uma vida sensual. Uma transformação em que ele podia acreditar. Esse foi o primeiro livro que Daisy recomendou ao pai, e assinalou o início da sua educação literária, pelas mãos da filha. Embora tenha sido aplicado, ao longo dos anos, e tente ler quase tudo o que ela põe na sua frente, sabe que a filha acha que ele é um materialista grosseiro e irremediável. Daisy acha que o pai não tem imaginação. Talvez seja verdade, mas ela ainda não desistiu do seu caso. Os livros estão empilhados na mesinha-de-cabeceira e ela vai chegar com mais livros nesta noite. Perowne não terminou sequer a biografia de Darwin, e nem começou a de Conrad.

A partir do verão de Brontë e de Kafka, Grammaticus incumbiu-se das leituras de Daisy. Tinha opiniões firmes e antiquadas acerca dos fundamentos e não pensava que tudo tivesse de ser prazeroso. Acreditava que as crianças aprendiam pela repetição e estava pronto a pagar por isso. Shakespeare, Milton e a Bíblia do rei James — cinco libras para cada vinte versos memorizados, nos trechos marcados por ele. Esses três eram a fonte de toda e qualquer boa prosa e boa poesia inglesa; ele a instruiu a rolar as sílabas na língua e sentir a sua força rítmica. No verão do seu décimo sexto aniversário, Daisy ganhou uma fortuna

de adolescente no castelo, ao entoar, e até cantar, trechos de *Paraíso perdido*, do *Gênese* e de várias meditações sombrias de Shakespeare. Ela recitou Browning, Clough, Chesterton e Masfield. Numa boa semana, chegava a ganhar quarenta e cinco libras. Ainda agora, seis anos depois, aos vinte e três anos de idade, Daisy garante ser capaz de declamar — palavras dela —, sem interrupção, durante mais de duas horas. Quando tinha dezoito anos, ao terminar a escola, havia lido uma parcela considerável do que o avô chamava de coisas óbvias. Ele não queria nem ouvir falar que Daisy pudesse ir estudar literatura em outro lugar que não fosse a faculdade de Oxford, onde ele mesmo lecionava. Embora Henry e Rosalind lhe suplicassem que não fizesse isso, provavelmente John fez uma recomendação em favor da neta. Para desconversar, John explicou a eles que o sistema, hoje em dia, era incorruptível e ele não poderia ajudar Daisy, mesmo se quisesse. A familiaridade com suas respectivas profissões dizia aos pais que isso jamais poderia ser totalmente verdade. Mas o bilhete manuscrito de um examinador dirigido para o orientador de Daisy, em que dizia que ela havia feito uma entrevista deslumbrante, apoiando cada opinião com uma citação, aplacou suas consciências.

Um ano depois, talvez Daisy tenha feito um sucesso um pouco excessivo para o gosto do avô. Ela chegou a St. Felix dois dias depois do restante da família e trouxe consigo o poema com que ganhara o prêmio Newdigate daquele ano. Henry e Rosalind jamais tinham ouvido falar do Newdigate, mas de imediato ficaram muito contentes. No entanto isso significava mais, e talvez até demais, para o avô de Daisy, que ganhara o mesmo prêmio no fim da década de 1950. Ele levou as páginas da neta para o seu escritório — só mais tarde os pais foram autorizados a ver o texto. O poema descrevia, em minúcias, as afetuosas meditações de uma jovem ao final de mais um caso de amor. Mais uma vez, ela retira os lençóis da cama e leva-os para a lavanderia, onde observa, através do “monóculo embaçado” da máquina de lavar, “todas as nossas manchas girando para se purgarem”. Aqueles casos de amor também rodavam depressa demais, como as estações, “passando de verde a marrom” com “as frutas caídas apodrecendo suavemente até o esquecimento”. As manchas não são, de fato, pecados, mas “marcas d’água de êxtase” ou, mais tarde, “palimpsestos leitosos”,

e portanto não são tão fáceis de remover, afinal. Vagamente religioso, docemente erótico, o poema sugeria a um constrangido Perowne que o primeiro ano de sua filha na universidade fora mais movimentado do que ele jamais poderia imaginar. Não só um namorado, ou um amante, mas toda uma sucessão, até chegar à serenidade. Talvez tenha sido essa a razão por que Grammaticus se voltou contra o poema — a sua protegida soltou as amarras e achou outros homens. Ou talvez tenha sido mais um lamentável ataque de angústia de status — ao conduzir a educação literária de Daisy, ele não tencionava criar mais um poeta rival. Esse Newdigate, afinal, também fora concedido a Fenton e a Motion.

Teresa preparou uma refeição simples, de salada *niçoise* com atum fresco, comprado no mercado em Pamiers. A mesa de jantar foi posta ao lado da cozinha, na beira de um amplo gramado. Era mais uma linda noite de costume, com sombras púrpura de árvores e de arbustos que avançavam pela grama seca, e grilos que começavam a piar, em lugar das cigarras da tarde. Grammaticus foi o último a aparecer, e o palpite de Perowne, quando o sogro baixou o corpo na cadeira ao lado de Daisy, foi que ele já tinha entornado uma garrafa de vinho, ou mais, por conta própria. Isso foi confirmado quando ele pôs a mão no pulso da neta e, com aquela franqueza insolente que os bêbados tomam por intimidade, lhe disse que o seu poema era mal orientado e não era o tipo de coisa que, em geral, ganhava o Newdigate. Não era bom, de forma alguma, disse ele, se bem que ela já devia saber disso e, sem dúvida, estava pronta a concordar. Como um psiquiatra poderia classificar, John estava bastante desinibido.

Já no seu último ano no colégio, aos dezoito anos, na condição de primeira aluna e de estrela acadêmica da sexta série, Daisy havia desenvolvido o seu jeito preciso e contido. É uma jovem de corpo leve, aprumado e compacto, com um rosto pequeno e gracioso, cabelo preto curto e costas retas. Seu autodomínio parece inexpugnável. No jantar daquela noite, só os pais e o irmão sabiam como era frágil aquela aparência controlada. Mas ela se manteve fria, enquanto retirava a mão, sem pressa, e fitava o avô, à espera de que ele dissesse mais alguma coisa. John sorveu um gole comprido do seu vinho, como se fosse uma caneca de meio litro de cerveja morna, e ocupou o espaço deixado pelo silêncio

dela. Disse que os ritmos estavam frouxos e desajeitados, as estrofes tinham um comprimento irregular. Henry olhou para Rosalind, com desejo de que ela interviesse. Se não o fizesse, ele teria de agir, e o caso ia assumir uma importância excessiva. Para sua vergonha, ele não teve absoluta certeza do que vinha a ser uma estrofe a não ser mais tarde, depois que olhou no dicionário, tarde da noite. Rosalind se conteve — intrometer-se na exposição do seu pai cedo demais poderia causar uma explosão. Lidar com ele era uma arte sutil. Teresa já sofria, do seu lado da mesa. Na sua época, e em muitas ocasiões nos anos anteriores à sua época, ocorreram cenas como essa, ainda que nunca envolvendo os netos. Ela sabia que não podia terminar bem. Theo apoiava o queixo na palma da mão e fitava o seu prato.

Incentivado pelo silêncio da neta, John seguiu adiante, se deixou levar pelas palavras, embalado pela própria competência, estupidamente afetuoso, à sua maneira. Estava confundindo a jovem mulher na sua frente com a garota de dezesseis anos a quem ele ensinara a ler os poetas elisabetanos da era de prata. Esquecera, se é que um dia soube disso, o que um bom ano de faculdade podia fazer. Ele só podia imaginar que ela se sentia como ele, e que só estava dizendo coisas óbvias: o poema era longo demais, se esforçava demais para chocar, havia uma comparação que ambos sabiam ser rebuscada. O avô fez uma pausa para beber, de novo demoradamente, e Daisy continuava sem dizer nada.

Em seguida, ele lhe disse que seu poema não era original e, por fim, obteve uma reação. Daisy empinou sua cabeça esbelta e levantou uma sobrancelha. Não era original? Perowne, ao notar um tremor revelador no queixo gracioso, pensou que sua atitude de frieza não se agüentaria. Rosalind falou, por fim, mas o pai tomou-lhe a palavra. Sim, uma poeta desconhecida mas talentosa, Pat Jordan, uma mulher da escola de Liverpool, escrevera uma idéia semelhante na década de 1960 — o fim de um caso de amor, os lençóis que giram na lavanderia, diante dos olhos da poeta pensativa. Será que Grammaticus sabia que procedia de forma idiota, mas mesmo assim não conseguia se conter? Nos olhos fracos do velho, havia um retraimento canino, como se ele estivesse assustado consigo mesmo e pedisse a alguém que o detivesse. Sua voz vacilava, enquanto ele se esforçava para ser afável, e continuava a falar e falar, tornando-se cada vez mais ridículo. O silêncio ao redor da mesa, que o havia habilitado a

falar, era agora o seu castigo, a sua desgraça. Theo o fitava, espantado, balançando a cabeça. É claro, dizia John, ele não estava acusando Daisy de plágio, ela devia ter lido o poema e esquecido, ou simplesmente o reinventou por conta própria. De resto, não era uma idéia tão excepcional ou incomum, mas, de todo modo...

Enfim, ele relaxou, incapaz de piorar a sua situação. Perowne ficou encantado de ver que a filha não estava arrasada. Estava furiosa. Podia ver a pulsação latejar no seu pescoço, por baixo da pele. Mas ela não ia consolar o avô com nenhum tipo de rompante. De súbito, incapaz de suportar o silêncio, ele recomeçou, falando depressa, tentando suavizar o seu julgamento sem de fato alterá-lo. Daisy interrompeu e disse achar que deviam falar de outro assunto, ao que Grammaticus murmurou um simples “Ah, dane-se!”, levantou-se e foi para dentro. Viram-no afastar-se — uma imagem já familiar, aquela figura que se afasta, mas também uma fonte de mal-estar, pois era a primeira vez naquele verão.

Daisy ficou por mais três dias, o suficiente para seu avô imaginar meios de restabelecer relações com ela. Mas, no dia seguinte, ele se mostrou animado e alegremente preocupado consigo mesmo, e parecia ter esquecido tudo. Ou estava só fingindo — a exemplo de muita gente que bebe, ele gostava de pensar que cada novo dia cancelava o dia anterior. Quando Daisy partiu para Barcelona — era algo combinado havia muito tempo —, conseguiu dar um beijo de despedida no avô, em ambas as faces, e ele segurou o braço da neta e, mais tarde, conseguiu persuadir-se de que havia ocorrido uma reconciliação. Quando Rosalind e, depois, Henry tentaram convencê-lo de que ainda tinha de esclarecer a situação com Daisy, John respondeu que estavam exagerando. Ele deve ter se perguntado, depois, por que a neta não apareceu em St. Felix nos dois verões seguintes. Ela encontrou bons motivos para viajar, com amigos, para a China e para o Brasil. John devia ter escrito para Daisy, quando ela faltou o primeiro verão, mas então ele passara a ficar aborrecido com o assunto. Assim, foi um lance arriscado quando Rosalind enviou a ele as provas do livro de poemas de Daisy. Não era certo que não ia gostar dos poemas? Ainda mais porque a editora de Daisy era a mesma que deixara os seus *Poemas reunidos* fora de catálogo.

Se o entusiasmo de John por *Meu barco atrevido* foi uma tática, ele o soube disfarçar com perícia. Sua longa carta para Daisy se iniciava admitindo que ele tinha sido “um grosseirão infeliz” a respeito do poema da lavanderia. O poema não fazia parte do livro e Henry se perguntava, se bem que nunca em voz alta, se a filha não achava que o avô, desde o início, tinha razão. Ela havia encontrado um tom de diálogo informal, disse o avô, na carta, um tom que era, no entanto, rico em significado e em poder de associação. De vez em quando, aquela voz cotidiana era interrompida por versos de repentina força emocional e de “transcendência secular”. A esse respeito, ele encontrava em toda parte, nos poemas da neta, o espírito do seu adorado Larkin, mas “revigorado por uma sensualidade de mulher jovem”, e por um humor mais sombrio. Em sua caligrafia à beira do ilegível, John elogiava a “musculatura intelectual”, a “coragem de um pensamento firme e independente”, que plasmava a estrutura de seus poemas. Ele adorava a “graça de meretriz” de suas “Seis canções breves”. Disse que “tinha rido como um imbecil” com “A balada do cérebro no meu sapato” — um poema resultante da visita de Daisy ao centro cirúrgico, certa manhã, para ver seu pai em ação, no trabalho. É, obviamente, o poema de que Henry menos gosta. Sua filha presenciou uma intervenção num aneurisma na artéria cerebral média. Nenhuma matéria cinzenta ou branca foi perdida. Ele julgou depreender no poema a essencial, mas — tinha de supor — perdoável desonestidade da arte. Daisy enviou ao avô um cartão-postal carinhoso. Disse-lhe como sentia saudades e quanta coisa devia a ele. Disse que os comentários do avô a haviam emocionado, lia e relia suas palavras sem parar, e estava tonta com o seu elogio.

Agora, o velho e Daisy estão vindo na mesma direção, de Toulouse e de Paris. O desejo de uma estação de tevê de fazer um programa sobre a vida dele levou Grammaticus a aprimorar seu vestuário na Claridge's. A reconciliação será selada no jantar desta noite — essa é a idéia, mas Perowne, enquanto carrega a sua sacola de peixe, caminhando de volta com a multidão pela High Street, lembra que já partilhou muitas refeições com o sogro para poder estar otimista; e as questões se modificaram, nos últimos três anos. Agora, Grammaticus começa seus fins de tarde ou suas noites do modo como antigamente fazia, com alguns fortes tragos de gim, antes do vinho — um

hábito de que conseguira livrar-se por um tempo, quando tinha sessenta anos. Outra mudança são os copos de uísque para arrematar o dia, antes de ele ir ao encontro da cerveja “purificadora”, antes de dormir. Se ele aparecer no limiar da porta num estado de ânimo alegre ou empolgado, vai sentir aquela sua compulsão irrefletida para sobressair, na casa da filha, que o faz beber mais depressa ainda. Embriagar-se é uma viagem que, em geral, o deixa animado no início — ele é uma boa companhia, expansivo, malicioso e divertido, o velho poeta célebre, quase tão feliz ao ouvir quanto ao falar. Porém, assim que chega ao destino, depois de se instalar ali, naquele platô sem sol, um bêbado em seu pleno direito, as musas mais detestáveis, os demônios da agressão, da paranóia e da autopiedade assumem o comando. A expectativa, agora, é que uma noite em companhia de John termine mal, de algum jeito, a menos que todos os presentes estejam preparados para dar duro a fim de manterem o humor, serem lisonjeiros e conseguirem ficar horas ouvindo de cara congelada. E ninguém consegue isso.

Perowne chega ao seu carro e guarda a sacola na mala, no meio das botas de caminhada da família inteira, das mochilas e das bolas de tênis do verão anterior. Por vezes, lhe vem a idéia antiprofissional de que o gesto mais gentil para todos, inclusive para o próprio velho, seria lhe administrar uma pequena dose de tranqüilizante, enquanto ele ainda estiver com o humor alegre, um derivado do benzodiazepam, de ação breve, dissolvido num vinho tinto forte, como um Rioja, e enquanto os seus bocejos se multiplicam, levá-lo pela escada até o seu quarto, ou para o seu táxi — o velho poeta célebre, na cama, meia hora antes da meia-noite, cansado e feliz, sem que nada de mau tenha sido feito.

Ele já havia dirigido seu carro por uns duzentos metros por Marylebone, no trânsito lento, quando nota, no espelho retrovisor, dois carros atrás, um BMW vermelho. Tudo o que pode ver, de fato, é uma ponta do pára-lama direito, e não percebe se o carro está sem o espelho externo. Um furgão branco se interpõe num cruzamento e ele mal consegue ver o carro vermelho. Não é impossível que seja Baxter, mas não sente nenhuma inquietação especial em vê-

lo outra vez. De fato, não se importaria de falar com ele. Trata-se de um caso interessante, e o seu oferecimento de ajuda tinha sido sincero. O que o deixa mais preocupado é que o tráfego da manhã de sábado não está mais andando — há uma obstrução à frente. Quando olha de novo, o carro vermelho sumiu. E depois ele esquece o assunto; sua atenção é atraída por uma loja de televisores, à sua esquerda.

Na vitrine, estão expostas, meio de lado, muralhas de imagens idênticas, em vários tipos de tela — raios catódicos, plasma, portáteis, cinema doméstico. O que aparece em todos os aparelhos é o primeiro-ministro, que dá uma entrevista em um estúdio de tevê. Aos poucos, o close do rosto se torna, positivamente, um close da boca, até que os lábios ocupam a tela inteira. O primeiro-ministro sugeriu, no passado, que, se soubéssemos o que ele sabia, também íamos querer a guerra. Talvez, nesse vagaroso zoom, o diretor esteja respondendo a uma conjectura que uma população observadora vai seguramente fazer: será que esse político está dizendo a verdade? Mas será que alguém pode, de fato, reconhecer o sinal, o traço revelador de um homem honesto? Havia pesquisas bem-feitas a respeito desse tema. Perowne leu o estudo de Paul Ekman sobre o assunto. No sorriso de um mentiroso consciente, determinado grupamento muscular do rosto não é acionado. Ele só entra em ação na expressão de sentimentos autênticos. O sorriso de um farsante é falho, deficiente. Mas por acaso podemos ver esses músculos em repouso, inertes, quando há, no rosto, tantas variações localizadas, capas de gordura, concavidades peculiares, diferenças de estrutura óssea? É especialmente difícil, quando o primeiro gesto, e o mais inconsciente, de um mentiroso aplicado é persuadir a si mesmo de que é sincero. E, uma vez que é sincero, toda a fraude se desfaz.

A despeito de todas as dificuldades, das contramedidas instintivas, continuamos a observar o rosto com atenção, a tentar ler o ele que diz, avaliar as intenções. Amigo ou inimigo? É uma preocupação antiga. E apesar de, ao longo das gerações, só termos conseguido acertar um pouco mais de metade das vezes, ainda vale a pena fazer isso. E mais que nunca, agora, à beira da guerra, quando o país ainda imagina que pode deter esse processo antes que seja tarde demais. Será que esse homem acredita sinceramente que fazer a guerra nos deixará mais seguros? Será que Saddam possui armas de um potencial

aterrador? Simplesmente, o primeiro-ministro pode ser sincero e estar enganado. Alguns de seus opositores mais ferrenhos não duvidam da sua boa-fé. Pode estar prestes a cometer um monstruoso erro de cálculo. Ou talvez dê certo — o ditador derrotado, sem causar centenas de milhares de mortes e, após um ou dois anos, uma democracia, enfim, secular ou islâmica, aninhada no meio das tiranias esgotadas do Oriente Médio. Preso no trânsito, junto com múltiplos rostos, Henry experimenta a sua própria ambivalência como uma forma de vertigem, de indecisão estonteante. Na neurocirurgia, ele escolheu uma profissão simples e segura.

Sabe de pacientes que não conseguem sequer reconhecer, muito menos entender, os rostos de seus familiares e amigos mais chegados. Na maioria dos casos, o giro fusiforme direito médio foi comprometido, em geral, por uma concussão. Não há nada que um neurocirurgião possa fazer. E deve ter sido um momento de reconhecimento deficiente de rosto — prosopagnosia transitória — o que ocorreu em seu único encontro com Tony Blair. Foi em maio de 2000, uma época que agora adquiriu um falso e polido brilho de inocência. Antes das preocupações atuais, havia um projeto público considerado amplamente como um sucesso. Ninguém parecia contestar, algo estava dando certo. Uma usina de energia elétrica fora de uso, na margem sul do Tâmesa, foi aproveitada como um museu de arte contemporânea. A transformação foi arrojada e inteligente. Na festa de inauguração da galeria Tate Modern, havia quatro mil convidados — celebridades, políticos, a nata —, centenas de rapazes e moças que serviam champanhe e canapés e uma euforia generalizada, sem nenhum vestígio de cinismo — incomum em tais eventos. Henry estava lá como membro do Colégio Real de Cirurgiões. Rosalind foi convidada por intermédio do jornal. Theo e Daisy foram também, e sumiram na multidão, assim que chegaram. Seus pais não os viram, senão na manhã seguinte. Os convidados reuniam-se na amplidão industrial da antiga sala das turbinas, onde o alarido de milhares de vozes agitadas parecia erguer no ar uma gigantesca teia de aranha, que pairava abaixo das vigas de ferro. Após uma hora, Henry e Rosalind separaram-se de seus amigos e vaguearam com suas bebidas pela exposição, nas galerias relativamente desertas.

Tamanho era o seu bem-estar que mesmo as soturnas ortodoxias da arte

conceitual pareciam fazer parte da diversão geral, como a aplicada exposição de obras dos alunos de uma escola, em dia de festa aberta para a comunidade. Perowne gostou da “Explosão do barraco”, de Cornelia Parker — uma construção bem-humorada, como uma idéia brilhante que irrompe de uma mente. Eles entraram numa sala de obras de Rothko e, durante vários minutos, sentiram-se agradavelmente tranqüilizados, em meio às gigantescas pranchas de sombrias cores roxa e laranja. Em seguida, atravessaram um largo portão, rumo à galeria vizinha, e deram com o que parecia ser mais uma instalação. Parte dela, um pequeno monte de tijolos, era, na verdade, uma peça em exposição. Além dela, na extremidade da sala ampla, estava o primeiro-ministro e, ao seu lado, o diretor da galeria. A seis metros de distância, à esquerda dos tijolos, contido simbolicamente por um cordão de veludo, estava o exército da imprensa — trinta fotógrafos, ou mais, e repórteres —, pessoas que pareciam ser funcionários da galeria e o pessoal da rua Downing. Os Perowne entraram na sala num estranho momento de silêncio. Blair e o diretor sorriam e posavam para as câmeras, cujas fotos também incluiriam os famosos tijolos. As luzes das câmeras piscavam aleatoriamente, mas nenhum dos fotógrafos gritava, do jeito que costumam fazer. A calma da cena parecia um prolongamento da galeria de Rothko, ao lado.

Então, o diretor, talvez em busca de uma desculpa para pôr fim à sessão de fotos, levantou a mão em cumprimento a Rosalind. Conheceram-se em função de algum assunto jurídico e ficaram amigos. O diretor conduziu Blair ao redor dos tijolos e atravessou a galeria na direção dos Perowne e, atrás deles, veio o séquito, os fotógrafos com suas câmeras levantadas e a postos, os repórteres com seus caderninhos de anotações, no caso de algo interessante acontecer, por fim. Sem alternativa, os Perowne viram-nos se aproximar. Numa repentina aglomeração de corpos, foram apresentados ao primeiro-ministro. Ele segurou a mão de Rosalind, primeiro, e depois a de Henry. O aperto foi firme e viril e, para surpresa de Perowne, Blair o fitava com interesse e compreensão. O olhar era inteligente, forte e inesperadamente jovem. Ainda havia muita coisa para acontecer.

Disse ele:

— Admiro muito o trabalho que o senhor tem feito.

Perowne respondeu, automaticamente:

— Obrigado.

Mas ficou impressionado. Era até concebível que Blair, com a sua boa memória e a sua reputação de gravar detalhes dos relatórios de seus ministros, tivesse ouvido falar da excelente avaliação do hospital, no mês anterior — todos os objetivos foram alcançados —, e até da menção especial aos resultados excepcionais obtidos pelo departamento de neurocirurgia. Um aumento de vinte e três por cento nas operações, no ano anterior. Mais tarde, Henry se deu conta de que isso era uma idéia absurda.

O primeiro-ministro, que ainda segurava sua mão, acrescentou:

— De fato, temos dois quadros do senhor nas paredes da rua Downing.

Cheerie e eu adoramos.

— Não, não — disse Perowne.

— Sim, sim — insistiu o primeiro-ministro, sacudindo a sua mão. Ele não queria saber de modéstia artística.

— Não, eu acho que o senhor...

— Honestamente. Eles estão na sala de jantar.

— O senhor está cometendo um engano — disse Perowne e, ao dizer isso, passou pela fisionomia do primeiro-ministro, por um instante brevíssimo, uma expressão de repentino alarme, de hesitação fugaz. Ninguém mais viu sua fisionomia congelar e seus olhos se arregalarem, muito ligeiramente. Uma fratura da espessura de um fio de cabelo surgiu na segurança do poder. Em seguida, ele prosseguiu como antes, sem dúvida avaliando rapidamente que, em vista da quantidade de pessoas que se empurravam ao redor deles, no intuito de ouvirem, não poderia haver um recuo. Se não quisesse ver alguma piadinha, amanhã, na imprensa.

— De todo modo, eles são mesmo maravilhosos. Parabéns.

Um dos auxiliares, uma mulher de terninho preto, interveio e disse:

— Primeiro-ministro, temos três minutos e meio. Temos de ir.

Blair soltou a mão de Perowne e, sem outro gesto de despedida além de um curto meneio de cabeça e uma breve contração dos lábios, virou-se e deixou-se conduzir para fora. E a sua equipe, a imprensa, os criados, os guarda-costas, os empregados da galeria e o seu diretor se derramaram atrás dele e, em questão de

segundos, os Perowne estavam parados no meio da galeria, com os tijolos, como se absolutamente nada tivesse acontecido.

Ao ver, de dentro do carro, as múltiplas imagens que se alternavam, do entrevistador para o entrevistado, Perowne se pergunta se momentos como aquele, pontadas de uma dúvida fria e cheia de pânico, são uma parte crescente dos dias e das noites do primeiro-ministro. Pode não haver uma segunda resolução das Nações Unidas. O próximo relatório dos inspetores de armas pode ser, também, igualmente inconclusivo. Os iraquianos podem usar armas químicas contra as forças invasoras. Ou, como um ex-inspetor ainda insiste, pode não haver mais nenhuma arma de destruição em massa. Há boatos sobre uma onda de fome e sobre três milhões de refugiados, e já estão preparando campos para receber refugiados na Síria e no Irã. As Nações Unidas prevêem centenas de milhares de iraquianos mortos. Podem acontecer ataques a Londres, por vingança. E os americanos continuam indefinidos acerca de seus planos para o pós-guerra. Talvez não tenham plano nenhum. No fim, Saddam pode ser derrubado a um preço alto demais. É um futuro que ninguém pode adivinhar. Os ministros do governo erguem a voz em prova de lealdade, vários jornais apóiam a guerra, há um grau considerável de apoio apreensivo no país, ao lado da discordância, mas ninguém duvida, de fato, de que, na Inglaterra, só um homem está levando a questão adiante. Suores noturnos, sonhos aterradores, as desvairadas e trôpegas fantasias da insônia? Ou apenas a solidão? Toda vez que o vê na tela, Henry procura um sinal da consciência do abismo, aquela fissura da espessura de um fio de cabelo, o momento de imobilidade facial, a breve vacilação que ele testemunhou, em caráter privado. Mas tudo o que vê é certeza, ou, no pior dos casos, convicção.

Encontra uma vaga de estacionamento para moradores do outro lado da rua, em frente à sua casa. Quando retira as compras da mala do carro, vê na praça, descansando no banco mais perto da sua casa, os mesmos jovens que costumavam ficar ali no início da noite e, depois, mais tarde. São dois jovens das Índias Ocidentais e mais dois, às vezes três, jovens do Oriente Médio, que podem ser turcos. Todos parecem cordiais e prósperos e, muitas vezes,

debruçam-se nos ombros uns dos outros e riem alto. Junto ao meio-fio, fica parado um Mercedes, o mesmo modelo do de Perowne, mas preto, com uma pessoa sempre ao volante. De vez em quando, um estranho se aproxima e pára a fim de conversar com o grupo. Um deles atravessa a rua até o carro, consulta o motorista e volta, há um outro ajuntamento e, depois, o estranho vai seguir caminho. São inteiramente reservados, nada têm de ameaçadores, e Perowne supôs, por um longo tempo, que fossem traficantes, talvez gerenciando um ponto de venda de cocaína na calçada, ou de ecstasy e maconha. Seus clientes não parecem obcecados ou degenerados o suficiente para serem usuários de heroína ou de crack. Foi Theo quem o esclareceu. O grupo vende ingressos para diversas apresentações marginais de *rap*, pela cidade. Também vendem CDs contrabandeados e podem arranjar passagens baratas em vôos de longa distância, além de alojamentos de baixo custo e DJs para festas, limusines para casamentos e para buscar passageiros no aeroporto, serviço médico de baixo custo e seguros de viagem; em troca de uma comissão, podem apresentar a advogados pessoas estrangeiras que pedem asilo ou que estão em condição ilegal. O grupo não paga imposto nem despesas de escritório e é altamente competitivo. Toda vez que Perowne vê essas pessoas, tem a vaga sensação, como sente agora, ao atravessar a rua rumo à porta de sua casa, de que lhes deve desculpas. Um dia, ainda vai comprar alguma coisa deles.

Theo está embaixo, na cozinha, na certa preparando um de seus desjejuns de iogurte e frutas. Henry deixa o peixe no alto da escada, grita um cumprimento na direção da cozinha e sobe para o segundo andar. O quarto parece aquecido demais, fechado e exaurido, por efeito da luz do dia. Parece e dá a sensação de ser um lugar melhor quando iluminado por lâmpadas veladas, quando o trabalho do dia já está encerrado e há a promessa do sono; estar ali, no início da manhã, faz lembrar um acesso de gripe. Tira as calças esportivas, arranca as meias úmidas e joga no cesto de roupa suja, e vai até a janela central, com o intuito de abri-la. E lá está ele, de novo, ou um outro, bem embaixo de onde está Perowne, dobrando a esquina devagar, onde a rua encontra a praça. Vê, sobretudo, o teto do carro, e sua visão do espelho externo está totalmente encoberta, embora ele empurre a janela para cima e se debruce bastante para fora. Também não consegue ver o motorista, nem qualquer passageiro. Vê o

carro seguir pelo lado norte da praça e virar para a direita, na rua Conway, e desaparecer. Dessa vez, ele não se sente tão indiferente. Mas como está ele, então? Interessado, ou até ligeiramente perturbado? É um carro bastante comum e, até há uns dois ou três anos, a cor vermelha era uma escolha comum. De outro lado, por que descartar a possibilidade de ser Baxter? A situação dele é terrível e fascinante — a existência de um homem durão, da rua, deve ter mascarado a aspiração de uma vida melhor, ainda antes de o processo degenerativo ter mostrado seus primeiros sinais. Perowne se afasta da janela e vai para o banheiro. Baxter nem precisaria se esforçar para localizá-lo. O Mercedes se destaca muito e fica estacionado em frente à sua casa. Sim, ele gostaria de ver Baxter de novo, em horário de trabalho, saber mais sobre ele e lhe sugerir alguns contatos úteis. Mas Henry não quer que ele fique rondando pela praça.

Quando termina de se despir, seu celular toca, no meio do bolo de roupas que deixou cair aos seus pés. Remexe e encontra o telefone.

— Querido? — ela pergunta.

Rosalind, afinal. Que momento poderia ser melhor? Atravessa o quarto com o telefone na mão e se esparrama, nu, de costas, sobre a cama desfeita, onde horas antes eles tinham feito amor. Dos aquecedores, sente ondas de calor, na pele nua, como uma brisa do deserto. O termostato está ajustado muito alto. Ele está com uma meia ereção, ou talvez, na verdade, um quarto de ereção. Se Rosalind não estivesse trabalhando hoje, se não houvesse nenhuma crise de fim de semana no jornal, se o editor, de maneiras afáveis, não ficasse tão agressivo quando havia o menor vestígio de restrição de liberdade de imprensa, ela e Henry poderiam estar ali juntos, agora. É assim que, às vezes, eles passam uma hora ou duas, nas tardes de sábado no inverno. A sensualidade da penumbra das quatro horas.

Com a ajuda de uma iluminação discreta, e num ângulo correto, o espelho do banheiro permite a Henry ter uma lembrança ocasional da sua juventude. Mas Rosalind, por efeito de algum truque de luz interior, ou por causa da própria loucura amorosa de Henry, ainda parece fortemente, e constantemente, ter o aspecto da mulher que ele conheceu naqueles anos que já se foram. A irmã mais velha daquela jovem Rosalind, mas ainda não a sua mãe. Quanto

tempo isso pode durar? No que têm de essencial, os elementos individuais permanecem inalterados: a palidez quase luminosa da sua pele — a mãe dela, Marianne, era de ascendência celta; as sobrancelhas ralas, delicadas — quase inexistentes; aquele olhar constante, verde-claro; e seus dentes, brancos como sempre (os dele estão ficando cinzentos), a arcada superior de alinhamento perfeito, a inferior, ligeiramente desalinhada — uma imperfeição juvenil, que ele jamais quis que ela consertasse; a maneira como o alento espontâneo do sorriso surge a partir de um início tímido; em seus lábios, um brilho laranja-rosado, que é todo seu; o cabelo, agora curto, ainda é castanho-avermelhado. Em repouso, ela tem um ar de inteligência alegre, um gosto pela diversão, que não diminuiu em nada. Continua um rosto lindo. Como todos, aos quarenta anos, ela tem seus momentos de abatimento, fatigada diante do espelho, antes de dormir, e ele já reconheceu em si mesmo esse jeito, quase um rosnado, de avaliação cruel. Todos estamos viajando na mesma direção. Com sensatez, ela não fica inteiramente convencida quando Henry diz que a curva suave de seus quadris lhe agrada muito, assim como o peso dos seus peitos. Mas é verdade. Sim, ele ficaria feliz se estivesse deitado, agora, ao lado de Rosalind.

Adivinha que o estado de ânimo da esposa deve estar bem distante do seu — em roupas pretas de escritório, afobada, num entra-e-sai de reuniões — e por isso ele se força a ficar sentado na cama, a fim de falar com bom senso.

— Como vão as coisas?

— Nosso juiz está preso num engarrafamento ao sul da ponte Blackfriars. É uma passeata. Mas eu acho que ele vai nos dar o que queremos.

— Suspender o veto?

— É. Segunda de manhã. — Ela parece agitada e satisfeita.

— Você é um gênio — diz Henry. — E o seu pai?

— Não posso ir buscá-lo no hotel. É por causa da passeata. O trânsito está um inferno. Ele vai ter de vir sozinho, de táxi. — Faz uma pausa e diz, num ritmo um pouco mais vagaroso: — E como vai você? — A inflexão descendente e a extensão da última palavra são carinhosas, uma clara referência àquela manhã. Ele estava enganado quanto ao estado de ânimo de Rosalind. Está a ponto de lhe dizer que está nu, sobre a cama, à espera dela, mas em seguida muda de idéia. A hora não é boa para preliminares por telefone, agora que ele vai ter de

sair de casa e ela tem um trabalho para concluir. E há coisas mais importantes que ele ainda precisa lhe dizer e que terão de esperar até depois do jantar, desta noite, ou até a manhã do dia seguinte.

Henry diz:

— Vou para Perivale logo depois de tomar banho. — E, como isso não é resposta à pergunta, acrescenta: — Estou bem, mas estou ansioso para poder ficar um pouco com você. — Isso também não é o bastante, portanto diz: — Aconteceram várias coisas que eu preciso lhe contar.

— Que tipo de coisas?

— Nada de terrível. Prefiro lhe contar pessoalmente, quando nos virmos.

— Tudo bem. Mas me dê uma dica.

— Na noite passada, numa hora em que eu não conseguia dormir, fui até a janela. Vi aquele avião de carga russo.

— Querido. Isso deve ter sido apavorante. O que mais?

Ele hesita, e a sua mão, movida por vontade própria, acaricia a região do peito em volta do hematoma. Qual seria a manchete, como ela diz, às vezes? Violenta briga de trânsito. Tentativa de espancamento. Doença neurológica. O espelho externo. O espelho retrovisor.

— Perdi a partida de squash. Estou ficando velho para esse jogo.

Ela ri.

— Não acredito que seja isso. — Mas sua voz parece reconfortada. Ela diz:

— Há algo que você pode ter esquecido. Theo tem um ensaio importante esta tarde. Alguns dias atrás, ouvi você prometer que iria lá.

— Puxa vida. Que horas? — Não tem a menor lembrança de ter feito tal promessa.

— Às cinco, naquele lugar em Ladbroke Grove.

— É melhor eu me apressar.

Levanta-se da cama e leva o celular para o banheiro, para as despedidas.

— Amo você.

— Amo você — responde Rosalind, e desliga.

Vai para debaixo do chuveiro, uma cascata possante bombeada do terceiro andar. Quando esta civilização ruir, quando os romanos, quem quer que eles sejam, desta vez, tiverem finalmente se retirado e começar a nova Idade das

Trevas, esse será um dos primeiros luxos a desaparecer. Os velhos acocorados ao redor de suas fogueiras de turfa vão contar para os netos incrédulos como ficavam nus, em pleno inverno, debaixo de jatos contínuos de água quente e limpa, vão falar dos losangos de sabonetes perfumados, dos líquidos viscosos de cor âmbar e escarlate que esfregavam nos cabelos a fim de deixá-los lustrosos e mais volumosos do que eram na realidade, e das grossas toalhas brancas, grandes como togas, à espera, em aparadores aquecidos.

Cinco dias por semana, ele veste terno e gravata. Hoje, veste jeans, suéter e botas marrons puídas, e quem vai saber que ele não é o maior guitarrista da sua geração? Quando se abaixa para amarrar os cadarços, sente uma dor aguda nos joelhos. Não faz sentido esperar até os cinquenta anos. Vai se conceder mais seis meses de squash e uma última maratona de Londres. Conseguirá ele suportar que esses passatempos pertençam apenas ao seu passado? Diante do espelho, não faz economia da loção pós-barba — no abrigo de idosos, sobretudo no inverno, há, por vezes, no ar, um certo aroma que ele prefere neutralizar.

Sai do banheiro e então, de lado, desce aos saltos o primeiro lance da escada, dois degraus de cada vez, sem se apoiar no corrimão. É um truque que aprendeu na adolescência, e consegue executá-lo melhor do que nunca. Mas um trecho escorregadio no solado da bota, um cóccix fraturado, seis meses de costas em cima da cama, um ano para recuperar os músculos definhados — a fantasia premonitória ocupa menos de um segundo, e dá resultado. Desce o lance seguinte da maneira normal.

Na cozinha, que fica no porão, Theo já pegou o peixe e guardou na geladeira. A pequena tevê está ligada, sem som, e mostra o Hyde Park visto de um helicóptero. A multidão compacta aparece como um borrão marrom, semelhante ao líquen sobre uma pedra. Theo preparou seu desjejum numa grande saladeira que contém cerca de um quilo de farinha de aveia, farelo de trigo, castanhas, cerejas, amoras, passas de uva, leite, iogurte, damasco picado, maçã e banana.

Theo aponta com a cabeça para a comida.

— Quer um pouco?

— Vou comer a sobra.

Henry tira da geladeira um prato de galinha com batata cozida e come, de

pé. Seu filho senta-se num banco alto, numa mesa no centro, curvado em cima da sua imensa tigela. Ao lado dos detritos de migalhas, embalagens e cascas de fruta, estão páginas manuscritas de música, com acordes escritos a lápis. Seus ombros são largos e os feixes de músculos esticam o pano da sua camiseta branca e limpa. O cabelo, a pele de seus braços nus, as grossas sobrancelhas castanho-escuras ainda têm o mesmo aspecto farto, macio, de coisa nova em folha, que Perowne admirava quando Theo tinha quatro anos de idade.

Perowne acena para a tevê:

— Ainda não ficou a fim de ir?

— Estou olhando. Dois milhões de pessoas. É mesmo de espantar.

Naturalmente, Theo é contra a guerra no Iraque. Sua atitude é tão forte e pura quando os ossos e a pele. Tão forte que ele nem sente muita necessidade de desfilar pelas ruas a fim de mostrar sua posição.

— Qual é a última notícia sobre aquele avião? Eu soube das prisões.

— Ninguém está falando nada. — Theo põe um pouco mais de leite na sua saladeira. — Mas há uns rumores na internet.

— Sobre o Corão.

— Os pilotos são islâmicos radicais. Um é tchetcheno, o outro é argelino.

Perowne puxa uma cadeira e, quando senta, percebe que seu apetite diminuiu. Empurra o prato para o lado.

— Então, como é que se explica? Eles ateiaram fogo ao próprio avião em nome da jihad e, depois, aterrissam a salvo no aeroporto de Heathrow.

— Suspenderam na última hora.

— Quer dizer que a idéia deles era se integrarem, de algum modo, à passeata de hoje.

— Isso. Queriam mostrar sua posição. Façam guerra contra um país árabe, e é esse tipo de coisa que irá acontecer.

Não soa plausível. Mas, em geral, a tendência humana é acreditar. E, quando se verifica que está errado, mudar de posição. Ou ter fé e continuar a acreditar. Ao longo do tempo, no correr das gerações, o mais eficaz pode ter sido isto: por via das dúvidas, acredite. O dia inteiro, o próprio Perowne desconfiou de que a notícia não era só aquilo que parecia e, agora, Theo vem alimentar o desejo que seu pai tem de saber do pior. Por outro lado, se os boatos sobre o avião vêm da

internet, as chances de serem inexatos aumentam.

Henry faz um relato resumido de sua briga com Baxter e seus amigos, dos sintomas da doença de Huntington e da sua sorte na hora de fugir.

Theo diz:

— Você o humilhou. Devia tomar cuidado.

— Em que sentido?

— Esses caras podem ser orgulhosos. Além do mais, pai, eu não consigo acreditar que, morando aqui há tantos anos, você e mamãe nunca tenham sido assaltados.

Perowne olha o relógio de pulso e se levanta.

— Eu e a mamãe não temos tempo para isso. Vou ver você em Notting Hill lá pelas cinco horas.

— Você vai? Que ótimo!

Faz parte do charme de Theo não pressionar para que ele vá. E, se o seu pai não fosse até lá, ele não teria mencionado isso.

— Comece sem mim. Sabe como é difícil se despedir da sua avó.

— Vamos tocar uma música nova. Chas vai estar lá. Vamos esperar você chegar.

Chas é o amigo de Theo que Perowne mais aprecia, e é também o mais instruído, que largou o terceiro ano da faculdade de inglês, em Leeds, para tocar num conjunto. É de admirar que a vida que ele viveu — a mãe suicida, o pai ausente, dois irmãos, membros de uma seita batista radical — não tenha esmagado a sua natureza amistosa e cordial. Algo no nome da ilha St. Kitts — santos, crianças, gatos — produziu uma profusão de bondade num rapaz com um corpo de gigante. Desde que o conheceu, nasceu em Perowne uma vaga aspiração de, um dia, visitar a ilha.

De um canto da cozinha, apanha um vaso de planta embrulhado num pano, uma orquídea cara, que comprou faz alguns dias no florista em Heal. Pára na porta e ergue a mão, num aceno de despedida.

— Vou cozinhar esta noite. Não se esqueça de deixar a cozinha em ordem.

— Está bem. — E então, Theo acrescenta, sem ironia: — Dê lembranças minhas para a vovó. Diga que eu a amo.

Limpo e perfumado, com uma dor vaga, quase gostosa, nos braços e nas pernas, enquanto dirige o carro no sentido oeste pelo trânsito tranqüilo, Perowne descobre que se sente melhor, no que diz respeito a visitar a mãe. Conhece a rotina muito bem. Assim que estiverem juntos, cara a cara, com suas xícaras de chá preto, a tragédia da situação dela ficará encoberta pela banalidade dos detalhes, o cuidado com os minutos de sufocamento, com a deficiência auditiva. Ficar com ela não é tão difícil. A pior parte é na hora em que ele sai, antes que a visita se dissolva na sua memória, junto com todo o resto, quando a mulher que um dia ela foi ressurge em sua mente, enquanto ele se detém na porta da frente e se abaixa para lhe dar um beijo de despedida. É quando sente que está traindo a mãe, deixando-a para trás, em sua vida encolhida, enquanto ele se esgueira para o luxo, para o tesouro secreto da sua própria existência. Apesar da culpa, não pode negar o pequeno reconforto que sente, a leveza em seus passos, quando lhe dá as costas, se afasta do abrigo de idosos, pega as chaves do carro no bolso e abraça a liberdade, que ela não pode ter. Tudo o que ela possui, agora, cabe em seu quarto minúsculo. E ela nem chega a ser dona do quarto, porque é incapaz de encontrá-lo, sem ajuda, e nem sequer sabe que tem um quarto. E, quando ela está lá dentro, não reconhece as suas coisas. Já não é possível levá-la para a praça ou para passear; qualquer pequena viagem a desorienta ou mesmo a aterroriza. Ela tem de ficar para trás e, naturalmente, também não compreende isso.

Mas a idéia da hora da despedida não o perturba agora. Finalmente, está impregnado pela euforia branda que sucede ao exercício físico. Esse abençoado opiáceo natural, a betaendorfina, vem aliviar todo tipo de dor. Um alegre cravo de Scarlatti, no rádio, retine uma progressão de acordes que jamais chega a uma resolução completa e parece levá-lo rumo a um destino divertido e cada vez mais distante. No espelho retrovisor, nem sombra de um BMW vermelho. Naquele trecho, em que Euston passa a se chamar Marylebone Road, os sinais de trânsito estão sincronizados, ao estilo de Manhattan, e ele é impelido adiante numa faixa de luzes verdes, um surfista numa onda perfeita, que transmite uma informação simples: *siga!* Ou mesmo, *sim!* A longa fila de turistas — adolescentes, na maioria — na porta da galeria Madame Tussaud parece menos

despropositada do que o costume; uma geração criada sob os ensurdecadores efeitos especiais de Hollywood ainda tem vontade de olhar, com cara abestalhada, as estátuas de cera, como camponeses do século XVIII numa feira rural. A detestada via Westway, que se eleva em pilares de concreto manchados, e na qual ele sobe rapidamente para o nível do segundo pavimento, oferece um repentino horizonte de nuvens amontoadas acima de um tumulto de telhados. É um desses momentos em que ser dono de um carro, numa cidade, ser o dono deste carro, é uma delícia. Pela primeira vez, em semanas, ele engrena a quarta marcha. Talvez passe para a quinta. Uma placa, num pórtico acima das pistas de tráfego, proclama Oeste, Norte, como se, estendendo-se além dos subúrbios, houvesse um continente inteiro e a promessa de uma viagem de seis dias.

O trânsito deve estar bloqueado em algum outro lugar por causa da passeata. Durante quase oitocentos metros, a pista elevada é toda para ele. Durante segundos a fio, Perowne crê possuir a visão dos criadores do elevado — um mundo mais puro, que favorece as máquinas, em detrimento das pessoas. Uma curva muito suave o faz passar ao lado de novos prédios de escritórios, feitos de vidro e de aço, onde as luzes já estão acesas, no início de uma tarde de fevereiro. De relance, vê pessoas com a nitidez de uma maquete de arquitetura, em suas escrivaninhas, diante de seus monitores, mesmo num sábado. Esse é o futuro ordeiro das histórias em quadrinhos de ficção científica da sua infância, homens e mulheres com roupas de tecido elástico, justas no corpo e sem colarinho — nada de bolsos, cadarços de sapato, camisas para fora da calça —, que levam uma vida que ignora o lixo e a confusão, livres de embaraços, para combater o mal.

Porém, de um local de onde se tem uma visão panorâmica, no elevado White City, pouco antes de a pista descer à terra firme, entre fileiras de prédios de tijolos vermelhos, ele vê as lanternas traseiras aglomeradas à frente e começa a frear. Sua mãe nunca tinha de se preocupar com sinais de trânsito e com grandes atrasos. Um ano antes, ela ainda estava bem o bastante — esquecida, vaga, mas não aterrorizada — para apreciar passeios de carro pelas ruas, na zona oeste de Londres. Os sinais lhe davam uma chance de observar os outros motoristas e os seus passageiros.

— Olhe só para ele. Tem umas pintas na cara. — Ou apenas dizia, em tom

de camaradagem: — Vermelho, de novo!

Era uma mulher que dedicara a vida aos afazeres domésticos, ao tipo de rotina diária de limpar, lustrar, passar aspirador e arrumar a casa, que foi comum, no passado, e hoje em dia é cumprida por pacientes com distúrbios compulsivos obsessivos. Todo dia, enquanto Henry estava na escola, ela limpava a casa com esmero. Extraía a mais profunda satisfação de uma travessa de rosbife bem passado, do brilho na superfície das mesas, de uma pilha de lençóis listrados passados a ferro e muito bem dobrados, de uma despensa de provisões em ordem; ou de mais uma camisolinha para mais um bebê, de algum ramo da família muito distante. Os lados invisíveis, o verso, o fundo e o lado interno de tudo era limpo. O forno e suas prateleiras eram esfregados e limpos toda vez que eram usados. Arrumação e limpeza eram a expressão visível de um ideal de amor tácito. Um livro que Henry lesse seria devolvido à estante do corredor, no andar de cima, assim que ele o tivesse posto de lado. O jornal da manhã podia estar na lata de lixo na hora do almoço. As garrafas de leite vazias que ela guardava para serem devolvidas estavam tão limpas como os seus talheres. Para cada item, havia a sua gaveta, a sua prateleira ou o seu gancho, inclusive os seus diversos aventais, as luvas amarelas de borracha, penduradas num cabide de roupa, perto de um relógio, em forma de ovo, usado para medir o tempo de cozinhar um ovo.

Sem dúvida, é por causa dela que Henry se sente em casa quando está numa sala de cirurgia. Ela também gostaria do chão preto encerado, dos instrumentos cirúrgicos de aço, alinhados em filas paralelas, sobre uma bandeja esterilizada, e da sala de desinfecção com as suas devotadas rotinas — ela teria admirado o capricho, o cabelo limpo, as unhas curtas. Henry devia ter levado a mãe ali, enquanto ela ainda era capaz. Nunca passou pela sua cabeça. Nunca lhe ocorreu que o seu trabalho, os seus quinze anos de preparação, tivessem algo a ver com o que ela fazia.

Tampouco ocorreu a ela. Perowne nem sabia disso, na época, mas ele cresceu pensando que a inteligência da mãe era limitada. Costumava pensar que ela não tinha curiosidade. Mas não era verdade. Ela gostava de uma boa conversa, franca e íntima, com suas vizinhas. Henry, quando tinha oito anos, gostava de ficar agachado no chão, por trás da mobília, e ouvir. Doenças e

operações eram assuntos importantes, sobretudo quando relacionados com partos. Foi então que, pela primeira vez, ele ouviu a expressão “entrar na faca”, bem como “nas mãos do médico”. “O que o médico falou” era uma invocação importante. Essas conversas que ouviu às escondidas talvez tenham posto Henry no rumo da sua carreira. Havia também relatos de casos de infidelidade em curso, ou boatos a respeito disso, e filhos ingratos, a falta de bom senso dos velhos, o que o pai de alguém deixou num testamento e como certa moça bonita não conseguia arranjar um marido decente. Era preciso peneirar as pessoas boas no meio das más e nem sempre era fácil dizer, de saída, quem era bom e quem era mau. A doença atacava os bons e maus, de forma indiferente. Mais tarde, quando ele fez as suas obedientes tentativas de ler romances do século XIX, na época em que Daisy cursava a graduação, reconheceu ali todos os temas da sua mãe. Nada havia de acanhamento mental nos interesses dela. Jane Austen e George Eliot também partilhavam os mesmos interesses. Lilian Perowne não era burra nem trivial, sua vida não era um infortúnio, e ele, quando jovem, não tinha nenhum motivo para fazer pouco dela. Mas, agora, é muito tarde para pedir desculpas. Ao contrário dos romances de Daisy, são raros, na vida real, os momentos de exata compreensão; questões de interpretação errada não são solucionadas com frequência. E tampouco continuam a pressionar, exigindo uma solução. Elas simplesmente somem. As pessoas não lembram com nitidez, ou morrem, ou as questões morrem e novas questões vêm tomar o seu lugar.

Além disso, Lily tivera uma outra vida, que quem a visse agora jamais poderia supor, nem remotamente imaginar. Ela foi nadadora. Num domingo de manhã, 3 de setembro de 1939, enquanto Chamberlain anunciava em seu programa de rádio, da rua Downing, que o país estava em guerra contra a Alemanha, Lily, aos catorze anos, estava numa piscina municipal perto de Wembley e tinha a sua primeira aula de natação com uma atleta internacional, de sessenta anos, que nadara pela Inglaterra nas Olimpíadas de Estocolmo, em 1912 — a primeira competição de natação feminina. Ela viu Lily na piscina e se ofereceu para lhe dar aulas de graça, e treinou-a no nado livre, um estilo bem pouco feminino. Lily começou a disputar torneios locais no fim da década de 1940. Em 1954, nadou por Middlesex, no campeonato do condado. Chegou em segundo lugar,

e a sua pequena medalha de prata, colocada numa moldura de carvalho, estava sempre exposta no consolo da lareira, quando Henry era criança e adolescente. Agora, está numa estante, no quarto dela. Aquela prata foi o mais longe, ou o mais alto, a que conseguiu chegar, mas sempre nadou esplendidamente, rápido o bastante para empurrar, à sua frente, uma onda profunda e sinuosa, como faz a proa de um barco.

Ensinou Henry a nadar, é claro, mas a sua lembrança mais preciosa da natação da mãe é a de certa manhã, quando ele tinha dez anos, numa visita da sua escola à piscina do bairro. Ele e os amigos tinham trocado de roupa e estavam a postos, tinham tomado uma ducha e lavado os pés e, sobre os ladrilhos, precisavam esperar que terminasse o horário dos adultos. Dois professores estavam atentos, chamavam a atenção dos alunos e os repreendiam, na tentativa de conter a agitação das crianças. Logo, só restava uma pessoa na piscina, alguém com uma touca branca de borracha, com um friso de pétalas, que ele devia ter reconhecido antes. A sua turma inteira estava admirando a velocidade da nadadora, que levantava uma onda na raia, a esteira que ela deixava para trás, na água, a partir da região lombar, e o modo como ela virava a cabeça para inspirar sem alterar o seu alinhamento na água. Quando soube que era ela, Perowne se convenceu de que a havia reconhecido desde o início. Para aumentar mais ainda o seu júbilo, ele nem teve de avisar que era sua mãe. Alguém disse: “É a senhora Perowne!”. Em silêncio, os alunos olharam quando ela alcançou o fim da raia, aos pés deles, e fez uma esplêndida pirueta por baixo d’água, o que era uma novidade, na época. Não era uma simples tiradora de pó das prateleiras. Ele já tinha visto a mãe nadar muitas vezes, mas aquilo era muito diferente; todos os seus amigos estavam ali, para testemunhar a natureza sobre-humana de sua mãe, uma natureza que ele compartilhava. Sem dúvida, ela sabia disso e, na última metade da piscina, deu um espetáculo de velocidade diabólica, só para o filho. Os pés dela espumavam, seus braços longos e brancos subiam e cortavam a água, a ondulação na frente aumentava, a esteira ficava mais funda. O seu corpo se moldava, em meio à sua própria onda, num S ondulante e superficial. Seria preciso correr pela beirada da piscina para emparelhar com ela. Parou na outra ponta, ficou de pé, pôs as mãos na borda e impeliu o corpo para fora da água. Teria uns quarenta anos, na época. Ficou ali

sentada, com os pés ainda dentro da água, tirou a touca e, enquanto balançava a cabeça, sorriu com timidez na direção deles. Um dos professores levou os alunos a dar uma solene salva de palmas. Embora fosse 1966 — o cabelo dos garotos estava crescendo por cima das orelhas, as meninas usavam calça jeans para ir à aula —, um certo grau da formalidade dos anos 50 ainda prevalecia. Henry aplaudiu, junto com os demais, porém, quando seus amigos se juntaram em volta dele, ficou sufocado demais de orgulho, exultante demais para poder responder a suas perguntas, e sentiu-se aliviado ao entrar na piscina, onde podia esconder seus sentimentos.

* * *

Nas décadas de 1920 e 1930, vastas extensões de terra cultivada, a oeste de Londres, desapareceram sob uma onda de acelerada expansão imobiliária e, ainda hoje, as ruas de respeitáveis e sisudas casas de dois pavimentos não se livraram totalmente do seu aspecto de construção súbita. Todas as casas, de feição quase idêntica, têm um aspecto constrangido, provisório, como se soubessem que, em breve, a terra seria devolvida para a semeadura de cereais e para o pasto. Lily, hoje, mora a apenas alguns minutos da antiga casa da família em Perivale. Henry gosta de pensar que, na paisagem enevoada da demência da mãe, uma sensação de familiaridade irrompe, de vez em quando, e a reconforta. Pelos padrões dos abrigos de idosos, Suffolk Place é diminuto — três casas foram reformadas para se unirem numa só, e acrescentou-se um anexo. Na frente, sebes de alfenas ainda marcam as fronteiras do antigo jardim e dois laburnos sobrevivem. Um dos três jardins frontais foi cimentado para servir de estacionamento para dois carros. As latas de lixo excessivamente grandes, atrás de uma treliça, são os únicos indícios institucionais.

Perowne estaciona e retira o vaso de planta do banco de trás. Pára um momento, antes de tocar a campainha — há uma fragrância no ar, doce e vagamente antisséptica, que lhe traz à memória a adolescência nessas ruas, e um estado geral de ansiedade, um desejo ardente de que a vida começasse, algo que, visto a essa distância, se assemelha à felicidade. Como de hábito, Jenny abre a porta. É uma jovem irlandesa, grande, jovial, num casaco azul riscadinho, e que deve começar a estudar enfermagem em setembro. Henry

recebe uma atenção especial por conta de sua condição de médico — uma dose extra de três saquinhos de chá, que ela vai levar daqui a pouco para o quarto de sua mãe, e talvez uma travessa com biscoitinhos de chocolate. Sem saber grande coisa um sobre o outro, os dois estabeleceram um trato bem-humorado.

— Ora, se não é o nosso bom doutor!

— Como vai a minha jovem irlandesa?

Logo depois do estreito espaço do saguão suburbano, tingido de amarelo pelos vidros da porta, presos em caixilhos de chumbo, fica uma cozinha de luz fluorescente e de aço inoxidável. De lá, vem o cheiro viscoso do almoço que as residentes comeram duas horas antes. Depois de estar exposto a isso por toda a vida, Perowne sente uma afeição amena, ou pelo menos uma completa falta de repulsa, por comida institucional. Do outro lado da sala de entrada, há uma porta mais estreita que leva para as três salas de estar interligadas, das três casas. Ele pode ouvir o som abafado dos televisores nas salas seguintes.

— Ela está à sua espera — diz Jenny. Os dois sabem que isso é uma impossibilidade neurológica. Até o tédio está fora do alcance de sua mãe.

Ele empurra a porta e segue adiante. Ela está bem à sua frente, sentada numa cadeira de madeira, diante de uma mesa redonda, coberta por uma toalha de chenile. Há uma janela, atrás, e depois, uma janela da casa vizinha, a três metros de distância. Há outras mulheres dispostas à margem da sala, sentadas em poltronas de encosto alto, com braços de madeira em curva. Algumas assistem à televisão, presa à parede, fora do seu alcance, ou olham nessa direção. Outras fitam o chão. Elas estremecem, ou parecem se agitar, quando ele entra, como se fossem agradavelmente fustigadas pelo ar que a porta desloca. Há uma reação alegre e generalizada ao seu “Boa tarde, senhoras”, e elas o observam com interesse. Nesse estágio, não podem ter certeza de que não seja um de seus parentes próximos. À direita de Perowne, na sala de estar mais afastada, está Annie, uma mulher de desgrenhados cabelos grisalhos, que se irradiam de sua cabeça em raios felpudos. Sem nenhum apoio, está arrastando os pés em velocidade, na sua direção. Quando chegar ao fim da terceira sala de estar, vai dar meia-volta e ficar andando para a frente e para trás o dia inteiro, até ser levada para a refeição, ou para a cama.

Sua mãe o observa atentamente, satisfeita e preocupada ao mesmo tempo.

Pensa que reconhece o rosto dele — pode ser o médico, ou o zelador. Ela procura uma pista. Ele se ajoelha junto à cadeira da mãe e segura a sua mão, que é lisa, seca e muito leve.

— Oi, mamãe, Lily. Sou o Henry, o seu filho.

— Oi, querido. Aonde você vai?

— Vim ver você. Vamos entrar e ficar no seu quarto.

— Desculpe, querido. Não tenho um quarto. Estou esperando para ir para casa. Vou pegar o ônibus.

Ele sofre quando a mãe diz isso, embora saiba que se refere à casa da sua infância, onde ela imagina que a mãe está à sua espera. Henry beija o rosto da mãe e a ajuda a levantar da cadeira, sentindo os tremores do esforço ou do nervosismo nos braços dela. Como sempre, nos primeiros e desalentadores momentos em que a reencontra, seus olhos lacrimejam.

Ela protesta debilmente:

— Não sei aonde podemos ir.

Henry não gosta de falar com a alegria forçada que as enfermeiras utilizam nas enfermarias, mesmo com pacientes adultos e sem nenhuma perturbação mental. *É só pôr isso na sua boca um instantinho para mim.* Mas, apesar de tudo, ele age assim, em parte para disfarçar seus sentimentos.

— Você tem um quartinho muito agradável. Assim que o vir, vai lembrar. Agora, para esse lado.

De braços dados, caminham devagar através da última sala de estar, e se põem no canto a fim de dar passagem para Annie. É reconfortante que Lily esteja vestida de forma adequada. As auxiliares sabiam que ele vinha. Ela veste uma saia muito vermelha, blusa de algodão escovado combinando com a saia, meias pretas e sapatos de couro pretos. Ela sempre se vestiu bem. Deve ter sido a última geração que se preocupou seriamente com chapéus. Havia sempre fileiras de chapéus escuros, quase idênticos, na prateleira de cima do guarda-roupa da sua mãe, envoltos num bafo de naftalina.

Quando saem para o corredor, ela vira para a esquerda e ele tem de pôr a mão no seu ombro estreito para guiá-la de volta.

— Aqui está. Reconhece a sua porta?

— Nunca vim aqui antes.

Ele abre a porta e a leva para dentro. O quarto tem cerca de dois metros e meio por três, com uma porta envidraçada que dá para um pequeno jardim de fundos. A cama de solteiro está coberta por um edredom estampado com flores e diversas quinquilharias triviais que fizeram parte da sua vida, muito antes de ficar doente. Alguns de seus enfeites remanescentes — um tordo num poleiro, dois esquilos de vidro, comicamente exagerados — estão dentro de um armário envidraçado, num canto. Outros estão dispostos num aparador, perto da porta. Na parede perto da pia, está uma foto emoldurada de Lily e de Jack, o pai de Henry, de pé, num gramado. No canto da foto, vê-se a ponta de um carrinho de bebê, onde supostamente repousa o alheio Henry. Ela está bonita, num vestido branco de verão, e tem a cabeça empinada daquele jeito tímido, engraçado, que ele recorda muito bem. O homem jovem está fumando um cigarro e veste um casaco e uma camisa branca de colarinho aberto. É alto, um pouco curvado, e tem mãos grandes, como o filho. Seu sorriso é largo e despreocupado. É sempre útil ter uma prova consistente de que os velhos tiveram a sua vez de serem jovens. Mas há também um elemento de escárnio na fotografia. O casal parece vulnerável, fácil de ridicularizar, porque eles parecem ignorar que sua juventude não passa de um episódio, ou que o petisco saboroso e tostado na mão direita de Jack vai contribuir — é a teoria de Henry —, mais adiante, naquele mesmo ano, para a sua morte repentina.

Mesmo não tendo conseguido lembrar-se da existência do quarto, Lily não fica surpresa de se ver ali. Logo esquece que não o reconhecia. Porém, ela treme, sem saber onde deve sentar. Henry lhe mostra a poltrona de costas altas, junto à porta-janela, e se senta de frente para a mãe, na beirada da cama. Está ferozmente quente, mais quente até do que o seu quarto. Talvez seu sangue ainda esteja alvoroçado por causa da partida de squash, da ducha de água quente e do calor dentro do carro. Ficaria contente de se esticar sobre a cama muito alta e começar a refletir sobre o dia, e quem sabe cochilar um pouco. Como de repente a sua vida parece interessante, vista do isolamento desse quarto. Nesse momento, com o edredom embaixo dele, e com o calor, Henry sente um peso nos olhos e não consegue impedir que fechem a todo instante. E a sua visita mal começou. A fim de se reanimar, tira o suéter e mostra a Lily a planta que trouxe.

— Olhe — diz. — É uma orquídea para o seu quarto.

Quando a oferece para a mãe, e a frágil flor branca balança entre ambos, ela recua.

— Por que trouxe isso?

— É sua. Vai florescer até o inverno. Não é bonita? É para você.

— Não é minha — responde Lily, com firmeza. — Nunca a vi antes.

Ele teve a mesma conversa desconcertante da última vez. A doença avança por minúsculos golpes imperceptíveis, em pequenos vasos sangüíneos do cérebro. Cumulativamente, os enfartes causam um declínio cognitivo, ao romper as redes neurais. Ela está se desmanchando aos pouquinhos. Agora, perdeu a noção de um presente e, com isso, o prazer. Adotando de novo o tom de uma enfermeira jovial, ele diz:

— Vou colocar aqui, onde você pode ver.

Ela está à beira de reclamar, mas a sua atenção se desvia. Viu umas peças de porcelana decorativas numa prateleira acima da cama, bem ao lado do filho. Sua atitude se torna subitamente conciliadora.

— Eu tenho uma porção dessas xícaras e pires. Assim, eu sempre posso sair com um deles. Mas o problema é que o espaço entre as pessoas é pequeno demais. — Ela ergue duas mãos trêmulas para mostrar um intervalo. — Mal há espaço suficiente para a gente passar espremido. Tem muitas saliências.

— Concordo — diz Henry, ao se recostar na cama. — Há muitas saliências.

O dano dos coágulos de pequenos vasos sangüíneos tende a se acumular na substância branca e destruir a conectividade da mente. Nesse percurso, bem antes de o processo se completar, Lily consegue proferir suas afirmações dispersivas, seus monólogos absurdos, com uma seriedade tocante. Não tem a menor dúvida a respeito de si. Também não imagina que ele seja incapaz de acompanhar seu pensamento. A estrutura de suas frases está intacta, e o tom que modula cada uma de suas várias formulações faz sentido. Ela fica contente quando ele faz que sim com a cabeça, sorri e concorda de vez em quando.

Enquanto concentra seus pensamentos, não olha para ele e sim para além dele, concentrada num objeto fugidio, com a expressão de quem contempla uma paisagem desimpedida, através de uma janela. Faz menção de falar, mas permanece calada. Seus olhos verde-claros, afundados em cavidades de pele

morena clara e enrugada, têm um aspecto achatado e embotado, como pedras empoeiradas embaixo de um vidro. Dão a exata impressão de não compreenderem nada. Ele não pode lhe dar notícias da família — a menção de nomes estranhos, qualquer nome, pode assustá-la. Assim, embora a mãe não vá entender, muitas vezes lhe fala a respeito do seu trabalho. O que a anima é o som, o tom emocional de uma conversa amigável.

Está prestes a falar da jovem chamada Chapman, e comentar a sua melhora, quando Lily, de repente, começa a falar. Está aflita, até um pouco queixosa.

— E você sabe o que... sabe, tia, o que as pessoas põem no sapato para ele... sabe?

— Graxa de sapato? — Nunca entende por que ela o chama de tia, nem qual de suas muitas tias a está obcecando.

— Não, não. Eles põem no sapato inteiro e esfregam com um pano. Bem, de todo jeito, é um pouco parecido com graxa de sapato. É uma coisa desse tipo. Na rua toda, a gente tinha revestimento de metal, dos lados, e Deus sabe o que mais. A gente tinha tudo, menos a coisa certa, porque a gente estava no lugar errado.

Então, de repente, ela ri. Fica mais claro, para ela.

— Se você vira o quadro ao contrário e tira a parte de trás, como eu fiz, dá um grande prazer. É só isso. E como a gente ria por causa disso!

E ri, alegre, como fazia antigamente, e ele ri também. Era só isso. Agora, ela está longe dali, descreve o que deve ser uma lembrança desintegrada de uma festa na rua, e uma pequena aquarela que comprou, certa vez, num bricabraque.

Algum tempo depois, quando Jenny traz uns refrescos e uns petiscos, Lily a fita com reconhecimento. Perowne se levanta e abre espaço numa mesinha. Nota a suspeita de Lily em relação a alguém que toma por um completo estranho, e assim, quando Jenny sai, e antes de Lily ter tempo de falar, ele diz:

— Que moça adorável. Sempre atenciosa.

— É maravilhosa — concorda Lily.

A lembrança de que alguém esteve no quarto já está se apagando. A sugestão emocional de Perowne é irresistível, e ela sorri, imediatamente, e começa a refletir, enquanto retira com a colher os seis sachês de chá de dentro do bule de

metal.

— Ela sempre vem correndo, apesar de todo o espaço ser estreito, até lá. Ela quer vir numa daquelas coisas compridas que eles têm, mas não há passagem. Mandeí-lhe o dinheiro, mas ela não o tem em mãos. Quer um pouco de música, e eu lhe disse que podia formar um conjunto musical e tocar sozinha. Mas fico preocupada com ela. Eu lhe disse: por que você põe todas as fatias num pote quando não tem ninguém de pé? Você não pode fazer sozinha.

Perowne sabe de quem ela está falando e espera que fale mais. Então, diz:

— Quem vai encontrá-la?

Já passou muito tempo desde a última vez em que tentou explicar à mãe que a mãe dela havia morrido em 1970. É mais fácil, agora, manter a ilusão e tocar a conversa adiante. Tudo pertence ao presente. A preocupação imediata de Perowne é evitar que ela coma o sachê de chá, como quase fez, na última visita. Ele os amontoa num pires e o coloca no chão, junto ao seu pé. Coloca uma xícara cheia até a metade ao alcance da mão da mãe e lhe oferece um biscoito em um guardanapo. Ela o abre no colo e coloca o biscoito, cuidadosamente, no centro. Levanta a xícara até os lábios e bebe. Em momentos como esse, em que se mostra hábil nos antigos gestos rotineiros, e parece recatada em suas roupas de cores que combinam, uma senhora de setenta e sete anos de uma aparência perfeita, com pernas admiráveis para a idade, pernas de atleta, ele pode imaginar que tudo é um engano, um sonho ruim, e que ela vai sair do seu quarto minúsculo e ir para a rua com ele, para o coração da cidade, e comer peixe cozido com a sua nora e os seus netos, e ficar com eles durante um tempo.

Lily diz:

— Eu estava lá, na semana passada, tia, no ônibus, e minha mãe estava no jardim. Eu disse a ela: a senhora pode ir lá, ver o que vai conseguir, e o que vem depois é o balanço de tudo o que a gente conseguiu. Ela não está bem. Seus pés. Vou lá dentro um instante e não posso deixar de pegar uma blusa de malha para ela.

Como seria estranho se a mãe de Lily, uma mulher arredia, nada maternal, soubesse que a menininha que andava agarrada à sua saia, um dia, num futuro remoto, numa data de ficção científica no século seguinte, iria falar dela o

tempo todo, cheia de vontade de voltar para casa e ficar com ela. Será que isso teria amaciado seu coração?

Agora, Lily disparou, vai falar enquanto estiver ali sentada. É difícil saber se está de fato feliz. Às vezes, ri, outras vezes, descreve vagas discussões e mágoas, e sua voz fica indignada. Em muitas situações que evoca, reclama de um homem que se recusa a entender.

— Eu disse a ele que tudo isso eram privilégios, e ele disse: eu não ligo. Você pode abrir mão, e eu disse: não deixe que o fogo queime. E todo o material novo que vai ser recolhido.

Se ela ficar agitada demais pelo caso que está contando, Henry vai interceder, rir alto e dizer:

— Mãe, isso é mesmo muito engraçado!

Por ser sugestionável, ela rirá também, e seu estado de humor vai mudar, e então a história que conta será mais alegre. Por enquanto, ela está numa condição neutra — há um relógio, e de novo uma blusa de malha, e de novo um espaço estreito demais para atravessar — e Henry, enquanto bebe aos poucos o chá marrom e grosso, em parte ouvindo, em parte adormecido, no calor do pequeno quarto sem ar, pensa em como, dali a trinta e cinco anos, ou menos, poderá ser ele, despojado de tudo o que faz e possui, uma figura murcha, divagando diante de Theo ou de Daisy, enquanto eles esperam a hora de sair e voltar a uma vida da qual ele não terá a menor compreensão. Pressão sangüínea elevada é um bom indicador para prever ataques. Cento e vinte e dois por sessenta e cinco, da última vez. O indicador sistólico podia estar mais baixo. Colesterol total, cinco ponto dois. Não muito bom. Acredita-se que níveis elevados de lipoproteína têm uma forte ligação com a demência pós-enfarto. Não vai mais comer ovos, e só vai tomar leite semidesnatado no café, e um dia o café também terá de ir embora. Não está pronto para morrer, nem está pronto para ficar semimorto. Quer manter intacta, como um imaculado campo de neve, a sua substância branca, rica de mielina, prodigiosamente interconectada. Nada de queijo, então. Vai ser implacável consigo mesmo, na sua busca de saúde ilimitada, a fim de evitar o destino de sua mãe. A morte mental.

— Vou pôr um fluido no relógio, para ele ficar molhado — diz ela.

Passa uma hora e então ele se obriga a ficar totalmente acordado e se levanta,

talvez depressa demais, porque sente uma tonteira repentina. Não é um bom sinal. Estica as duas mãos na direção dela, sentindo-se imenso e instável, enquanto avulta acima da figura diminuta da mãe.

— Agora vamos, mãe — diz, com doçura. — Está na hora de eu ir. E eu gostaria que a senhora me levasse até a porta.

Infantil na sua obediência, ela pega as mãos do filho, que a ajuda a levantar-se da cadeira. Põe as coisas na bandeja e a leva para fora do quarto, depois se lembra dos sachês de chá, meio escondidos debaixo da cama, e os leva também para fora do quarto. Ela poderia ter se banqueteadado com os saquinhos de chá. Perowne a conduz até o corredor e a tranqüiliza o tempo todo, ciente de que ela pisa em território desconhecido. Não tem a menor idéia de que direção tomar enquanto saem do quarto. Ela nada comenta sobre o ambiente ignorado, mas segura com mais força a mão dele. Na primeira sala de estar, duas mulheres, uma de cabelos cor de neve, com tranças, a outra totalmente careca, assistem à tevê sem som. Vindo da sala intermediária, aproxima-se Cyril, como sempre de gravata e paletó esporte, e hoje com uma bengala e um chapéu de caça. É o fidalgo dos residentes no abrigo, gentil no trato, perdido numa fantasia particular e bem definida: acredita ser proprietário de uma vasta propriedade e se sente obrigado e sair para visitar seus arrendatários e mostrar-se escrupulosamente educado. Perowne jamais o viu infeliz.

Cyril levanta o chapéu para Lily e exclama:

— Bom dia, minha cara. Tudo bem? Alguma reclamação?

O rosto de sua mãe fica tenso, e ela desvia o olhar. No monitor de tevê acima da sua cabeça, Perowne vê a passeata — o Hyde Park, ainda, uma vasta multidão diante de um palanque e, bem ao longe, uma figura minúscula num microfone, depois uma tomada aérea da mesma cena e a seguir os manifestantes em colunas, com suas faixas, ainda chegando pelos portões do parque. Ele e Lily param a fim de deixar Cyril passar. Há uma tomada da locutora, em sua mesinha da era espacial, em seguida o avião que ele viu de madrugada, a fuselagem enegrecida bem nítida num lago de espuma, como um ornamento de mau gosto no glacê de um bolo. Agora, a delegacia de polícia de Paddington — considerada segura com relação a ataques terroristas. Um repórter está postado diante da delegacia e fala num microfone. Há uma

desdobramento. Serão os pilotos russos, de fato, islâmicos radicais? Perowne estica o braço para aumentar o volume, mas Lily de repente fica agitada e tenta lhe dizer algo importante.

— Se ficar seco demais, vai enrolar outra vez. Eu disse para ele, e eu disse que era preciso botar água, mas ele não botava.

— Está tudo bem — diz a ela. — Ele vai botar água. Vou dizer para ele botar. Prometo.

Resolve deixar a tevê de lado e eles se afastam. Perowne precisa concentrar-se na sua despedida, pois sabe que Lily vai pensar que vai sair com ele. Perowne vai ficar parado na porta da frente, mais uma vez, com a sua explicação, sem nenhum sentido, de que vai voltar em breve. Jenny ou outra das moças terá de distraí-la enquanto ele sai.

Juntos, caminham de volta pela primeira sala de estar. Chá e sanduíches de pão sem casca estão sendo servidos para as senhoras, na mesa redonda coberta com uma toalha de chenile. Perowne faz um gesto de cumprimento para elas, que no entanto parecem distraídas demais para responder. Lily está mais feliz, agora, e recosta a cabeça no braço dele. Quando chegam à saleta de entrada, vêem Jenny Lavin na porta, já erguendo a mão para a tranca de segurança dupla e sorrindo na direção deles. Nesse exato instante, sua mãe bate na mão de Perowne com o toque de uma pena, e diz:

— Lá fora, só parece que é um jardim, tia, mas é o campo, na verdade, e a gente pode caminhar quilômetros. Quando a gente caminha, aqui, sente-se levantado no ar, bem acima do balcão. Não posso cuidar de todos aqueles pratos sem uma escova, mas Deus vai tomar conta de vocês e cuidar para que vocês consigam alguma coisa, porque são uma raça nadadora. Vocês vão se espremer e, de algum jeito, vão passar.

É um trajeto vagaroso, o regresso ao centro de Londres — mais de uma hora para ir de Perivale até Westbourne Grove. O trânsito pesado segue rumo ao centro da cidade, rumo aos prazeres da noite de sábado, bem na hora em que a primeira leva de vagões de trem está transportando os manifestantes de volta. Durante o demorado rastejar do trânsito na direção das luzes em Gypsy Corner,

ele abaixa o vidro da janela para saborear plenamente a cena — a paciência bovina de um congestionamento, o bafo abrasivo dos gases gelados, os trovejantes mecanismos em ponto morto, em seis pistas no sentido leste e oeste, a luz amarela da rua descolorindo a lataria dos carros, o som abafado e moderno dos aparelhos de entretenimento e as luzes vermelhas das lanternas traseiras que se estendem à frente, a perder de vista, cidade adentro, enquanto faróis dianteiros se derramam para fora da cidade. Ele tenta ver, sentir, em termos históricos, esse momento das derradeiras décadas da era do petróleo, quando um aparelho criado no século XIX é levado à sua perfeição definitiva nos primeiros anos do século XXI; quando a riqueza sem precedentes das massas, em compenetrada atividade, na implacável cidade moderna cria um panorama que nenhuma época anterior poderia ter imaginado. Pessoas comuns! Rios de luz! Ele quer ver aquilo como Newton o veria, ou os seus contemporâneos, Boyle, Hooke, Wren, Willis — aqueles homens perspicazes, curiosos, do Iluminismo inglês, que por alguns anos contiveram em sua mente quase toda a ciência do mundo. Sem dúvida, ficariam assombrados. Mentalmente, mostra para eles: isso é o que fizemos, isso é coisa trivial na nossa época. Toda essa iluminação abundante seria fantástica se pudéssemos vê-la através dos olhos deles. Mas Perowne não consegue se persuadir de todo. Não consegue livrar-se do peso de ferro do presente para ver aquilo além do tédio de um congestionamento de trânsito, ou além do atraso para o qual ele está contribuindo, ou além das monótonas expectativas comerciais de uma fileira de lojas, junto às quais ele se demora por quinze minutos. Ele não tem o talento lírico para ver além daquilo — é um realista e jamais consegue escapar. Mas, afinal, talvez dois poetas na família já sejam o bastante.

Depois de Acton, o trânsito melhora. Na penumbra do entardecer, uma única prancha vermelha no céu do oeste, quase retangular, um emblema do mundo natural, da vida selvagem em algum ponto fora do alcance da visão, se apaga devagar, enquanto o persegue pelo espelho retrovisor. Mesmo se as pistas no sentido oeste, para fora da cidade, estivessem livres, ele estaria feliz de não ir nessa direção. Quer chegar em casa e descansar, antes de começar a cozinhar. Precisa verificar se tem champanhe na geladeira, e trazer vinho tinto para a cozinha a fim de esquentar. O queijo também precisa ser amolecido no

aquecimento de ar central. Ele precisa ficar deitado por dez minutos. Sem dúvida, não se acha no estado de ânimo próprio para os blues amplificados de Theo.

Mas isso é a condição de pai, tão fixa quanto o destino, e por fim ele estaciona numa rua de Westbourne Grove, a algumas centenas de metros da velha casa de espetáculos. Está atrasado quarenta e cinco minutos. Quando chega, o prédio está em silêncio, escuro, e as portas estão fechadas. Mas abrem com facilidade, assim que as empurra, de modo que tropeça quando entra no foyer. Espera para que seus olhos se habituem à luz baixa, faz força para captar os sons, ciente do cheiro familiar do tapete empoeirado. Está atrasado demais? Seria quase um alívio. Avança pelo saguão, passa pelo que julga que seja a bilheteria, até chegar a outra série de portas duplas. Tateia em busca de uma barra de metal, empurra para baixo e entra.

Trinta metros à frente, o palco está sob uma luz suave e azulada, rompida por pontinhos vermelhos no estrado dos amplificadores. Na bateria, o contratempo reflete a luz em forma de um alongado disco roxo pelo chão do teatro, que não tem poltronas. Não há nenhuma outra luz, exceto um sinal da porta de saída, em cor laranja, para além do palco. Pessoas se movimentam e se agacham junto ao equipamento e se mexem ao lado do brilho de um teclado. Apenas discernível acima do zumbido baixo e indistinto das caixas de alto-falantes, há um murmúrio de vozes. A silhueta de uma pessoa está de pé, na frente do palco, ajustando a altura de dois microfones.

Perowne vai para a direita e, na escuridão total, segue a parede com a mão até se ver diante do centro do palco. Uma segunda pessoa aparece perto dos microfones, com um saxofone, cujo contorno complexo fica delineado com nitidez contra a luz azul. Em resposta a um sinal, o teclado dá uma só nota e um baixo elétrico afina, por essa nota, a corda de cima. Uma guitarra toca um acorde em arpejo — tudo afinado, em seguida um terceiro músico faz o mesmo. O baterista senta-se e ajeita os pratos mais para perto, experimenta o pedal do bumbo. O murmúrio de vozes cessa, e os contra-regras desaparecem nos bastidores. Theo e Chas estão na frente do palco, junto ao microfone, e olham para o auditório.

Só nesse momento Perowne se dá conta de que o viram chegar e que o

estavam esperando. A guitarra de Theo começa sozinha, com uma langorosa introdução de dois compassos, uma melodia simples e descendente, a partir do quinto traste, que deságua num acorde pesado, que desemboca num segundo acorde e fica aí, se prolonga numa sétima sem resolução, enquanto decresce; em seguida, com um toque e um rufo cortante na caixa da bateria, e cinco notas furtivas ascendentes no baixo, o blues começa. É uma canção melancólica, do tipo “Stormy Monday”, mas os acordes são densos e têm mais a ver com o jazz. A luz do palco muda para o branco. Theo, imóvel em seu transe de costume, repassa três vezes os doze compassos do tema. É uma melodia fluente, redonda, cheia de distorção, a fim de moldar as notas no seu lamento choroso, com uma pequena pontada ao atacar os torneios mais rápidos. O piano e a guitarra rítmica emitem seus acordes jazzísticos. Henry sente o fraseado do baixo bater no seu osso esterno e coloca a mão no local machucado. O som vai aumentando muito, e ele se sente desconfortável, mas resiste. No seu estado atual, preferia estar em casa ouvindo um trio de Mozart, ao lado de um copo de vinho branco com uma pedra de gelo.

Mas não se opõe por muito tempo. Algo está crescendo, ou amainando, dentro dele, enquanto as notas de Theo sobem e, na segunda repetição, passam para um registro mais agudo e começam a voar alto. É isso o que os garotos vinham treinando e querem que ele ouça, e Perowne se sente comovido. Está percebendo a idéia, o ímpeto da exuberância e da habilidade deles. Ao mesmo tempo, descobre que a música não tem o padrão comum do blues de dois compassos. Há uma seção intermediária, com uma melodia etérea, que se eleva e decai em semitons. Chas se debruça no seu microfone para cantar com Theo, numa harmonia estranha e cerrada:

*Baby, você pode preferir o desespero,
Ou pode ser feliz, se tiver coragem.
Então me deixe te levar lá,
Para a minha praça, a minha praça.*

Então, Chas, com todos os seus truques recém-trazidos de Nova York, vira-se de lado, levanta o saxofone e ataca uma nota aguda, enraivecida, como uma voz

que explode de alegria, sustenta o fôlego o mais que pode, depois se projeta e escorre numa espiral descendente, que faz eco à introdução de Theo, e conduz o conjunto de volta ao tema de doze compassos. Chas também repete três vezes. O sax é anguloso, com ritmos entrecortados e notas sustentadas contra mudanças de acorde, e depois soltas em fraseados enfurecidos. Theo e o baixista tocam em oitavas uma frase repetida e difícil, que muda de formas inesperadas e nunca reinicia do ponto de partida. É um blues em velocidade instável, mas um ritmo guia está se formando. Na terceira repetição de Chas, os dois jovens voltam aos microfones, de volta ao refrão cadenciado, cujas harmonias são tão próximas que ficam dissonantes. Será que Theo está rendendo uma homenagem ao seu professor, Jack Bruce, do Cream?

*Então me deixe te levar lá,
Para a praça, para a praça.*

Em seguida, é a vez do teclado, e os outros se integram numa frase repetida, circular e difícil.

Já sem se sentir cansado, Henry se afasta da parede onde estava recostado e caminha para o meio do auditório escuro, na direção da grande máquina de som. Deixa que o som o envolva. Existem esses raros momentos em que, juntos, músicos atingem algo mais doce do que tudo o que já obtiveram antes, nos ensaios e nas apresentações, algo além da mera competência técnica e cooperativa, quando a expressão deles se torna tão fácil e elegante quanto a amizade ou o amor. É então que nos proporcionam um relance do que podíamos ser, do que temos de melhor, e de um mundo impossível em que damos para os outros tudo o que temos, mas sem perdermos nada. No mundo real, existem planos minuciosos, projetos visionários de reinos de paz, todos os conflitos resolvidos, felicidade para todos, para sempre — miragens em nome das quais as pessoas estão dispostas a morrer e matar. O reino de Cristo na terra, o paraíso dos trabalhadores, o estado islâmico ideal. Mas só na música, e só em raras ocasiões, a cortina, de fato, se levanta para esse sonho de comunidade, e ele é evocado de forma fascinante, antes de se dissolver junto com as últimas notas.

Naturalmente, ninguém pode concordar a respeito de quando isso está acontecendo. A última vez que Henry ouviu isso foi no Wigmore Hall, uma comunidade utópica tornada real por um breve momento no Octeto de Schubert, quando os instrumentistas de sopro, com pequenos movimentos de curvatura das costas e de contração dos ombros, fizeram suas notas flutuarem pelo palco, até a seção das cordas, que as mandou de volta, suavizadas. Também ouviu a mesma coisa muito tempo antes, na escola de Daisy e Theo, quando uma desafinada e lamuriosa orquestra de alunos, junto com um coro formado por alunos e pela equipe da escola, se esforçou para tocar Purcell, e criou, com notas dissonantes, uma inocente e exultante concórdia entre adultos e crianças. E aqui está outra vez, um mundo coerente, tudo enfim se encaixa. Perowne balança, de pé, no escuro, olha fixo para o palco, a mão direita metida no bolso segura as chaves. Theo e Chas convergem de volta para o centro do palco, a fim de cantar o seu refrão disparatado. *Ou pode ser feliz, se tiver coragem.* Ele sabe o que a sua mãe quis dizer. Ele pode caminhar quilômetros, sente-se levantado no ar, bem acima do balcão. Não quer que a música termine.

4.

Ele não se dá ao trabalho de estacionar o carro nas antigas cavaleriças. Em vez disso, estaciona bem em frente à porta da sua casa — a essa hora da tarde, já é permitido parar em cima de uma faixa amarela, e ele está ansioso para entrar. Mas se demora alguns segundos para verificar o estrago na porta do carona — um risco quase imperceptível. Quando ergue os olhos, percebe que a casa está escura. Naturalmente, Theo ainda está ensaiando, Rosalind deve estar revendo os últimos detalhes da sua petição ao juiz. Alguns flocos de neve esparsos, colhidos pela iluminação da rua, se destacam vívidos contra a cor preta lustrosa das janelas. Seu sogro e sua filha vão chegar e ele tem pouco tempo. Quando abre a porta, tenta lembrar os termos exatos de um comentário feito por Theo, mais cedo, nesse dia, e que não o perturbou na hora. Agora o incomoda, por um momento, mas o esforço passageiro para recordar se desfaz assim que ele entra no calor da sala e acende a luz; uma simples lâmpada pode fazer explodir um pensamento. Vai direto até a estante dos vinhos e pega quatro garrafas. O seu cozido de peixe requer um vinho encorpado e rústico — tinto, não branco. Grammaticus serviu-lhe um Tautavel, Côtes de Roussillon, Villages, e Henry fez dele o seu vinho doméstico — delicioso, e custa menos de cinquenta libras a caixa. Tirar a rolha horas antes de o vinho ser bebido é uma forma de pensamento mágico; a superfície exposta ao ar é ínfima e não pode causar uma diferença perceptível. Porém, na verdade, ele quer que as garrafas fiquem um pouco mais quentes e as leva até a cozinha e as coloca perto do fogão.

Três garrafas de champanhe já estão na geladeira. Dá um passo na direção do CD, em seguida muda de idéia, pois sente a pressão, semelhante à gravidade, do noticiário da tevê que se aproxima. É uma condição da época, essa compulsão para ver como anda o mundo e unir-se à maioria, a uma comunidade de angústia. O hábito ficou mais forte nos últimos dois anos; estabeleceu-se uma

nova escala de valores de notícias, por conta de cenas monstruosas e espetaculares. A possibilidade de se repetirem é um fio que une os dias. A tese do governo — de que um ataque a uma cidade européia ou americana é algo inevitável — não é apenas uma negação de responsabilidade, é uma promessa atordoante. Todos têm medo disso, mas há também uma aspiração mais sombria, na mente coletiva, uma ânsia de autopunição e uma curiosidade sacrílega. Assim como os hospitais têm os seus planos em tempos de crise, as redes de tevê ficam a postos para transmitir as notícias, e o público aguarda. Maior, mais gritante, da próxima vez. Por favor, não deixe que aconteça. Mas, mesmo assim, deixe que eu veja tudo, na hora em que estiver acontecendo, e de todos os ângulos, e deixe que eu esteja entre os primeiros a saber. Além disso, Henry precisa saber o que há com os pilotos presos.

Junto com a idéia do noticiário, inseparável dela, pelo menos nos fins de semana, há a perspectiva brilhante de uma garrafa de vinho tinto. Ele esvazia o final de um Côtes du Rhône num copo, liga a tevê sem o som e se põe a descascar e picar três cebolas. Sem paciência para as cascas, semelhantes a folhas de papel, faz uma incisão profunda, força o polegar até quatro camadas de profundidade e as arranca, desperdiçando um terço do conteúdo da cebola. Pica rapidamente o restante e espalha dentro de uma panela, com bastante azeite. O que lhe agrada em cozinhar é a relativa imprecisão e a falta de disciplina — uma dispensa das exigências da sala de cirurgia. Na cozinha, as conseqüências do fracasso são brandas: frustração, um toque de vergonha, raramente enunciado. Ninguém morre, na verdade. Descasca e pica oito dentes de alho bem gordos e junta às cebolas. Das receitas, extrai apenas os princípios mais gerais. Os escritores de culinária que ele admira falam de “punhados”, “polvilhar”, “pôr uma pitada” disso e daquilo. Fazem uma lista de ingredientes alternativos e incentivam as experiências. Henry admite que jamais será um cozinheiro decente, que ele pertence ao que Rosalind chama de escola dos esforçados. Na palma da mão, esvazia várias pimentas vermelhas secas, retiradas de um frasco, esmaga-as entre as mãos e deixa que as lascas caiam, com as sementes, e se juntem às cebolas e ao alho. O noticiário da tevê começa, mas ele não aumenta o volume. É a mesma tomada de helicóptero, feita antes de anoitecer, a mesma multidão ainda enchendo o parque, a mesma celebração

geral. Em cima das cebolas e do alho amolecidos — pitadas de açafrão, algumas folhas de louro, casca de laranja ralada, orégano, cinco filés de anchova, duas latas de tomates sem casca. No grande palco do Hyde Park, trechos dos discursos de um político veterano de esquerda, de um astro pop, de um dramaturgo, de um líder sindical. Num recipiente, retira o esqueleto de três arraias. Suas cabeças estão intactas, seus lábios são carnudos como os de uma mocinha. Os olhos ficam nebulosos em contato com a água fervente. Um policial graduado responde a perguntas sobre a passeata. Pelo sorriso tenso e pela inclinação da cabeça, se vê que está satisfeito com esse dia. Do saco de barbante verde com mexilhões, Henry tira mais ou menos uma dúzia e mistura com a arraia. Se estão vivos e sofrem, ele não vai saber. Agora, o mesmo repórter de ar grave pronuncia em silêncio tudo o que se deve saber a respeito da manifestação sem precedentes. O sumo dos tomates está fervendo junto com as cebolas e o restante, e vai ficando vermelho-alaranjado com o açafrão.

Perowne, com a audição ainda não de todo recuperada em virtude do ensaio, com os sentimentos toldados, e até entorpecidos, pela visita à sua mãe, resolve que precisa ouvir alguma coisa agitada, Steve Earle, o homem de idéias de Bruce Springsteen, segundo Theo. Mas o disco que ele procura, *El Corazón*, está lá em cima, portanto, em vez disso, bebe vinho, e fica de olho no televisor, à espera da sua notícia. O primeiro-ministro está fazendo o seu discurso em Glasgow. Perowne toca no controle ainda em tempo de ouvi-lo dizer que o número de manifestantes de hoje foi superado pelo número de mortes causadas por Saddam. Um argumento perspicaz, o único que vale, mas deveria ter sido apresentado desde o início. Agora é tarde demais. Após Blix, parece apenas uma tática. Henry tira o som. Percebe como está contente de estar ali, cozinhando — mesmo a consciência da situação não diminui o sentimento. Despeja o resto dos mexilhões no coador maior e os esfrega com uma escova vegetal, na pia, debaixo da torneira aberta. Os mariscos verde-claros na outra mão parecem apetitosos e limpos, e ele se limita a enxaguá-los. Uma das arraias arqueou as costas, como que para fugir da fervura. Quando ele a empurra para baixo outra vez, com uma espátula de madeira, a coluna vertebral se parte, logo abaixo de L3. No verão passado, ele operou uma adolescente que quebrou a coluna em C5 e D2, ao cair de uma árvore num festival de música pop, no esforço para ter

uma visão melhor do Radiohead. Ela havia terminado a escola naquele ano e queria estudar russo em Leeds. Agora, após oito meses de reabilitação, ela está passando bem. Mas ele apaga essa lembrança. Não quer pensar no trabalho, quer cozinhar. Da geladeira, retira uma garrafa de vinho branco, cheia até um quarto, um Sancerre, e põe umas gotas no molho de tomate.

Numa tábua de picar maior e mais grossa, Perowne ajeita os rabos de tamboril, corta-os em fatias e as coloca inclinadas numa grande tigela branca. Em seguida, lava o gelo dos camarões grandes e coloca-os ali também. Numa outra tigela, põe os mexilhões e os mariscos. As duas tigelas vão para a geladeira, com pratos de jantar como tampa. Uma tomada de abertura mostra os prédios das Nações Unidas em Nova York e, depois, Colin Powell entrando numa limusine preta. A notícia de Henry foi rebaixada, mas ele não se importa. Está limpando a cozinha, remove a sujeira que fez na mesa do centro, joga tudo numa grande lata de lixo e esfrega as tábuas de picar debaixo da torneira aberta. Então, está na hora de entornar o molho fervente das arraias e dos mexilhões dentro da panela. Feito isso, ele tem agora, reconhece, cerca de dois litros e meio de um caldo laranja-claro, que vai cozinhar durante mais cinco minutos. Um pouco antes do jantar, vai reaquecer o molho e ferver os mariscos, o tamboril, os mexilhões e os camarões dentro dele, durante dez minutos. Vão comer o cozido com pão preto, salada e vinho tinto. Depois de Nova York, vem a fronteira entre o Iraque e o Kuwait, e caminhões militares em comboio por uma estrada no deserto, e os nossos rapazes cochilando sobre as esteiras de seus tanques, depois comendo salsichas de manhã cedo, em latas de conservas. Pega dois sacos de alface na parte de baixo da geladeira e os esvazia dentro de um misturador de salada. Abre a torneira de água fria em cima das folhas. Um oficial, de vinte e poucos anos, está parado diante da sua barraca e aponta com uma vareta para um mapa num cavalete. Perowne não se sente tentado a pôr volume na tevê — essas matérias sobre o front têm um ar alegre, censurado, que o deixa desanimado. Gira a salada e a derrama dentro de uma tigela. Azeite, limão, pimenta e sal, ele vai pôr mais tarde. Há queijo e frutas para o pudim. Theo e Daisy podem pôr a mesa.

Seus preparativos estão terminados, bem na hora em que a matéria do avião incendiado vai ao ar, a quarta matéria. Com a sensação confusa de que está

prestes a saber de algo significativo sobre si mesmo, aumenta o volume da tevê e se põe diante do pequeno televisor, enquanto enxuga as mãos numa toalha. Estar em quarto lugar podia significar que não havia novidades sobre o caso, ou um silêncio sinistro das autoridades; mas na verdade a história chegou ao fim — quase dava para ouvir o tom de lástima na voz do locutor, já na apresentação. Lá estão eles, o piloto, o sujeito mirrado, de cabelo oleoso puxado para trás, e o seu co-piloto gorducho, diante de um hotel perto de Heathrow. Eles não são tchetchenos nem argelinos, explica o piloto por intermédio de um intérprete, não são muçulmanos, são cristãos, ainda que só de nome, pois nunca vão à missa, e não possuem nem um Corão nem uma Bíblia. Antes de tudo, são russos e se orgulham disso. Não são responsáveis pela foto pornográfica de uma criança americana que foi encontrada, meio destruída, na carga semiqueimada. Trabalham para uma empresa séria, com registro na Holanda, e sua responsabilidade é apenas com o seu avião. E, é claro, pornografia infantil é uma coisa abominável, mas não faz parte de suas atribuições verificar todos os embrulhos da lista de carga. Foram soltos sem nenhuma acusação e, quando o Departamento da Aviação Civil avisar que estão liberados, vão voltar para Riga. Também está morta a controvérsia em torno da rota de vôo do avião rumo ao aeroporto; seguiu-se o procedimento correto. Os dois homens insistiram em declarar que foram tratados com cortesia pela polícia metropolitana. O balofo co-piloto diz que precisa de um banho e de uma bebida.

Boas notícias, mas, enquanto sai da cozinha rumo à despensa, Henry não sente nenhum prazer especial, nem mesmo um alívio. Será que suas aflições lhe pregaram uma peça? Faz parte da nova ordem esse estreitamento da liberdade mental, do seu direito de divagar. Não faz muito tempo, seus pensamentos vagavam de um modo mais imprevisível, cobriam uma longa lista de assuntos. Desconfia que está virando um simplório, o sugestionável e afoito consumidor da ração de notícias, opiniões, conjeturas, e de todas as migalhas que as autoridades deixam cair. É um cidadão dócil, que vê o Leviatã ficar mais forte, enquanto ele mesmo se agacha sob a sua sombra, em busca de proteção. Esse avião russo voou direto para dentro da sua insônia, e Henry sentiu-se perfeitamente feliz em deixar que a notícia e todo o processo de ínfimas alterações nervosas do noticiário, ao longo do dia, colorissem à vontade o seu

estado emocional. É uma ilusão acreditar-se uma parte ativa no caso. Será que ele imagina que está contribuindo de alguma forma ao ver noticiários de tevê, ou ao ficar deitado de costas no sofá, nas tardes de sábado, lendo mais colunas de opinião ou mais certezas carentes de fundamentos, mais artigos compridos sobre o que está de fato por trás desse ou daquele desdobramento dos fatos, ou sobre o que é muito mais provável que aconteça agora, previsões esquecidas assim que são lidas, muito antes de os fatos as desmentirem? A favor ou contra a guerra ao terrorismo, ou a guerra no Iraque; a favor da eliminação de um tirano abominável e de sua família criminosa, a favor de uma última inspeção de armas, a abertura das prisões de tortura, a localização das sepulturas coletivas, a chance da liberdade e da prosperidade, e um alerta aos demais déspotas; ou contra o bombardeio de civis, os refugiados e a fome que serão inevitáveis, a ação internacional ilegal, o ódio das nações árabes e a ampliação das fileiras da Al-Qaeda. De todo modo, redundando numa espécie de consenso, uma ortodoxia da atenção, uma sutil submissão, em si mesmo. Acaso ele imagina que a sua ambivalência — se é disso que se trata, de fato — o desculpa por seu conformismo generalizado? Ele está mais envolvido do que a maioria. Seus nervos, como cordas retesadas, vibram obedientes a cada novo noticiário. Perdeu o hábito do ceticismo, está ficando obtuso, com as opiniões contraditórias, não está pensando com clareza e, o que é igualmente ruim, sente que não está pensando de forma independente.

Os pilotos russos são mostrados a caminho do hotel, e é a última vez que vai ouvir falar deles. Vai buscar algumas garrafas de água tônica na despensa, verifica a caixa de cubos de gelo e o gim — três quartos de litro é, sem dúvida, o bastante para um homem — e apaga o fogo debaixo do molho. Lá em cima, no térreo, corre as cortinas na sala de estar em forma de L, acende as luzes e o gás na lareira, decorada com carvões de mentira. Essas cortinas pesadas, que se fecham quando se puxa um cordão que tem como peso um grosso punho de metal, têm um jeito de eliminar com apuro a praça e o mundo invernosso que está do lado de fora da janela. O cômodo de teto alto, pintado em matizes de cor creme e marrom, está em silêncio, é tranquilizador, sua única cor mais forte é o azul e o vermelho-rubi dos tapetes e o corte abstrato de laranja e de amarelo, contra o fundo verde, num quadro de Howard Hodgkin num dos lados da

lareira. As três pessoas que ele, Henry Perowne, mais ama no mundo, e que mais o amam, estão prestes a chegar em casa. Então, o que há de errado com ele? Nada, absolutamente nada. Ele está bem, tudo está bem. Faz uma pausa no pé da escada, e se pergunta o que pretendia fazer em seguida. Sobe para o seu escritório, no primeiro andar, e fica parado enquanto olha para a sua tela de computador, a fim de lembrar-se da semana à frente. Há quatro nomes na lista de segunda-feira, cinco na terça. A velha astrônoma, Viola, será a primeira, às oito e meia. Jay tem razão, talvez não dê certo. Todos os nomes evocam uma história que ele veio a conhecer muito bem, a partir das últimas semanas ou dos últimos meses. Em cada caso, sabe exatamente o que pretende fazer e sente prazer ante a perspectiva do trabalho. Que diferença em relação àquelas nove pessoas, algumas já nas enfermarias, outras em casa, outras em viagem para Londres, amanhã ou segunda, com o seu pavor do momento que se aproxima, o alheamento anestésico e a sua razoável suspeita de que, quando voltarem a si, nunca mais serão as mesmas pessoas de antes.

Embaixo, ele ouve a fechadura da porta de entrada girar e, pelo barulho da porta ao se abrir e fechar — um estilo de entrar com economia e de atenuar o som da porta quando se fecha às suas costas —, ele sabe que é Daisy. Que sorte que ela tenha chegado antes do avô. Enquanto Henry desce pela escada às pressas, ao encontro dela, Daisy faz um ligeiro gesto de satisfação.

— Você está em casa!

Quando se abraçam, ele solta um som comprido, que é um suspiro e um rosnado, o mesmo jeito como se cumprimentavam quando Daisy tinha cinco anos. E é o corpo de uma criança que ele sente, quando quase a levanta do chão, nos braços, a maciez dos músculos sob as roupas, a flexibilidade que pode sentir nas articulações, os beijos sem sensualidade. Até o hálito da filha é semelhante ao de uma criança. Ela não fuma, raramente bebe e está prestes a tornar-se uma poeta publicada. O hálito de Henry, por sua vez, tem um forte aroma de vinho tinto. Que criança abstinência ele foi criar.

— Então, deixe-me olhar bem para você.

Seis meses foi o tempo mais longo que ela ficou longe da sua família. Os Perowne, embora permissivos em alto grau, são também pais possessivos. Enquanto a envolve com toda a extensão do braço, espera que ela não note o

brilho em seus olhos ou o ligeiro pigarro em sua garganta. Seu momento de *páthos* se eleva e decai numa única onda suave, e desaparece. Ele ainda está só no ensaio, como um velho bobo, um mero iniciante. Apesar de suas fantasias, ela não é mais nenhuma criança. É uma jovem independente, que vira e olha para ele com a cabeça empinada — tão parecida com a avó, nessa inclinação da cabeça —, com um sorriso nos lábios fechados, e com a inteligência semelhante a um calor em seu rosto. Isso é a dor-prazer de ter filhos que acabam de se tornar adultos; são inocentes e cruéis, ao esquecerem a sua boa e velha dependência. Mas talvez ela ande pensando no pai — durante o seu abraço, Daisy meio que o embalou nos braços, deu uns tapinhas nas costas dele, um gesto maternal bem típico de Daisy. Mesmo quando tinha cinco anos, ela gostava de bancar a mãe dele e repreendê-lo quando trabalhava até tarde, ou tomava vinho, ou não conseguia vencer a Maratona de Londres. Era uma dessas meninas imperiosas, de dedo em riste. O pai pertencia a ela. Agora, Daisy abraça e dá tapinhas nas costas de outros homens, pelo menos meia dúzia, no ano anterior, se *Meu barco atrevido* e as suas “Seis canções breves” forem um catálogo. É a revigorante existência daqueles sujeitos que ajuda o pai a controlar sua única lágrima.

Ela veste uma capa impermeável surrada e desabotoada, de cor verde-escura. Um regalo russo de pele dança na sua mão direita. Embaixo do agasalho, botas cinzentas de couro que vão até o joelho, saia cinzenta escura de lã, um suéter grosso, folgado, e um cachecol branco de seda. O toque de elegância parisiense não se estende à sua mala — a velha mochila de estudante, caída de lado, aos seus pés. Henry ainda a segura pelos ombros e tenta conferir o que mudou em seis meses. Um cheiro estranho, um pouco mais forte, talvez, um pouco mais de experiência ao redor dos olhos, o rosto delicado tem uma disposição um pouco mais firme. A maior parte da vida de Daisy é um mistério para ele, agora. Às vezes se pergunta se Rosalind sabe certas coisas, a respeito da filha, que ele ignora.

- Sob o seu escrutínio, a pressão do sorriso de Daisy cresce, até que ela ri e diz:
- Ora, vamos, doutor. Pode ser direto comigo. Virei uma bruxa velha.
 - Você está ficando deslumbrante, e crescida demais para o meu gosto.
 - Vou ser obrigada a regredir enquanto estiver aqui. — Ela aponta para o

lado, na direção da sala de estar, e pergunta baixinho: — Vovô está em casa?

— Ainda não.

Ela se desvencilha do seu abraço, enlaça os ombros do pai com os braços e lhe dá um beijo no nariz.

— Amo você e estou muito feliz de estar de volta.

— Amo você, também.

Tem uma outra coisa diferente. Ela não está apenas bonita, está linda, e talvez também, é o que os olhos de Henry lhe dizem, um pouco preocupada. Está apaixonada e não suporta ficar longe do amado. Ele empurra o pensamento para longe. Seja o que for, o mais provável é que ela conte primeiro para Rosalind.

Durante alguns segundos, entram num desses momentos vagos, mudos, que sucedem a um encontro entusiástico — coisas demais para dizer, e uma pequena readaptação é necessária, uma retomada dos assuntos comuns. Daisy está olhando à sua volta, enquanto despe o agasalho. O movimento libera mais ainda aquele seu perfume estranho. Um presente do amante. Henry terá de fazer um esforço maior para livrar-se dessa fixação sombria. A filha vai amar um outro homem que não ele. Seria mais fácil para Henry se os poemas da filha não fossem tão licenciosos — não é só o sexo desvairado que eles celebram, mas a novidade inquieta da experiência, os quartos e as camas visitadas uma vez e abandonadas ao raiar do dia, a caminhada para casa pelas úmidas ruas de Paris, cuja limpeza eficiente pelas autoridades municipais dá ocasião para diversas metáforas. O mesmo fresco impulso de purificação se faz presente no seu poema da lavanderia, que ganhou o prêmio Newdigate. Perowne conhece os velhos argumentos sobre critérios desiguais, mas certas mulheres liberais por acaso não defendem, agora, a força e o valor da reticência? Será que é só a estupidez típica dos pais que o faz suspeitar que uma jovem que dorme fora de casa com demasiada freqüência tem uma chance maior de terminar com um homem de nível inferior, um inconveniente, um perdedor? Ou será uma peculiaridade sua, nesse terreno, sua própria falta de vigor exploratório, o que dá ensejo a mais um problema de referência?

— Meu Deus, esta casa é ainda maior do que eu lembrava. — Ela espia para o alto, através da balaustrada, na direção do candelabro suspenso no remoto teto

do segundo andar. Sem refletir, ele toma o agasalho de Daisy, ri e o devolve.

— O que estou fazendo? — diz ele. — Você mora aqui. Pode guardar o casaco sozinha.

Ela o segue até a cozinha e, quando o pai se vira para lhe oferecer um drinque, Daisy o abraça com força outra vez, depois se afasta com um pequeno salto teatral, para o interior da sala de jantar e, mais além, para a estufa de plantas.

— Adoro isto aqui — diz, de longe, para o pai. — Olhe só esta árvore tropical! Adoro esta árvore. O que me deu na cabeça para ficar longe tanto tempo?

— É exatamente a minha pergunta.

A árvore está ali faz nove anos. Ele nunca viu a filha nesse estado de espírito. Daisy caminha de volta para ele, os braços estendidos, como que presos por uma corda esticada, fingindo oscilar — é o tipo de coisa que uma personagem de um seriado americano pode fazer quando quer que arranquem dela determinadas notícias boas. Em seguida, vai rodar e fazer piruetas à volta dele e cantarolar canções que sirvam de chamariz. Eu estou feliz. Henry pega duas taças num armário, uma garrafa de champanhe numa geladeira e tira a rolha.

— Pronto — diz ele. — Não há motivo para esperar os outros.

— Amo você — diz ela, de novo, e ergue a taça.

— Bem-vinda ao lar, minha querida.

Ela bebe e o pai repara, com certo alívio, que não bebe demais. Um gole muito ligeiro — nisso, nada mudou. Sua atitude é de atenção, se esforça para adivinhar o que se passa com a filha. Ela não consegue ficar parada. Perambula com a taça ao redor da mesa central.

— Adivinhe aonde eu fui no meu caminho da estação para cá — diz Daisy, quando volta para ele.

— Hum. Hyde Park?

— Você sabia! Pai, por que não foi lá? Foi simplesmente assombroso.

— Não sei. Porque fui jogar squash, visitei a vovó, cozinhei a janta, e faltou convicção. Esse tipo de coisa.

— Mas é totalmente bárbaro, o que vão fazer. Todo mundo sabe disso.

— Pode ser. Não fazer nada também é. Francamente, eu não sei. Conte-me

como foi, lá no parque.

— Eu sei que, se você estivesse lá, não teria a menor dúvida.

Henry responde, no intuito de ser solícito:

— Vi a preparação da passeata esta manhã. Todos numa disposição muito boa.

Daisy torce a cara, como se sentisse dor. Está em casa, afinal, estão bebendo champanhe, e ela não consegue suportar que o pai não veja as coisas do mesmo jeito que ela. Põe a mão no braço do pai. Ao contrário da mão do seu pai ou do seu irmão, a mão de Daisy é pequena, com dedos afunilados, todos eles com um vestígio de uma covinha infantil na base. Enquanto Daisy fala, Henry observa as unhas da filha, satisfeito de ver que estão em boas condições. Compridas, lisas, limpas, esmaltadas, sem cor. Pode-se saber muita coisa de uma pessoa com base em suas unhas. Quando a vida começa a desandar, elas estão entre as primeiras coisas que vão embora. Pega a mão dela e a aperta.

Daisy está fazendo um apelo veemente. Sua cabeça está tomada por esse assunto, assim como a dele também. O discurso dela é uma cópia de tudo o que ouviu no parque, de tudo o que ambos ouviram e leram cem vezes, as piores conjecturas se convertem em fatos por força da repetição, os deliciosos arroubos de pessimismo. Ele ouve mais uma vez a estimativa das Nações Unidas de meio milhão de iraquianos mortos pela fome e pelos bombardeios, os três milhões de refugiados, a morte das Nações Unidas, o colapso da ordem mundial se os Estados Unidos agirem sozinhos, Bagdá inteiramente destruída, enquanto é conquistada das mãos da Guarda Republicana, rua por rua, os turcos que invadirão pelo norte, os iranianos pelo leste, os israelenses farão incursões pelo oeste, a região toda em chamas, Saddam encurralado, disparando suas armas químicas e biológicas — se as possuir, porque ninguém provou que existam, de forma convincente, e tampouco demonstraram a ligação entre a Al-Qaeda e Saddam — e, quando os americanos tiverem invadido, não vão estar interessados em democracia, não vão gastar nenhum dinheiro no Iraque, vão tirar o petróleo, construir suas bases militares e governar o país como uma colônia.

Enquanto ela fala, Henry a fita com afeição e certa surpresa. Estão à beira de um de seus interlúdios de discórdia — e tão cedo. Daisy não costuma falar de

política, não é um de seus temas. Será essa a fonte da sua felicidade agitada? O rubor sobe pelo seu pescoço, e cada razão a mais que apresenta para não haver guerra ganha peso por causa da razão anterior e levanta Daisy rumo ao seu triunfo. O resultado sombrio em que ela acredita a deixa eufórica, está matando um dragão até o último golpe. Quando conclui, dá um empurrãozinho carinhoso no antebraço do pai, como que para acordá-lo. Em seguida, faz um esforço para fingir arrependimento. Deseja muito que ele veja o que é a verdade.

Consciente de que está tomando uma posição, preparando-se para o combate, ele diz:

— Mas tudo isso é especulação sobre o futuro. Por que eu deveria sentir qualquer certeza sobre isso? E se tivermos uma guerra curta, e se as Nações Unidas não se desmancharem, não houver fome, não houver refugiados nem invasões dos vizinhos, se Bagdá não for arrasada e houver menos mortes do que Saddam causa em seu próprio povo em um ano? E se os americanos tentarem organizar uma democracia, injetarem milhões de dólares e forem embora porque o presidente quer ser reeleito no ano seguinte? Eu acho que você ainda seria contra a guerra, e não me disse por quê.

Ela se afasta dele com um gesto brusco e o olha de frente, com uma expressão de surpresa aflita.

— Pai, você não é *a favor* da guerra, é?

Ele encolhe os ombros.

— Ninguém racional é a favor da guerra. Mas, daqui a cinco anos, talvez não estejamos arrependidos dela. Eu adoraria ver o fim de Saddam. Você tem razão, pode ser um desastre. Mas pode ser o fim de um desastre e o começo de alguma coisa melhor. É tudo uma questão de resultados, e ninguém sabe quais serão eles. É por isso que não posso me imaginar na rua, participando da passeata.

A surpresa de Daisy se transforma em aversão. Ele ergue a garrafa e se oferece para encher a taça dela, mas Daisy balança a cabeça, baixa o seu champanhe e se afasta mais ainda. Não vai beber com o inimigo.

— Você odeia Saddam, mas ele é uma criação dos americanos. Eles o apoiaram, o armaram.

— Sim, e os franceses, os russos e os ingleses também. Um grande erro. Os

iraquianos foram traídos, sobretudo em 1991, quando foram incentivados a se rebelar contra os baathistas, que os liquidaram. Aquela poderia ter sido uma chance para corrigir a situação.

— Então, você é a favor da guerra?

— Como eu disse, não sou a favor de nenhuma guerra. Mas esta pode ser menos má. Daqui a cinco anos, vamos saber.

— Isso é muito característico!

Ele sorri, com desconforto.

— De quê?

— De você.

Não era esse, absolutamente, o encontro que ele imaginou e, como às vezes acontece, a discussão entre os dois está se tornando passional. Henry não está habituado a isso, perdeu o tato. Sente uma compressão acima do coração. Ou será a contusão no seu esterno? Já bebeu boa parte da segunda taça de champanhe, Daisy mal tocou na primeira. Os meneios de dança da filha desapareceram. Ela se inclina na soleira da porta, de braços cruzados no peito, o pequeno rosto gracioso se mostra tenso de indignação. Daisy reage às sobranceiras erguidas do pai.

— Você está dizendo o seguinte: deixe que a guerra siga em frente e, daqui a cinco anos, se der certo, a gente é a favor, e se não der certo, não somos responsáveis. Você é um homem instruído, que vive no que gostamos de chamar de uma democracia madura, e o nosso governo está nos levando para a guerra. Se você acha que é uma boa idéia, muito bem, diga isso, defenda sua posição, mas não fique em cima do muro. Vamos mandar os soldados ou não? Está acontecendo agora. E especular sobre o futuro é o que fazemos, às vezes, quando fazemos uma opção moral. Isso se chama pensar à luz das conseqüências. Sou contra essa guerra porque acredito que coisas terríveis vão acontecer. Você parece achar que algo bom virá daí, mas não assume a posição em que acredita.

Henry reflete e diz:

— É verdade. Eu, francamente, acho que posso estar enganado.

Essa concordância e a sua atitude flexível deixam a filha ainda mais indignada.

— Então, por que correr o risco? Onde está o princípio de prudência, do qual você tanto gosta de falar? Se vai mandar centenas de milhares de soldados para o Oriente Médio, é melhor saber o que está fazendo. E aqueles valentões gananciosos da Casa Branca não sabem o que estão fazendo, não têm a menor idéia de para onde estão nos levando, e não consigo acreditar que você está do lado deles.

Perowne se pergunta se os dois não estarão conversando sobre algum outro assunto, na verdade. A expressão “tão característico” ainda o incomoda. Talvez os meses que Daisy passou em Paris lhe tenham dado tempo para descobrir novos aspectos do pai, e ela não gosta deles. Henry rechaça essa idéia. É bom, é saudável travar uma de suas velhas discussões frontais, é a vida familiar retomada. E o mundo é importante. Ele se acomoda num dos bancos altos na mesa do centro e faz um gesto para a filha fazer o mesmo. Daisy o ignora e permanece junto à porta, ainda de braços cruzados, o rosto carrancudo. Ficar mais calmo enquanto ela se torna mais agitada não ajuda, mas é o hábito dele, consolidado profissionalmente.

— Veja, Daisy, se dependesse de mim, esses soldados não estariam na fronteira do Iraque. É uma péssima ocasião para o Ocidente entrar em guerra com um país árabe. E não existe nenhum plano em vista para o problema dos palestinos. Mas a guerra vai acontecer, com ou sem as Nações Unidas, não importa o que diga qualquer governo ou qualquer passeata gigante. As armas ocultas, existam ou não, são irrelevantes. A invasão vai acontecer e, do ponto de vista militar, não pode deixar de ser vitoriosa. Será o fim de Saddam e de um dos regimes mais abomináveis que o mundo já conheceu, e eu vou ficar contente.

— Então os iraquianos comuns sofreram com Saddam e agora vão sofrer com os mísseis americanos, mas tudo está bem, porque estamos contentes.

Ele não reconhece a acidez retórica, a aspereza na garganta da filha. Henry diz:

— Espere aí. — Mas ela não lhe dá atenção.

— Você acha que vamos estar mais seguros no fim de tudo isso? Seremos odiados em todo o mundo árabe. Todos aqueles jovens entediados vão fazer até fila para virar terroristas...

— É tarde demais para se preocupar com isso — interrompe-a. — Cem mil já passaram pelos campos de treinamento do Afeganistão. Pelo menos, devíamos estar felizes por isso ter chegado ao fim.

Assim que pronuncia essa frase, recorda que, de fato, Daisy havia ficado feliz, ela odiava os soturnos Talibãs, e Henry se pergunta por que ele a está interrompendo, discutindo com ela, em vez de induzi-la a manifestar seus pontos de vista e, carinhosamente, acompanhá-la. Por que ser um oponente? Porque ele mesmo está irritado, há veneno no seu sangue, apesar do seu tom de voz brando; e medo e raiva também, que oprimem seus pensamentos, e lhe dão vontade de brigar. Vamos pôr os podres para fora! Estão discutindo por causa de exércitos que jamais verão, sobre os quais não sabem quase nada.

— Vai haver mais combatentes — diz Daisy. — E, quando as primeiras explosões atingirem Londres, as suas opiniões favoráveis à guerra...

— Se você está definindo minha posição como pró-guerra, terá de admitir que a sua é, na prática, pró-Saddam.

— Porra, que absurdo.

Quando ela fala o palavrão, Henry sente uma onda repentina em si mesmo, em parte impulsionada pelo espanto de ver que a conversa está saindo de controle, e também por uma alegria imprudente e revigorante, um alívio das reflexões pesadas que o afligiram durante todo o dia. A cor se foi do rosto de Daisy, e as poucas sardas que tem na bochecha se tornam vívidas, de repente, na parte que lhe cabe dos focos de luz indireta da cozinha. Seu rosto, que, como é típico em conversas, se põe num ângulo zombeteiro, encara o pai com uma constante expressão de afronta.

Apesar de sua abrupta mudança de sentimento, ele parece calmo quando toma um gole de champanhe e diz:

— O que eu quis dizer é o seguinte: o preço de depor Saddam é a guerra; o preço de não haver guerra é deixá-lo em paz.

A intenção era apresentar um argumento conciliador, mas Daisy não entende dessa forma.

— É tosco e infame quando os interesses favoráveis à guerra nos chamam de pró-Saddam — diz Daisy.

— Bem, vocês estão prontos a fazer aquilo que ele mais gostaria que

fizessem: deixá-lo no poder. Mas irão apenas adiar o confronto. Saddam ou os horrendos filhos dele terão de ser enfrentados, algum dia. Até Clinton sabia disso.

— Quer dizer que estamos invadindo o Iraque porque não temos opção. Estou admirada com a merda que você está falando, pai. Sabe muito bem que esses extremistas, os neoconservadores, tomaram conta dos Estados Unidos. Cheney, Rumsfeld, Wolfowitz. O Iraque sempre foi o seu projeto favorito. O 11 de setembro foi a grande oportunidade que tiveram de convencer Bush. Olhe para a política externa dele até então. Era um camundongo que só queria saber de sua casa e mais nada. Mas não há nada que relacione o Iraque ao 11 de setembro, ou à Al-Qaeda, em geral, e não há nenhum indício assustador da existência de armas de destruição em massa. Não ouviu o que disse o Blix, ontem? E será que nem passa pela sua cabeça que, ao atacar o Iraque, estaremos fazendo exatamente aquilo que desejavam os terroristas que cometeram o atentado em Nova York? Atacar com violência, fazer mais inimigos em países árabes e radicalizar o Islã? Não só isso, estamos dando cabo de um velho inimigo deles, um tirano stalinista e ateu.

— E suponho que também queriam que destruíssemos seus campos de treinamento e expulsássemos o Talibã do Afeganistão, e forçássemos Bin Laden a fugir, e desfizéssemos a sua rede de financiamento e localizássemos centenas de seus agentes mais importantes...

Ela o interrompe, e sua voz está aguda.

— Pare de torcer minhas palavras. Ninguém é contra combater a Al-Qaeda. Estamos falando do Iraque. Por que será que as poucas pessoas que encontrei que não são contra essa guerra escrota têm todas mais de quarenta anos? O que acontece quando se fica velho? Estão ansiosos para se aproximar da morte?

Henry sente uma tristeza repentina e um desejo de que a discussão chegue ao fim. Preferia a filha dez minutos atrás, quando ela lhe disse que o amava. Daisy ainda tem de lhe mostrar as provas de *Meu barco atrevido* e a arte da capa. Mas ele não consegue se conter.

— A morte está em toda a volta — concorda. — Pergunte aos torturadores de Saddam na prisão de Abu Ghraib e aos vinte mil prisioneiros. E deixe-me fazer uma pergunta a você. Por que não vi erguidos, entre os dois milhões de

idealistas da manifestação de hoje, nenhuma faixa, nenhuma voz ou nenhum punho contra Saddam?

— Ele é repulsivo — diz Daisy. — Isso é um fato estabelecido.

— Não, não é. Isso é algo esquecido. Por que outro motivo ficaram todos vocês cantando e dançando no parque? O genocídio e a tortura, as sepulturas coletivas, o aparelho de segurança, o Estado totalitário criminoso, a geração do iPod não quer saber dessas coisas. Que nada interfira em suas noitadas embaladas com ecstasy, suas passagens baratas de avião e seus *reality shows*. Mas algo vai interferir, se não fizermos nada. Vocês acham que são todos adoráveis, simpáticos e puros, mas os religiosos nazistas abominam vocês. O que acha que os terroristas de Bali queriam exprimir? Os farristas de boate massacrados. O Islã radical odeia a liberdade de vocês.

Daisy finge voltar atrás.

— Pai, me desculpe se você é tão sensível a um comentário sobre a sua idade. Mas Bali foi uma ação da Al-Qaeda, não de Saddam. Nada do que você disse justifica um ataque ao Iraque.

Perowne já bebeu boa parte da terceira taça de champanhe. Um grande erro. Não está muito habituado a beber. Mas se sente perversamente feliz.

— Não é só o Iraque. Estou falando da Síria, do Irã, da Arábia Saudita, um grande arco de repressão, corrupção e miséria. Você está à beira de se tornar uma escritora publicada. Por que não se mostrar um pouco preocupada com a censura e com seus colegas escritores nas prisões árabes, na mesma região onde a escrita foi inventada? Ou a liberdade e não sofrer tortura são artifícios ocidentais que não deveríamos impor aos outros?

— Ah, pelo amor de Deus, não venha com essa conversa sobre relativismo outra vez. E continua fugindo da questão. Ninguém quer que os escritores árabes fiquem na cadeia. Mas invadir o Iraque não vai retirá-los de lá.

— Pode tirar. Aqui está uma chance de pôr um país no rumo certo. Plantar uma semente. Vamos ver se ela floresce e se dissemina.

— Não se plantam sementes com mísseis de longo alcance. Eles vão ter ódio dos invasores. Os extremistas religiosos vão ficar mais fortes. Haverá menos liberdade, mais escritores na prisão.

— Eu aposto que, três meses após a invasão, haverá uma imprensa livre no

Iraque, e acesso livre à internet. Os reformistas no Irã se sentirão estimulados, os potentados sírios, sauditas e líbios vão estar roendo as unhas.

Daisy diz:

— Muito bem. E eu aposto que vai ser um desastre e até você vai desejar que nunca tivesse acontecido.

Durante a adolescência de Daisy, haviam feito apostas depois de muitas discussões, que em geral acabavam com um aperto de mão, ironicamente formal. Perowne encontrava um modo de pagar a aposta, mesmo quando vencia — uma forma de subsídio velado. Depois de uma prova em que ela parecia ter ido mal, Daisy, aos dezessete anos, apostou raivosamente vinte libras em que jamais conseguiria entrar para a universidade de Oxford. A fim de encorajá-la, o pai aumentou a sua aposta para quinhentas libras e, quando veio a notícia da sua aprovação, ela gastou o dinheiro numa viagem à Florença, com uma amiga. Será que Daisy está com disposição de apertar sua mão, agora? Ela se afasta da porta, apanha de novo sua taça de champanhe, se desloca para o outro lado da cozinha e parece interessada nos CDs de Theo, perto do som. Suas costas estão voltadas para ele, com firmeza. Perowne continua em seu banco, na mesa do centro da cozinha, girando a taça na mão, já sem beber. Tem uma sensação de vazio por discutir só metade do que sente. É um pombo com Jay Strauss e um falcão com a sua filha. Onde está o sentido? E como é confortável resolver tudo em casa, na cozinha, os movimentos geopolíticos e a estratégia militar, e não ser chamado à responsabilidade pelos eleitores, pelos jornais, pelos amigos, pela história. Quando não há conseqüências, estar errado é apenas uma diversão interessante.

Daisy tira um CD da caixa e põe para tocar no aparelho de som. Ele espera, ciente de que vai captar uma pista do estado de espírito da filha, ou mesmo uma mensagem. Na introdução do piano, ele sorri. É uma gravação que Theo trouxe para casa anos antes, o velho pianista de Chuck Berry, Johnnie Johnson, cantando “Tanqueray”, um blues relaxado, sobre amizade e união.

*Havia passado muito tempo,
Mas eu sabia que ainda veria o dia
Em que você e eu poderíamos sentar,*

E tomar um gole de Tanqueray.

Ela se vira e caminha na direção do pai, com um ligeiro movimento de dança. Quando chega ao seu lado, Henry segura a sua mão.

Ela diz:

— Pelo cheiro, parece que o velho belicista fez um de seus cozidos de peixe. Será que eu posso ajudar?

— A jovem pacifista pode pôr a mesa. E fazer uma salada de acompanhamento, se quiser.

Daisy está a caminho do guarda-louça, quando ouvem a campainha da porta, dois toques inseguros e muito longos. Olham um para o outro: não é promissor, esse tipo de insistência.

Perowne diz:

— Antes disso, corte rodela de limão. O gim está logo ali, a água tônica está na geladeira.

Ele acha engraçado o jeito teatral como a filha faz rodar os olhos e respira fundo.

— Lá vamos nós.

— Fique calma — recomenda, e sobe para receber seu sogro, o poeta eminente.

Na sua infância e adolescência nos subúrbios, numa solidão aconchegante e compartilhada com a mãe, Henry nunca sentiu a falta de um pai. Nas casas caras à sua volta, os pais eram figuras distantes, esgotadas pelo trabalho, e de pouco interesse visível. Para uma criança, a existência doméstica em Perivale, em meados dos anos 60, era controlada apenas pela mãe, uma dona de casa; ao visitar a casa de um amigo para brincar, no fim de semana, entrava-se no domínio da mãe, vivia-se temporariamente sob as regras dela. A permissão era concedida ou negada pela mãe, era ela quem lhe dava uns trocados. Henry não tinha nenhuma boa razão para invejar os amigos por terem também um pai — quando os pais não estavam ausentes, intimidavam os filhos com sua ira, mais impedindo do que favorecendo os melhores elementos da vida, aqueles de

maior risco. Na adolescência, quando examinava as poucas fotos existentes do seu pai, fazia-o menos por saudade do que por narcisismo — contava descobrir, naquelas feições fortes e livre de espinhas, alguma promessa de suas próprias chances futuras com as garotas. Queria o rosto, mas não queria a advertência, as proibições ou os julgamentos. Talvez ele não pudesse deixar de encarar um sogro como uma imposição, mesmo se tivesse arranjado um sogro menos imponente do que John Grammaticus.

Desde o seu primeiro encontro em 1982, quando chegou ao castelo horas depois de consumir o seu amor por Rosalind num beliche inferior de uma barca de Bilbao, o médico estagiário Perowne, em fase final de treinamento, estava resolvido a não ser tratado com condescendência, a não ser encarado como um filho em perspectiva. Era um homem adulto, com conhecimentos especializados, e poderia tratar qualquer poeta de igual para igual. Por intermédio de Rosalind, soube a respeito de “Monte Fuji”, o poema de Grammaticus mais freqüente em antologias, mas Henry não lia poesia e declarou isso sem constrangimento, no jantar, na primeira noite. Nessa época, John estava envolvido a fundo no seu *Sem exéquias* — o seu último período criativo de longa duração, como se verificou mais tarde —, e aquilo que um médico iniciante não lesse em suas horas vagas não lhe despertava nenhuma curiosidade. Mais tarde, quando o uísque estava sobre a mesa, também pareceu não se importar com o fato, ou sequer perceber, que o médico discordasse dele a respeito de questões políticas — Grammaticus era um recente fã da sra. Thatcher — ou musicais — o bebop havia traído o jazz — ou sobre a verdadeira natureza dos franceses — corruptos, sem exceção.

Rosalind disse, na manhã seguinte, que Henry tentara de forma excessiva chamar a atenção do velho — o contrário do que tencionava, e também um comentário muito irritante. Porém, apesar de ele cessar suas controvérsias, não houve nenhuma alteração de peso na relação entre os dois após aquela primeira noite, mesmo depois do casamento, depois dos filhos e após o decurso de mais de duas décadas. Perowne mantém a sua distância, e Grammaticus se sente feliz com essa disposição, olha direto para a filha e para os netos, sem se deter no genro. Os dois homens são superficialmente cordiais e, no fundo, aborrecem um ao outro. Perowne não consegue enxergar como a poesia — um trabalho

bastante ocasional, ao que parece, como colher uvas — pode ocupar toda uma vida ativa, ou como tamanha reputação e auto-estima podem apoiar-se em tão pouca coisa, ou por que alguém deva acreditar que um poeta bêbado é diferente de qualquer outro bêbado; ao passo que Grammaticus — é a suspeita de Perowne — o encara como apenas mais um comerciante, um médico inculto e enfadonho, o tipo de homem e de mulher de que ele desconfia cada vez mais, à medida que sua dependência deles aumenta com a idade.

Há uma outra questão, naturalmente jamais discutida. A casa na praça, como o castelo, foi herdada pela mãe de Rosalind, Marianne, dos seus pais. Quando casou com Grammaticus, a casa de Londres tornou-se a casa da família, onde Rosalind e o irmão foram criados. Quando Marianne morreu num acidente na estrada, os termos de seu testamento estavam claros — a casa de Londres passava para os filhos e John ficava com St. Felix. Quatro anos depois de casar, Rosalind e Henry, que moravam num apartamento pequeno em Archway, pediram um empréstimo para comprar a parte do irmão, que queria um apartamento em Nova York. Foi um dia muito feliz quando os Perowne e seus dois filhos pequenos se mudaram para a casa ampla. Essas diversas negociações foram feitas sem enfrentar animosidades. Mas Grammaticus tende a se comportar, em suas visitas ocasionais, como se estivesse voltando para a sua casa, como se fosse um senhor de terras ausente que vem cumprimentar seus arrendatários e afirmar os seus direitos. Ou talvez Henry seja demasiado suscetível, e não encontre, na sua própria constituição, um lugar para uma figura paterna. Seja como for, isso o incomoda; prefere ver o sogro na França, e apenas lá.

Enquanto se dirige à porta da frente, Perowne recorda, contra as incitações do champanhe, que deve manter seus sentimentos bem escondidos; o propósito da noite é reconciliar Daisy e o avô, três anos depois do que Theo denominou, em homenagem a vários filmes de ação, “A rejeição do Newdigate”. Ela vai querer mostrar-lhe as provas do livro, e o velho vai, como convém, pedir o reconhecimento de que teve participação no sucesso da neta. Com esse pensamento bom, abre a porta para ver Grammaticus a alguns metros de distância, parado na rua, com um casaco de lã cingido por um cinto, chapéu de feltro e bengala, a cabeça inclinada para trás, as feições de perfil colhidas pela

suave luz branca dos postes da praça. O mais provável é que tenha feito uma pose para Daisy.

— Ah, Henry — diz. A frustração se faz sentir na entonação descendente. — Eu estava olhando para a torre...

Grammaticus não muda de posição, então Perowne, obsequioso, sai ao seu encontro.

— Eu estava tentando ver a torre — prossegue — através dos olhos de Robert Adam, quando ele fazia o projeto da praça, e imaginando o que ele pensaria dela. O que acha?

A torre se eleva acima nas árvores niveladas nos jardins centrais, atrás da fachada reconstruída do lado sul; no alto do tronco envidraçado, seis sacadas circulares empilhadas, providas de pratos gigantes, e acima delas um conjunto de grossas roscas ou tarraxas dentro das quais se concentra a geometria das luzes fluorescentes. De noite, o Mercúrio dançante é um toque alegre. Quando era pequeno, Theo gostava de perguntar se, no caso de a torre cair, a casa deles poderia ser atingida, e ficava muito contente quando seu pai lhe respondia que sim, com toda a certeza. Como Perowne e Grammaticus ainda não haviam se cumprimentado ou apertado as mãos, sua conversa é incorpórea, como numa sala de bate-papo da internet.

Perowne, o anfitrião cordial, integra-se à brincadeira.

— Bem, talvez ele visse com olhos de engenheiro. Todo esse vidro e a altura sem escora o teriam deixado admirado. E também a luz elétrica. Talvez ele pensasse na torre antes como uma máquina do que como uma construção.

Grammaticus dá logo um sinal de que essa não é nem de longe a resposta.

— A verdade é que a única analogia para ele, no fim do século XVIII, seria a torre de uma catedral. Ele só poderia encarar essa torre como algum tipo de construção religiosa... Por que outro motivo a ergueriam tão alto? Ele teria de supor que aqueles pratos eram ornamentos, ou algo usado em rituais. Uma religião do futuro.

— O que não está longe de ser o caso.

Grammaticus ergue a voz para tomar a palavra dele.

— Pelo amor de Deus, homem. Veja as proporções daqueles pilares, os entalhes naqueles capitéis! — Agora, ele brande a bengala na direção da

fachada no lado leste da praça. — Há beleza, para você. Há autoconhecimento. Um mundo diferente, uma consciência diferente. Adam ficaria atônito com a feiúra dessa coisa de vidro. Fora de toda escala humana. Pesadíssima. Sem encanto, sem fervor. Poria medo no coração dele. Se for essa a nossa religião, ele teria dito a si mesmo que, nesse caso, estamos mesmo fodidos.

A visão que os dois têm dos pilares georgianos da fachada leste inclui, no primeiro plano, duas figuras num banco a cerca de trinta metros de distância, com casacos de couro e gorros de lã. Estão de costas e sentados muito perto um do outro, curvados para a frente, de modo que Perowne supõe que uma negociação está em curso. Por que outro motivo ficariam ali sentados, tão concentrados, no meio de uma fria noite de fevereiro? De repente, a impaciência o domina; antes que Grammaticus possa continuar a maldizer a civilização que compartilham, ou exultar com uma outra, totalmente fora de seu alcance, ele diz:

— Daisy está à sua espera. Está preparando um drinque bem forte para você.

Segura o cotovelo do sogro e o empurra com delicadeza rumo à ampla porta, fortemente iluminada. John se acha no seu estado de ânimo expansivo e relativamente benévolo, e Daisy não deve deixar escapar essa chance. Reconciliação não será um tema das fases posteriores.

Apanha o casaco, o chapéu e a bengala do sogro, o conduz até a sala de estar e desce a fim de chamar Daisy. Ela já está subindo, com uma bandeja — uma outra garrafa de champanhe, além da anterior, o gim, gelo, limão, copos extras para Rosalind e Theo, e noz-macadâmia na tigela pintada que ela trouxe de uma viagem de estudante ao Chile. Quando dirige um olhar interrogativo para o pai, ele lhe responde com uma expressão alegre: vai correr tudo bem. Supondo que ela e o avô terão de se abraçar, pega a bandeja e vai atrás de Daisy. Mas Grammaticus, parado no centro da sala, se porta de modo bastante formal, e Daisy se retrai. Talvez fosse a surpresa com a beleza dela, assim como ocorreu com Henry; ou talvez tenha se chocado com a sua familiaridade. Caminham na direção um do outro, enquanto murmuram, respectivamente “Daisy...”, “Vovô...”, apertam-se as mãos e depois, por um pacto forçado em virtude do movimento de seus corpos, que, uma vez começado, eles não conseguem deter, beijam-se na face de maneira constrangida.

Henry abaixa a bandeja e mistura gim com água tônica.

— Aqui está — diz ele. — Vamos erguer um brinde. À poesia.

A mão do velho, ele repara, está tremendo quando segura o seu gim.

Erguendo seus copos, gemendo ou resmungando sem repetir, em absoluto, as palavras que um mero remendão de ossos não tem o direito de pronunciar, Daisy e o avô bebem.

Grammaticus diz para Perowne:

— Ela é a imagem de Marianne, quando a conheci.

Os olhos dele, Perowne repara, não estão úmidos como os seus ficaram; apesar das reviravoltas de paixão e de atitude, há em Grammaticus algo controlado e inviolável, e até inflexível. Tem um jeito de se sair bem nos encontros, de mostrar-se altivo, mesmo com pessoas próximas. Muito tempo antes, segundo Rosalind, quando ele tinha seus trinta anos, adquirira a atitude dos velhos e dos pomposos, sem se importar com o que os outros pensassem.

Daisy lhe diz:

— Você está com uma excelente aparência.

O avô põe a mão no braço dela.

— Reli todos eles no hotel, esta manhã. Maravilhosos, Daisy. Não há outra como você. — Bebe de novo e cita, com uma entonação melódica curiosa:

*Meu barco atrevido, ao dele muito inferior,
No seu vasto oceano, há de parecer destemido.*

Ele está de bom humor, e faz caçoadas de Daisy, como antigamente fazia.

— Vamos lá. Seja honesta. Que outro poeta tem um talento do tamanho de um galeão?

Grammaticus está tentando, por meios indiretos, obter o reconhecimento que acredita ser seu de direito. É um pouco cedo, a noite está apenas começando. Ele está indo depressa demais. É bem possível que Daisy tenha dedicado o livro ao avô, embora Perowne se sinta preocupado com isso. Outro motivo por que ele gostaria de ver as provas.

Daisy está confusa. Faz menção de falar, muda de idéia e diz, com um sorriso forçado:

— Você terá apenas de esperar para ver.

— Claro, Shakespeare não achava que era um barquinho pequeno no meio de uma competição de embarcações oceânicas. Ele usava de astúcia, ou era sarcástico. E talvez você também, minha cara menina.

Ela hesita, embaraçada, em conflito com uma decisão. Esconde-se atrás do copo levantado. Depois, o coloca na mesa e parece estar resolvida.

— Vovô, não é “há de parecer destemido”.

— Claro que é. Ensinei o soneto a você.

— Sei disso. Mas como se pode escandir o verso com “destemido”? O certo é “No seu vasto oceano, há de parecer tenaz”.

O bom humor de Grammaticus simplesmente se evapora. Seu olhar duro se fixa na neta, e ela o fita de volta, do mesmo jeito que fez com o pai, na cozinha. Daisy atacou com deslealdade, e não vai ceder. Para Henry, a palavra “escandir” desperta uma lembrança indesejável, uma pontada de angústia profissional, a retenção da verba de cento e noventa mil libras que o setor de finanças destinara para a aquisição de um escâner de ressonância magnética. Ele escreveu um memorando, esteve em todas as reuniões. Será que deveria ter feito mais alguma coisa? Quem sabe foi um e-mail que ele não respondeu? Em poesia, não tem a menor condição de saber se “tenaz” representa um aprimoramento em relação a “destemido”.

Grammaticus diz:

— Muito bem, lá vem você outra vez. Não se pode escandir o verso. Quem diria? Henry, como vão as coisas no hospital?

Em mais de vinte anos, ele jamais fez perguntas sobre o hospital, e Henry não pode permitir que sua filha seja deixada de lado. Ao mesmo tempo, é assombroso: três anos sem se ver, e os dois já estão brigando de novo, em apenas um minuto.

Perowne dá a impressão enganosa de estar contente enquanto diz, em tom animado, para Grammaticus:

— A minha própria memória me prega peças muito piores do que essa. — Depois, se volta para Daisy. Ela recuou um passo e parece procurar uma desculpa a fim de sair da sala. Ele está resolvido a mantê-la ali.

— Esclareça isto aqui para mim. Quer dizer que “tenaz” se pode escandir e

“destemido” não, não é isso?

Daisy se mostra perfeitamente gentil, enquanto explica uma coisa muito corriqueira para o pai e refresca a memória de Grammaticus:

— “No seu vasto oceano, há de parecer tenaz” tem cinco pés, cinco jambos. Você sabe como é, ta-tá, uma fraca, uma forte. Há sempre cinco nesse tipo de verso. “Destemido” ia deixar uma sílaba a mais e não ia soar bem.

Enquanto ela fala, Grammaticus se acomoda num dos sofás de couro, com um grunhido chamativo que em parte encobre as últimas palavras de Daisy. Ele diz:

— Não seja tão severa com um velho. “Não houve sonho algum: estou deitado em plena vigília”. Há muitos versos curtos em Shakespeare, há dúzias deles nos sonetos. Se ele tivesse escrito “destemido”, nós *faríamos* a escansão assim mesmo.

— Mas isso é de Wyatt — sussurra Daisy, numa altura que o velho não pode ouvir.

Perowne olha de relance para a filha e levanta o dedo, dissimuladamente. Ela ganhou um ponto e sabe, sem dúvida, que deve deixar que o avô tenha a última palavra. A menos que queira continuar a brigar até a hora do jantar, e ainda depois.

— Acho que tem razão, faríamos isso mesmo. Quer mais gim, vovô? — Não há nenhuma aresta audível na sua voz.

Grammaticus entrega o seu copo.

— Eu mesmo preparo o meu gim-tônica.

Quando o drinque está pronto, Daisy deixa passar alguns segundos para que o silêncio se torne neutro, depois murmura para o pai:

— Vou terminar de pôr a mesa.

Talvez Henry esteja preocupado em demasia, ou impaciente em excesso, para cuidar da reunião como devia. E isso importa? Se Daisy superou mais um professor em sua vida, o que se espera que Henry faça? Há na filha uma mudança que ele não compreende, uma certa agitação que a todo momento se dissolve numa atitude amena, um grau de combatividade que se eleva e decai. E ele não quer ficar bebendo sozinho com o sogro. Gostaria que Rosalind chegasse, com todas as suas habilidades domésticas — a mãe, a filha, a esposa, a

advogada.

Henry diz para Daisy:

— Eu gostaria muito de ver as provas do livro.

— Tudo bem.

Perowne senta-se no outro sofá, de frente para Grammaticus, diante de uma mesinha *thakat*, de estilo indonésio, polida e com ranhuras, e empurra as nozes na direção do sogro. Ouvem como Daisy pragueja baixinho, enquanto remexe por dentro da sua mochila, no vestíbulo. Nenhum dos dois se dá ao trabalho de iniciar uma conversa vazia. Mesmo que concordem acerca do que vale a pena conversar, nenhum dos dois tem interesse pela opinião do outro. Portanto, ficam num silêncio satisfeito. Sentado com conforto pela primeira vez desde que entrou em casa, seus pés deliciosamente livres do seu próprio peso, seu ânimo estimulado pelo vinho e por três taças de champanhe no estômago vazio, com a audição ainda ligeiramente velada pela banda de Theo, as coxas doendo outra vez por causa da partida de squash, Perowne se entrega a uma aprazível onda de dissociação. Nada importa muito. O que quer que o tenha perturbado antes, foi resolvido de forma salutar. Os pilotos são russos inofensivos, Lily está sendo bem tratada, Daisy está em casa com o seu livro, aqueles dois milhões de manifestantes são almas de boa índole, Theo e Chas compuseram uma música bonita, Rosalind vai vencer o seu processo na segunda-feira e está a caminho de casa, é estatisticamente improvável que os terroristas matem sua família nessa noite, o seu ensopado, ele imagina, deve ser um dos melhores que já fez, todos os pacientes da semana seguinte vão se sair bem, Grammaticus está com a melhor intenção, de fato, e o dia de amanhã — domingo — trará para Henry e Rosalind uma manhã de sono e de sensualidade. Esse é o momento de tomar mais um copo.

Estende a mão para pegar a garrafa e completar o drinque do sogro, quando ouvem um forte ruído metálico no vestíbulo, um grito de Daisy, um grito de “Oh!” em voz de barítono, seguido pelo estrondo da porta da frente ao bater, causando pequenas ondulações concêntricas no gim do poeta; em seguida, um baque amortecido e um ruído rouco de corpos que se chocam. Theo chegou em casa e abraça a irmã. Segundos depois, ao entrar na sala de mãos dadas, os filhos apresentam um quadro vivo de suas respectivas obsessões e carreiras, dons

preciosos, Henry admite sem ciúmes, herdados do avô: Daisy tem na mão uma cópia das provas do seu livro, em folhas soltas, e seu irmão traz a guitarra segura pelo braço, dentro do estojo. De toda a família, Theo é de longe quem se sente mais à vontade com Grammaticus. Os dois têm a música em comum, e não há competição alguma: Theo toca, o avô escuta e cuida do seu arquivo de blues — que agora é transferido, com a ajuda do jovem, para um disco rígido de computador.

— Vovô, não levante — avisa Theo, enquanto encosta a guitarra na parede.

Mas o velho está levantando quando Theo se aproxima e os dois se abraçam sem inibição. Daisy chega perto, senta-se ao lado do pai e desliza o seu livro para o colo dele.

Grammaticus mantém seguro o braço do neto e sente-se animado, rejuvenescido com a sua presença.

— Muito bem. Você tem uma música nova para mim.

A capa da prova do livro é azul-clara, com as letras em preto. Quando Perowne lê o título e o nome da autora, passa o braço em volta dos ombros da filha e a aperta, e Daisy se aproxima dele a fim de ver seu livro através dos olhos do pai. Ele o vê através dos olhos da filha e tenta imaginar a emoção. Na idade dela, Perowne estava queimando as pestanas de tanto estudar no quinto ano de medicina, no meio de um universo de nomes em latim e de fatos corporais, muito distante de tais possibilidades. Com a mão livre, abre para ver a folha de rosto e, juntos, os dois lêem de novo as três palavras e, dessa vez, elas estão dentro de um retângulo de dois fios, *Meu barco atrevido*, Daisy Perowne, e, ao pé da página, o nome do editor seguido de Londres, Boston. O barco de Daisy, qualquer que for seu tamanho, soltou amarras pelas correntes transatlânticas. Theo está dizendo algo, e Henry levanta os olhos.

— Pai. Pai! A música. O que você achou?

Quando os filhos eram bem pequenos, tomava-se cuidado para distribuir os elogios por igual. Aqueles filhos superdotados! Ele devia ter falado sobre a música mais cedo, quando ficou sozinho com Grammaticus. Mas Henry precisava daquele meio minuto de divagação e pensamento positivo. Ele diz:

— Fiquei entusiasmado. — E, para surpresa de todos, vira o queixo para o teto e cantarola, com fidelidade tolerável. — Então me deixe te levar lá, para a

minha praça, a minha praça.

Theo tira um CD do bolso do casaco e dá para o avô.

— Fizemos uma gravação nesta tarde. Não ficou perfeita, mas dá para ter uma idéia.

Henry volta sua atenção para a filha.

— Gosto deste Londres, Boston. É muito chique. — Sublinha com os dedos as pequeninas letras maiúsculas. No alto da página, lê, com alívio, a dedicatória: *A John Grammaticus*.

Com uma aflição repentina, Daisy sussurra no ouvido do pai:

— Não sei se isso é o certo. Devia ser para você e a mamãe. Eu não sabia o que fazer.

Ele a aperta de novo, com o braço, e murmura:

— Está mais do que certo.

— Não sei. Ainda posso mudar.

— Foi ele quem pôs você nessa direção, faz todo o sentido do mundo. Ele vai ficar muito feliz. Todos estamos. Você fez o que é certo. — E então, para o caso de haver qualquer vestígio de decepção na sua voz, acrescenta: — E haverá outros livros, também. Você vai poder acertar as contas com a família inteira.

Só então Henry se dá conta, devido aos tremores no corpo da filha, aconchegado ao seu, e devido a um acesso de ardor físico, de que ela está chorando. Daisy aperta o rosto contra o braço do pai. Theo e o avô estão na outra extremidade da sala, junto às prateleiras de CDs, e discutem acerca de um pianista de boogie.

— Ei, minha pequena — diz no ouvido da filha. — O que é isso, minha querida?

Ela chora com mais força, em silêncio, e balança a cabeça, incapaz de falar.

— Quer ir para a biblioteca, lá em cima?

Daisy balança a cabeça, de novo, ele afaga seu cabelo e espera.

Infeliz no amor? Henry tenta não fazer conjecturas. Não há nenhuma circunstância específica da infância de Daisy que ele possa recordar, mas esperar que a filha se recupere para contar a ele o que a faz chorar é uma experiência vagamente familiar, de muito tempo antes. Daisy era sempre eloqüente. Todos aqueles romances que lia, quando criança, sobretudo depois

que o avô passou a cuidar dela, a ensinaram a descrever seus sentimentos com apuro. Henry recosta-se no sofá e, com paciência, afeição, abraça a filha. Já não está mais chorosa, porém continua a pressionar a cabeça no ombro do pai e tem os olhos fechados. Seu livro está aberto no colo de Henry, ainda na página da dedicatória. Atrás dele, Theo e o avô discutem gravações e músicos e, como autênticos devotos, falam aos sussurros, o que dá à sala uma sensação de tranqüilidade. Grammaticus tem outro gim na mão, o terceiro, talvez, mas está estranhamente sóbrio. Perowne sente alfinetes e agulhas movendo-se no seu braço direito, onde a cabeça de Daisy está recostada. Abaixa os olhos para ela, com carinho, para o pouco do seu rosto que consegue ver. Não há sequer os primeiros sinais de envelhecimento ou de experiência, no canto do seu olho visível, só a pele lisa e limpa, ligeiramente púrpura, como os contornos de um hematoma. O aspecto exterior, os novos brinquedos do desenvolvimento sexual obscurecem o fato de que a infância se distancia lentamente. Daisy tinha seios e menstruação quando sua cama ainda estava tão repleta de ursinhos de pelúcia e outros bichos fofinhos que mal sobrava lugar para ela. Então, veio a primeira conta no banco, um diploma universitário, uma carteira de motorista que ocultava a criança remanescente, que gradualmente desaparece, que só o pai ou a mãe ainda podem identificar no adulto recém-formado. Mas ao observá-la, agora, por mais que a filha se aconchegue ao seu flanco, ele sabe que essa não é uma jovem inocente. É provável que a mente de Daisy esteja girando depressa, mais depressa do que a sua própria mente pode acompanhar, talvez em torno de um mosaico estilhaçado de fatos recentes — gritos num quarto, visões das ruas de Paris, uma valise aberta sobre uma cama desfeita, o que quer que a esteja perturbando. Olha-se para uma cabeça, uma cabeleira opulenta, e só se pode fazer conjeturas.

Esse segundo interlúdio de devaneio pode ter durado cinco minutos, talvez dez. A certa altura, à medida que a lógica de seus pensamentos começa a se desintegrar, ele fecha os olhos e se deixa ficar à deriva, para um lado e para o outro, uma sensação agradável, que se confunde com a idéia das marés lamacentas de um rio, e de desatar, com dedos canhestros, uma corda

amarrada, que é também um meio de converter moedas e de transformar fins de semana em dias de trabalho. Porém, mesmo quando afunda, ele sabe que não deve adormecer — há convidados, e outras responsabilidades que não consegue, de pronto, identificar. Ao som da porta da frente aberta por Rosalind, ele tem um sobressalto e olha ansioso por cima do ombro esquerdo. Daisy também levanta a cabeça, e a conversa entre Theo e Grammaticus se interrompe. Há uma pausa de duração incomum, antes que ouçam o barulho da porta que se fecha, no vestíbulo. Perowne acha que a esposa pode estar carregada com sacolas de compras, ou com pastas de papelada de justiça, e está prestes a se levantar para ajudá-la, quando ela entra na sala. Move-se devagar, contida, aparentemente cautelosa com o que espera encontrar. Traz consigo sua valise de couro marrom e está pálida, o rosto está contraído, como se mãos invisíveis o comprimissem e puxassem a pele na direção das orelhas. Os olhos estão muito abertos e escuros, ansiosos para comunicar o que os lábios, que se abrem e se fecham uma só vez, são incapazes de lhes contar. Eles observam enquanto ela pára e olha para trás, na direção da porta que acabou de atravessar.

— Mãe? — Daisy a chama.

Perowne desvencilha-se da filha e se põe de pé. Embora Rosalind esteja vestindo um casaco de inverno por cima da roupa de trabalho, ele imagina que pode ver, de fato, a aceleração do pulso da esposa — uma impressão derivada da respiração curta e rápida de Rosalind. A sua família a chama pelo nome e começa a se dirigir para perto, mas ela se afasta deles, recua na direção da parede alta da sala. Rosalind os adverte com os olhos e com um movimento furtivo da mão. Não é só medo que vêem em seu rosto, mas raiva, também, e talvez nojo, na tensão do lábio superior. Através de uma fresta de um centímetro, entre a borda da porta onde ficam as dobradiças e o batente, Perowne vê no vestíbulo uma forma, nada além de uma sombra, hesita e depois se afasta. Pela reação de Rosalind, percebem que uma figura vai entrar na sala, antes mesmo de a verem. E, ainda assim, a forma que Perowne pode ver no vestíbulo hesita: bem antes dos demais, ele se dá conta de que há dois intrusos na casa, e não apenas um.

Quando o homem entra na sala, Perowne imediatamente reconhece a roupa; o casaco de couro, o gorro de lã. Aqueles dois estavam no banco da praça, à

espera da sua oportunidade. Um segundo antes de lembrar-se do nome, ele reconhece também o rosto, e a peculiaridade do modo de andar, os tremores nervosos quando ele se posiciona perto, perto demais, de Rosalind. Em vez de esquivar-se, ela se mantém em sua posição. Mas tem de virar a cabeça para o outro lado a fim de encontrar, afinal, a palavra que vem tentando pronunciar. Seu olhar encontra o do marido.

— Faca — diz ela, como se falasse só para o marido. — Ele tem uma faca.

A mão direita de Baxter está metida bem funda no bolso do paletó. Observa a sala e as pessoas ali dentro com um sorriso tenso e torcido, como um homem ansioso para contar uma piada. Deve ter passado a tarde inteira sonhando com aquela entrada em cena. Com movimentos infinitesimais da cabeça, seu olhar se desloca de Theo e de Grammaticus para a extremidade mais distante da sala, para Daisy, e por fim para Perowne, bem em frente a ela. É lógico, está claro, que Baxter está aqui. Por alguns segundos, o único pensamento de Perowne é, estupidamente, este: *é claro*. Faz sentido. Quase todos os elementos do seu dia se encaixaram; só falta aparecer sua mãe e Jay Strauss com a sua raquete de squash. Antes de Baxter falar, Perowne tenta ver a sala através dos olhos dele, como se isso pudesse ajudar a prever a gravidade dos problemas à sua frente: as duas garrafas de champanhe, o gim e os jarros com limão e gelo, o teto alto, que faz a pessoa sentir-se pequena, e os seus frisos, as estampas de Bridget Riley ladeando o Hodgkin, as luminárias com quebra-luz, o piso de cerejeira embaixo dos tapetes persas, as pilhas desleixadas de livros sérios, as décadas de polimento na mesinha indonésia *thakat*. A escala de compensação podia ser grande. Perowne também vê a própria família através dos olhos de Baxter: a jovem e o velho não são problema; o rapaz é forte, mas não parece hábil. Quanto ao médico magricela, é por isso que ele está ali. É claro. Como disse Theo, nos criminosos, existe o orgulho, e ali está ele, escondendo uma faca. Quando qualquer coisa pode acontecer, tudo importa.

Henry está a três metros de Baxter. Quando Rosalind avisou sobre a faca, ele estacou paralisado, no meio de um passo, numa posição instável. Agora, como uma criança que brinca de mamãe-posso-ir, ele alinha o pé de trás com o da frente e os separa, bem plantados no chão. Com os olhos e um ligeiro meneio da cabeça, Rosalind insiste para que ele se afaste. Ela não conhece os

antecedentes do caso; acha que são meros assaltantes, que é sensato deixá-los levar o que quiserem e torcer para que vão logo embora. Ela também não sabe da patologia. Durante todo o dia, o incidente na rua University esteve nos pensamentos de Perowne, como uma nota de piano que se repete. Mas quase se esqueceu de Baxter, não de sua existência, é claro, mas da realidade física conturbada, do bafo azedo de nicotina, da mão direita trêmula, do ar simiesco, realçado agora por um gorro de lã.

Com um olhar, Baxter dá a entender que ele também notou o seu passo, mas o que diz é:

— Quero que tirem todos os telefones do bolso e coloquem em cima da mesa.

Quando ninguém se mexe, ele diz:

— Os dois garotos, primeiro. — E diz para Rosalind. — Vamos, fale com eles.

— Daisy, Theo. Eu acho que é o melhor a fazer. — Há mais raiva do que medo na sua voz, agora, e uma revolta no eufemismo de “eu acho”. As mãos de Daisy estão tremendo, e ela tem dificuldade de tirar o telefone celular do bolso apertado da sua saia. Solta uns pequenos bufos irritados. Theo põe o seu celular sobre a mesa e volta para ajudá-la, uma boa idéia, pensa o pai, pois o movimento o posiciona quase ao seu lado. A mão direita de Baxter ainda está metida no fundo do bolso do casaco. Se puderem combinar o momento, eles estão numa boa posição para atacá-lo.

Mas Baxter pensa a mesma coisa.

— Ponha o celular dela ao lado do seu e volte para onde estava antes. Vamos lá. Para trás. Mais.

Em algum ponto do escritório de Henry, numa gaveta cheia de tralhas, há um borrifador de gás de pimenta que ele comprou muitos anos antes, em Houston. Talvez ainda funcione. Lá embaixo, num depósito externo, no meio do equipamento de acampar e de uns brinquedos velhos, há um taco de beisebol. Na cozinha, há diversos cutelos e facões. Mas o hematoma no seu esterno sugere que ele perderia em segundos uma luta com facas.

Baxter se volta para Rosalind.

— Agora, o seu.

Ela troca um olhar com Henry e põe a mão no bolso do casaco. Coloca o celular na mão de Baxter.

— Agora, você.

Perowne diz:

— Está lá em cima, carregando.

— Não piore a situação, sabidinho — diz Baxter. — Posso ver daqui.

A ponta do celular está visível acima da beirada curva do bolso da calça jeans. A forma do resto está saliente, com um volume no brim.

— Então pode ver.

— Coloque no chão e empurre de leve na minha direção.

Com um estímulo, Baxter afinal tira a faca do bolso. Até onde Perowne percebe, é uma antiquada faca francesa de cozinha, com cabo laranja, de madeira, e lâmina curva, sem nenhum brilho. Com cuidado, para não haver nenhuma surpresa em seus movimentos vagarosos, Henry se ajoelha e empurra o celular na direção de Baxter. Ele não se abaixa para pegá-lo. Em lugar disso, chama, na direção da porta:

— Ei, Nige. Pode entrar agora. Pegue os telefones deles.

O sujeito com cara de cavalo se detém, cauteloso, na porta.

— Que porra de casa grande. — Quando vê Perowne, diz: — Ah. O senhor Fúria das Ruas.

Enquanto o amigo junta os celulares, Baxter fala:

— E o coitado do vovô, ali? Não venha me dizer que ele não comprou um celular.

Grammaticus sai da sombra e dá uns poucos passos na direção dele. Na mão direita, tem um copo vazio.

— Na verdade, eu não tenho celular, e se eu tivesse estaria convidando você a enfiá-lo no seu rabo covarde.

Baxter diz para Henry.

— É o seu pai?

Não é hora para discriminações minuciosas, e ele acha que está dando a resposta certa quando diz:

— É.

Mas é exatamente a resposta errada. Baxter caminha desequilibrado, no seu

bamboleio de quem empurra o barco com uma vara, atravessa a sala e só se detém para contornar Nigel. A faca está segura com firmeza na mão, com a ponta para baixo.

— Isso não foi muito bonito, um velho nobre e refinado feito o senhor.

Pressentindo a desgraça, Perowne tenta se pôr no caminho, entre Baxter e Grammaticus, mas Nigel se põe na sua frente, sorrindo. Não há tempo.

Perowne fala, depressa:

— Você não tem nenhuma rixa com ele.

Mas, nesse momento, Baxter já está na frente do velho e, embora Theo, adivinhando logo o que está para vir, levante o braço para protegê-lo, a mão de Baxter dispara, num arco, bem na frente da cara do velho. Eles ouvem um abafado estilhaçar de ossos, como um galho verde que se rompe. Todos os Perowne gritam um “ah” ou um “não”, mas seus piores temores não se concretizam. Não foi a mão que segurava a faca que atingiu Grammaticus. Os nós dos dedos simplesmente quebraram o seu nariz. Quando as pernas cedem e ele desaba, Theo o segura e o abaixa, de modo que o velho fica de joelhos, e o neto tira os óculos do avô. Sem um ruído, sem dar ao seu agressor a satisfação de um gemido, Grammaticus cobre o rosto com as mãos. O sangue goteja por trás do seu relógio de pulso.

Até agora, ele percebe de súbito, Henry está num nevoeiro. Atônito, cauteloso até, mas não devidamente, e proveitosamente, assustado. A seu modo costumeiro, está sonhando — em atacar Baxter com Theo, em usar o borrifador de gás de pimenta, o taco de beisebol, os facões, toda sorte de fantasia. A verdade, agora demonstrada, é que Baxter é um caso especial — um homem que acredita que não tem futuro e que, portanto, está livre de conseqüências. E isso é apenas a moldura. Dentro dela, estão perturbações singulares, a expressão individual da sua condição — impulsividade, autocontrole fraco, paranóia, alterações bruscas de estado de ânimo, depressão contrabalançada por surtos de sangue-frio, um pouco disso, ou tudo isso e ainda mais, devia tê-lo ajudado, instigado, enquanto refletia sobre a sua briga com Henry nessa manhã. E agora será a vez do Baxter violento. Ainda não há nenhuma deterioração intelectual óbvia — as emoções irão embora primeiro, junto com a coordenação física. Qualquer pessoa com algo consideravelmente acima de quarenta seqüências

CAG repetidas no meio de um obscuro gene no cromossomo quatro é obrigada a cumprir o mesmo destino, à sua maneira particular. *Está escrito*. Nenhuma quantidade de amor, de remédios, de aulas de Bíblia ou de anos de prisão pode curar Baxter ou desviá-lo do seu curso. Está escrito letra por letra nas proteínas, mas poderia estar gravado na pedra ou no aço temperado.

Rosalind e Daisy convergem na direção de John Grammaticus, ajoelhado junto ao sofá. Theo, desamparado, pouisa a mão no ombro do avô. O caminho de Perowne continua barrado por Nigel — não há por onde avançar sem um confronto físico. Baxter, a faca ainda na mão direita, dá um passo para o lado e, com a mão esquerda nervosa e oscilante, retira o gorro de lã e abre o zíper do casaco. Desajeitado, acende um cigarro. Enquanto fuma, balança nos dedos o puxador do zíper e examina a cena em torno do homem caído no chão, enquanto troca o pé de apoio, do esquerdo para o direito. Parece à espera, para ver o que ele mesmo fará em seguida.

Porém, apesar de todos os argumentos reducionistas, Perowne não consegue se convencer de que moléculas e genes defeituosos estejam sozinhos aterrorizando sua família e tenham quebrado o nariz do seu sogro. O próprio Perowne é também responsável. Humilhou Baxter na rua, na frente dos comparsas, e o fez quando já havia adivinhado a condição clínica de Baxter. Naturalmente, Baxter está ali para recuperar sua reputação na frente de uma testemunha. Deve ter convencido Nigel, ou subornado. O cara é um idiota, bem capaz de se prestar ao papel de um assistente. Baxter se mantém na ativa enquanto pode, pois deve saber o que está reservado para ele. Ao longo dos meses e anos vindouros, a atetose, aqueles movimentos involuntários e incontroláveis, e a coréia — as tremedeiras incontroláveis, as caretas, o soerguimento brusco dos ombros e a flexão dos dedos das mãos e dos pés — vão devastá-lo, torná-lo imprestável para o crime. O tipo de criminalidade de Baxter é para os fisicamente sadios. Vai chegar a hora em que ele estará se contorcendo, alucinado, em uma cama, que nunca mais vai deixar, numa enfermaria psiquiátrica para internações longas, provavelmente um local hostil, sem dúvida desagradável, e lá a sua lenta degradação será apenas monitorada e acompanhada com eficiência, se ele tiver sorte. Agora, enquanto ainda pode segurar uma faca, Baxter tem de afirmar a sua dignidade e talvez até deixar a

marca pela qual será lembrado. *Pode crer, aquele bacana altão com o seu Mercedinho deu a maior mancada quando arrebentou o espelho do carro do velho Baxter.* A história de Baxter abandonado por seus parceiros, derrotado por um estranho, que conseguiu ir embora são e salvo, tudo isso será esquecido.

E o que aquele estranho estava pensando, quando sabia do estado clínico de Baxter, tinha visto os pacientes de seus colegas e até trocara correspondência, alguns anos antes, com um neurocirurgião de Los Angeles acerca de um novo tratamento? A idéia era enxertar, por meio estereotáxico, sobre regiões do caudado e do putâmen, um coquetel de células-tronco obtidas em três fontes distintas e pedacinhos do tecido nervoso do paciente. Na verdade, jamais deu resultado, e Perowne não se sentia atraído pelo método. Por que ele não pôde ver que era perigoso humilhar um homem tão emocionalmente instável como Baxter? Só para fugir de uma surra e chegar a tempo para jogar a sua partida de squash. Usou, ou abusou, de sua autoridade médica a fim de evitar uma crise, e suas ações o conduziram para outra crise, muito pior. A responsabilidade é dele; o sangue de Grammaticus está no chão porque Baxter pensa que o velho é o pai de Perowne. Um bom início, para humilhar o filho.

Rosalind e Daisy estão agachadas junto a Grammaticus, com lenços de papel.

— Está tudo bem — diz ele, com voz abafada. — Já quebrei o nariz antes. Na droga de uma escada de biblioteca.

— Onde já se viu uma coisa dessas? — diz Baxter para Nigel. — Estamos aqui há um tempão e ninguém nos ofereceu um drinque.

É uma oportunidade para livrar-se de Nigel e contornar a mesinha, rumo ao local onde está a bandeja. Henry está ansioso para levar Baxter para o seu lado da sala, longe do grupo em torno de Grammaticus. O que ele receia é uma explosão nervosa de Rosalind ou de um de seus filhos quando Baxter estiver perto dele. Perowne toca uma das garrafas de champanhe com o dedo indicador, olha com ar indagador para Baxter e espera. O braço de Rosalind está ao redor dos ombros de Daisy, enquanto atendem Grammaticus. Perto, Theo está de pé, com o olhar fixo no chão, num ponto alguns metros à frente — sensatamente, evitando contato visual com Baxter, que conseguiu afastar sua mão nervosa do puxador do zíper. A faca está de volta ao bolso.

Ele diz:

— Certo. Dois gins puros, com gelo e limão.

O benefício de reduzir ainda mais a coordenação física de Baxter tem de ser contraposto ao risco de piorar ainda mais a sua desinibição. É uma opção, um cálculo que Perowne, em seu terror, acha que pode fazer. Curva-se como um farmacêutico em ação, enche dois copos de vinho até a borda com Tanqueray e acrescenta uma rodela de limão e gelo em cada um. Dá um copo para Nigel e estende o outro na direção de Baxter. A mesa está entre os dois; para alívio de Henry, ele avança, contorna o sofá e a mesa para pegar a bebida.

— Olhe — diz Perowne. — Em relação à nossa discussão, estou pronto a aceitar que eu estava errado, hoje de manhã. Se você quer consertar o seu carro...

— Andou pensando melhor, não foi?

O copo não está estável na mão de Baxter e, quando ele se vira para piscar o olho para Nigel, um pouco de gim se derrama do copo. Talvez seja o hábito de esconder sua doença que o faz levar o copo direto aos lábios e esvaziá-lo em quatro goles seguidos. Nesse breve intervalo, Perowne pensa nos fios de telefone internos da casa e se pergunta se Baxter tomou o cuidado de cortá-los. Há também um botão de alarme monitorado junto à porta da frente e um outro no quarto. Será que é fantasia, de novo? A aflição está lhe causando náuseas. Com a ajuda de Theo, Rosalind e Daisy estão pondo Grammaticus de pé. Embora Perowne tente, com movimentos disfarçados da mão, sugerir que fiquem naquela extremidade da sala, eles o trazem para perto da lareira.

— Está com frio — diz Rosalind. — Precisa deitar-se.

Pode esquecer esse plano. Agora estão todos juntos de novo. Pelo menos, Theo está próximo. Mas, sem dúvida, uma coisa está resolvida, atacar Baxter é um sonho infantil. Nigel há de ter uma arma. Os dois são lutadores de verdade. E então? A eles só resta ficarem parados e esperar que Baxter use a sua faca? Henry sente-se oscilando em seus pés, de medo e de indecisão. Uma forte vontade de urinar não pára de se intrometer em seus pensamentos. Ele quer captar o olhar de Theo, mas pressente também que Rosalind deve saber alguma coisa, ou ter alguma idéia. A maneira como ela roçou no lado do corpo de Perowne pode ser significativa. Ela está logo atrás dele, acomodando o pai no sofá. Daisy parece mais calma, agora — cuidar do avô ajudou-a. Theo está

parado, de braços cruzados, ainda olhando fixo para o chão, possivelmente calculando. Os seus antebraços parecem fortes. Todo aquele talento ali na sala, mas inútil, sem um plano e sem um meio de comunicá-lo. Talvez ele devesse agir sozinho, atacar Baxter e derrubá-lo e confiar em que os demais vão se jogar sobre ele. Mais fantasias, e com Baxter tão volúvel, tão desvairadamente despreocupado, as possibilidades de dano se multiplicam. Toda essa carne amada e vulnerável. Os pensamentos de Henry se auto-anulam, divagam e se desviam, é impossível comandá-los. O mais adequado seria golpear Baxter com força, na cara, com um punho cerrado, e torcer para que Theo cuidasse de Nigel. Mas quando Henry se imagina prestes a entrar em ação, e vê uma versão fantasma de si mesmo, em forma de guerreiro, saltar do seu corpo sobre Baxter, seu coração se acelera tão rapidamente que ele se sente tonto, fraco, instável. Nunca em sua vida bateu na cara de alguém, mesmo quando menino. Só introduziu uma lâmina em peles anestesiadas, em um ambiente controlado e esterilizado. Ele simplesmente não sabe como ser ousado.

— Vamos lá, então, senhor proprietário.

De boa vontade, pois esse é o seu único fiapo de estratégia, Perowne pega o gim e enche de novo o copo que Baxter estende na sua direção, e enche até a boca o copo de Nigel. Ao fazê-lo, Henry se dá conta de que Baxter está olhando para Daisy. A fixidez do olhar e aquele mesmo sorrisinho contido provocam uma contração gelada no alto do couro cabeludo de Henry. Baxter derrama mais gim enquanto levanta o copo até a boca. Não desvia o olhar, mesmo quando coloca a bebida em cima da mesa. Infelizmente, ele só bebeu um gole pequeno. Não falou quase nada, depois da agressão a Grammaticus, e é provável que também não tenha um plano; sua visita é uma ação improvisada. Seu estado clínico lhe confere um tipo de liberdade sinistra, mas provavelmente não sabe até que ponto está preparado para ir.

Eles estão à espera, e Baxter diz, afinal:

— Então, qual é o seu nome?

— Meu Deus — diz Rosalind, antes. — Se você chegar perto dela, vai ter de me matar primeiro.

Baxter põe a mão direita no bolso, de novo.

— Tudo bem, tudo bem — diz, em tom queixoso. — Mato você primeiro.

— Em seguida, volta o olhar para Daisy e repete, exatamente no mesmo tom de antes: — Então, qual é o seu nome?

Ela se afasta da mãe e responde. Theo descruza os braços. Nigel se mexe e vem mais para perto dele. Daisy está olhando de frente para Baxter, mas seu olhar é apavorado, sua voz está sem fôlego e seu peito levanta e abaixa rapidamente.

— Daisy? — O nome soa estranho, nos lábios de Baxter, um nome bobo e vulnerável, um nome que se ouve numa creche. — E o que quer dizer essa abreviatura aí?

— Nada.

— Querida senhorita Nada — Baxter avança por trás do sofá em que Grammaticus está deitado, ao lado do qual Rosalind está de pé.

Daisy diz:

— Se vocês saírem agora e nunca mais voltarem, eu dou minha palavra de que não vamos telefonar para a polícia. Podem levar tudo o que quiserem. Por favor, por favor, vão embora.

Antes mesmo de ela terminar, Baxter e Nigel riem. É uma gargalhada prazerosa, sem ironia, e Baxter ainda está rindo quando estende a mão na direção do antebraço de Rosalind e puxa, de modo que ela cai para trás sobre o sofá, em posição sentada, junto aos pés de Grammaticus. Perowne e Theo fazem menção de avançar na direção dele. Ante a visão da faca, Daisy solta um grito curto e sufocado. Baxter segura a faca na mão direita, que está pousada de leve no ombro de Rosalind. Ela olha fixo para a frente.

Baxter diz para Perowne e Theo:

— Vocês vão lá para o fundo da sala. Vamos. Recuem. Vamos logo. Cuide deles, Nige.

A distância entre a mão de Baxter e a carótida direita de Rosalind é de menos de dez centímetros. Nigel está tentando empurrar Theo e Perowne até o fundo, perto da porta, mas eles conseguem se esquivar, rumo a cantos diagonalmente opostos, cada um deles se coloca a três metros ou três metros e meio de Baxter — Theo, junto à lareira, e seu pai, perto de uma das três janelas altas.

Henry tenta apagar de sua voz não só o pânico, mas também o tom de súplica. Quer parecer um homem razoável. Só o consegue parcialmente. Sua

pulsação cardíaca torna a voz fina e irregular, os lábios e a língua parecem inchados.

— Escute, Baxter, sua rixa é só comigo. Daisy tem razão. Vocês podem levar o que quiserem. Não vamos fazer nada. A alternativa para você será a prisão psiquiátrica. E ainda resta a você muito mais tempo do que imagina.

— Chega de papo — diz Baxter, sem virar a cabeça.

Mas Perowne continua:

— Depois da nossa conversa esta manhã, eu fiz contato com um colega. Há um novo tratamento nos Estados Unidos, associado a um novo medicamento, fora do mercado, mas que está chegando aqui agora, para testes. Os primeiros resultados, em Chicago, foram surpreendentes. Mais de oitenta por cento de êxito. Vão começar com vinte e cinco pacientes aqui, no mês que vem. Posso pôr você no grupo de teste.

— Do que ele está falando? — pergunta Nigel.

Baxter não responde, mas uma tensão, uma imobilidade repentina na linha dos seus ombros, sugere que está refletindo.

— Está mentindo — diz ele, afinal, mas uma falta de ênfase estimula Perowne a prosseguir.

— Estão usando a interferência no RNA de que falamos hoje de manhã. O resultado foi mais rápido do que todo mundo imaginava.

Ele está tentado, Henry tem certeza. Baxter responde:

— Não é possível. Eu sei que não é possível. — Diz isso e quer se convencer.

Henry fala, calmamente:

— Pois é, eu também pensava assim. Mas parece que é possível. A experiência começa em março, dia 23. Falei com um colega hoje à tarde.

Num repentino acesso de agitação, Baxter corta a sua palavra:

— Você está mentindo — repete, e depois mais alto, quase num grito, protegendo-se contra a tentação da esperança. — Está mentindo e é melhor calar a boca, senão olhe só a minha mão. — E a mão que segura a faca chega mais perto da garganta de Rosalind.

Mas Perowne não pára.

— Eu juro que não estou. Todas as informações estão lá em cima, no escritório. Imprimi hoje à tarde e você pode ir até lá comigo e...

Ele é interrompido abruptamente por Theo.

— Chega, papai! Pare de falar, porra. Não fale mais nada, senão ele vai fazer o que diz!

E tem razão. Baxter empurrou a lâmina até bem rente à lateral do pescoço de Rosalind. Ela está sentada, ereta, no sofá, com as mãos agarradas aos joelhos, o rosto sem nenhuma expressão, o olhar fixo à frente. Só um tremor nos ombros demonstra o seu terror. A sala fica em silêncio. Grammaticus, na outra ponta do sofá, pelo menos retirou as mãos do rosto. O sangue coagulado acima do lábio superior realça a sua expressão de horror e de incredulidade. Daisy está de pé junto ao braço do sofá que ampara a cabeça do seu avô. Algo está subindo, dentro dela — um grito ou um soluço — e o esforço para contê-lo escurece a sua pele. Theo, apesar dos gritos de advertência, moveu-se um pouco mais para perto. Os braços balançam inúteis ao lado do corpo. A exemplo do pai, só consegue olhar para a mão de Baxter. Perowne observa e tenta convencer-se de que o silêncio de Baxter sugere que ele está lutando contra a tentação de experimentar os medicamentos, o novo tratamento.

De fora, vem o som de um helicóptero da polícia, na certa monitorando a dispersão da passeata. Há também uma repentina e alegre algazarra de vozes e de passos na calçada em frente, quando um grupo de amigos entusiasmados, talvez estudantes estrangeiros, dobram a esquina e viram na direção da rua Charlotte, onde os restaurantes e os bares vão se encher. O centro de Londres já deu início a mais uma noite de sábado.

— Bom, vamos lá. O que estou tentando é bater um papo com essa jovem senhorita ali. A senhorita Nada.

Nigel, que olha de esguelha no centro da sala, com os lábios úmidos e a cara de cavalo subitamente animados, diz, em tom insinuante:

- Sabe o que estou pensando?
- Sei, Nige. E eu estava pensando a mesma coisa. — Então, diz para Daisy.
- Quero que você olhe bem para a minha mão...
- Não — diz Daisy, rápido. — Mãe. Não.
- Cale-se. Não terminei. Olhe para a minha mão e escute bem. Está certo? Você está ferrada, está perdida. Escute com atenção. Tire as roupas. Vamos lá. Tudo.

— Ah, meu Deus — exclama Grammaticus, em voz baixa.

Theo, do outro lado da sala diz:

— Pai?

Henry balança a cabeça:

— Não. Fique onde está.

— É isso mesmo — diz Baxter.

Baxter não se dirige a Theo, e sim a Daisy. Ela olha para ele, incrédula, trêmula, balança a cabeça num movimento débil. O medo dela o deixa excitado, o corpo inteiro de Baxter vibra e treme.

Daisy consegue falar, num sussurro.

— Não posso. Por favor... Não posso.

— Pode, pode sim, querida.

Com a ponta da faca, Baxter abre um talho de trinta centímetros no sofá de couro, logo acima da cabeça de Rosalind. Eles olham para a ferida, um rasgo feio, que incha em todo o seu comprimento, à medida que o velho estofado branco e amarelado escorre para fora, como gordura subcutânea.

— Vamos logo com essa porra — murmura Nigel.

A mão de Baxter e a faca estão de volta ao ombro de Rosalind. Daisy olha para o pai. O que ela deve fazer? O pai não sabe o que lhe dizer. Ela se curva para tirar as botas, mas não consegue abrir o zíper, os dedos estão muito trêmulos. Com um grito de frustração, se abaixa sobre um dos joelhos e empurra o zíper até que ele ceda. Enquanto se despe, vai se encolhendo de forma humilhante. Rosalind está tremendo muito enquanto Baxter se debruça sobre o ombro dela e firma a mão irrequieta com a faca contra o seu pescoço. Mas Rosalind não tira os olhos de Daisy, ao contrário de Theo, que parece tão chocada que não consegue suportar olhar para a irmã. Mantém o olhar fixo no chão. Grammaticus também olha para o lado. Daisy prossegue, agora mais depressa, despe a calça colante com um bufo impaciente, quase rasga o tecido, e depois joga para o chão. Está se despindo em pânico, arranca o suéter preto e também o atira com força no chão. Está em roupas de baixo — brancas, recém-lavadas para a viagem de Paris —, mas não pára. Num movimento ininterrupto, solta o sutiã e desprende sua meia-calça com o polegar e deixa que caiam das mãos. Só então ela olha para a mãe, mas só um instante. Está feito. De cabeça

abaixada, Daisy fica parada, com as mãos ao lado do corpo, incapaz de olhar para alguém.

Perowne não via sua filha nua havia mais de doze anos. Apesar das mudanças, lembra-se desse corpo da hora dos banhos, e mesmo em seu medo, ou por causa do medo, o que vê é acima de tudo a criança vulnerável. Mas sabe que essa mulher jovem está profundamente ciente do que seus pais estão descobrindo nesse exato momento, na curva pesada e no inchaço compacto de sua barriga e na firmeza de seus seios pequenos. Como foi que ele não adivinhou antes? Faz todo o sentido do mundo; as suas alterações de estado de ânimo, a euforia, o fato de chorar por causa de uma dedicatória. Sem dúvida, ela está à beira de começar o segundo trimestre. Mas não há tempo para pensar nisso. Baxter não mudou de posição. Rosalind tem tremores nos joelhos, agora. A lâmina impede que vire a cabeça para o marido, mas Perowne acha que ela luta para trocar um olhar com ele.

Daisy está diante deles, e Nigel diz:

— Meu Deus! Está prenhe. É toda sua, parceiro.

— Cale a boca — diz Baxter.

Sem ser notado, Perowne deu meio passo na direção dele.

— Bem, bem. Olhe para isso! — Diz Baxter, de repente. Com a mão livre, aponta na direção do livro de Daisy, do outro lado da mesa. Talvez esteja escondendo a sua própria confusão ou mal-estar, diante da imagem de uma mulher grávida, ou talvez esteja em busca de um meio para aumentar a humilhação dela. Esses dois homens são imaturos, talvez sem muita experiência sexual. O estado de Daisy deixa-os embaraçados. Talvez lhes dê nojo. É uma esperança. Baxter forçou a situação até esse ponto e, de repente, não sabe o que fazer. Agora viu as provas na outra ponta do sofá e aproveita a oportunidade.

— Traga aquilo ali para mim, Nige.

Quando Nigel avança para pegar o livro, Henry arrasta os pés mais para perto. Theo faz o mesmo.

— *Meu barco atrevido*. De Atrevida Daisy Perowne. — Baxter folheia as páginas na mão esquerda. — Você não me disse que escrevia poemas. Você mesma fez tudo isso, é?

— Sim.

— Deve ser muito sabida.

Ele estende o livro na direção dela.

— Leia um aí. Leia em voz alta o seu melhor poema. Vamos lá. Vamos ouvir um poema.

Quando apanha o livro, Daisy implora:

— Farei tudo o que quiser. Tudo. Mas, por favor, afaste a faca do pescoço dela.

— Ouviu só isso? — ri Nigel. — Ela diz “tudo”. Vamos lá, Atrevida Daisy.

— Não, me desculpe — diz Baxter para ela, como se lamentasse muito. — Alguém podia vir de mansinho para me atacar. — E olha por cima do ombro na direção de Perowne e pisca os olhos.

O livro treme nas mãos de Daisy quando ela o abre ao acaso.

Respira fundo e está prestes a começar, quando Nigel fala:

— Que tal ouvir o seu poema mais sacana? Uma coisa safada de verdade.

Com isso, toda a firmeza de Daisy se desfaz. Ela fecha o livro.

— Não posso — geme. — Não posso.

— Você vai conseguir — diz Baxter. — Senão, olhe só a minha mão. Quer isso?

Grammaticus diz para Daisy, tranquilamente:

— Daisy, escute. Fale aquele que você me dizia.

Nigel grita:

— Cale a merda dessa boca, vovô.

Daisy olhou perplexa para Grammaticus, na hora em que ele falou, mas agora ela parece compreender. Abre o livro de novo e vira as páginas para trás, em busca do local, e então, com um olhar de relance para o avô, começa a ler. Sua voz está rouca e fina, a mão mal consegue segurar o livro de tanto tremer, e ela traz a outra mão até o livro, a fim de segurá-lo.

— Não — exclama Baxter. — Comece outra vez. Não ouvi nenhuma palavra. Nadinha.

Assim, ela recomeça, só um pouco mais audível. Henry leu o livro poucas vezes, mas há certos poemas que leu só uma vez; esse, ele só recorda em parte. Os versos o surpreendem — é óbvio, ele não leu com atenção bastante. Os versos são invulgarmente meditativos, melodiosos e estudadamente arcaicos. Ela

se projetou para um século anterior. Agora, em seu estado aterrorizado, Perowne perde ou confunde muita coisa do poema, porém, quando a voz de Daisy se suaviza um pouco e encontra os primeiros traços de um ritmo sereno, ele se sente deslizando através das palavras, rumo às coisas que elas descrevem. Vê Daisy numa varanda que dá para uma praia num luar de verão; o mar está parado e a maré está alta, o ar, perfumado, há ainda um resto de luminosidade do pôr-do-sol. Ela chama o amante, sem dúvida o homem que um dia será o pai do seu filho, para vir ver, ou melhor, ouvir a cena. Perowne vê um jovem de pele lisa, nu até a cintura, de pé ao lado de Daisy. Juntos, os dois escutam o rumor das ondas nas pedrinhas e ouvem, nesse rumor, um sofrimento profundo, que se estende para o passado, até eras antigas. Daisy pensa que houve um outro tempo, ainda anterior, quando a terra era nova e o mar, consolador, e nada se interpunha entre Deus e o homem. Mas nessa noite os amantes só ouvem tristeza e perda, no rumor das ondas que quebram na praia e refluem. Ela se volta para ele e, antes de se beijarem, diz que devem amar-se um ao outro e serem fiéis, sobretudo agora que vão ter um filho, e agora quando não existe paz nem certeza, e quando os exércitos do deserto estão a postos para entrar em combate.

Daisy levanta os olhos. Incapaz de controlar os espasmos musculares nos joelhos, Rosalind ainda olha fixamente para a filha. Todos os demais olham para Baxter e esperam. Ele está curvado para trás, seu peso escorado nas costas do sofá. Embora a mão direita não tenha se afastado do pescoço de Rosalind, parece segurar a faca de modo mais frouxo e a sua postura, o ângulo flexível peculiar da coluna, sugere um possível recuo das suas intenções. Seria possível, estaria dentro do âmbito do real que um mero poema de Daisy causasse tal reviravolta em seu estado de ânimo?

Enfim, ele levanta a cabeça, se põe um pouco ereto e então diz, de repente, com certa petulância:

— Leia de novo.

Daisy volta uma página atrás e, com mais confiança, tentando encontrar o tom sedutor, diversificado, de um contador de histórias que fascina uma criança, recomeça.

— O mar está calmo esta noite. É maré cheia, a lua paira alta acima do

canal, no litoral da França, a luz brilha e se apaga...

Na primeira vez, Henry perdeu a menção aos rochedos da Inglaterra “cintilantes e vastos, acima da baía tranqüila”. Agora parece que não existe nenhuma varanda, mas uma janela aberta; não há nenhum jovem, pai da criança. Em vez disso, ele vê Baxter parado e sozinho, os cotovelos apoiados no parapeito, ouvindo as ondas que “trazem consigo a nota eterna da tristeza”. Não é toda a antiguidade, mas apenas Sófocles que associou esse som ao “fluxo e refluxo velados da miséria humana”. Mesmo no estado em que se encontra, Henry torce o nariz ao ouvir a referência a um “mar de fé” e a um radiante paraíso de integridade perdida, no passado remoto. Em seguida, mais uma vez, é através dos ouvidos de Baxter que ele ouve o “longo rugido do mar que recua, retrocede, ante o hálito do vento da noite, ao pé dos vastos penedos tristonhos e entre os desnudos seixos do mundo”. A frase ressoa como uma maldição musical. O apelo para serem fiéis um ao outro soa inútil, em face da ausência de alegria, ou de amor, ou de luz, ou de paz, ou de “socorro para a dor”. Mesmo num mundo “onde os exércitos ignorantes combatem à noite”, Henry descobre, ao ouvir pela segunda vez, não haver nenhuma referência a um deserto. A melodia do poema, conclui ele, está em choque com o seu pessimismo.

É difícil dizer, pois seu rosto nunca fica parado, mas Baxter parece subitamente exultante. Sua mão direita afastou-se do ombro de Rosalind, e a faca já está de volta ao seu bolso. Seu olhar permanece sobre Daisy. O alívio que sente, Daisy consegue transformar, mediante uma proeza de autocontrole e de dissimulação, num olhar de neutralidade, traído apenas por um tremor em seu lábio inferior, quando devolve o olhar de Baxter. Os braços de Daisy pendem indefesos ao lado do corpo, o livro balança entre seus dedos. Grammaticus segura a mão de Rosalind. O nojo com que Nigel ouvia o poema pela segunda vez acabou de se apagar do seu rosto nesse instante. Ele diz para Baxter:

— Eu seguro a faca, enquanto você faz o serviço.

Henry receia que uma instigação de Nigel, uma lembrança do propósito da visita, possa provocar outra alteração de estado de ânimo, uma reversão.

Mas Baxter quebrou o seu silêncio e está falando, agitado:

— Você escreveu isso. Você *escreveu* isso.

É uma afirmação, não uma pergunta. Daisy olha para ele, à espera.

Baxter repete:

— Você escreveu isso. — E então, depressa: — É lindo. Você sabe disso, não é? É lindo. E você escreveu.

Ela não se atreve a falar nada.

— O poema me faz pensar no lugar onde eu fui criado.

Henry não lembra ou não quer saber onde foi. Quer chegar até Daisy para protegê-la, quer chegar até Rosalind, mas tem medo, enquanto Baxter permanecer perto dela. Seu estado mental é de um equilíbrio muito delicado, muito fácil de perturbar. O importante é não surpreendê-lo nem ameaçá-lo.

— Ei, Baxter. — Nigel meneia a cabeça na direção de Daisy e dá um sorriso afetado.

— Não. Mudei de idéia.

— O quê? Não seja besta.

— Por que não se veste? — diz Baxter para Daisy, como se a sua nudez fosse uma idéia esquisita dela mesma.

Por um momento, Daisy não se mexe, e eles esperam.

— Não dá para acreditar — diz Nigel. — E a gente teve todo esse trabalho.

Ela se curva para pegar o suéter e a saia e começa a vesti-los.

Baxter fala, ansioso:

— Como foi que conseguiu imaginar isso? Quero dizer, você escreveu mesmo. — E então ele repete, várias vezes. — Você escreveu isso!

Daisy o ignora. Seus movimentos são bruscos, enquanto se veste, talvez haja até raiva no modo como ela chuta a roupa de baixo, que ela deixa jogada no chão. Quer cobrir-se e chegar até a mãe, nada mais importa para ela. Baxter nada vê de extraordinário na transformação do seu papel, de senhor do terror para um admirador fascinado. Ou uma criança agitada. Henry tenta captar a atenção da filha, na esperança de avisá-la, silenciosamente, da necessidade de continuar a alimentar o estado de ânimo de Baxter. Mas agora ela e a mãe se abraçam. Daisy se ajoelha no chão, meio deitada no colo de Rosalind, com os braços ao redor do seu pescoço, e as duas sussurram e se aconchegam, esquecidas de Baxter, que paira acima delas, fazendo meneios frenéticos com o corpo. Está ficando maníaco, está viajando em suas próprias palavras e troca

rapidamente o pé de apoio, de um para o outro. Daisy deixou o livro cair sobre a mesa, quando caminhou para junto de Rosalind. Então, Baxter avança e o apanha, brande o livro no ar, como se assim pudesse extrair o seu sentido.

— Vou ficar com isto — grita. — Você disse que eu podia levar qualquer coisa que eu quisesse. Então vou levar isto aqui. Está bem? — Está falando para a nuca de Daisy.

— Merda — exclama Nigel, sibilante.

É da natureza da mente que se degenera perder periodicamente todo o sentido de uma personalidade contínua e, portanto, qualquer preocupação com o que os demais pensem sobre a sua falta de continuidade. Baxter esqueceu que forçou Daisy a despir-se e que ameaçou Rosalind. Sentimentos fortes apagaram essa recordação. No repentino acesso emocional da sua mudança de estado de ânimo, ele habita o brilhante foco de luz que isola o presente. Este é o momento de atacá-lo. Henry volta os olhos para Theo, que faz um sinal de concordância em câmara lenta. Sobre o sofá, Grammaticus se põe sentado, com as mãos na mão da filha e no ombro da neta. Rosalind e Daisy continuam abraçadas — é difícil acreditar que elas pensem estar fora de perigo, ou que, ao ignorar Baxter, se colocam numa posição mais segura. É a gravidez, conclui Henry, o fato avassalador da gravidez. É hora de agir.

Baxter está quase aos gritos de novo.

— Não vou levar mais nada. Ouviram? Só isto aqui. É tudo o que eu quero.
— Agarra o livro como uma criança ávida que receia a perda de um divertimento.

Henry lança um olhar para Theo, de novo. Ele avançou mais um pouco, de lado, e parece tenso, pronto para pular. Nigel está parado entre os dois, observando — mas está desiludido e há uma chance de que não faça nada. Além disso, Perowne está mais perto de Baxter e sem dúvida vai alcançá-lo antes que Nigel possa intervir. De novo, Perowne sente a pulsação bater forte nos ouvidos e vê uma porção de maneiras de aquilo dar errado. Henry olha de relance só mais uma vez para Theo e resolve contar mentalmente até três e então agir, seja lá qual for o resultado. Um...

De repente, Baxter se volta. Está lambendo os lábios, seu sorriso é ébrio e beatífico, seus olhos estão brilhantes. A voz é calorosa e treme de emoção

exaltada.

— Vou arriscar aquela experiência. Sei tudo a respeito. Estão tentando manter o assunto escondido, mas fico sempre de olho em tudo o que acontece. Sei o que está rolando.

— Que porra é essa? — diz Nigel.

— Sim.

— Você vai me mostrar o material.

— Sei, a experiência dos americanos. Está lá em cima, no escritório.

Ele quase esqueceu a sua mentira. Olha de novo para Theo, que agora, com os olhos, parece instigá-lo a cuidar logo do assunto. Mas Theo não sabe que não existe experiência nenhuma. E o preço de frustrar Baxter será alto.

Ele pôs o livro no bolso, tirou a faca e a balança na frente do rosto de Perowne.

— Vamos lá, vamos logo! Vou ficar bem atrás de você.

Está tão empolgado que poderia esfaquear alguém, em sua alegria. Fica repetindo em balbucios as suas palavras.

— A experiência. Você vai me mostrar tudo. Tudo, tudo, tudo...

Henry quer chegar perto de Rosalind, tocar sua mão, falar com ela, beijá-la — o mais leve contato seria o bastante, mas Baxter está bem na frente dele, agora, com aquele cheiro metálico peculiar no seu bafo. A idéia original era afastá-lo dos demais e separá-lo de Nigel. Não há motivo para não levar a idéia adiante. Assim, com um derradeiro olhar desesperado na direção de Rosalind, Henry se volta e caminha lentamente para a porta.

— E você, tome conta deles — diz Baxter para Nigel. — Todos são perigosos.

Segue Perowne pelo vestíbulo e começam a subir a escada, seus passos batem no mesmo ritmo sobre a pedra dos degraus. Henry tenta lembrar os papéis que estão sobre a sua escrivaninha e quais poderiam passar pelos que disse possuir. Não consegue lembrar, e seus pensamentos estão confusos por causa da necessidade de traçar um plano. Há um peso de papel, que ele poderia jogar, e um grampeador velho e pesado. A cadeira ortopédica de encosto alto do escritório é pesada demais para ser levantada. Ele não possui nem sequer uma espátula para cortar papel. Baxter está um passo atrás dele, bem nos seus calcanhares. Talvez um chute para trás possa dar certo.

— Eu sei que estão mantendo o assunto escondido — repete Baxter. — Querem cuidar só deles mesmos, não é?

Já estão quase na metade da escada. Mesmo se a experiência existisse, por que Baxter acreditaria que esse médico manteria a palavra, em vez de chamar a polícia? Porque está tão exultante quanto desesperado. Porque suas emoções estão desvairadas, e seu juízo está indo embora. Por causa do dano no seu núcleo caudado e no putâmen, e nas suas regiões frontais e temporais. Mas nada disso é relevante. Perowne precisa de um plano, e seus pensamentos são rápidos demais, abundantes em excesso — e agora ele e Baxter estão no amplo patamar diante da porta do escritório, dominado pela janela alta que dá para a rua, no ponto onde a rua desemboca na praça.

Henry hesita no limiar por um momento, na esperança de ver algo que possa usar. As luzes da escrivaninha têm bases pesadas, mas os fios emaranhados vão tolher seus movimentos. Numa estante de livros, há uma estatueta de pedra, que ele teria de alcançar sorrateiramente. Afora isso, o cômodo é semelhante a um museu, um santuário, dedicado a uma outra era, livre de preocupações — no sofá, coberto com um tapete de Bukhara, sua raquete de squash continua onde ele a jogou, quando foi verificar a lista de pacientes de segunda-feira. Na mesa grande junto à parede, o papel de parede do monitor — aquelas fotos do telescópio Hubble, no cosmos, nuvens de gás a anos-luz de distância, estrelas moribundas e estrelas vermelhas gigantes são incapazes de diminuir as mazelas terrenas. Na velha escrivaninha junto à janela, pilhas de papéis, talvez a única esperança.

— Vamos lá — pressiona Baxter, cutucando na parte de baixo das suas costas, e os dois entram juntos. É uma sensação vaga, de caminhar serenamente, num torpor, sem protesto, rumo à destruição. Henry não tem dúvida de que Baxter se sente livre o bastante para matá-lo.

— Onde está? Mostre.

Sua ansiedade e sua confiança são infantis, mas ele brande a sua faca. A despeito de suas razões diversas, os dois têm em mira as comprovações obtidas por uma experiência médica e um convite para que Baxter se integre ao grupo privilegiado. Henry se dirige para a escrivaninha, junto à janela, onde duas pilhas de revistas e separatas se inclinam uma para a outra. Olhando para baixo,

vê uma descrição de um novo método de fusão raquiana e uma nova técnica para abrir carótidas entupidas, e um artigo cético pondo em dúvida a lesão cirúrgica do *globus pallidus* no tratamento do mal de Parkinson. Escolhe este último e o levanta na mão. Não tem a menor idéia do que está fazendo, além de adiar o momento. Sua família está lá embaixo, e ele se sente muito solitário.

— Isto descreve a estrutura — começa a falar. Sua voz vacila, como aconteceria com um mentiroso, mas ele não pode fazer nada, exceto continuar a falar. — O negócio é este. O *globus pallidus* é uma coisa bastante bonita, vai fundo nos gânglios basais, uma das partes mais antigas do estriato do corpus e, hã, dividido em dois segmentos que...

Mas Baxter não está mais prestando atenção — virou a cabeça para escutar. Lá embaixo, ouvem-se passos pesados e rápidos que atravessam a sala, em seguida o barulho da porta da frente que se abre e bate, ao fechar. Será que ele foi abandonado pela segunda vez hoje? Atravessa o escritório correndo e sai até o patamar. Henry larga o artigo e vai atrás. O que vêem é Theo, que vem na direção deles, numa corrida, saltando três degraus de cada vez, sacudindo os braços, os dentes ferozmente à mostra, em seu esforço. Emite um som inarticulado, que soa como uma ordem. Henry já está se mexendo. Baxter recua a faca. Henry segura o seu pulso com as duas mãos, prendendo o braço. Enfim, contato. Um instante depois, Theo investe de dois degraus abaixo e segura Baxter pela lapela do casaco de couro e, com um giro do corpo, como um chicote, empurra-o e o desequilibra. Ao mesmo tempo, Perowne, ainda segurando o braço, pressiona com o ombro e, juntos, os dois o atiram escada abaixo.

Baxter cai de costas, com os braços estendidos, ainda com a faca na mão direita. Há um momento, que parece desdobrar-se e expandir-se com exuberância, durante o qual tudo fica em silêncio e parado, em que Baxter se encontra inteiramente no ar, suspenso no tempo, olhando para Henry com uma expressão, não tanto de terror, mas de desalento. E Henry acha que vê, nos grandes olhos castanhos, uma dolorosa acusação de traição. Ele, Henry Perowne, possui tanta coisa — trabalho, dinheiro, posição, o lar, acima de tudo, a família —, o filho bonito e saudável com mãos fortes de guitarrista para salvá-lo, a linda poeta que é sua filha, inatingível mesmo em sua nudez, o sogro

famoso, a esposa amorosa e talentosa; e não fez nada, não deu nada para Baxter, que tem tão pouca coisa que não foi afetada pelo seu gene defeituoso e que está prestes a ter ainda menos.

O lance de escada antes da curva é comprido, os degraus são de pedra dura. Com um barulho ondulante, como o de um sino, o pé esquerdo de Baxter esbarra numa fila de balaústres de ferro, antes que a sua cabeça bata no chão do patamar intermediário e se choque de encontro à parede, centímetros acima do rodapé.

Eles estão em choque de diferentes maneiras, e permanecem assim durante horas, depois que a polícia se foi e que a ambulância levou Baxter embora. Repentinos acessos de recordação, prementes e às vezes chorosos, são interrompidos por silêncios entorpecidos. Ninguém quer ficar sozinho, assim permanecem juntos, na sala de estar, uma terra de ninguém que separa a sua provação da retomada de suas vidas. Com a maleabilidade dos jovens, Theo e Daisy descem para a cozinha e voltam com garrafas de vinho tinto, água mineral e uma tigela de castanhas de caju salgadas, além de gelo e um pano para fazer uma compressa para o nariz do avô.

Mas o álcool, por mais saboroso que seja, mal produz seu efeito. E Henry prefere tomar água. O que satisfaz as necessidades deles é o toque — sentam-se perto uns dos outros, seguram as mãos, se abraçam. Ao despedir-se, o policial de plantão no turno da noite avisou que seus colegas viriam de manhã para tomar depoimentos formais e individuais. Portanto, eles não deveriam conversar nem comparar suas observações. É uma proibição inútil e nem passa pela cabeça deles obedecer. Não há o que fazer, exceto falar, cair no silêncio, e depois falar de novo. Eles têm a impressão de procederem a uma análise cuidadosa dos horríveis acontecimentos daquela noite. Mas é uma reconstituição mais simples, mais vital. Tudo o que fazem é descrever: quando entraram no quarto, quando ele se virou, quando o homem alto com cara de cavalo saiu da casa, de repente... Eles querem reviver tudo, de outro ponto de vista, e saber que é verdade tudo aquilo por que passaram, e sentir, nessas comparações precisas de sentimento e de observação, que estão sendo salvos de um pesadelo particular e

devolvidos à rede das relações sociais afetuosas e familiares, sem as quais eles não são nada. Foram assolados e dominados por intrusos porque não foram capazes de se comunicar e agir em conjunto; agora, afinal, podem.

Perowne cuida do nariz do sogro. John se recusa a ir ao pronto-socorro esta noite e ninguém tenta persuadi-lo. O inchaço já torna difícil um diagnóstico, mas o nariz não se deslocou da posição intermediária, e o palpite de Perowne é que se trata de uma microfratura no sistema maxilar — melhor do que uma cartilagem rompida. Durante boa parte desse trecho da noite, Henry fica sentado junto a Rosalind. Ela lhes mostra uma marca vermelha e um pequeno corte no pescoço e descreve um momento em que parou de se sentir aterrorizada e ficou indiferente diante do seu destino.

— Senti-me flutuando para longe — diz ela. — Era como se eu observasse todos nós, inclusive a mim mesma, de um canto da sala, junto ao teto. E eu pensava, se isso acontecer, não vou sentir nada, não vou ligar.

— Puxa, *nós* íamos ligar — diz Theo, e eles riem alto, alto demais.

Daisy conta, com uma alegria frágil, como foi despir-se diante de Baxter.

— Tentei fingir que tinha dez anos de idade, estava na escola, trocando de roupa para jogar hóquei. Eu não gostava da professora e odiava ter de trocar minha roupa quando ela estava presente. Mas lembrar-me dela me ajudou. Depois, tentei imaginar que eu estava no jardim, no castelo do vovô, recitando um poema para ele.

A questão que não se comenta é a gravidez de Daisy. Mas é cedo demais, Henry supõe, porque ela não se refere a isso, nem Rosalind.

Grammaticus diz, por trás da sua compressa:

— Sabe, parece uma completa loucura, mas, depois que Daisy recitou Arnold pela segunda vez, veio um momento em que comecei a, sinceramente, ter pena daquele sujeito. Acho, minha querida, que você o deixou apaixonado.

— Que Arnold? — pergunta Henry, e faz Daisy e o avô rirem. Henry acrescenta, mas ela parece não ouvir: — Sabe, não achei que era um dos melhores poemas que você escreveu.

Ele sabe o que Grammaticus quer dizer e podia começar a contar-lhes tudo sobre o estado de saúde de Baxter, porém, o sentimento de compaixão do próprio Henry está mudando de rumo; a visão da escoriação no pescoço de

Rosalind endurece seus sentimentos. Que fraqueza, que loucura delirante, permitir-se compaixão por um homem, doente ou não, que invade a sua casa desse jeito. Enquanto fica ali sentado ouvindo o que os outros dizem, sua raiva aumenta, até que ele quase começa a se arrepender dos cuidados de rotina que dedicou a Baxter, após a queda. Podia tê-lo deixado morrer de hipóxia e alegar incapacidade de agir, em virtude do estado de choque. Em vez disso, correu até ele, em companhia de Theo, e, ao dar com Baxter semi-inconsciente, abriu suas vias aéreas com uma pressão na mandíbula; supondo alguma lesão na espinha, mostrou a Theo como segurar a cabeça de Baxter, enquanto ele improvisava um colarinho com toalhas do banheiro situado no patamar intermediário da escada. No térreo, Rosalind chamava uma ambulância — os telefones não tinham sido cortados. Enquanto Theo ainda segurava a cabeça de Baxter, Perowne girou-o para a posição de recuperação e verificou os outros sinais vitais. Não estavam muito bons. A respiração estava ruidosa, o pulso, lento e fraco, as pupilas, ligeiramente desiguais. Nessa altura, Baxter murmurava para si mesmo, enquanto jazia de olhos fechados. Consequia responder qual era o seu nome e reagir a uma ordem para fechar os dedos — Perowne atribuiu a ele treze pontos, no índice Glasgow de coma. Foi ao escritório e telefonou antecipadamente para o pronto-socorro, falou com o médico-residente e informou o que o aguardava, e também disse para preparar um pedido de ressonância magnética e alertar o neurocirurgião de plantão. Depois disso, nada mais havia a fazer, exceto esperar que passassem os últimos minutos. Durante esse tempo, eles conseguiram tirar o livro de Daisy do bolso de Baxter. Theo continuou a amparar a sua cabeça até que chegaram dois rapazes do hospital, em macacões verdes, puseram um cateter em Baxter e, sob a orientação de Perowne, administraram fluido colóide intravenoso.

Dois guardas chegaram para apoiar a ambulância e, alguns minutos depois, o policial do Departamento de Investigações Criminais compareceu. Depois de ser apresentado à família e ouvir o relato de Perowne, disse-lhes que era muito tarde e que todos estavam abalados demais para dar depoimentos. Pegou com Perowne o número da placa do BMW vermelho e tomou nota do Spearmint Rhino. Examinou o talho no sofá, em seguida subiu a escada, ajoelhou-se perto de Baxter, tomou a faca da sua mão e largou-a dentro de um saco plástico

esterilizado. Recolheu uma lasca de sangue coagulado dos nós dos dedos da mão esquerda de Baxter — provavelmente, sangue do nariz de Grammaticus.

O detetive riu bem alto quando Theo perguntou se ele e o pai haviam cometido algum crime ao jogarem Baxter escada abaixo.

Cutucou Baxter com a ponta do sapato.

— Duvido que ele vá dar queixa. E nós não vamos fazer isso, com toda a certeza.

O detetive telefonou para a delegacia a fim de que enviassem dois policiais ao hospital para vigiar Baxter durante a noite. Quando recuperasse a consciência, seria preso. As acusações formais ficariam para depois. Após a advertência para não conversarem sobre suas observações, os três policiais foram embora. Os enfermeiros da ambulância instalaram e prenderam Baxter numa maca rígida e levaram-no embora.

Rosalind parece recuperar-se de forma impressionante. Talvez tenha passado apenas meia hora desde que a polícia e a ambulância se foram, quando ela sugere que faria bem a todos ir comer. Ninguém está com apetite, mas seguem-na até a cozinha, no andar de baixo. Enquanto Perowne reaquece o seu cozido e tira da geladeira os mariscos, os mexilhões, os camarões e o peixe, os filhos põem a mesa, Rosalind parte um pão e prepara um molho para a salada, e Grammaticus larga o seu saco de gelo para abrir mais uma garrafa de vinho. Essa atividade em comum é prazerosa e, vinte minutos depois, a refeição está pronta, e eles estão com fome, afinal. É até ligeiramente tranquilizador que Grammaticus esteja começando a ficar bêbado, embora continue num estágio benevolente. É nessa altura, quando estão se sentando à mesa, que Henry ouve o nome do poeta, Matthew Arnold, e é informado de que o poema que Daisy recitou, “Praia de Dover”, figura em todas as antologias e era ensinado em todas as escolas.

— Como o seu “Monte Fuji” — diz Henry, um comentário que agrada Grammaticus imensamente e o incita a ficar de pé e propor um brinde. John se encontra no seu estado de ânimo bem-humorado, um efeito reforçado pelo seu inchado nariz de palhaço. A noite parece estar de volta aos trilhos, pois ele tem na mão o exemplar com as provas de *Meu barco atrevido*.

— Esqueçam tudo o mais que aconteceu. Vamos erguer nossas taças em

homenagem a Daisy — diz ele. — Seus poemas assinalam um formidável início de carreira e sou um avô muito orgulhoso de receber a sua dedicatória. Quem poderia imaginar que aprender poemas de cor para ganhar uns trocados viria a ser algo tão útil. Após esta noite, acho que devo a ela outras cinco libras. A Daisy.

— A Daisy — respondem eles e, enquanto erguem suas taças, Daisy beija o avô e ele a abraça, em resposta. A reconciliação foi selada, A Rejeição do Newdigate foi esquecida.

Henry toca com os lábios o vinho, mas acha que perdeu o gosto pelo álcool. Assim que Daisy e o avô se sentam, o telefone toca e, como está mais perto, Henry atravessa a cozinha para atender à ligação. No estado fora do comum em que se encontra, não reconhece de pronto a voz americana.

— Henry? É você, Henry?

— Ah, Jay. Sim.

— Escute. Temos um extradural, um homem, vinte e poucos anos, caiu de uma escada. Sally Madden foi para casa com gripe uma hora atrás, então eu chamei o Rodney. O garoto é legal, e é bom, e não quer você por aqui. Mas, Henry, temos uma fratura com afundamento logo acima da cavidade nasal.

Perowne tosse um pigarro.

— Está encharcado e inchando?

— Exatamente. É por isso que estou me metendo nessa história. Já vi cirurgias inexperientes romperem a cavidade nasal ao levantarem o osso, e quatro litros de sangue derramados no chão. Quero alguém com máxima experiência aqui, e você é quem está mais próximo. Além do mais, é o melhor de todos.

De fora da cozinha, vem uma risada alta, pouco natural, exagerada como antes, quase estridente; não estão, de fato, fingindo terem esquecido o seu medo — simplesmente querem sobreviver ao medo. Há outros cirurgias que Jay pode chamar e, como regra geral, Perowne evita operar pessoas que conhece. Mas nesse caso é diferente. E, apesar de várias guinadas em sua atitude com relação a Baxter, alguma lucidez, e até certa firmeza, começa a tomar forma. Ele acha que sabe o que quer fazer.

— Henry? Está ouvindo?

— Estou indo para aí.

5.

A família está habituada às eventuais saídas de Perowne no meio do jantar — e, nesse caso, pode haver até certo efeito tranquilizador, a sugestão de um mundo que volta à rotina, quando avisa que foi convocado para ir ao hospital.

Inclina-se ao lado da cadeira de Daisy e lhe diz, ao ouvido.

— Temos muita coisa para conversar.

Sem se voltar, segura a mão da filha e a aperta. Está prestes a dizer para Theo, talvez pela terceira vez nessa noite, você salvou minha vida, mas em vez disso dá um meio sorriso para o filho e sussurra: “Vejo você mais tarde”. Theo nunca pareceu tão simpático, tão bonito como agora. Seus braços nus e esbeltos jazem sobre a mesa; os olhos solenes, castanho-claros, e suas pestanas recurvadas, a perfeição ofuscante do cabelo, da pele, dos dentes, da coluna ereta, sem defeitos — ele brilha na meia-luz da cozinha. Levanta seu copo — água mineral — e pergunta:

— Tem certeza de que está em condições, pai?

Grammaticus diz:

— Ele tem razão, você entende. Foi uma noite longa. Você pode matar algum pobre coitado. — Com seu cabelo prateado escorrido para trás e com a sua compressa no nariz, ele parece um leão com curativos, numa ilustração de livro infantil.

— Estou bem.

Haviam conversado sobre Theo trazer para a cozinha um violão, para acompanhar o avô, que ia cantar “St. James Infirmary”, pois Grammaticus está disposto a fazer uma imitação de Doc Watson. Rosalind e Daisy querem ouvir a gravação da nova composição de Theo, “Praça da cidade”. Ao redor da mesa, há um clima artificial de festa, de descontração frenética, que traz à memória de Henry o dia em que a família saiu para ir ao teatro no ano anterior — uma noite

de atrocidades aterradoras no teatro Royal Court. Depois, no jantar, passaram a noite entre risadas, recordando as férias de verão e bebendo demais.

Quando já se despediu de todos e está saindo, Grammaticus o chama:

— Ainda estaremos aqui quando você voltar.

Perowne sabe que isso é improvável, mas faz que sim com a cabeça, alegremente. Só Rosalind percebe uma alteração mais profunda em seu estado de ânimo. Levanta-se e o acompanha ao subir a escada e o observa enquanto ele veste seu sobretudo, apanha a carteira e as chaves.

— Henry, por que você aceitou ir?

— É ele.

— Então, por que aceitar?

Estão parados na porta da frente, com sua tranca tríplice e o brilho reconfortante do teclado eletrônico de segurança. Henry lhe dá um beijo, e então ela o puxa contra si pela lapela e beijam-se de novo, mais longa e profundamente. É uma reminiscência, uma lembrança do amor que haviam feito pela manhã, e também uma promessa; sem dúvida, é assim que deve terminar um dia como este. Ela está provocante, o que o excita. Bem abaixo do desejo de Henry, como um bloco de granito no fundo do mar, se encontra a sua exaustão. Mas, em ocasiões como esta, a caminho do centro cirúrgico, ele é profissionalmente adepto de resistir a todos os apelos.

Quando se separam, ele diz:

— Meu carro bateu de leve no carro dele esta manhã.

— Eu entendi.

— E também houve uma briga idiota, na calçada.

— E daí? Por que está indo operar?

Ela lambe o dedo indicador — ele gosta desse relance da língua de Rosalind — e ajeita os pêlos da sobrancelha de Henry. Estão mais espessos, com eriçadas voltinhas cinzentas e ruivas, e fios brancos que tendem à posição vertical, indício da testosterona coagulada que também pode fazer os pêlos das narinas e os cabelos crescerem como caniços no inverno. Mais sinais de declínio.

Henry diz:

— Tenho de resolver isso. Sou responsável. — Em resposta ao olhar interrogador de Rosalind, acrescenta: — Ele está péssimo. Talvez seja a doença

de Huntington.

— Ele é obviamente maluco, além de nojento. Mas, Henry, você não bebeu agora há pouco? Pode mesmo operar?

— Já faz tempo. Acho que a adrenalina limpou muito bem a minha cabeça.

Ela apalpa a lapela do sobretudo do marido e o mantém próximo. Não quer que ela vá embora. Henry a fita com carinho e com certa admiração, pois a sua provação terminou apenas duas ou três horas antes e, agora, ali está ela, fingindo ser totalmente a mesma outra vez, e, como sempre, ávida para conhecer os componentes de uma decisão incomum e amando-o à sua maneira precisa, rigorosa, uma advogada até a medula. Henry obriga seu olhar a desviar-se da escoriação no pescoço da esposa.

— Você vai ficar bem?

Ela baixou os olhos, enquanto organizava suas idéias. Quando os levanta, ele se vê, por algum efeito de luz, suspenso numa miniatura contra a arena negra de suas pupilas, envolto por uma área diminuta de íris semi-esverdeada.

Ela diz:

— Acho que sim. Olhe, estou preocupada com o fato de você ir operar.

— De que modo?

— Você não está pensando em fazer alguma coisa, algum tipo de vingança, está? Quero que você me diga.

— Claro que não.

Ele a puxa para si, e os dois se beijam, de novo, e dessa vez suas línguas se tocam e deslizam uma sobre a outra — em seu léxico privado, uma espécie de promessa. Vingança. Ele de repente duvida de que tenha, algum dia, ouvido essa palavra nos lábios da mulher. No murmúrio ligeiramente sem fôlego de Rosalind, a própria palavra soa erótica. E o que ele está fazendo, ao sair de casa, assim? No mesmo instante em que formula a pergunta, sabe que vai sair; superficialmente, é apenas um ímpeto — Jay Strauss e a equipe já estão a postos na sala de anestesia e começam a cuidar do paciente. Henry tem uma imagem da sua mão direita ao empurrar e abrir as portas de vaivém da sala de higiene. Num certo sentido, ele já saiu de casa, embora ainda esteja beijando Rosalind. Tem de se apressar.

Sussurra:

— Se eu tivesse agido com mais habilidade, hoje de manhã, talvez nada disso tivesse acontecido. Agora, Jay me chamou, eu achei que devia ir. E quero ir.

Rosalind olha para ele de lado, ainda querendo verificar suas intenções, o seu exato estado mental, a força do vínculo entre eles, nesse momento específico.

Uma vez que Henry está realmente curioso de conhecer os fatos, mas também para desviar a atenção da esposa, comenta:

— Quer dizer que vamos ser avós.

Há tristeza no sorriso de Rosalind.

— Está grávida há treze semanas e diz que está apaixonada. Giulio tem vinte e dois anos, é de Roma, estuda arqueologia em Paris. Os pais deram a eles dinheiro bastante para comprar um apartamento pequeno.

Henry luta contra pensamentos paternais, contra a emergente afronta desse ataque de um italiano desconhecido contra a paz e a coesão da família, ao depositar sua semente, de forma impertinente, sem antes se apresentar para uma inspeção, uma avaliação — onde está ele agora, por exemplo? E há a irritação por ter a família dele sabido primeiro e já ter tomado aquelas providências. Um apartamento pequeno. Treze semanas. Perowne pousa a mão na velha maçaneta de latão. Enfim, a gravidez de Daisy — o assunto recalcado da noite — se ergue à sua frente, em plena luz, uma calamidade, uma afronta e uma perda, um tema vasto demais para ser encarado ou lamentado, agora, quando estão à sua espera para começar o trabalho.

— Ah, meu Deus. Que confusão. Por que ela não nos contou? Ela pensou em interromper a gravidez?

— Está fora de questão, ao que parece. Querido, não comece a ficar nervoso pouco antes de operar.

— Como é que eles vão viver?

— Como nós vivemos.

Num êxtase de sexo e de pobreza estudantil, revezando-se nos cuidados com Daisy, ainda bebê, enquanto juntos apostavam corrida, ela na graduação em direito e num primeiro emprego de advogada, e ele nos primeiros anos de trabalho em neurocirurgia. Henry se lembra de si mesmo após um turno de trinta horas, carregando sua bicicleta por quatro lances de escada, com degraus de cimento, rumo ao choro insone de um bebê em início de dentição. E

naquele apartamento de um só cômodo em Archway, fechando a tábua de passar roupa para terem espaço para transar, tarde da noite, no chão da sala, junto à lareira a gás. Rosalind talvez tenha apelado a tais lembranças com o intuito de apaziguá-lo. Ele gosta da tentativa, mas fica embaraçado. O que será de Daisy Perowne, a poeta? Ele e Rosalind cruzavam seus quadros de horários e davam duro para dividir o fardo das tarefas domésticas. Homens italianos, por outro lado, são *pueri aeternae*, que esperam que a esposa substitua a mãe, e passe suas camisas e se queixem de suas cuecas. Esse Giulio incapaz podia destruir as esperanças da sua filha.

Henry se dá conta de que está cerrando o punho. Relaxa a mão e diz, sem sinceridade:

- Não posso pensar no assunto agora.
- É verdade. Nenhum de nós pode.
- É melhor ir logo.

Beijam-se de novo, sem erotismo dessa vez, com toda a moderação de uma despedida.

Quando ele abre a porta, ela diz:

— Ainda estou preocupada ao ver você sair de casa desse jeito. Quero dizer, nesse estado de ânimo. Prometa, nenhuma besteira.

Henry toca no seu braço.

- Prometo.

Quando a porta se fecha às suas costas e ele se afasta da casa, sente um prazer esclarecedor no ar frio e úmido da noite, em seus passos resolutos e, pode admiti-lo, em estar sozinho por um momento. Quem dera o hospital ficasse mais distante. De forma irresponsável, ele prolonga sua caminhada por meio minuto ao ir pela praça, em vez de seguir pela rua Warren. Os últimos e poucos flocos de neve que viu antes desapareceram, e choveu durante a noite; as pedras do calçamento da praça e as sarjetas de paralelepípedo reluzem, limpas, sob a luz branca da rua. Uma nuvem baixa e fumacenta roça o topo da Torre do Correio. A praça está deserta, o que também lhe agrada. Enquanto se apressa pelo lado leste, perto da cerca alta dos jardins, sob as árvores desfolhadas e

niveladas, que oscilam e rangem, a praça vazia se reduz à sua vastidão, à simplicidade das linhas arquitetônicas e às formas brancas e solenes.

Está tentando não pensar em Giulio. Em lugar disso, pensa em Roma, onde participou de um congresso de neurocirurgia dois anos antes, em quartos que dão para o Campo dei Fiori. Foi o prefeito em pessoa, Walter Veltroni, um homem calmo e civilizado, apaixonado por jazz, que abriu os trabalhos do congresso. No dia seguinte, em homenagem aos convidados, o palácio de Nero, o Domus Aurea, em grande parte ainda fechado ao público, foi aberto para eles, e Veltroni, em companhia de vários curadores, ofereceu aos médicos uma visita guiada. Perowne, que nada sabia sobre a antiguidade romana e ficou decepcionado ao ver que o local parecia ficar num subsolo, entrou por um portão numa encosta. Não era aquilo o que ele entendia por um palácio. Foram conduzidos por um túnel com cheiro de terra e iluminado por lâmpadas nuas. Distantes, nas laterais, ficavam cômodos sombrios, onde o trabalho de restauração estava em curso em trechos de paredes azulejadas. Um curador explicou — trezentos cômodos de mármore branco, afrescos, mosaicos com desenhos intrincados, piscinas, chafarizes e acabamento de marfim, mas nenhuma cozinha, nem banheiros ou lavatórios. Por fim, os médicos entraram num cenário de maravilhas — corredores pintados com pássaros, flores e desenhos complexos e repetidos. Viram quartos onde os afrescos apenas começavam a aparecer, por baixo de um espesso lodo de fuligem e de fungos. O palácio permaneceu ignorado por quinhentos anos, debaixo do entulho, até o início do Renascimento. Durante vinte anos, ficou fechado para os trabalhos de restauração, e sua abertura parcial fazia parte da comemoração do milênio, em Roma. Um curador apontou para um furo dentado, muito acima deles, num teto imenso e abobadado. Foi por ali que os ladrões do século xv escavaram a fim de roubar folhas de ouro. Mais tarde, Rafael e Michelangelo desceram por ali, presos em cordas; maravilhados, copiaram desenhos e pinturas que suas tochas fumegantes revelaram. Sua própria obra foi profundamente influenciada por tais incursões. Por meio do seu tradutor, Signor Veltroni formulou uma imagem que julgou ser do interesse dos convidados: os artistas abriram um furo nesse crânio de tijolos a fim de descobrir a mente da Roma antiga.

Perowne deixa a praça para trás e ruma para leste, atravessa a Tottenham

Court Road e caminha na direção da rua Gower. Quem dera que o prefeito tivesse razão, que penetrar no crânio revelasse aos olhos, não o cérebro, mas a mente. Nesse caso, dali a uma hora, ele, Perowne, talvez soubesse muito mais a respeito de Baxter; e, após um procedimento de rotina que repetiu por toda a vida, ele figuraria entre os homens mais sábios do mundo. Sábio o bastante para compreender Daisy? Não consegue evitar o assunto. Henry recusa-se a aceitar que talvez ela tenha escolhido engravidar. Mas, para o bem dela, ele precisa ser positivo e generoso. Aquele Giulio romano talvez seja apenas como os tipos admiráveis que vestiam guarda-pós que ele viu nos cômodos soturnos do Domus Aurea, limpando os azulejos dos mosaicos com suas escovas de dentes — a arqueologia é uma profissão honrada. É seu dever, supõe Henry, tentar gostar do pai do seu neto. O espoliador de sua filha. Quando, por fim, aceitar fazer uma visita, o jovem Giulio terá de aplicar uma boa dose do seu charme nativo.

Na rua Gower, as equipes de limpeza ainda estão em atividade, limpando os restos da manifestação. Talvez tenham só começado a trabalhar. Dos caminhões barulhentos, luzes de arco voltaico, com energia de gerador, iluminam montes de comida, de embalagens plásticas e de cartazes descartados que homens de casacos amarelos e laranjas empurram para a frente, com vassouras largas. Outros, com pás, despejam o lixo em caminhões abertos. O abraço do Estado é vasto, a postos para a guerra, a postos para a limpeza, depois da passagem dos dissidentes. E os restos têm um certo interesse arqueológico — um Não em Meu Nome, com a haste quebrada, está caído no meio de copinhos de polietileno, de hambúrgueres jogados fora e de panfletos novos em folha da Associação Britânica de Muçulmanos. Num amontoado, ele desvia o pé de um pedaço de pizza com fatias de abacaxi, de latas de feijão com rótulo xadrez, de um casaco de brim, caixinhas de leite vazias e de três latas fechadas de milho verde. Os detalhes são opressivos para ele, os objetos parecem comprimidos demais, prestes a romper as suas embalagens. Perowne ainda devia estar em estado de choque. Reconhece um dos varredores como o homem que viu nesta manhã varrendo a calçada na rua Warren: um dia inteiro atrás da vassoura e, agora, uma cortesia dos sujos acontecimentos do mundo, um serão pesado.

Em volta da entrada do hospital, há a costumeira aglomeração da noite de

sábado, e dois seguranças estão postados junto às portas duplas. Como é típico, as pessoas emergem, se bem que não de todo, de um sonho embriagado e recordam que viram um amigo ser embarcado numa ambulância pelas portas traseiras. Encontram o hospital, muitas vezes o hospital errado, e pedem com veemência para ver o amigo. O trabalho dos guardas consiste em livrar-se dos encrenqueiros, dos abusados ou dos descontrolados, dos que podem vomitar no chão da sala de espera, dar um soco numa autoridade, numa enfermeira filipina frágil ou em alguma médica novata, em suas últimas horas do plantão. Também têm a obrigação de manter afastados os sonecas impertinentes, que querem para si um banco ou um pedaço do piso no calor institucional. A amostra do público que comparece a um hospital nas horas tardias das noites de um final de semana nem sempre é bem-educada, gentil ou agradecida. Como Henry se lembra, trabalhar na emergência é uma lição de misantropia. Antigamente, eram tolerados os agressivos e também os sonecas, que tinham até um cantinho reservado na Emergência. Mas, ultimamente, aquilo que agora se chama de cultura modificou-se. A equipe médica já suportou demais. Querem proteção. Os bêbados e os que gostam de berrar são atirados para a calçada, por homens que trabalharam como leões-de-chácara e conhecem o seu trabalho. É mais uma importação americana, e não é má — tolerância zero. Mas há sempre o perigo de escorraçar um paciente genuíno; ferimentos na cabeça, bem como casos de sepsia ou de hipoglicemia, podem ser confundidos com casos de embriaguez.

Perowne abre caminho aos empurrões entre o pequeno aglomerado de gente. Quando alcança a primeira porta, os guardas, Mitch e Tony, ambos do Caribe, o reconhecem e deixam-no passar.

— Como vão as coisas?

Tony, cuja esposa morreu de câncer no seio no ano anterior e que pensa em fazer um curso de socorrista, responde:

— Tranquilo, sabe como é, mais ou menos.

— Pois é — diz Mitch. — Hoje é noite de baderna tranquila.

Os dois riem e Mitch acrescenta:

— Olha, senhor Perowne, todos os cirurgiões do primeiro time pegaram gripe.

— Eu não estou mesmo no primeiro time — responde Henry. — Hoje tem um caso de extradural.

— A gente viu.

— É. Olha, é melhor subir logo, senhor Perowne.

Mas, em vez de seguir direto rumo aos elevadores principais, ele faz um ligeiro desvio pela área de espera, na direção das salas de atendimento, para o caso de Jay e Rodney terem descido, nesse meio-tempo, para atender um outro paciente. Os bancos públicos estão sossegados, mas a sala comprida tem um aspecto degradado, exaurido, como que no fim de uma festa bem-sucedida. O ar está úmido e doce. Há latas de bebida no chão e um pé de meia no meio de embalagens de barra de chocolate, vendidas em uma máquina. Uma jovem está com o braço em volta do namorado, curvado para a frente, a cabeça entre os joelhos. Uma velha, com um sorriso fixo e apagado, aguarda pacientemente, com suas muletas no colo. Há mais uma ou duas pessoas que olham para o chão e alguém estirado ao comprido, adormecido sobre um banco, a cabeça coberta por um paletó. Perowne passa pela porta dos cubículos de atendimento rumo à sala de ressuscitação, onde uma equipe cuida de um homem que sangra muito pelo pescoço. Fora, na área principal, junto à sala dos médicos, ele vê Fares, o médico-residente de serviço na Emergência, com quem falou ao telefone.

Quando Perowne se aproxima, Fares diz:

— Ah, sei. Aquele seu amigo sobre quem me avisou, por telefone.

Examinamos a coluna cervical. A ressonância magnética mostrou um extradural bilateral, com provável fratura e afundamento. Ele perdeu uns pontos e então pedimos uma indução de seqüência rápida. Levaram-no para cima faz uma meia hora.

Um raio x do pescoço — a primeira medida investigativa — sugere que não haverá complicações com a respiração de Baxter. Seus níveis de consciência, medidos segundo o índice de coma de Glasgow, baixaram — não é bom sinal. Um anestesista — provavelmente um assistente de Jay — foi chamado para prepará-lo para uma cirurgia de emergência, o que deve ter compreendido, entre outras coisas, esvaziar o estômago de Baxter.

— Qual é o índice dele, agora?

— Baixou de treze para onze quando chegou.

Alguém chama o nome de Fare na sala de ressuscitação e, à guisa de desculpa, ele diz, enquanto sai:

— Briga de garrafadas numa fila de ônibus. E, ah, sim, senhor Perowne. Dois policiais subiram com o seu amigo.

Perowne pega o elevador até o terceiro andar. Assim que pisa na área ampla que dá acesso às portas duplas do setor de neurocirurgia, sente-se melhor. De um lar para o outro. Embora as coisas, às vezes, andem mal, aqui ele pode controlar os resultados, dispõe de recursos e de condições controladas. As portas estão trancadas. Espia através do vidro, mas não consegue ver ninguém por ali. Em vez de tocar a campainha, dá uma volta comprida pelo corredor que o leva pelo setor de tratamento intensivo. Gosta dali, à noite — a noite muda, o silêncio vigilante, em expansão, a calma solene da reduzida equipe noturna. Segue pelo amplo espaço entre os leitos, em meio a luzes que piscam e aos pios regulares dos aparelhos de monitoração. Nenhum desses pacientes é seu. Agora que Andrea Chapman foi transferida, todos os pacientes da lista de ontem voltaram para suas enfermarias. Isso é satisfatório. Na área de controle fora da UTI, o espaço parece estranhamente vazio. O amontoado costumeiro de carrinhos foi removido — amanhã, estarão de volta, junto com todo o alvoroço, os telefones que tocam sem parar, a irritação contida dos maqueiros. Em vez de chamar Rodney ou Jay para fora da sala de cirurgia, e para poupar tempo, vai direto para o vestiário.

Digita uma senha na fechadura e ingressa numa bagunça compacta e familiar, um tipo particular e masculino de chiqueirinho de criança, que faz lembrar um punhado de jovens delinquentes longe de casa. Usa uma chave para abrir o seu armário e começa a despir-se, às pressas. Lily Perowne ficaria horrorizada — espalhados pelo chão, há peças de roupa de cirurgia descartadas, algumas limpas, outras usadas, junto com os sacos plásticos em que vieram embaladas, e tênis, uma toalha, um suéter velho, uma calça jeans; por cima dos armários com chave, latas de Coca-Cola, uma velha prensa de raquete de tênis, duas partes de uma vara de pescar, que não se encaixam e que estão ali há

meses. Na parede, um cartaz irritado, impresso em computador, pergunta: É possível descartar da maneira correta as toalhas e as roupas cirúrgicas usadas? Algum gaiato rabiscou “Não”, embaixo. Outro cartaz, mais oficial, avisa: Não ponha seus pertences em risco. Antigamente, havia um cartaz na porta do sanitário que dizia: Favor levantar a tábua. Agora, há um que diz, resignado: Para reclamar das condições do sanitário, discar para o ramal 4040. Um paciente cirúrgico não se sentiria tranquilo com as prateleiras de trapos brancos, manchados de amarelo, vermelho e marrom, com pequenos frisos duros e secos de sangue coagulado, e as iniciais dos nomes toscamente rabiscadas a caneta esferográfica. Pode ser exasperante estar com pressa e não encontrar a sua roupa. Henry guarda a sua no armário com chave. Pega suas roupas, a parte de cima e a de baixo, da pilha “grande”, veste e faz questão de jogar o saco plástico na lixeira. Apesar do caos à sua volta, esses gestos o acalmam, assim como exercícios mentais antes de uma partida de xadrez. Na porta, pega um gorro de cirurgia numa pilha e o prende por trás da cabeça, enquanto avança pelo corredor vazio.

Entra na sala de cirurgia pela sala de anestesia. À sua espera, sentados junto à sua máquina, estão Jay Strauss e sua assistente, Gita Syal. Em volta da mesa, estão Emily, a instrumentadora, Joan, a auxiliar, e Rodney — com cara de um homem prestes a ser torturado. Perowne sabe, por experiência, como um médico-residente se sente quando o superior tem de vir ajudar, mesmo quando se trata de uma necessidade óbvia. Nesse caso, não foi uma decisão de Rodney. Jay Strauss se intrometeu onde não era chamado. Rodney não pode deixar de sentir que Jay o subestimou. Sobre a mesa, toldado pelos campos cirúrgicos, encontra-se Baxter, deitado de rosto para baixo. Tudo o que se vê é a vasta área da cabeça raspada, da nuca até o vértice, o cocuruto. Quando o paciente está oculto pelos campos cirúrgicos, a sensação de uma personalidade, de um indivíduo presente na sala de cirurgia, desaparece. Tamanha é a força do sentido da visão. Tudo o que permanece visível é um pequeno trecho da cabeça, a área de operação.

Há na sala uma atmosfera de tédio, de conversa trivial esgotada. Ou talvez Jay tenha feito uma pregação sobre a necessidade da guerra iminente. Rodney deve ter se mostrado relutante em manifestar suas opiniões pacifistas, com medo de

ser posto de lado.

Jay diz:

— Vinte e cinco minutos. Muito bem, patrão.

Henry levanta a mão em cumprimento e, em seguida, com um aceno, chama o jovem médico-residente até o quadro luminoso onde as ressonâncias magnéticas estão expostas. Num filme, dezesseis imagens, dezesseis fatias de toucinho, que cortam o cérebro de Baxter. O coágulo, espremido entre o crânio e a sua rígida camada membranosa interna, a dura-máter, situa-se na linha intermediária do crânio, na fronteira entre os dois hemisférios do cérebro. Está uns seis centímetros abaixo do vértice e é grande, quase perfeitamente redondo, e aparece num branco puro, na ressonância, com bordas precisas e reveladoras. A fratura também se mostra claramente visível, dezessete centímetros de comprimento, correndo em ângulo reto na linha intermediária. No seu centro, bem em cima dessa linha intermediária, está o osso partido, onde o crânio se acha parcialmente afundado. Logo abaixo dessa fratura com afundamento, vulnerável às pontas agudas do osso deslocado, inclinado como placas tectônicas, passa um vaso sanguíneo importante, o seio sagital superior. Ele se prolonga sobre a dobra — a foice do cérebro — onde os hemisférios se encontram, e é a veia mais importante que transporta o sangue do cérebro de volta. Ela se assenta, bem aninhada, no sulco formado no ponto onde a dura-máter se dobra separadamente em volta de cada hemisfério. Várias centenas de mililitros por minuto fluem pelo seio sagital superior, e um cirurgião pode cortá-la por acidente, quando levanta o osso quebrado. O sangue que escapa é tanto que não se consegue enxergar o bastante para se fazer o reparo. É nesse momento que um médico novato, com um ou dois anos de experiência, pode entrar em pânico. E é por isso que Jay Strauss chamou Henry.

Enquanto examina as ressonâncias, Perowne diz para Rodney:

— Fale-me sobre o paciente.

Rodney dá um pigarro. Sua língua parece estar grossa e pesada.

— Sexo masculino, vinte e poucos anos, caiu de uma escada faz cerca de três horas. Estava sonolento quando chegou, com um índice de coma de Glasgow de treze, que baixou para onze. Lacerações no crânio, nenhum outro ferimento registrado. Raio x da coluna normal. Fizeram uma ressonância, pediram uma

indução de seqüência rápida e o mandaram para cá.

Perowne olha por cima do ombro na direção dos monitores da máquina de anestesia. O pulso de Baxter indica oitenta e cinco e a pressão sangüínea, cento e trinta por noventa e quatro.

— E a ressonância?

Rodney hesita, talvez imaginando haver alguma armadilha, algo que ele não percebeu e que pode resultar numa humilhação. É um ótimo rapaz, de vez em quando tem comoventes saudades da Guiana, onde tem ambições de fundar, um dia, um centro de tratamento para ferimentos na cabeça. Antes, sua ambição era jogar rúgbi num time importante, até que a medicina e a neurocirurgia tomaram conta dele. Tem um rosto simpático, inteligente, dizem que as mulheres o adoram e ele transa com muitas delas. Perowne acha que Rodney vai ter uma grande carreira.

— Trata-se de uma fratura com afundamento, extradural e também — Rodney aponta para uma imagem, mais acima, no filme, e para uma pequena massa branca, com o formato de uma vírgula — subdural.

— Bom — murmura Perowne e, com essa única palavra, a noite de Rodney está salva. Existe, porém, uma terceira anormalidade que o médico-residente não observou. À medida que a medicina avança, certos macetes de diagnóstico caem em desuso entre os médicos mais jovens. Numa imagem mais acima, no filme, o caudado de Baxter, de ambos os lados do cérebro, carece da convexidade de costume, a protuberância normal e saudável no chifre anterior dos ventrículos laterais. Antes do teste de DNA, essa contração representava uma útil confirmação da presença da doença de Huntington. Henry jamais teve dúvidas de que tinha razão, mas a comprovação física proporciona uma satisfação fria e peculiar.

Henry pergunta para Jay:

— Temos sangue aí?

Gita Syal responde:

— Um bocado, na geladeira.

— O paciente está hemodinamicamente estável?

— Pressão sangüínea e pulso normais. Os exames de sangue pré-operatórios estão bons, a pressão respiratória é boa — diz Jay. — Estamos prontos para

começar, patrão.

Perowne lança um olhar para a cabeça de Baxter, a fim de verificar se Rodney raspou-a no lugar exato. A laceração se mostra lisa e limpa — antes uma parede, um rodapé, um piso de pedra, do que a areia e a sujeira que se vêem num ferimento, após um acidente de trânsito — e foi costurada pelo pessoal da Emergência. Mesmo sem tocar, Perowne consegue ver que o topo da cabeça do paciente tem uma região de inchaço — o sangue está se acumulando entre o osso e o couro cabeludo.

Satisfeito com o trabalho do médico-residente, diz a ele, enquanto se retira:
— Retire as suturas, enquanto vou me lavar.

Henry se detém no canto, a fim de escolher alguma música de piano. Opta pelas Variações Goldberg. Conta com quatro gravações diferentes, ali, e não opta pela heterodoxia espalhafatosa de Glenn Gould, mas sim pela execução judiciosa e suave de Angela Hewitt, que inclui todas as repetições.

Menos de cinco minutos depois, com um roupa cirúrgica comprida e descartável, de luvas e de máscara, volta para a mesa de operações. Acena com a cabeça para Gita, para ligar o CD. No carrinho de aço inoxidável que Emily pôs ao seu lado, pega uma esponja num grampo e a mergulha num pote de solução de betadina. A ária melancólica e terna começa a desdobrar-se e espalhar-se, de forma hesitante, parece, a princípio, e cria a impressão de que a sala de cirurgia é um local mais amplo ainda. Ao primeiro toque de amarelo girassol na pele pálida, uma satisfação familiar toma conta de Henry; é o prazer de saber exatamente o que está fazendo, de ver os instrumentos dispostos em ordem sobre o carrinho, de estar com a sua equipe no silêncio amortecido da sala de cirurgia, o sussurro do filtro de ar, o assovio mais incisivo da passagem do oxigênio para o interior da máscara presa com fitas ao rosto de Baxter, fora do seu campo de visão, por baixo dos campos cirúrgicos, a claridade das luzes, no alto. Uma lembrança da infância, o fascínio fechado de um jogo de tabuleiro.

Põe de lado o pincel e diz, tranquilo:

— Local.

Emily lhe dá a seringa que já preparou. Rapidamente, Perowne injeta em vários pontos, por baixo da pele, ao longo da linha da laceração e mais além. Não é estritamente necessário, mas a adrenalina presente na xilocaína ajuda a

reduzir o sangramento. A cada aplicação, o couro cabeludo incha imediatamente em calombos. Põe de lado a seringa e abre a mão. Não precisa pedir — Emily põe em seu poder o bisturi, delicadamente pesado. Com o bisturi, ele prolonga a laceração em vários centímetros, e a aprofunda. Rodney está bem ao seu lado, com o cauterizador bipolar, estancando os pontos de sangramento em dois ou em três lugares. A cada contato, soa um breve apito e uma fina coluna de fumaça cinzenta se ergue, junto com um cheiro acentuado de carne chamuscada. A despeito de ser um homem volumoso, Rodney habilmente evita atrapalhar os movimentos do seu superior e aplica os diminutos grampos azuis que ligam com firmeza a pele aberta e estancam o fluxo sanguíneo.

Perowne pede o primeiro dos grandes retratores auto-sustentáveis e coloca-o no lugar correto. Deixa Rodney colocar o segundo — e agora a longa incisão está aberta como uma boca escancarada, para deixar a nu o crânio e toda a lesão.

A fratura corre numa linha bastante reta. Sangue, um sangue alterado, sobe através dela. Depois de Rodney lavar a região com solução salinizada e enxugar, eles podem ver que a rachadura do osso tem cerca de dois milímetros de largura — parece uma fissura causada por um terremoto, vista do ar, ou uma rachadura no leito de um rio seco. A fratura com afundamento no centro apresenta dois segmentos de osso em declive, com outras três rachaduras mais finas que irradiam a partir deles. Não haverá necessidade de usar a broca para abrir um furo. Perowne poderá deslizar a serra dentro da fissura mais larga.

Emily lhe mostra o craniótomo, mas Henry não gosta do aspecto do pedal — parece meio torto. Joan vai correndo à sala preparatória e volta com outro. Está satisfatório e, enquanto ela o retira da embalagem esterilizada e o coloca em posição de uso, Henry diz para Rodney.

— Vamos abrir um vão livre em torno da fratura com afundamento, de modo que possamos ter controle absoluto do seio.

Dizem que ninguém abre tão depressa quanto Henry Perowne. Agora, ele age ainda mais depressa que de costume, porque não há nenhum perigo de danificar a dura-máter — o coágulo a pressiona, a empurra para longe do crânio. Embora Rodney se debruce com uma seringa com solução de Dakin

para lavar a borda do corte com a solução salinizada, o cheiro de osso chamuscado enche a sala de cirurgia. É um cheiro que Henry às vezes acha que adere às dobras de sua roupa, quando se despe ao fim de um longo dia. É impossível falar mais alto que o zumbido agudo do craniótomo. Com os olhos, indica para Rodney que ele deve observar com atenção. É necessário, agora, um cuidado excepcional, quando Perowne guia a serra na linha intermediária do crânio. Reduz a velocidade e inclina o pedal da broca para cima — do contrário, há o perigo de atingir e cortar o seio. É espantoso que o cérebro possa sofrer alguma lesão, fora da sala de cirurgia, quando se encontra protegido por uma camada de osso tão espessa. Enfim, Perowne terminou de cortar uma forma oval completa, atrás da coroa da cabeça de Baxter. Antes de levantar a aba do osso, examina os fragmentos da fratura com afundamento. Pede um dissector Watson Cheyne e os levanta, delicadamente, com um movimento de alavanca. Eles saem com facilidade, e Henry os coloca na bandeja em formato de rim, cheia de betadina, que Emily lhe oferece.

Agora, usando o mesmo dissector, Henry levanta a aba solta inteira e a afasta do crânio, um grande pedaço de osso semelhante a uma lasca de coco, e a coloca na bandeja junto com os demais pedacinhos. O coágulo se acha inteiramente à mostra, de um vermelho tão escuro que é quase negro, e da consistência de uma geléia recém-preparada. Ou, como Perowne às vezes pensa, como uma placenta. Porém, em torno das bordas do coágulo, o sangue flui livremente, agora que a pressão da aba de osso foi removida. O sangue vaza da parte de trás da cabeça de Baxter, sobre os campos cirúrgicos e no chão.

— Levante a cabeceira da mesa. Dê-me o máximo que puder — diz Henry para Jay. Se o sangramento estiver num nível mais alto do que o coração, o sangue correrá com menos abundância. A mesa se eleva, e Henry e Rodney recuam um passo, rapidamente, no meio do sangue em seus pés e, trabalhando juntos, utilizam um sugador e um elevador Adson a fim de remover o coágulo. Irrigam a região com solução salinizada e, por fim, conseguem enxergar o corte no seio, com cerca de meio centímetro. A aba de osso foi bem cortada — a lesão está bem no centro da região exposta. O sangue que jorra logo encobre sua visão outra vez. Uma borda do osso do fragmento afundado deve ter perfurado o vaso sanguíneo. Enquanto Rodney segura o sugador na posição

devida, Perowne pega uma tira de surgicel e a aplica sobre o talho, coloca um chumaço absorvente por cima e indica a Rodney que pressione ali com a ponta do dedo.

Henry pergunta a Jay:

— Quanto sangue perdemos?

Ouve Jay perguntar a Joan quanta irrigação foi utilizada. Juntos, fazem o cálculo.

— Dois vírgula cinco litros — responde o anestesista, serenamente.

Perowne está a ponto de pedir o elevador periostal, mas Emily já o pôs na sua mão. Ele encontra uma região do crânio exposta que não foi atingida pela lesão e, com o elevador — uma espécie de raspadeira —, ceifa dois pedaços compridos do pericrânio, a membrana fibrosa que recobre o osso. Rodney levanta o chumaço absorvente e está a ponto de erguer também o surgicel do talho, mas Perowne balança a cabeça. Um coágulo pode já estar se formando, e ele não quer perturbá-lo. Coloca delicadamente a tira de pericrânio sobre o surgicel e acrescenta uma segunda camada de surgicel e uma segunda tira de pericrânio, e põe outro absorvente por cima. Em seguida, o dedo de Rodney. Perowne enxágua a região mais uma vez, com solução salinizada, e espera. A opaca dura-máter, branca e azulada, permanece desimpedida. O sangramento estancou.

Mas eles não podem, ainda, começar a fechar. Perowne pega um escalpelo e faz uma pequena incisão na dura-máter, abre um pouco e espia lá dentro. A superfície do cérebro de Baxter está de fato recoberta por um coágulo, muito menor que o primeiro. Prolonga a incisão, e Rodney arregaça a dura-máter com a ajuda de suturas de suporte. Perowne aprecia muito a presteza do trabalho do seu auxiliar. Rodney utiliza o Adson a fim de retirar o sangue coagulado. Lavam com solução salinizada, sugam a mistura e aguardam para verificar se o sangramento continua — Perowne desconfia que uma das granulações da aracnóide próximas possa ser uma fonte de sangramento. Não há nada, mas ele não fecha, ainda. Prefere esperar alguns minutos, só para ter certeza.

Nessa pausa, Rodney vai até uma mesa junto à porta da sala preparatória e senta-se para beber uma garrafa de água. Emily está atarefada com a bandeja de instrumentos, Joan está cuidando da larga poça de sangue no piso.

Jay interrompe uma conversa em murmúrios com sua assistente para dizer a Perowne.

— Por aqui, está tudo bem.

Henry continua na cabeceira da mesa de operações. Embora tenha consciência da música, só agora lhe dá toda a sua atenção outra vez. Passou-se bem mais de uma hora, e Hewitt já está na variação final, a *Quodlibet* — ruidosa e divertida, até meio safada, com seus ecos de canções camponesas, que falam de comida e de sexo. Os últimos e exultantes acordes se apagam, um silêncio de alguns segundos, então a *Ária* recomeça, idêntica no papel, mas modificada por todas as variações que vieram antes, ainda terna, mas também resignada, e mais triste, as notas do piano flutuam ao longe, como vindas de um outro mundo, e só crescem lentamente. Henry está olhando para baixo, para um trecho do cérebro de Baxter. Pode convencer-se com facilidade de que se trata de um território familiar a ele, uma espécie de terra natal, com seus montes e vales recolhidos, e seus sulcos, cada um com um nome próprio e uma função determinada, tão conhecidos para ele quanto a sua própria casa. Logo à esquerda da linha intermediária do crânio, correndo lateralmente para fora do seu campo de visão, por baixo do osso, se encontra a faixa motora. Atrás, avançando numa linha paralela, se encontra a faixa sensorial. Tão fácil de lesionar, com conseqüências terríveis e permanentes. Quanto tempo ele passou abrindo acessos a fim de evitar essas regiões, como se fossem bairros perigosos numa cidade nos Estados Unidos. E essa familiaridade o deixa, todos os dias, insensível à sua própria ignorância, bem como à ignorância geral. Apesar de todos os recentes avanços, ainda não se sabe como esse protegidíssimo um quilo, ou um quilo e pouco, de células efetivamente codifica informações, como preserva experiências, lembranças, sonhos e intenções. Henry não tem dúvida de que, nos anos vindouros, o mecanismo de codificação será conhecido, ainda que isso não venha a ocorrer enquanto ele estiver vivo. Assim como ocorreu com os códigos digitais de replicação da vida contidos no DNA, o segredo fundamental do cérebro será revelado um dia. Mas, mesmo quando isso acontecer, continuará a existir o assombro diante do fato de um bolo molhado poder criar esse radiante cinema interior, feito de pensamento, de visão, de som e de tato, e produzir uma ilusão tão perfeita de um presente instantâneo, com

um eu, mais uma ilusão magnificamente forjada, que paira como um fantasma em seu centro. Será que algum dia se conseguiria explicar como a matéria se transforma em consciência? Henry não consegue nem começar a imaginar uma explicação satisfatória, mas sabe que ela virá, o segredo será desvendado — no decorrer de décadas, contanto que os cientistas e as instituições continuem a existir, as explicações irão se depurar, até chegarem a uma verdade irrefutável a respeito da consciência. Já está acontecendo, o trabalho está sendo feito em laboratórios não distantes dessa sala de cirurgia, e a viagem chegará ao fim, Henry tem certeza. É o único tipo de fé que ele tem. Há algo de sublime nessa visão da vida.

Ninguém mais na sala de cirurgia sabe a respeito do estado incurável desse cérebro, em particular. A faixa motora, para a qual Henry olha agora, já se encontra comprometida pela doença, muito provavelmente devido à deterioração do caudado e do putâmen, situados no fundo, no centro do cérebro. Henry coloca o dedo na superfície do córtex de Baxter. Às vezes, toca um cérebro no início de uma cirurgia de tumor, a fim de verificar sua consistência. Que maravilhoso conto de fadas, como era humano e compreensível o sonho de curar com o toque da mão. Se isso pudesse ser realizado apenas com a carícia de um dedo indicador, ele o faria agora mesmo. Mas os limites da arte, da neurocirurgia tal como se encontra hoje, são bastante claros: em face daqueles códigos ignorados, aquela densa e formidável rede de circuitos, ele e seus colegas oferecem apenas um excelente serviço de encanadores.

O irremediável cérebro de Baxter, exposto à radiante luz da sala de cirurgia, permaneceu sem mácula durante vários minutos — não há nenhum sinal de sangramento na granulação da aracnóide.

Perowne faz que sim com a cabeça para Rodney.

— Parece que está bom. Pode fechar.

Como está satisfeito com o médico-residente e quer que ele se sinta melhor a respeito daquela noite, Perowne permite que assuma o comando. Rodney costura a dura-máter com linha púrpura — Vycril 3-0 — e introduz o dreno extradural. Recoloca a aba de osso, junto com os dois pedaços quebrados da fratura com afundamento. Em seguida, perfura o crânio a fim de aparafusar no

lugar devido as placas de titânio, que mantêm o osso seguro. Essa parte do crânio de Baxter parece, agora, uma pavimentação maluca, ou a cabeça de uma boneca de louça que se quebrou e foi toscamente consertada. Rodney introduz o dreno subgaleal e depois trata de costurar a pele do couro cabeludo com Vycril 2-0 e crava os grampos de pele. Perowne pede a Gita que ponha para tocar o Adágio para cordas de Barber. A música tem sido tocada à exaustão nas rádios, nos últimos anos, mas Henry às vezes gosta de ouvi-la no estágio final de uma operação. Essa música relaxante, meditativa, sugere um demorado trabalho que, enfim, chega ao seu término.

Rodney põe clorexadina na ferida e ao redor, e aplica um pequeno curativo. É nesse ponto que Henry reassume o comando — prefere fazer ele mesmo o curativo da cabeça. Solta, um por um, os grampos do fixador de cabeça. Pega três grandes chumaços de gaze abertos e os coloca direto na cabeça de Baxter. Nos lados, coloca mais dois chumaços de gaze. Enquanto segura os cinco chumaços com a mão esquerda, começa a correr uma comprida atadura de crepe ao redor da cabeça de Baxter, escorando-a na própria cintura. Fazê-lo é técnica e fisicamente difícil, enquanto se desvia dos dois drenos e evita que a cabeça tombe. Quando, por fim, a atadura da cabeça está segura e na posição correta, todos na sala de cirurgia, a equipe inteira, convergem para Baxter — é o momento em que a identidade do paciente é recuperada, em que uma pequena área do cérebro brutalmente desnudada é devolvida à posse da pessoa em sua integridade. Esse gesto de desembrulhar o paciente assinala um retorno à vida, e Henry tem a sensação de que, se já não tivesse presenciado aquilo centenas de vezes, poderia confundir seu sentimento com uma ternura. Enquanto Emily e Joan retiram delicadamente os campos cirúrgicos que recobrem o peito e as pernas de Baxter, Rodney verifica se os tubos, os drenos e as sondas não saíram do lugar. Gita está retirando as almofadinhas que foram presas com fita adesiva aos olhos do paciente. Jay desprende da perna de Baxter a toalha inflável de aquecimento. Henry fica parado junto à ponta da mesa de operações, com a cabeça do paciente aninhada em suas mãos. O corpo impotente se desvenda, num avental hospitalar, e parece pequeno sobre a mesa. A melodia meditativa e descendente das cordas orquestrais parece ser dirigida apenas a Baxter. Joan puxa um cobertor sobre ele. Tomando cuidado para não emaranhar os drenos

extradural e subgaleal, eles viram Baxter de barriga para cima. Rodney põe na ponta da mesa uma almofada em formato de ferradura, e Henry pousa a cabeça de Baxter sobre ela.

Jay diz:

— Quer que eu o mantenha sedado a noite inteira?

— Não — responde Henry. — Vamos acordá-lo agora.

O anestesista vai libertar Baxter — basta suspender as drogas —, controlando sua respiração a partir do ventilador. A fim de monitorar a transição, Strauss segura na palma da mão um saquinho preto, o reservatório de ar, através do qual passará a respiração de Baxter. Jay prefere confiar no seu tato, em lugar dos instrumentos eletrônicos da máquina de anestesia. Perowne tira suas luvas de borracha e, num gesto ritual, atira-as na direção da lata de lixo, do outro lado da sala. Elas caem dentro da lata — sempre um bom sinal.

Despe sua roupa cirúrgica e a enfia também dentro da lata de lixo, em seguida, ainda de gorro, segue pelo corredor para pegar o formulário onde vai fazer o registro da cirurgia. Junto à escrivaninha, encontra dois policiais à sua espera e lhes diz que Baxter será transferido dentro de dez minutos para a Unidade de Terapia Intensiva. Quando volta, há uma atmosfera diferente na sala de cirurgia. Música *country* — o gosto de Jay — tomou o lugar de Samuel Barber. Emmylou Harris canta “Boulder to Birmingham”. Emily e Joan conversam a respeito do casamento de uma amiga, enquanto limpam a sala de cirurgia — no turno da noite, essa tarefa maçante recai nos ombros das enfermeiras de cirurgia. Os dois anestesistas e Rodney Browne conversam sobre o rendimento de hipotecas e índices de juros, enquanto fazem os últimos preparativos para o paciente ser transferido para a terapia intensiva. Baxter está deitado, quieto, de barriga para cima, ainda sem mostrar nenhum sinal de consciência. Henry puxa uma cadeira e começa a fazer suas anotações. No espaço destinado ao nome, escreve “conhecido como Baxter” e, na data do nascimento, “idade estimada, mais ou menos 25”. Todos os demais detalhes pessoais, ele tem de deixar em branco.

— Vocês têm de comprar mais — diz Jay para Gita e Rodney. — O mercado está bom para comprar.

— É um borrifador de protetor solar — diz Joan para Emily. — Ela não pode

pegar sol porque tem carcinoma de célula basal. Agora, está com as mãos, o rosto e tudo de uma cor laranja brilhante, e o casamento vai ser no sábado.

A conversa soa tranqüilizadora para Henry, enquanto escreve rapidamente “extra/subdural, reparo no seio sagital superior, paciente de brucos, cabeça elevada e fixada, ferimento estendido/retraído, aba de osso solta...”.

Durante as duas horas que se passaram, ele esteve num sonho absorto, que diluiu toda sensação de tempo e toda consciência das outras partes da sua vida. Mesmo a consciência da própria existência desapareceu. Foi lançado num presente puro, livre do peso do passado ou de qualquer preocupação acerca do futuro. Em retrospecto, se bem que nunca no momento, parece uma felicidade profunda. É um pouco semelhante ao sexo, pois ele se sente em um outro meio, porém é menos obviamente prazeroso e, sem dúvida, não é sensual. Tal estado mental traz uma satisfação que ele nunca encontra em nenhuma outra forma de distração passiva. Livros, cinema, até música não conseguem lhe proporcionar isso. Trabalhar com outras pessoas faz parte da sensação, mas não é tudo. Essa dissociação benevolente parece requerer dificuldade, demoradas exigências de concentração e destreza, pressão, problemas para resolver, e até perigo. Sente-se calmo, à vontade, plenamente apto a existir. É um sentimento de vazio esclarecido, de alegria profunda e silenciosa. Sem contar a música de Theo e fazer amor, estar de volta ao trabalho lhe trouxe mais felicidade do que qualquer outro momento desse dia de folga, o seu precioso sábado. Quando se levanta para sair da sala de cirurgia, conclui que deve haver algo errado com ele.

* * *

Pega o elevador para descer um andar e segue por um corredor sombrio e de piso polido, rumo à enfermaria da neurologia, onde se apresenta à enfermeira de plantão. Em seguida, entra e se detém na porta de um quarto com quatro leitos, a fim de olhar através do vidro. Vendo uma luz de leitura acesa acima do leito mais próximo, ele abre a porta silenciosamente e entra. Ela está sentada e escreve num caderno com capa de plástico rosada. Quando se senta a seu lado, e antes que ela tenha tempo de fechar o caderno, Henry repara que, em lugar do ponto de cada letra i, ela desenhou um caprichado coração. Ela lhe dirige

um sonolento sorriso de boas-vindas. A voz de Henry é pouco mais que um sussurro.

— Não consegue dormir?

— Me deram um remédio, mas não consigo fazer minha cabeça parar.

— Também tenho isso. Na verdade, tive isso na noite passada. Eu estava de passagem e então... Uma boa hora de eu vir lhe dizer pessoalmente. A operação correu muito bem mesmo.

Com a sua bonita pele escura, o rosto redondo e encantador e a grossa atadura de crepe que Henry enrolou na sua cabeça ontem à tarde, ela tem um aspecto grave e sepulcral. Uma rainha africana. Ela se retorce para deitar-se na cama e puxa o cobertor até os ombros, como uma criança que se apronta para ouvir uma habitual história da hora de dormir. Abraça o caderno contra o peito.

— Você tirou tudo como tinha dito?

— Saiu como um sonho. Rolou para fora. Até o último pedacinho.

— Como é aquela palavra que você falou antes, sobre o que vai acontecer?

Henry fica intrigado. A mudança de atitude nela, sua afeição comunicativa, o abandono do agressivo linguajar das ruas, isso não pode ser resultado do medicamento que tomou, ou do cansaço. A área que ele operou, o vermes, não tem relação com nenhuma função emocional.

— Prognóstico — responde.

— Isso. Então, doutor, qual é o prognóstico?

— Excelente. Suas chances de uma recuperação completa são de cem por cento.

Ela se encolhe ainda mais fundo nas cobertas.

— Adoro ouvir você falar isso. Diga de novo.

Ele a atende e dá à sua voz o tom mais sonoro e confiável de que é capaz. Deduziu que, o que quer que tenha mudado na vida de Andrea Chapman, deve estar anotado naquele seu caderno. Henry toca na capa com o dedo.

— O que é que você tanto gosta de escrever?

— É segredo — responde, depressa. Mas seus olhos brilham e seus lábios se separam, como se estivesse à beira de falar. Em seguida, muda de idéia e mantém os lábios fechados, com força, e, com um olhar malicioso, desvia dele os olhos e mira o teto. Está louca de vontade de contar.

Ele diz:

— Sou muito bom para guardar segredos. A gente tem de ser assim, quando é médico.

— Não vai contar para ninguém, vai?

— Não vou.

— Jura solenemente, sobre a Bíblia?

— Juro que não vou contar a ninguém.

— É isso. Está bem? Resolvi que vou ser médica.

— Excelente.

— Uma cirurgiaã. Uma cirurgiaã do cérebro.

— Melhor ainda. Mas vai ter de se habituar a chamar-se de neurocirurgiaã.

— Está bem. Uma neurocirurgiaã. Saiam todos da frente! Vou ser neurocirurgiaã.

Ninguém jamais saberá quantas carreiras médicas, reais ou imaginárias, tiveram início na infância, durante um torpor pós-operatório. Ao longo dos anos, algumas crianças declararam tal intenção para Henry Perowne, em suas rondas nas enfermarias, mas nenhuma se entusiasmou tanto com a idéia como Andrea Chapman agora. Está empolgada demais para ficar deitada sob as cobertas. Debate-se com o cobertor, ergue-se com o cotovelo apoiado no colchão e, do melhor jeito que é capaz, com o dreno ainda no cérebro, repousa a cabeça na mão. O olhar está voltado para baixo, e ela pensa cuidadosamente, antes de fazer a pergunta.

— Você estava fazendo uma operação, agora?

— Sim. Um homem caiu de uma escada e quebrou a cabeça.

Mas ela não está interessada no paciente.

— O doutor Browne estava lá?

— Estava, sim.

É isso. Ela ergue os olhos para Henry, com uma expressão de honestidade e de súplica. Eles estão no coração do segredo.

— Não é um médico maravilhoso?

— Ah, ele é muito bom. O melhor. Gostou dele, não foi?

Incapaz de falar, ela faz que sim com a cabeça, e Henry espera um longo tempo.

— Você se apaixonou por ele.

Em face da pronúncia das palavras sagradas, ela se encolhe, em seguida, verifica se no rosto de Henry há alguma zombaria. Acha-o de uma seriedade impenetrável.

Ele diz, com delicadeza:

— Não acha que é um pouco velho para você?

— Tenho *catorze* anos — retruca. — Rodney tem só trinta e um. E acontece que...

Ela se senta, agora, ainda apertando o caderno cor-de-rosa no peito, feliz por estar tratando, afinal, do único assunto de verdade.

— ... ele vem aqui e senta onde você está e me diz que, se eu quero ser médica, tenho de levar a sério os estudos e tudo isso, e tenho de parar de ir às boates e tudo, e ele nem sabe o que está acontecendo entre nós. Está acontecendo sem ele. Ele não tem a menor idéia! Eu sei, ele é mais velho do que eu, é um cirurgião importante e tudo. Mas é tão *inocente*!

Ela traça um esboço do seu plano. Assim que for uma médica plenamente qualificada — dali a vinte e cinco anos, segundo os cálculos particulares de Henry —, vai se unir a Rodney na Guiana para ajudá-lo a administrar a sua clínica. Depois de ouvir a paciente falar mais cinco minutos sobre Rodney, Perowne se levanta para sair. Quando chega à porta, ela diz:

— Lembra que você disse que ia fazer um vídeo da minha operação?

— Sim.

— Posso ver?

— Acho que sim. Mas tem certeza de que quer mesmo ver?

— Ah, meu Deus. Vou ser neurocirurgiã, lembra? Preciso ver. Quero enxergar lá dentro da minha cabeça. Depois, vou ter de mostrar para o Rodney.

Ao sair, comunica à enfermeira que Andrea está acordada e bem-disposta, em seguida pega o elevador de novo para o terceiro andar e volta pelo corredor comprido, que passa por trás do setor de neurocirurgia e conduz à entrada principal do centro de terapia intensiva. Numa penumbra apaziguadora, ele segue pela ampla avenida de leitos, com suas máquinas vigilantes e suas luzes

coloridas, que piscam. Trazem à sua memória os letreiros de neon numa rua deserta — o quarto amplo tem a tranquilidade efêmera de uma cidade, pouco antes do crepúsculo. Na escrivaninha, ele encontra o enfermeiro de plantão, Brian Reid, natural de Newcastle, ocupado em preencher formulários, e é informado de que todos os sinais vitais de Baxter estão bons, ele voltou a si e está cochilando. Reid acena com a cabeça, de modo significativo, para os dois guardas sentados na sombra, perto do leito de Baxter. Perowne tinha intenção de caminhar de volta para casa tão logo fosse informado de que o paciente se encontrava estável, mas, quando se afasta da escrivaninha, se dá conta de que segue em frente. À sua aproximação, os policiais, entediados e meio adormecidos, ficam de pé e, educadamente, explicam que vão esperar no corredor, lá fora.

Baxter está deitado de costas, os braços esticados ao longo do corpo, ligado a todas as máquinas, respirando com facilidade através do nariz. Não há o menor tremor em suas mãos, nota Perowne. O sono é o único alívio. O sono e a morte. A atadura na cabeça não enobrece Baxter, como acontecia no caso de Andrea. Com sua pesada barba por fazer e o inchaço escuro sob os olhos, parece um lutador nocauteado por um soco mortal, ou um chefe de garçons esgotado, que cochila na despensa, no seu horário livre. O sono relaxou sua mandíbula e atenuou o aspecto simiesco de um focinho. A testa relaxou seu franzido habitual, em face da ultrajante injustiça do seu estado de saúde e, em repouso, o favoreceu com um certo aspecto de lucidez.

Perowne puxa uma cadeira e se senta. Uma paciente na extremidade do quarto levanta a voz, talvez dormindo, um grito contundente de espanto, repetido três vezes. Sem se virar, Henry percebe que o enfermeiro avança na direção dela. Perowne olha para o relógio. Três e meia. Sabe que deve ir para casa, que não deve adormecer na cadeira. Mas agora está ali, quase por um acidente, tem de ficar um tempo, e não vai cochilar porque está sentindo coisas demais, está sensível a demasiados impulsos contraditórios. Seus pensamentos assumiram um aspecto sinuoso, de serpente, guiados pelo mesmo poder ondulante que está fazendo encrespar-se o espaço do quarto comprido, bem como o piso embaixo da sua cadeira. Os sentimentos tornaram-se, aliás, como a própria luz — ondulatórios, como diziam na sua aula de física. Ele precisa ficar

ali e, à sua maneira habitual, decompor os sentimentos em seus elementos mínimos, os *quanta*, e encontrar todas as causas distais e proximais; só então saberá o que fazer, o que é certo. Desliza as mãos ao redor do pulso de Baxter e sente a sua pulsação. É totalmente desnecessário, porque o monitor mostra uma leitura em numerais azuis brilhantes — sessenta e cinco batidas por minuto. Ele o faz porque quer. Foi uma das primeiras coisas que aprendeu a fazer, quando estudante. Simples, uma questão de contato primário, que tranqüiliza o paciente — contanto que seja feito por um profissional confiante. Contar as batidas, aquelas passadas suaves, ao longo de quinze segundos, e depois multiplicar por quatro. O enfermeiro ainda está na outra extremidade da enfermaria. Os policiais, no corredor, são apenas visíveis, através de um vidro na porta de vaivém da terapia intensiva. Passa-se muito mais de um quarto de minuto. Na verdade, está segurando a mão de Baxter, enquanto tenta selecionar e ordenar seus pensamentos e decidir exatamente o que deve fazer.

Rosalind deixou uma luminária acesa, no quarto, junto ao sofá, abaixo do espelho; o interruptor está regulado para luz fraca, e a lâmpada fornece menos claridade do que uma vela; está deitada de lado, encolhida, com as cobertas emboladas na altura da barriga e os travesseiros estão jogados no chão — sinais seguros de um sono conturbado. Ele a observa do pé da cama durante mais ou menos um minuto, esperando para ver se a perturbou, ao entrar. Ela parece jovem — seu cabelo tombou para a frente, sobre o rosto, dando-lhe um aspecto desinibido, dissoluto. Ele vai ao banheiro e se despe na penumbra, porque não quer se ver no espelho — a visão do seu rosto abatido podia desencadear uma reflexão sobre o envelhecimento, que acabaria por envenenar o seu sono. Toma um banho de chuveiro a fim de lavar o suor da concentração e todos os vestígios do hospital — imagina o pó fino do osso do crânio de Baxter alojado nos poros da sua testa — e se ensaboa com energia. Enquanto se enxuga, nota que, mesmo na luz fraca, o hematoma em seu peito é visível e parece ter se espalhado, como uma mancha num pano. Porém dói menos, quando o toca. Parece, agora, uma lembrança remota, de meses antes, quando levou aquele murro e sentiu a penetrante crista de uma onda de choque percorrer seu corpo.

Mais humilhação do que dor. Talvez devesse acender a luz, afinal, e examinar melhor.

Mas vai para o quarto, ainda enrolado numa toalha, e apaga a luz. Uma persiana permanece entreaberta, com um vão de dois centímetros e meio, lançando uma faixa de luz branca e embaçada ao longo do chão e na parede em frente. Ele não se dá ao trabalho de fechar a persiana — a escuridão total, a sensação de privação, poderia fazer disparar seus pensamentos. É melhor olhar fixo para alguma coisa e torcer para que venha logo a sensação de que suas pálpebras estão cada vez mais pesadas. Seu cansaço já parece frágil, ou não muito confiável, como uma dor que vai e vem. Ele precisa alimentá-lo e, a todo custo, evitar os pensamentos. De pé no seu lado da cama, ele hesita; há luz bastante para ver que Rosalind tirou todas as cobertas e as embolou debaixo de si e contra o peito. Puxá-las significará acordá-la, mas está frio demais para dormir sem o cobertor. Pega no banheiro dois pesados roupões atoalhados para servir de cobertor. Sem dúvida, daqui a pouco ela vai rolar e então ele poderá pegar uma parte do cobertor.

Porém, na hora em que está se deitando na cama, ela põe a mão em seu braço e sussurra:

— Estava sonhando que era você. E, agora, é mesmo.

Rosalind levanta o cobertor e deixa que ele entre na tenda do seu calor. A pele dela está quente, a sua está fria. Ficam deitados de lado, face a face. Mal consegue vê-la, mas os olhos dela mostram dois pontos de luz, colhida na faixa branca que se ergue na parede às costas de Henry. Põe os braços em volta de Rosalind e, quando ela se move mais para perto, beija-a na cabeça.

Ela diz:

— Você está com um cheiro bom.

Ele dá um grunhido vago, em sinal de agradecimento. Então, é o silêncio, enquanto os dois experimentam a possibilidade de tratar essa noite como qualquer outra noite agitada e adormecer nos braços um do outro. Ou talvez estejam só esperando para começar.

Após um pequeno intervalo, Henry diz, com calma:

— Diga-me o que está sentindo.

No momento em que fala, põe a mão na parte de baixo das costas de

Rosalind.

Ela expira com força. Ele fez uma pergunta difícil.

— Estou com raiva — responde, enfim. Como falou num sussurro, não soou convincente. Acrescenta: — E apavorada, ainda, com eles.

Quando Henry começa a tranquilizá-la, dizendo que nunca mais voltarão, ela o interrompe:

— Não, não. Quero dizer que tenho a sensação de que ainda estão no quarto. Ainda estão aqui. Ainda estou assustada.

Ele sente que as pernas de Rosalind começam a tremer e a puxa mais para perto, beija seu rosto.

— Querida — sussurra.

— Desculpe. Tive esse tremor mais cedo, quando vim para a cama. Depois, acalmou. Ah, meu Deus. Quero que isso pare.

Henry estende os braços para baixo e põe as mãos nas pernas da esposa — o tremor parece emanar dos joelhos, em espasmos duros, secos, como se os ossos raspassem nas articulações.

— Você está em estado de choque — diz ele, enquanto massageia suas pernas.

— Ah, meu Deus — fica repetindo Rosalind, mas não diz mais nada.

Passam-se muitos minutos, antes que a tremedeira cesse e, durante esse intervalo, ele a segura, a embala e diz que a ama.

Quando Rosalind se acalma, enfim, diz, no seu tom de voz de costume:

— Estou também com raiva. Não posso evitar, quero que ele seja castigado. Quero dizer, tenho ódio dele, quero que morra. Você perguntou o que estou sentindo, não o que eu penso. Aquele homem perverso, desprezível, o que ele fez com John, e forçar Daisy daquele jeito, e segurar a faca contra mim, e usá-la para obrigar você a ir ao andar de cima. Pensei que eu nunca mais veria você vivo...

Pára, e ele espera. Quando ela volta a falar, sua voz é mais vagarosa. Estão deitados, de frente um para o outro, de novo, ele segura a mão dela e afaga os dedos com o polegar.

— Quando falei com você, na porta da frente, a respeito de vingança, sabe, era dos meus sentimentos que eu tinha medo. Pensei que, no seu lugar, eu faria

algo de fato terrível contra ele. Fiquei preocupada, achando que você estava com as mesmas idéias, que você ia se meter em sérios apuros.

Há tanta coisa que Henry deseja lhe dizer, conversar com ela, mas não é essa a hora. Sabe que não obterá de Rosalind o tipo de resposta que deseja. Fará isso amanhã, quando ela estiver menos nervosa, antes de a polícia chegar.

Com a ponta dos dedos, ela localiza os lábios de Henry e beija-os.

— O que aconteceu na operação?

— Correu bem. Coisa de rotina. Ele perdeu muito sangue, remendamos tudo. Rodney se saiu bem, mas talvez tivesse dificuldade de lidar sozinho com o caso.

— Então esse sujeito, esse Baxter, vai viver para ser julgado.

Henry não responde a essa pergunta, senão com vago gemido nasal de quase concordância. É útil ponderar sobre o momento em que ele vai mencionar o tema; domingo de manhã, o café servido em xícaras grandes e brancas, a estufa de plantas sob o sol brilhante de inverno, os jornais que eles detestam, mas sempre lêem e, quando estende o braço para tocar na mão dela, Rosalind levanta os olhos e ele vê no rosto da esposa a compreensão calma, concentrada, pronta a perdoar. Ele abre os olhos para a escuridão e descobre que estava dormindo, talvez durante apenas alguns segundos.

Rosalind está falando:

— Ficou terrivelmente embriagado, sentimental, a mesma história. Difícil de agüentar, e depois de tudo o que aconteceu. Mas as crianças foram fantásticas. Levaram-no de volta num táxi, veio um médico do hotel e examinou o nariz dele.

Henry tem a momentânea sensação de viajar através da noite. Ele e Rosalind, certa vez, pegaram um trem noturno de Marselha para Paris e espremeram-se juntos no beliche superior, onde ficaram deitados, de frente, para ver a França adormecida passar pela janela e para conversar até o amanhecer. Nessa noite, agora, a conversa é a viagem.

Em seu estado confortável e divagante, ele sente apenas afeição por seu sogro. Diz:

— Mas ele foi excelente. Não conseguiram intimidá-lo. E disse a Daisy o que devia fazer.

— Foi corajoso, é verdade — concorda Rosalind. — Mas você foi extraordinário. Desde o início, pude perceber que você fazia planos e cálculos. Vi como lançava olhares para o Theo.

Ele pega sua mão e beija os dedos.

— Nenhum de nós passou o que você passou. Você foi fantástica.

— Daisy me deu força. Ela teve tanta força que...

— E o Theo também, quando subiu a escada voando...

Durante alguns minutos, os fatos da noite são transformados numa aventura colorida, num drama de vontades fortes, de talentos pessoais, de novos atributos de caráter revelados sob pressão. Costumavam conversar assim, depois de escaladas de montanhas feitas em família, nas terras altas ocidentais da Escócia — as coisas corriam mal, mas de um jeito engraçado, interessante. Agora, subitamente animados, eles exultam em elogios e, como é algo familiar e menos absurdo do que elogiarem um ao outro, festejam os filhos. Durante duas décadas, Henry e Rosalind passaram muitas horas fazendo exatamente isso — a sós, gostam de focar sobre os filhos. Aquelas últimas proezas fulguram no escuro — quando Theo agarrou a lapela do paletó de Baxter, quando Daisy o fitou firme nos olhos. Que filhos admiráveis, que naturezas amáveis, que sorte serem pais deles. Mas a conversa animada não pode se prolongar, suas palavras começam a soar ocas e irreais em seus ouvidos, e eles começam a aquietar-se. Não podem evitar por muito mais tempo a figura de Baxter no centro daquela provação — cruel, fraca, insignificante, que exige ser enfrentada. E também falam sobre Daisy, sem se referir à gravidez. Ainda não estão totalmente prontos, embora estejam próximos disso.

Após uma pausa, Henry diz:

— A questão, sem dúvida, é esta. Sua mente está se desfazendo, e ele achou que vinha aqui ajustar contas. Quem pode saber que emoções nebulosas e incontroláveis o estavam guiando?

Em seguida, descreve em minúcias o encontro na rua University e inclui tudo o que, a seu ver, pode ser relevante — o policial que acenou para ele, os manifestantes na rua Gower e os tambores fúnebres, o seu próprio instinto competitivo, antes do confronto. Enquanto fala, a mão de Rosalind repousa no rosto de Henry. Podiam acender a luz, mas sentem-se reconfortados naquela

escuridão, que inspira confiança e intimidade, no aconchego sem sexo, infantil, e na conversa em meio à noite. Daisy e Theo costumavam fazer isso, no último andar da casa, quando seus amigos ficavam para dormir — vozes pequenas que ainda murmuravam às três da madrugada, vacilando sob a pressão do sono e, corajosamente, recomeçando mais uma vez. Quando Henry tinha dez anos, uma prima um ano mais nova que ele ficou um mês em sua casa, enquanto a mãe estava no hospital. Como havia uma cama dupla no seu quarto e não havia outro lugar, a mãe instalou-a ao seu lado. Henry e a prima ignoraram-se durante o dia — Mona era gorducha, usava óculos de lentes grossas, tinha um dedo a menos na mão e, acima de tudo, era uma menina —, mas, na primeira noite, um sussurro incorpóreo, oriundo de um monte quente no outro lado da cama, urdiu a épica visita da escola à fábrica de doces, e os chocolates caíam em cascata, máquinas rodavam tão depressa que ficavam invisíveis, e depois a mutilação repentina e indolor, o esguicho de sangue, “que nem um espanador de penas”, que tingiu o jaleco do professor, e as colegas que desmaiaram, e o supervisor de quatro, embaixo da máquina, à procura do “pedaço” que faltava. Instigado, Henry não tinha nada melhor para oferecer em troca além de um furúnculo lancetado, mas Mona foi gentil e deu muito valor à história dele, e assim os dois foram lançados em sua cápsula de tempo, suas vidas curtas e alguma inventividade bastaram para lhes fornecer histórias terríveis, no correr da noite, até o amanhecer de verão, e também outros temas diferentes, no correr das noites seguintes.

Quando termina o seu relato da briga com Baxter, Rosalind diz:

— Claro que não foi um abuso de autoridade. Eles poderiam ter matado você.

Não é essa a conclusão que ele queria — compôs os detalhes a fim de induzi-la a seguir numa outra direção. Está à beira de tentar, mais uma vez, mas Rosalind começa a contar uma história própria. É da natureza dessas viagens noturnas — os passos, as seqüências, não são lógicos.

— Enquanto eu esperava por você, esta noite, antes de adormecer, tentei calcular durante quanto tempo ele segurou aquela faca apontada para mim. Na minha memória, não foi um tempo, e não quero dizer que parece um tempo curto. Não foi um tempo, não foi no tempo, não foi um minuto, uma hora. Foi

só um fato...

Enquanto o recorda, os tremores voltam, porém mais fracos, em seguida se apagam. Ele segura a mão da esposa com firmeza.

— Imaginei que era porque eu só sentia uma coisa, o puro terror, sem mudanças, sem nenhuma sensação da passagem do tempo. Mas não é isso. Eu senti outras coisas.

Faz uma pausa demorada. Incapaz de entender sua expressão, ele hesita em incentivá-la a falar. Por fim, diz:

— Que outras coisas?

A voz de Rosalind é antes ponderada do que aflita.

— Em você. Lá estava você. A única vez em que me senti tão apavorada e indefesa foi antes da minha operação, quando eu ainda pensava que ia ficar cega. Quando você desceu comigo para esperar. Estava apalermado e sério. As mangas do seu jaleco branco mal passavam dos cotovelos. Sempre achei que foi nessa hora que me apaixonei por você. Acho que é verdade. Às vezes, penso que imaginei tudo isso, depois. Mas esta noite foi um terror ainda maior, e lá estava você, de novo, tentando falar comigo com os seus olhos. Ainda presente. Após tantos anos. Foi nisso que me apoiei. Em você.

Ele sente os dedos de Rosalind tocarem de leve no seu rosto, em seguida, ela o beija. Não mais de um modo infantil, suas línguas se tocam.

— Mas foi Daisy quem libertou você. Ela modificou o estado de ânimo dele, com aquele poema. Arnold não sei o quê.

— Matthew Arnold.

Henry está se lembrando do corpo da filha, da sua palidez, a protuberância compacta, que contém o seu neto, já com um coração, um sistema nervoso que se auto-organiza, um cérebro do tamanho da cabeça de um alfinete, que está se dilatando — aí está o que a matéria sozinha é capaz de fazer, na escuridão total de um útero.

Entendendo o sentido do silêncio do marido, diz Rosalind:

— Falei com ela de novo. Está apaixonada, está entusiasmada, vai ter essa criança. Henry, temos de ficar do lado dela.

— Eu estou — responde ele. — Nós estamos.

Seus olhos estão fechados, e ele ouve Rosalind com atenção. A vida daquele

bebê está tomando forma — um ano em Paris, com seus pais empolgados, e depois em Londres, onde seu pai conseguiu um bom emprego numa escavação importante, uma aldeia romana, a leste do centro de Londres. Talvez todos se mudem para ali mesmo, durante um tempo, e venham morar no quarteirão. Henry murmura sua aprovação, está feliz — a casa é grande, dois mil e cem metros quadrados, e precisa outra vez do som de uma criança. Sente o seu corpo, o tamanho de um continente, estendendo-se para além da cama — ele é um rei, ele é vasto, maleável, imune, dirá sim a qualquer plano que contenha, no coração, bondade e afeto. Vamos deixar que o bebê dê seus primeiros passos e fale a sua primeira frase aqui, neste palácio. Daisy quer seu filho, então que isso aconteça da melhor maneira possível. Se algum dia ela for uma poeta, extrairá disso a sua poesia — um tema tão bom quanto uma fila de amantes. Henry não consegue mexer a cabeça, mal consegue mexer a mão, a fim de tocar em Rosalind, enquanto ela desdobra o futuro para ele, as providências domésticas — ele acompanha com atenção, desfrutando o prazer da voz dela. O primeiro choque já passou. Ela o está superando. E Theo também falou de seus planos, que vão levá-lo para longe, a Nova York, durante quinze meses, com o New Blue Rider, na condição de banda-residente num clube de East Village. Tem de ser, a música de Theo precisa disso, e eles vão dar uma força, vão ajudá-lo a encontrar um lugar para morar, vão visitá-lo. O rei ronca a sua aprovação.

Do outro lado da praça, o gemido de uma ambulância que corre para o sul pela rua Charlotte o deixa um pouco agitado. Levanta-se um pouco, apoiado num cotovelo, e chega mais perto, de modo que seu rosto fica por cima do rosto de Rosalind.

— A gente devia dormir.

— Sim. A polícia disse que vem às dez horas.

Mas, quando terminaram de se beijar, ele diz:

— Toque em mim.

Enquanto a sensação prazerosa se espalha por ele, ouve a esposa dizer:

— Diga que você é meu.

— Sou seu. Todo seu.

— Toque em meus peitos. Com a língua.

— Rosalind. Quero você.

É aí que ele marca o fim do seu dia. O momento é mais incisivo, mais marcante do que o lânguido e carinhoso início do sábado — seus movimentos são rápidos e sôfregos, antes prementes que alegres —, é como se os dois tivessem voltado de um exílio, saído de uma dura temporada na prisão, para se fartarem num banquete. Seus apetites são ruidosos, seus gestos são bruscos. Não conseguem acreditar inteiramente na sua sorte, querem tudo o que for possível, num curto intervalo de tempo. Sabem também que, no fim, após terem recuperado um ao outro, se encontra a promessa do alheamento.

A certa altura, ela sussurra:

— Meu querido. Podíamos ter sido mortos, mas estamos vivos.

Estão vivos para amar, mas só por um breve momento. O fim sobrevém numa queda súbita, tão concentrado em seu prazer que é torturante suportá-lo, intoleravelmente intrusivo, como quando se descasca a ponta de um nervo e ele fica totalmente exposto. Em seguida, os dois não se separam de imediato. Continuam deitados no escuro, sentem as batidas do coração reduzirem o ritmo. Henry experimenta a sua exaustão e a repentina lucidez da liberação sexual fundirem-se em um único fato, seco e plano como um deserto. Agora, ele deve começar a atravessá-lo, sozinho, e não se importa. Por fim, dizem boa-noite um para o outro por meio de um único aperto de mão — sentem-se em carne viva demais para trocarem beijos —, Rosalind vira-se para o seu lado e, segundos depois, está respirando profundamente.

O alheamento não veio logo, para Henry Perowne — talvez ele tenha alcançado o ponto em que o próprio cansaço impede a pessoa de dormir. Fica deitado de costas, pacientemente à espera, a cabeça virada para a faixa de luz branca na parede, consciente de uma pressão incômoda que aumenta em sua bexiga. Após vários minutos, pega um dos roupões no chão e entra no banheiro. O chão de mármore está gelado sob seus pés, as cortinas abertas nas altas janelas voltadas para o norte mostram umas poucas estrelas num céu de nuvens ralas, de cor alaranjada. São cinco e quinze, e já se ouve um rumor de trânsito na Euston Road. Depois de ter se aliviado, curva-se sobre a pia a fim de beber da

torneira de água fria. De volta ao quarto, ouve um ronco distante de avião, o primeiro vôo do horário de pico naquela manhã no aeroporto Heathrow, é o que ele supõe, e, impelido pelo som, vai até a janela onde já esteve, antes, e abre as persianas. Prefere ficar ali durante alguns minutos, olhando para fora, a deitar-se na cama e forçar o sono. Em silêncio, levanta a janela. O ar está mais quente que da última vez, mas ele ainda treme. A luz também está mais suave, os traços da praça, sobretudo os ramos das árvores planas no jardim, não se mostram tão marcados e parecem fundir-se uns com os outros. O que pode haver na temperatura baixa que torna mais marcados os traços dos objetos?

Os bancos perderam seu ar ansioso, as latas de lixo foram esvaziadas, a calçada foi varrida e limpa. A vigorosa equipe de casacos amarelos deve ter passado durante a noite. Henry tenta encontrar conforto nessa ordem e na recordação da praça em sua melhor forma — a hora de almoço dos dias úteis, no tempo quente, quando a multidão dos escritórios das empresas locais, empresas de administração, de publicidade e de arquitetura, traz seus sanduíches e suas saladas em caixinhas, e os portões dos jardins estão abertos. Eles se estiram sobre a grama em grupos tranqüilos, homens e mulheres de várias raças, de vinte ou trinta anos, em sua maioria, confiantes, alegres, desinibidos, com o corpo trabalhado em academias de ginástica particulares, sentindo-se em casa, em sua cidade. Tanta coisa os separa das numerosas figuras abatidas que freqüentam os bancos da praça. Trabalhar é um sinal exterior. Não pode ser apenas a classe ou as oportunidades — os bêbados e os drogados provêm de todas as origens sociais, assim como as pessoas que trabalham em escritórios. Alguns dos casos mais graves receberam instrução em escolas particulares. Perowne, o reducionista profissional, não pode deixar de pensar que a questão se deve a falhas invisíveis e a idiossincrasias de caráter, escritas em código, no nível molecular. É um fato obscuro ser do tipo de gente incapaz de ganhar a vida, ou de resistir a mais um copo de bebida, ou de lembrar hoje o que ontem resolveu fazer. Nenhuma quantidade de justiça social vai curar nem dispersar esse exército debilitado que freqüenta os lugares públicos de todas as cidades. E então? Henry aperta mais um pouco o roupão em torno de si. É preciso reconhecer a má sorte quando ela aparece, é preciso dar atenção a essa gente. A alguns, podemos resgatar de seus vícios, a outros — tudo o que se pode

fazer é, de algum modo, lhes dar conforto, minimizar as desgraças.

De algum modo! Ele nada tem de um teórico social e, é claro, está pensando em Baxter, aquele inextricável nó de infortúnios. Talvez seja a lembrança dele que faz Henry sentir-se abalado, ou os efeitos físicos do cansaço — ele tem de pôr a mão na pia a fim de firmar-se. Sente-se girando numa roda-gigante, como a grande roda-gigante Olho de Londres, na margem sul do Tâmesa, prestes a alcançar o seu ponto mais elevado — está parado num ponto de visão ideal, antes do declínio, e pode olhar para a frente com serenidade. Ou então é o giro da Terra para o leste que ele imagina, e o leva rumo à aurora, na imponente velocidade de mil e seiscentos quilômetros por hora. Se ele contar mais com o sono do que com o relógio para dividir as horas dos dias, então ainda é sábado, que declina às suas costas, até bem longe, profundo como o tempo de uma vida inteira. E daqui, do cume desse dia, ele pode enxergar até bem longe à sua frente, antes de começar a descida. O domingo não toca o seu despertador com a mesma promessa e o mesmo vigor do dia anterior. A praça lá embaixo, deserta e parada, não dá nenhuma pista sobre o futuro. Porém, de onde ele se encontra, aqui, pode ver coisas que sabe que devem acontecer. Logo, chegará a hora de sua mãe, a mensagem virá do lar para idosos, ou mandarão chamá-lo, e ele e sua família ficarão sentados junto à cama dela, em seu quartinho, com seus enfeites, bebendo o espesso chá marrom, assistindo ao seu último dia de vida, o que restou da antiga nadadora, encolhida entre os travesseiros. Ao pensar nisso, Henry nada sente, agora, mas sabe que a dor virá surpreendê-lo, porque já aconteceu antes.

Houve um momento, no declínio da mãe, em que ele teve, afinal, de retirá-la de casa, a antiga casa da família onde ele foi criado, e deixá-la sob cuidados especiais. A doença estava impedindo os afazeres domésticos rotineiros, a que ela antes se mantinha fiel. Deixava o forno aceso a noite inteira, com a manteigueira lá dentro, escondia de si mesma a chave da porta de casa nas fissuras entre as tábuas do assoalho, confundia o xampu com o alvejante de roupas. Tudo isso, e momentos de perplexidade existencial ao se descobrir no meio da rua, ou numa loja, ou na casa de alguém, sem ter a menor idéia de onde ela viera, quem eram aquelas pessoas, onde ela morava e o que deveria fazer depois. Um ano mais, ela havia esquecido sua vida, bem como sua antiga

casa. Mas tomar providências para vendê-la pareceu a Henry uma traição, e ele nada fez nesse sentido. Ele e Rosalind, de tempos em tempos, iam dar uma olhada no lar da sua infância, e Henry aparava o gramado no verão. Tudo continuava em seu lugar, à espera — as luvas amarelas de borracha penduradas no gancho de madeira, a gaveta com as toalhas de mesa e os panos de prato muito bem passados, o lustroso burrinho de cerâmica que levava nas costas dois cestos com palitos de dentes. Um cheiro vegetal de desleixo começava a se acumular, um descuido, que nada tinha a ver com poeira, invadia os domínios da mãe. Mesmo vista da rua, a casa tinha um aspecto de derrota e, quando garotos jogaram uma pedra pela janela da sala numa tarde de novembro, Henry reconheceu que devia entrar em ação.

Rosalind e os filhos foram com ele, a fim de esvaziar a casa, num fim de semana. Todos escolheram uma lembrança — pareceu desrespeitoso não o fazer. Daisy pegou um prato de metal do Egito, Theo, um relógio em forma de carruagem, Rosalind, uma fruteira rasa de porcelana. Henry levou uma caixa de sapato cheia de fotos. Outros itens foram separados para os sobrinhos e sobrinhas. A cama de Lily, o seu aparador, dois guarda-roupas, os tapetes e as cômodas iriam aguardar uma empresa de móveis usados. A família embrulhou as roupas, o material de cozinha e os demais enfeites para lojas beneficentes — Henry jamais se dera conta de como esses lugares viviam à custa dos mortos. Tudo o mais foi metido em sacos plásticos de lixo e deixado para a coleta dos lixeiros. Trabalharam em silêncio, como saqueadores — ligar o rádio não seria apropriado. Levou um dia para dismantelar a existência de Lily.

Eles estavam dismantando o cenário de uma peça, um modesto drama doméstico amador, sem a autorização do elenco. Eles começaram naquilo que chamavam de sua sala de costura — o antigo quarto de Henry. Ela nunca mais voltaria, não sabia mais o que era tricotar, mas embrulhar seus maços de agulhas, seus milhares de moldes, um xale amarelo de bebê inacabado, para dar tudo a estranhos era bani-la de suas vidas. Eles trabalhavam com rapidez, quase freneticamente. Ela não está morta, Henry repete para si mesmo. Mas a vida dela, todas as vidas pareceram frágeis quando ele via como era rápido, como era fácil, embrulhar, dispersar ou jogar no lixo todos os aparatos, todos os detalhes sutis de uma existência inteira. Os objetos viravam lixo assim que eram

separados de seu proprietário e de seu passado — sem ela, o velho abafador de chá se tornava repulsivo, como seu desenho descolorido de uma casa de fazenda, as manchas marrons desbotadas no pano barato e um estofado que estava pateticamente fino. À medida que as estantes e gavetas eram esvaziadas e as caixas e os sacos eram cheios, ele via que ninguém, na verdade, possuía nada. Era tudo alugado, ou emprestado. Nossos pertences sobreviverão a nós, vamos abandoná-los, no fim. Eles trabalharam o dia inteiro e separaram vinte e três sacos para os lixeiros.

Ele se sente magro e frágil, em seu roupão, diante da manhã que ainda está escura, ainda é em parte ontem. Sim, isso vai acontecer, e ele tomará todas as providências. Certa vez, a mãe levou-o a um cemitério perto de casa para lhe mostrar as fileiras de pequenos cofres de metal embutidos num muro onde ela queria que fossem depositadas as suas cinzas. Tudo isso está fadado a acontecer, e eles ficarão ali, de pé, com a cabeça baixa, ouvindo o “Enterro dos mortos”. Ou levarão o corpo para cremar? O homem nascido de mulher tem pouco tempo para viver... Já ouviu isso muitas vezes, ao longo dos anos, mas só recorda alguns fragmentos. Ele se esvai como uma sombra... ceifado como uma flor. Sim, e depois será a vez de John Grammaticus, uma dessas doenças transfiguradoras que acometem um homem que bebe, ou uma estocada terminal no coração ou no cérebro. Todos sentirão bastante, de maneiras diferentes, se bem que Henry sentirá menos do que os outros. O velho poeta foi corajoso, esta noite, fingindo não sofrer com o nariz ferido e dando a dica exata para Daisy. E, quando vier, haverá a crise do castelo, se Teresa casar com John e reclamar a sua parte, e Rosalind, excelente advogada, procurará garantir seus direitos sobre o imóvel da mãe, o lugar onde Daisy, Theo e a própria Rosalind passaram os verões, na infância. E o papel de Henry? Lealdade prudente e inabalável.

O que mais, além de morrer? Theo sairá de casa pela primeira vez — não haverá cartões-postais nem cartas nem e-mails, só telefonemas. Haverá viagens para Nova York, a fim de ouvi-lo tocar, com a sua banda, os seus blues para os americanos — talvez não gostem — e uma chance de encontrar velhos amigos dos tempos do Hospital Belevue. E Daisy vai publicar seus poemas, ter um bebê e trazer Giulio — Henry ainda vê o amante de pele escura e peito nu, do

poema que ouviu com descuido. Um bebê e sua vasta carga de *matériel* para animar a casa, e mais alguém, não ele, não Rosalind, vai acordar durante a noite. E nem Giulio, a menos que seja um italiano incomum. Tudo isso é magnífico. E então, ele, Henry, completará cinqüenta anos e vai parar de jogar squash e correr em maratonas, a casa vai se esvaziar quando Daisy e Giulio encontrarem uma casa, e quando Theo também arranjar uma casa, e Henry e Rosalind vão desabar um sobre o outro, unir-se mais estreitamente, encerrada sua missão de criar os filhos, encaminhar jovens adultos. Essa inquietude, essa fome que ele sentiu ultimamente de um outro tipo de vida vai desaparecer. Chegará o tempo em que ele vai operar menos e fará mais trabalho administrativo — eis outro tipo de vida — e Rosalind sairá do jornal para escrever o seu livro, e chegará o tempo em que não encontrarão mais forças para a praça, os drogados, o barulho do trânsito e a poeira. Talvez uma bomba em nome da *jihad* os leve para os subúrbios, junto com todos os demais corações fracos, ou até mais para o interior do país, ou para o castelo — o seu sábado se tornará um domingo.

Às suas costas, como que agitada pelos pensamentos do marido, Rosalind se encolhe, geme, e se mexe de novo, antes de cair em silêncio e virar-se para a janela. Londres, a pequena parte de Londres que é dele, se estende aberta, impossível de proteger, à espera da sua bomba, a exemplo de uma centena de outras cidades. A hora do rush será um horário conveniente. Pode ser algo semelhante ao desastre de Paddington — trilhos torcidos, vergados, vagões de passageiros capotados, padiolas retiradas através das janelas quebradas, o plano de emergência do hospital em ação. Berlim, Paris, Lisboa. As autoridades concordam, um ataque é inevitável. Ele vive em tempos diferentes — só porque os jornais dizem que é assim não significa que não seja verdade. Porém, do cume do seu dia, esse é um futuro mais difícil de distinguir, um vago horizonte de possibilidades. Cem anos atrás, um médico de meia-idade parado diante da sua janela, em seu roupão feito de seda, menos de duas horas antes de um amanhecer de inverno, talvez tenha ponderado acerca do futuro do novo século. Fevereiro de 1903. Podemos ter inveja desse fidalgo da época de Eduardo VII, por conta de tudo aquilo que ele ainda ignora. Se tiver filhos pequenos, pode vir a perdê-los dali a doze anos, na batalha do Somme. E qual é

a contagem dos cadáveres de Hitler, Stálin e Mao? Cinquenta milhões, cem? Se descrevermos o inferno que o aguarda, se o preveníssemos, o bom médico — um gentil produto da prosperidade e de décadas de paz — não acreditaria em nós. Cuidado com os utopistas, homens dedicados, seguros acerca do caminho que leva à ordem social ideal. Aqui estão eles de novo, totalitários em forma diferente, ainda dispersos e fracos, mas em expansão, e indignados, sedentos de mais matança em massa. Cem anos para resolver. Mas isso pode ser um exagero prazeroso, uma fantasia ociosa e pedante, uma idéia momentânea de uma noite a respeito de uma perturbação passageira, que o tempo e o bom senso vão consertar e repor em ordem.

O solo mais próximo, o promontório mais próximo, é mais fácil de distinguir — tão certo quanto a morte de sua mãe, ele irá jantar com o professor Taleb num restaurante iraquiano perto de Hoxton. A guerra vai começar no mês que vem — a data precisa já deve estar determinada, como a data de uma importante disputa esportiva ao ar livre. Logo o tempo ficará quente demais para matar ou para libertar. Bagdá está à espera de suas bombas. Onde está o apetite de Henry para depor um tirano, agora? Ao fim desse dia, dessa noite em particular, ele está tímido, vulnerável, continua a apertar seu roupão em volta do corpo. Mais um avião voa da esquerda para a direita, no seu raio de visão, declinando à sua maneira monótona ao longo da linha do Tâmis, rumo ao aeroporto Heathrow. Mais difícil de lembrar, ou de habitar, agora, o vigor do seu papel em relação a Daisy — as certezas diluíram-se em questões discutíveis; a idéia de que o mundo que o professor descreveu é intolerável e de que, por mais que os motivos dos americanos sejam tenebrosos, do desmantelamento desse mundo poderia resultar algum bem e um número menor de mortes. *Poderia*, ele ouve Daisy retrucar, não é o bastante, e você deixou que a história contada por um homem virasse a sua cabeça. Uma mulher grávida tem uma autoridade própria. Será que ele vai fazer renascer suas esperanças numa ação firme, pela manhã? Tudo o que sente agora é medo. Ele é fraco e ignorante, está assustado com a maneira como as conseqüências de uma ação escapam ao controle e engendram novos fatos, novas conseqüências, até que a pessoa é levada a um lugar que nunca sonhou e que jamais teria escolhido — uma faca na garganta. Um andar abaixo de onde Andrea Chapman sonha ser carregada

para longe pelo amor improvável de um médico jovem, e sonha tornar-se médica também, está Baxter em sua escuridão particular, vigiado pelos médicos. Mas um reduzido ponto de convicção ampara Henry. Começou a tomar forma durante o jantar, antes de Jay telefonar, e se estabeleceu afinal quando Henry se sentou na unidade de terapia intensiva e tomou o pulso de Baxter. Ele precisa persuadir Rosalind, e depois o resto da família, e depois a polícia, a não abrir um processo. A acusação tem de ser suspensa. Que eles procurem o outro homem. Resta, a Baxter, viver ainda uma fina fatia de vida, cada vez menor, antes de começar a descida ao pesadelo da alucinação. Henry pode pedir a um ou dois colegas, especialistas na área, que convençam a procuradoria de que, quando chegar a hora, Baxter não estará em condições de ser julgado. Isso pode ser verdade ou não. Então o sistema, um hospital adequado, deve mantê-lo em segurança, antes que ele faça mais algum mal. Henry pode tomar essas providências, fazer o possível para deixar o paciente confortável, de algum modo. Isso é perdão? Provavelmente não, ele não sabe e, de todo modo, não cabe a ele conceder perdão. Ou é ele quem está à procura de perdão? Afinal, é responsável; vinte horas atrás, dirigiu seu carro por uma rua oficialmente fechada ao tráfego e desencadeou uma sequência de fatos. Ou pode ser a fraqueza — após certa idade, quando os anos que restam assumem pela primeira vez o seu aspecto finito e a pessoa começa a sentir o primeiro calafrio por si mesma, ela observa um homem moribundo com um interesse mais detido e mais fraternal. Mas Henry prefere acreditar que é realismo: todos eles serão diminuídos por causa do chicoteamento de um homem que já está a caminho do inferno. Ao salvar sua vida na sala de cirurgia, Henry também condenou Baxter à sua tortura. Já é vingança bastante. E aí está uma área em que Henry pode exercer uma autoridade e dar forma aos fatos. Sabe como o sistema funciona — a diferença entre o bom e o mau tratamento médico é quase infinita.

Daisy recitou um poema que lançou um encanto sobre um homem. Talvez qualquer poema tivesse produzido o mesmo efeito e apertado o interruptor que desencadeou uma abrupta mudança de estado de ânimo. Mesmo assim, Baxter se encantou com a magia, ficou atônito e lhe veio à lembrança quanta vontade tinha de viver. Ninguém pode perdoar-lhe ter usado a faca. Mas Baxter ouviu

aquilo que Henry jamais ouviu, e provavelmente jamais ouvirá, a despeito dos esforços de Daisy para educá-lo. Algum poeta do século xx — Henry ainda tem de descobrir se Arnold é famoso ou é obscuro — despertou em Baxter um anseio que ele mal conseguiria começar a definir. Essa fome é o seu apelo por vida, por uma existência mental e, como ela não vai durar muito tempo, como a porta da sua consciência está começando a se fechar, ele não deveria dar curso a esse apelo de dentro de uma cela, à espera de que o absurdo do seu processo judicial tenha início. Esse é o seu destino sombrio e estabelecido, apresentar uma pequena falha, um erro de repetição nos códigos do seu ser, em seu genótipo, uma variante moderna da alma, e ele vai ter de desagregar-se — outra certeza que Henry vê à sua frente.

Em silêncio, abaixa a janela. A manhã ainda está escura, e agora é o horário mais frio. O amanhecer não virá até depois das sete. Três enfermeiras estão atravessando a praça, conversam alegremente, seguem na direção do hospital de Perowne a fim de dar início ao seu turno da manhã. Ele fecha a persiana sobre elas, em seguida caminha rumo à cama e deixa o roupão cair aos seus pés, enquanto se deita sob o cobertor. Rosalind está virada para o outro lado, com os joelhos dobrados. Ele fecha os olhos. Dessa vez, não haverá dificuldade para cair no alheamento, não há nada que possa impedi-lo agora. Dormir não é mais uma idéia, é uma coisa material, um meio arcaico de transporte, uma correia de transmissão que gira suavemente e o transporta para dentro do domingo. Ele se encaixa junto à esposa, junto ao pijama de seda de Rosalind, ao seu cheiro, ao seu calor, à sua forma adorada, e chega mais perto dela. Às cegas, beija a nuca de Rosalind. Sempre existe isso, é um de seus últimos pensamentos. E depois: só isso existe. E por fim, debilmente, ao cair: este dia terminou.

Agradecimentos

Sou imensamente grato ao doutor Neil Kitchen (membro do Colégio Real de Cirurgiões), neurocirurgião chefe e diretor clínico associado do Hospital Nacional de Neurologia e Neurocirurgia, em Queens Square, Londres. Foi um privilégio presenciar o trabalho desse cirurgião talentoso na sala de cirurgia durante um período de dois anos, e eu lhe agradeço por sua gentileza e paciência ao dedicar seu tempo, numa árdua escala de trabalho, para explicar-me os meandros de sua profissão e o cérebro, com suas inúmeras patologias. Sou grato, também, a Sally Wilson (membro do Colégio Real de Anestesiologistas), neuroanestesiologista chefe no mesmo hospital, e a Anne McGuinness, chefe do setor de emergência do University College Hospital, e ao comissário-chefe Amon McAfee. Quanto à passagem sobre uma hipofissectomia transfenoidal, sou grato ao doutor Frank T. Vertosick, Jr. e ao seu excelente livro, *When the Air Hits Your Brain: Tales of Neurosurgery* [Quando o ar bate no seu cérebro: contos de neurocirurgia], Norton, Nova York, 1996. Ray Dolan, o mais literário dos cientistas, leu os originais de *Sábado* e fez decisivas sugestões neurológicas. Tom Garton Ash e Craig Raine também leram o romance, num estágio inicial, e seus comentários foram de grande ajuda. Sou grato a Craig Raine por permitir-me, generosamente, atribuir a Daisy Perowne as palavras “excitado regador de plantas” e “rosa peculiar”, extraídas de um poema de sua autoria, “Sexual Couplets” [Coplas sexuais], e “como todas / as rosas cresceram num caule infestado de tubarões”, extraídas de “Reading Her Old Letter about a Wedding” [Lendo sua velha carta sobre um casamento], *Collected Poems 1978-1999*, Picador, Londres 2000. Minha esposa, Annalena McAfee, leu o rascunho em várias etapas, e sou o feliz beneficiário de seus sensatos comentários editoriais e de seu estímulo afetuoso.

IM

Londres, 2004

Ian McEwan escreveu duas coletâneas de contos, *Primeiro amor*, *últimos sacramentos* e *Entre lençóis*, e nove romances: *O cemitério de cimento*, *Ao deus-dará*, *A criança no tempo*, *O inocente*, *Cães negros*, *O sonhador*, *Amor para sempre*, *Amsterdam* e *Atonement*. Ganhou o Booker Prize em 1998, pelo romance *Amsterdam*.

Copyright © 2005 by Ian McEwan
Proibida a venda em Portugal

Título original
Saturday

Capa
Angelo Venosa

Foto de capa
Thinkstock/Getty Images

Preparação
Leny Cordeiro

Revisão
Olga Cafalcchio
Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-8086-212-6

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião*

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br